

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

E da Fronteira veio um Pioneiro: a *frontier thesis* de Frederick Jackson Turner  
(1861-1932)

Arthur Lima de Avila

Orientador: Prof. Cesar A. B. Guazzelli

Porto Alegre  
2006

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Arthur Lima de Avila

E da Fronteira veio um Pioneiro: a *frontier thesis* de Frederick Jackson Turner  
(1861-1932)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre, sob a orientação do Prof. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli.

Porto Alegre

2006

*"No historian has the ultimate word."*

Frederick Jackson Turner

*"I'll keep a vigil in a wilderness of mirrors, where  
nothing is ever what it seems..."*

Fish

*"Facts never speak for themselves; it is always  
historians who speak for them."*

Allan Megill e Donald McCloskey

## AGRADECIMENTOS

- Ao CNPq, pelo apoio financeiro que viabilizou a realização do trabalho;
- Ao Professor Cesar Guazzelli, que acompanhou o projeto desde seu estágio inicial, ainda na graduação, contribuindo com sugestões, críticas e análises aguçadas e essenciais para esta minha aventura em plagas turnerianas.
- Aos Professores Temístocles Cezar, Cláudia Wasserman e Benito Schmidt, que também contribuíram de maneira fundamental para o feitiço da dissertação.
- Aos amigos desde os tempos de graduação: Samir Perrone, Camila Freitas, e Eduardo Carvalho, pelo companheirismo e por todo os grandes momentos juntos; e às colegas Luciana Ballestrin, Caroline Bauer, Alessandra Gasparotto, Renata Dal Sasso e Taís Campelo, pelo apoio emocional e logístico.
- Ao GT de Teoria da História e Historiografia (Núcleo UFRGS) pelas discussões proporcionadas.
- À 'irmã' Gisele Helrighel, por todas as palavras de incentivo, pelas gargalhadas e por ainda ter a paciência necessária para lidar com este historiador palpiteiro.
- Aos 'irmãos' Daniel Piccoli, Sandro Santos, Raphael Quintana e Daniel Nodari por todos os anos de amizade, boa música, copos cheios (ou vazios) e por sempre terem a palavra certa na hora certa... Como diz a canção, *'born to the company – drink to the company – live to the company until I die!'*.
- À família Merg, pela acolhida.
- À Vera Silva, minha mãe postiça.
- Aos meus avós paternos, Manoel e Nelyz, e maternos, Decio e Alba, por terem sempre acreditado no potencial do 'netinho', pelos exemplos de vida e pela presença e amor constantes.

- À minha irmã Helena, pela companhia nas longas tardes de escrita.

- A Camila Merg, em casa e no trabalho, pelo amor, carinho, dedicação, paciência, leituras, conversas, noitadas, caminhadas, silêncios, abraços, beijos e todos os outros (maravilhosos) clichês da vida a dois.

- Aos meus pais Dagoberto e Fátima, por terem estado sempre presentes e por terem me ensinado na prática o significado das palavras 'amor' e 'dignidade'. São vocês que fazem tudo valer a pena. E é pra vocês que dedico este trabalho.

## RESUMO

O historiador Frederick Jackson Turner (1862-1931) é considerado o grande pai da historiografia moderna nos Estados Unidos. Sua *frontier thesis* postulava a centralidade da expansão das fronteiras ocidentais no processo de formação da nacionalidade estadunidense e na consolidação da democracia política naquela nação, abandonando uma história política factual e introduzindo uma interpretação calcada em fatores econômicos e sociais, com claras implicações presentistas. Graças a esta análise revolucionária, Turner tornou-se uma espécie de patrono da profissionalização da disciplina nos Estados Unidos, formando toda uma geração de historiadores a partir de seus seminários na Universidade Estadual do Wisconsin e em Harvard. Não só isso, mas a sua teoria encontrou apelo entre elementos da classe política e empresarial, incluindo dois Presidentes da República, Theodore Roosevelt (1901-1909) e Woodrow Wilson (1913-1921). A explicação para tal sucesso pode ser encontrada na relação entre a *frontier thesis* e o Mito da Fronteira, através de uma narrativa que fazia uso dos ícones e imagens do Mito enquadrados em uma retórica extremamente persuasiva. Nas páginas dos escritos de Turner, os norte-americanos marcham triunfalmente em direção a conquista de todo o continente, justificada pelo seu amor à democracia e por sua devoção ao progresso material e mental dos homens. Com isso, o historiador conseguiu unir uma valorização do agrarianismo primitivo com um elogio à evolução histórica dos Estados Unidos.

**Palavras-chave:** Frederick Jackson Turner; *frontier thesis*; historiografia norte-americana;

## ABSTRACT

The historian Frederick Jackson Turner (1862-1931) is considered to be the great father of the modern American historiography. His frontier thesis postulated the centrality of the westward expansion in the making of an American nationality and in the consolidation of the political democracy in the United States, abandoning a factual political history and advancing an interpretation grounded on the economic and social historical factors, with clear presentist implications. Due to this revolutionary analysis, Turner became the patron-saint of the process of institutionalization of the discipline in the U.S., teaching a whole generation of historians in his seminars at the Wisconsin State University and Harvard. His theory also found appeal amongst the political and entrepreneurial classes, including two Presidents, Theodore Roosevelt (1901-1909) and Woodrow Wilson (1913-1921). The reason for such success can be found in the relation between the frontier thesis and the Myth of the Frontier, through a narrative that used the icons and images of the Myth framed by a very persuasive rhetoric. In the pages of Turner's writings, the American people marches triumphant towards the conquest of the whole continent, justified by their love for democracy and their devotion to the material and mental progress of men. With this, the historian managed to bring together an ode to the primitive American agrarianism and a praise to the historical evolution of the United States.

**Keywords:** Frederick Jackson Turner; frontier thesis; American historiography.



**SUMÁRIO**

Introdução.....	9
1. E da Fronteira veio um Pioneiro.....	22
1.1. De Portage a Baltimore.....	23
1.2. De Madison a Harvard.....	33
1.3. De Harvard a San Marino.....	41
2. Clio vai ao Oeste.....	51
2.1. O pensamento histórico de Frederick Jackson Turner.....	52
2.2. A <i>frontier thesis</i> : o nascimento de uma nação.....	67
3. A Marcha do Fronteirício.....	90
3.1. Mito e História: a tênue fronteira.....	91
3.2. O Mito da Fronteira: regressão e regeneração.....	94
3.3. O Mito da Fronteira e Turner: a refiguração do passado nacional.....	107
3.3.1. Fontes, narrativa e retórica.....	108
3.3.2. A construção de um novo mito.....	119
Considerações Finais.....	142
Bibliografia.....	152
Anexo: “O Significado da História”.....	159

## INTRODUÇÃO

Em uma noite quente de julho de 1893, durante a *World's Columbian Exposition*, em Chicago, o então jovem historiador Frederick Jackson Turner lançou ao mundo sua famosa *frontier thesis* que, entre outras coisas, postulava que o desenvolvimento histórico dos Estados Unidos havia se dado graças à existência das chamadas 'terras livres' a Oeste, únicas em quantidade e extensão. Em outras palavras, a constante expansão da fronteira ocidental teria sido o motor que engendrou o surgimento da democracia norte-americana e o caráter nacional daquele país.<sup>1</sup> De maneira simples, mas extremamente eficaz, ele chamava a atenção para os fatores extrapolíticos que moldavam os acontecimentos e inaugurava um tipo de escrita histórica que pleiteava a unicidade da experiência norte-americana e sua excepcionalidade.<sup>2</sup> Com um único golpe, ele decretava o fim de uma história política baseada nos feitos dos grandes homens e afirmava a história dos Estados Unidos em seus próprios termos. Apesar disso, não se ouviu ovação alguma dentro da pequena sala.

Seu trabalho passou despercebido naquela data. O calor insuportável e as infindáveis atrações daquela que foi chamada a 'maior exposição de todos os tempos'<sup>3</sup> provavelmente desviavam a atenção dos participantes, em sua maioria historiadores ligados a *American Historical Association* (AHA).<sup>4</sup> Além disso, grande parte dos cientistas sociais do período comungava do credo de Herbert Baxter Adams, à época presidente da Associação, de que a origem das instituições do país podia ser diretamente traçada, com uma precisa linearidade, aos antigos teutões e sua "democracia" bárbara. Segundo os defensores da *germ theory*, o regime democrático norte-americano era algo genético, herdado dos ancestrais germânicos dos colonizadores anglo-saxões do

---

<sup>1</sup> Foi esta palestra que deu origem ao ensaio "*The Significance of the Frontier in American History*", publicado no ano seguinte, e que acabou por se tornar seu escrito mais famoso.

<sup>2</sup> O adjetivo "excepcional" não significa necessariamente "superior", mas "diferente", em termos positivos e negativos. Sobre isto ver LIPSET, Seymour Martin. *American Exceptionalism: a double-edged sword*. New York: W. W. Norton, 1997. p. 17-28.

<sup>3</sup> TRACHTENBERG, Alan. *The Incorporation of America*. New York: Hill & Wang, 1982. p. 208-234.

<sup>4</sup> BILLINGTON, Ray Allen. *The Genesis of the Frontier Thesis*. San Marino: Huntington Library, 1970. p. 67-170.

continente. Dentro deste ponto de vista, a América estava irremediavelmente presa à Europa de maneira perene.<sup>5</sup>

Menos de uma década depois, contudo, sua hipótese tornou-se a explicação “oficial” para a história dos Estados Unidos, condenando a tese teutônica de Adams ao esquecimento e mantendo este status durante quase toda a primeira metade do século XX. Mais do que isso, a tese de Turner tornou-se um dos embasamentos das políticas externas dos presidentes Theodore Roosevelt (1901-1909) e Woodrow Wilson (1914-1921), com a sua legitimação da busca por novas fronteiras e do messianismo democrático encarnado por suas administrações. Políticos e empresários recorreram à teoria turneriana para embasar suas posições e mesmo reformistas sociais encontraram farto material na obra de Turner para ancorar suas proposições.<sup>6</sup> Como afirma Kerwin Klein, sobre a conquista do campo pelo historiador e seus discípulos:

*"These at first were few, and it took a decade for the frontier thesis to work its way into the mainstream of professional and public consciousness. Enthusiasts included Woodrow Wilson and sometimes western historian Theodore Roosevelt, and it certainly helps to have a couple of presidents in your corner if you hope to take the country by storm".<sup>7</sup>*

Mesmo com as críticas contundentes das últimas cinco décadas, os marcos turnerianos continuaram suscitando polêmicas no meio acadêmico estadunidense, pelo menos até o início da década passada.<sup>8</sup> Como entender, então, as razões deste sucesso? Melhor ainda, como tentar explicá-lo?

---

<sup>5</sup> MOURA, Gerson. *História de uma História*. São Paulo: Edusp, 1994. p. 17-19.

<sup>6</sup> WROBEL, David M. *The End of American Exceptionalism*. Lawrence: University of Kansas Press, 1993. p. 20-28.

<sup>7</sup> *"No começo estes eram poucos, e levou uma década para a frontier thesis conseguir se estabelecer no mainstream da consciência pública e profissional. Seus entusiastas incluíam Woodrow Wilson e o historiador do Oeste dileitante Theodore Roosevelt, e certamente ajuda ter dois presidentes ao seu lado se você espera conquistar a nação"*. KLEIN, Kerwin. *Frontiers of Historical Imagination*. Berkeley: University of California Press, 1996. p. 20.

<sup>8</sup> No fim da década de 80 e início da década de 90 do século XX um amplo debate acadêmico foi travado em torno das explicações propostas por Turner. O movimento chamado de *New Western History* (NWH) propôs uma reformulação da história do Oeste norte-americano em outras premissas, não turnerianas e influenciadas pela emergência da Nova História Social naquele país. O resultado foi que a *frontier thesis* se viu novamente no centro das discussões historiográficas e tanto seus novos detratores quanto seus antigos defensores engajaram-se em um conflito interpretativo que muitas vezes descambou para acusações que pouco ou nada tinham a ver com o debate em si. Sobre a NWH ver CRONON, William; GITLIN, Jay & MILES, George. *Under an Open Sky*. New York: W. W. Norton, 1992. & LIMERICK, Patricia Nelson; MILNER II, Clyde A. & RANKIN, Charles E. *Trails: Towards a New Western History*. Lawrence: University of Kansas Press, 1991. Sobre o debate entre a NWH e outros setores acadêmicos ver FARAGHER, John Mack. *The Frontier Trail: Rethinking Turner and Reimagining the American*

Foi a partir destes questionamentos que surgiu a idéia do presente trabalho. A princípio, poderia contentar-me com os argumentos da historiografia crítica norte-americana das décadas de 60 e 70, que imputou ao sucesso de Turner à vagueza de seus escritos e a seus diferentes usos políticos durante o século XX.<sup>9</sup> Ou com os de seus defensores que simplesmente afirmavam que a *frontier thesis*<sup>10</sup> era a ‘verdadeira’ explicação da história dos Estados Unidos, retirando qualquer possibilidade de crítica por parte dos historiadores (e desqualificando-as de antemão).<sup>11</sup> A simples escolha de lados bastaria, então, para “responder” as questões. Isto, contudo, ainda não era suficiente, pois, afinal de contas, ambas as explicações eram insatisfatórias e maniqueístas demais. Não bastava simplesmente ir contra ou a favor de Turner, mas tentar compreendê-lo em seus próprios termos.

Todo o texto histórico é, em última instância, uma narrativa instauradora de um sentido. Ela dota um passado e um presente de algo que não está dado *a priori*. Como demonstrou Michel De Certeau, a história pode ser entendida como uma operação que combina um *lugar* social com *práticas* "científicas" e uma *escrita*.<sup>12</sup> Para se bem compreender a teoria turneriana, precisamos, então, encará-la como esta operação, buscando nela mesma os fundamentos de sua construção. Como se construiu sua narrativa – o que lhe deu vida? De que lugar fala a *frontier thesis*? Como ela se relaciona com o *locus* social em que estava inserida no momento de sua constituição? Como ela fala da sociedade que lhe deu origem? Estes são alguns dos apontamentos que podem ajudar no entendimento da tese de Turner.

Frederick Turner foi hábil na construção de uma narrativa histórica que combinava elementos já consagrados pelo chamado "Mito da Fronteira" com a linguagem da história-ciência emergente em fins do século XIX. Através desta configuração, o historiador almejava explicar a transformação da América em uma

---

*West*. In: *American Historical Review* n. 68, p.106-119. New York: February, 1993. & RATTO, Silvia. *El debate sobre la frontera a partir de Turner: la New Western History, las Borderland y el estudio de las fronteras en Latinoamérica*. Buenos Aires: Boletín del Instituto Ravnani n. 24, 2003.

<sup>9</sup> O maior exemplo deste tipo de crítica encontra-se em HOFSTADTER, Richard. *The Progressive Historians*. New York: Holt, 1968. p. 118-166. Para um panorama mais amplo das discussões, ver NASH, Gerald. *Creating the West*. Albuquerque: University Press of New Mexico, 1991.

<sup>10</sup> Utilizo esta nomenclatura para definir a teoria de Turner em geral, como desenvolvida em seus vários escritos, e não somente aos pressupostos presentes em "*The Significance of the Frontier in American History*".

<sup>11</sup> Ver BILLINGTON, Ray Allen. *The Westward Expansion*. New York: McMillan. 1949.

<sup>12</sup> DE CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. p. 66.

potência industrial e hemisférica a partir de suas raízes agrárias e primitivas, sintetizando um elogio ao progresso com odes ao passado rural norte-americano. Assim, o objetivo deste trabalho é buscar entender como Turner construiu sua hipótese, atentando para dois elementos básicos: sua trajetória como historiador, levando em consideração seu papel na profissionalização da disciplina nos Estados Unidos, e sua refiguração do Mito da Fronteira a partir de uma teoria dita científica, buscando reconciliar primitivismo e progresso em um único corpo explicativo. Explico estas opções.

Durante toda a sua vida profissional, Frederick Turner esteve vinculado a instituições de ensino superior, como professor na Universidade Estadual do Wisconsin e em Harvard, além de ter sido presidente da *American Historical Association* durante o biênio 1910-1911 e membro influente de seu conselho editorial e direção nos anos anteriores e posteriores à sua administração. De uma maneira ou outra, estas instituições ajudaram a conformar muitos de seus escritos, permitindo-os e limitando-os.<sup>13</sup> Ignorar este aspecto de sua vida é negligenciar um dos pilares de conformação de sua escrita da história. Além disso, em uma conjuntura onde a profissão histórica ainda dava seus passos iniciais, acabou por se estabelecer uma relação dialética entre elas: se por um lado a *frontier thesis* se molda nestes lugares específicos, por outro estas instituições são conformadas por ela: “*between 1910 and the Great Depression of the 1930’s it dominated the profession so completely that the American Historical Association was branded one great Turner-verein*”.<sup>14</sup> Sobre a atuação de Turner e seus discípulos nas universidades, Gerald Nash comenta: “*in a day when professional historians in the United States numbered no more than a few hundred, these individuals were able to exercise a dominant influence on teaching and writing of American history*”.<sup>15</sup> Sua definição dos métodos e práticas que deveriam nortear a disciplina, a instauração do

---

<sup>13</sup> O lugar social de produção do discurso histórico atua tanto com censor quanto como libertador; ele permite a realização de certas pesquisas em detrimento de outras. Como aponta Michel de Certeau, toda pesquisa histórica está “*submetida a imposições, ligadas a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delinea uma topografia de interesses, que os documentos e as questões que lhes serão propostas, se organizam*”. DE CERTEAU, Michel. op. cit. p. 67.

<sup>14</sup> “*Entre 1910 e a Grande Depressão da década de 30, ela dominou a profissão tão completamente que a Associação de História Norte-Americana foi considerada como uma grande associação turneriana*”. BILLINGTON, Ray Allen. *The Genesis of the Frontier Thesis*. op. cit. p. 3-4.

<sup>15</sup> “*Numa época onde os historiadores norte-americanos não eram mais do que algumas centenas, estes indivíduos foram capazes de exercer uma grande influência no ensino e na escrita da história norte-americana*”. NASH, Gerald. *Creating the West*. Albuquerque: New Mexico University Press, 1990. p. 4.

caráter científico do *métier* e o reclame do devido lugar de Clio como uma espécie de guardiã da nacionalidade e de guia para a sociedade ajudaram a conformar os meios pelos quais a profissão se consolidou nos Estados Unidos.

A questão do Mito da Fronteira também se faz imperativa quando se busca analisar o tipo de escrita histórica desenvolvida por Turner. Concebido ainda no período colonial como uma maneira de justificar a expansão em direção ao Oeste e de exclusão do ‘outro’ (no caso, os povos indígenas), o Mito<sup>16</sup> foi gradualmente sendo alimentado e retrabalhado por uma série de ideólogos, culminando com o trabalho de Turner no final do século XIX. Neste sentido, a *frontier thesis* seria uma espécie de ‘cientificização’ do Mito – sua confirmação com base uma pesquisa documental e em métodos ditos científicos. Ao reafirmar o Mito dando-lhe foros de verdade, Frederick Turner ajudou-o a se adaptar às novas condições dadas pela conjuntura. Como nos diz Richard Slotkin:

*“Many of the elements of the frontier thesis put forward by Turner already belonged to the complex of traditional ideas that accumulated around the idea of the ‘Frontier’ since colonial times, including the concept defining national mission, a ‘Manifest Destiny’, and the vision of the westward settlements as a refuge from tyranny and corruption, a safety valve for metropolitan discontents, a land of golden opportunity, and an inexhaustible reservoir of natural wealth on which a future of limitless prosperity could be based”.*<sup>17</sup>

Isto não significa, contudo, que o Mito, seja algo homogêneo. Como veremos, existem versões antagônicas sendo desenvolvidas durante todo o século XIX e que acabam encontrando sua síntese na *frontier thesis*. Por isso acredito que a teoria de Turner pôde alcançar tal poder explicativo, na medida em que buscou reconciliar estes elementos discordantes em sua narrativa, com o intuito de fornecer uma história verdadeiramente americana para os Estados Unidos, além de uma identidade para seus habitantes.<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> Sempre que utilizar a palavra ‘mito’ com M maiúsculo estarei me referindo ao ‘Mito da Fronteira’. Quando expressão aparecer com M minúsculo significa ‘mito’ em seu sentido mais amplo.

<sup>17</sup> *“Muitos dos elementos da frontier thesis elaborada por Turner já pertenciam ao complexo de idéias tradicionais que acumularam em torno da idéia de ‘Fronteira’ desde os tempos coloniais, incluindo o conceito definidor da missão nacional, um ‘Destino Manifesto’, e a visão dos assentamentos ocidentais como sendo um refúgio da tirania e da corrupção, uma válvula-de-escape para os descontentes metropolitanos, uma terra de oportunidades de ouro, e uma reserva inexaustível de riquezas naturais onde um futuro de uma prosperidade sem limites podia se basear”.* SLOTKIN, Richard. *The Gunfighter Nation*. Norman: University of Oklahoma Press. p. 30.

<sup>18</sup> A história, enquanto disciplina, teve uma função preponderante no estabelecimento de identidades nacionais durante o século XIX e começo do XX. Como afirma Manoel Salgado Guimarães, neste

Estas opções são, como quaisquer outras, arbitrárias. Poderia ter escolhido fazer a correlação entre os postulados de Turner e a política externa norte-americana nos séculos XIX e XX, por comparar a narrativa turneriana com outras que surgiram no mesmo período, como, por exemplo, a de Charles Beard<sup>19</sup>, ou de trabalhar com a *sectional thesis* turneriana.<sup>20</sup> Ainda que estes pontos apareçam de maneira marginal no corpo do trabalho, elas de maneira alguma constituem seu foco principal. A justificativa para isto é que até agora a *frontier thesis* de Turner não foi analisada levando em consideração os conceitos nascidos com o advento da historiografia enquanto área de pesquisa autônoma dentro da disciplina, o que, evidentemente, deixa uma lacuna a ser preenchida.<sup>21</sup> Também não busquei fazer uma defesa ou uma crítica de seus marcos explicativos, pois, além de ser uma tarefa bastante dispendiosa, não serviria às finalidades desta dissertação.<sup>22</sup>

---

contexto coube à história “a tarefa de fundar no passado a origem da Nação, produzindo para o século XIX as biografias sistematizadas das Nações como parte fundamental da nova pedagogia para o cidadão nacional”. GUIMARÃES, Manoel Salgado. *A Cultura História Oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar*. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS, 2003. p. 18.

<sup>19</sup> Um dos ‘rivais’ de Turner no começo do século XX, Beard embasou sua teoria em uma visão economicista e determinista da história norte-americana, onde os fatos políticos e sociais aparecem como que numa relação mecânica de causa e efeito com a economia de uma determinada sociedade. Suas hipóteses obtiveram um certo respaldo nas três primeiras décadas do século XX, principalmente por aqueles que não eram ligados a Turner, mas, já no pós-guerra, acabaram caindo em declínio. Segundo Richard Hofstadter, uma das possíveis explicações para isto seria o radicalismo inerente ao modelo de Beard, que via na história americana um eterno conflito entre ricos e pobres, e que, por causa disso, acabou sendo sobrepujada por explicações mais conservadoras e nacionalistas nos anos da Guerra Fria (incluindo aí uma espécie de turnerismo rejuvenescido). Ver HOFSTADTER, Richard. *The Progressive Historians*. op. cit. p. 167-347.

<sup>20</sup> A *sectional thesis* de Turner enfatizava a relação das diferentes seções geográficas e políticas na construção da nação norte-americana, principalmente após seus períodos fronteiriços, quando o sentimento regional começava a aflorar entre os habitantes destas áreas. Ela começou a ser desenvolvida ainda na primeira década do século XX, mas só foi divulgada depois de 1920.

<sup>21</sup> A historiografia, como área recente do conhecimento histórico, propõe uma superação da antiga “cultura do inventário” historiográfica, e uma aproximação com a epistemologia na análise das obras históricas. Na avaliação de François Hartog, a “historiografia epistemológica” procura realizar “uma abordagem mais atenta aos conceitos e aos contextos, às noções e aos meios, e mais inquieta com suas articulações, atenta à cognição e a historicização, enfim, mais vigilante às sirenes dos reducionismos”. No Brasil, Manoel Salgado Guimarães explicitou a “missão” da historiografia em termos parecidos: “a historiografia como área específica de conhecimento e pesquisa no interior da disciplina histórica, poderá contribuir para um esforço de repensar a historicidade de nossa disciplina. É preciso que a própria escrita da história se submeta ao rigor do exame crítico como forma de dessacralizarmos uma memória acerca desta mesma escrita”. É este tipo de interpretação que norteia a minha abordagem neste trabalho. Ver GUIMARÃES, Manoel Salgado. *A Cultura História Oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar*. op. cit. p. 13 & HARTOG, François. *Points et contrepoints. Histoire. La Tentation de l'épistémologie?* In: Le Débat. n. 112. p. 80-83. Paris: Galimard, novembre-décembre, 2000.

<sup>22</sup> Para um bom panorama das críticas e defesas de Turner ver BILLINGTON, Ray Allen (org.). *The Frontier Thesis: valid interpretation of American History?*. New York: Holt, Rinehart & Wilson, 1966; HOFSTADTER, Richard & LIPSET, Seymour Martin (org.). *Turner and the Sociology of the Frontier*. New York: Basic Books, 1968; além dos já citados autores ligados à NWH.

É preciso ressaltar que a obra de Frederick Turner foi virtualmente ignorada pela historiografia nacional até muito pouco tempo atrás, mesmo tendo sido utilizado teoricamente por autores como Sérgio Buarque de Holanda e Vianna Moog. Seus quatro principais artigos só foram traduzidos para o português em 2004, sob orientação de Paulo Knauss, professor da Universidade Federal Fluminense<sup>23</sup>, significando que, durante mais de cem anos, ela esteve indisponível em português – o que, obviamente, limitou em muito a possibilidade de se trabalhar com este autor.

Recentemente, os pesquisadores brasileiros passaram a ter um interesse maior sobre o trabalho de seu colega norte-americano. Não se pode, contudo, falar de uma espécie de *boom* sobre o tema, tratando-se mais de produções específicas e bem localizadas. As obras recentes de Robert Wegner e Lúcia Lippi são dois exemplos disto: o primeiro busca localizar a concepção de fronteira nos trabalhos de Sérgio Buarque de Holanda, buscando seus antecedentes em Turner, enquanto que Lippi estuda as representações da identidade nacional norte-americana, comparando-as com as brasileiras, sem fazer de Turner seu objeto principal de análise.<sup>24</sup> Em que pese a qualidade dos livros, não podemos falar, aqui, de obras sobre o estadunidense, e sim, de livros que abrangem aspectos muito mais amplos do que uma análise da *frontier thesis*.

Maria Aparecida Soares também se dedicou a avaliar o legado turneriano, mas sua explicação não avança muito em relação aos lugares de produção da *frontier thesis* e sua relação com o Mito da Fronteira, preferindo fazer uma breve exposição de suas principais premissas e uma comparação com a NWH. A atitude é louvável, dado o pouco conhecimento destes autores em terras brasileiras, mas uma aproximação com a teoria da historiografia contemporânea e um pouco mais de ousadia viriam a fortalecer seu trabalho. Além disso, o sucesso da obra de Turner é analisado em somente termos políticos, sem necessariamente se referir ao seu peso no processo de profissionalização

---

<sup>23</sup> KNAUSS, Paulo (org). *O Oeste Americano: quatro ensaios de história dos Estados Unidos*. Niterói: UFF, 2004.

<sup>24</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. *Americanos*. Belo Horizonte: UFMG, 2001 & WEGNER, Robert. *A Conquista do Oeste: a fronteira em Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.



da disciplina, essencial para quem se dedica a este empreendimento, e nem se remetendo aos lugares de sua produção.<sup>25</sup>

Henrique Silva, professor da Universidade Estadual de Maringá, também se dedicou à tese de Turner.<sup>26</sup> De todos os textos citados até aqui, o seu é o que apresenta problemas mais sérios. Em primeiro lugar, Silva confunde o historiador norte-americano com o geógrafo homônimo, o que, evidentemente, complica a suas análises.<sup>27</sup> Em segundo lugar, o artigo é repleto de erros factuais e teóricos sobre a obra de Turner, o que inviabiliza uma consideração mais aprofundada sobre a *frontier thesis* em seu trabalho.<sup>28</sup> De qualquer modo, o texto de Silva serve como uma introdução mais geral à teoria turneriana, ainda que bastante precária.

Outros autores, como Mary Junqueira e Lígia Osório se dedicaram à questão das representações sobre o Oeste e ao Mito da Fronteira, mas sem o devido foco na *frontier thesis*, ainda que com resultados bastante satisfatórios sobre os mesmos.<sup>29</sup> Mesmo obras de caráter geral, como a de Rogério Forastieri, que pretende fazer uma história da historiografia (ou uma história da História), falham em dar a Turner a devida atenção (ou, neste caso, à produção historiográfica norte-americana em geral).<sup>30</sup> Dada a sua importância para a constituição do pensamento histórico nos Estados Unidos e sua relevância nestes dias de reavivamento do espírito messiânico da nação e de um retorno

---

<sup>25</sup> Ver LOPES, Maria Aparecida de Souza. *Frederick Jackson Turner e o lugar da fronteira na América*. In: GUTIÉRREZ, Horácio; LOPES, Maria Aparecida de Souza. & NAXARA, Márcia (org.). *Fronteiras, personagens, paisagens, identidades*. São Paulo: Olhos d'Água, 2003. p. 13-33.

<sup>26</sup> SILVA, Henrique M. *Fronteira e identidade nacional na historiografia americana*. In: MALERBA, Jurandir. *A velha história. Teoria, Método e Historiografia*. Campinas: Papyrus, 1996. p. 37-49.

<sup>27</sup> O geógrafo Frederick Turner escreveu o livro "*O Espírito Ocidental contra a Natureza*", onde tenta demonstrar como o homem ocidental teve um papel preponderante na destruição da natureza americana e na construção de uma imagem do indígena que enfatizava seu caráter "selvagem" e "bárbaro". A obra foi publicada, em língua inglesa, no ano de 1982. Distante, portanto, época em que seu homônimo estava atuando como historiador.

<sup>28</sup> Henrique Silva data o lançamento da *frontier thesis* em 1920, quando, na verdade, este ano marca a publicação da compilação dos principais artigos de Turner e não da sua teoria *per se*. Ele também acusa o historiador de pouco rigor científico e de obstinação com o seu objeto (a fronteira) e qualificando sua tese como uma mera narrativa literária, sem maiores implicações empíricas. Não entro no mérito da correção dos pressupostos de Turner, mas sua obra não pode, e não deve, ser considerada da maneira simplista que Silva faz. Além disso, Silva demonstra uma falta de aprofundamento teórico ao tratar da *frontier thesis* como uma história de tipo narrativo em contraposição àquelas científicas da História Social das décadas de 70 e 80. *Ibidem*. p. 39-40.

<sup>29</sup> Ver JUNQUEIRA, Mary Anne. *O Imaginário da Conquista do Oeste e as Representações sobre América Latina na Revista Seleções do Reader's Digest*. *Varia História*, Belo Horizonte, p. 97-108, 1998; *Idem*. *James Fenimore Cooper e a Conquista do Oeste nos Estados Unidos na Primeira Metade do século XIX*. *Revista Diálogos*, Maringá, v. 7, p. 11-24, 2003. & SILVA, Lígia Osório da. *A Fronteira e Outros Mitos*. USP, 2001 (tese de livre-docência).

<sup>30</sup> SILVA, Rogério Forastieri da. *História da Historiografia*. Bauru: EdUSC, 1999.

a uma política externa agressiva e francamente expansionista, acredito que a historiografia nacional deve se apropriar do tema e inserir-se no debate.<sup>31</sup>

\*

É importante destacar a pouca produção historiográfica de Turner. Em outras palavras, ele era um historiador que raramente escrevia. Tendo lançado somente um livro em vida<sup>32</sup>, a maior parte de suas exposições encontra-se em artigos e/ou transcrições de palestras realizadas durante sua carreira acadêmica. Destes, cinco foram fundamentais para seu desenvolvimento como historiador: *"The Significance of History"* (1891), *"The Significance of the Frontier in American History"* (1893), *"The Problem of the West"* (1896), *"Contributions of the West to American Democracy"* (1903) e *"Social Forces in American History"* (1910). Nestes textos, Turner detalhou não só a *frontier thesis*, mas aspectos teóricos mais gerais, como a sua concepção de história. Procurei, contudo, fazer uso da maioria dos escritos onde ele divulgou sua tese sobre a fronteira, não me limitando somente àqueles cinco.

Infelizmente, muitos dos artigos publicados durante a sua vida não foram utilizados, dada a dificuldade de encontrá-los (caso dos poucos textos publicados em revistas regionais norte-americanas e não reeditados posteriormente). Isto, contudo, não chegou a prejudicar a pesquisa de maneira mais profunda, pois seus escritos mais importantes foram compilados em um único volume, *"The Frontier in American History"*, em 1920, constantemente reeditado respeitando às imposições de Turner quando de seu primeiro lançamento. Como explicitado por ele no prefácio à edição original, os textos foram selecionados de acordo com a sua importância e não foram

---

<sup>31</sup> Cabe lembrar que a eleição de George W. Bush em 2000 e sua reeleição em 2004 revigoraram a noção da América enquanto uma nação destinada a ser a salva-guarda da democracia e da liberdade, reavivando o conceito de Destino Manifesto e recuperando a idéia de expansão necessária a esta sobrevivência. A ocupação do Iraque pode ser entendida, neste contexto, como uma espécie de abertura de novas fronteiras e da reencenação da eterna luta entre a civilização WASP e os selvagens infiéis, que move o país desde os tempos coloniais. Sobre a história dos EUA enquanto uma luta racial entre 'bons' e 'maus' ver SLOTKIN, Richard. op. cit. p. 3-23. Sobre o messianismo da política externa do governo Bush ver JUNQUEIRA, Mary Anne. *Os Discursos de George W. Bush e o Excepcionalismo Norte-americano*. São Paulo: Educ, 2001.

<sup>32</sup> *"The Rise of the New West"*, lançado em 1906. Seu segundo livro, *"The Significance of Sections in American History"* foi lançado alguns meses após a sua morte, em janeiro de 1933. Dois anos mais tarde foi publicado *"The United States: the Nation and its Sections"*. Ambos os livros foram construídos a partir dos manuscritos incompletos deixados pelo autor. Sua obra mais conhecida continua sendo a compilação *"The Frontier in American History"*, lançada em 1920 e reeditada sucessivamente desde então, sem interpolações e nem adendos posteriores (um desejo de Turner quando de sua morte).

alterados para a coletânea.<sup>33</sup> Deste modo, decidi utilizar todos estes textos para a investigação, atentando para o ano de seus lançamentos *originalis* e para seus diferentes meios de divulgação. Segue, então, uma lista dos artigos utilizados na investigação:

1. "*The Significance of History*" (1891);
2. "*The Significance of the Frontier in American History*" (1893);
3. "*The Problem of the West*" (1896);
4. "*Dominant Forces in Western Life*" (1897);
5. "*The Middle West*" (1901);
6. "*Contributions of the West to American Democracy*" (1903);
7. "*The Old West*" (1908);
8. "*The Ohio Valley in American History*" (1909);
9. "*Social Forces in American History*" (1910);
10. "*The Significance of the Mississippi Valley in American History*" (1910);
11. "*Pioneer Ideals and State University*" (1910);
12. "*The West and American Ideals*" (1914);
13. "*The First Official Frontier of the Massachussets Bay*" (1914);
14. "*Middle Western Pioneer Democracy*" (1918);<sup>34</sup>

Já em relação aos seus livros, os empreguei mais como suportes para a pesquisa do que como fontes de primeira importância. Neles, Turner dedicou-se ou a um objeto específico ("*Rise of the New West (1819-1829)*", sobre as mudanças regionais no Oeste

---

<sup>33</sup> TURNER, Frederick Jackson. *The Frontier in American History*. New York: Dover, 1996. p. I.

<sup>34</sup> Todos estes textos encontram-se em "*The Frontier in American History*", com exceção de "*The Significance of History*". No caso deste, usei a versão existente no volume organizado por John Mack Faragher, "*Rereading Frederick Jackson Turner*". FARAGHER, John Mack. *Rereading Frederick Jackson Turner*. New Haven: Yale University Press, 1998.

da era Andrew Jackson) ou a uma outra interpretação da história norte-americana que não a *frontier thesis* ("*The United States: the Nation and its Sections*" e "*The Significance of Sections in American History*", ambos introduzindo a *sectional thesis*). Por isso, então, estes documentos aparecem de maneira marginal no corpo do trabalho, já que, não possuem a mesma importância dos artigos supracitados, pelo menos para os fins desta dissertação.

Também utilizei alguns escritos publicados de maneira póstuma. A liberação de seus arquivos pessoais permitiu que os pesquisadores tivessem acesso a uma enorme quantidade de material, incluindo cartas pessoais, esboços de livros e artigos completos que, por motivos diversos, não chegaram a ser publicados durante sua vida. Desde então, três volumes destes materiais já foram publicados, o que aumentou consideravelmente o escopo de possibilidades da pesquisa.<sup>35</sup> Alguns destes trabalhos, que se estendem por toda a vida acadêmica do historiador, ajudam a inferir sobre o desenvolvimento da *frontier thesis* e sobre as próprias limitações inerentes aos seus lugares de produção. As correspondências foram utilizadas como material de apoio, dadas suas preciosas informações sobre a relação entre Turner e alguns de seus pares, possibilitando localizar alguns dos debates no campo historiográfico norte-americano entre fins do século XIX e o começo do século XX, e algumas figuras proeminentes da sociedade estadunidense de então. Além disso, as cartas trazem a opinião de Turner sobre os mais diversos assuntos, desde a função do ensino superior até as diferentes conjunturas políticas que enfrentou, o que enriquece em muito a análise de seus escritos, já que explicitam algo que, muitas vezes, só é encontrado de maneira sub-reptícia em seus textos. O cruzamento destes documentos permitiu desvelar alguns dos meandros pelos quais se construiu seu tipo de escrita da história.

Para a caracterização da vida de Frederick Turner, fiz uso dos dois únicos volumes biográficos disponíveis, escritos por Ray Allen Billington e Allan G. Bogue.<sup>36</sup> Apesar das limitações evidentes destes dois trabalhos, que, muitas vezes, tendem a se

---

<sup>35</sup> JACOBS, Wilbur (org.). *The Historical World of Frederick Jackson Turner: with selections from his correspondence*. New Haven: Yale University Press, 1968; Idem (org.). *Frederick Jackson Turner's Legacy: unpublished writings in American history*. San Marino: Huntington, 1971 & BILLINGTON, Ray Allen. *Dear Lady: the letters of Frederick Jackson Turner and Alice Forbes Perkins Hooper (1910-1932)*. San Marino: Huntington, 1971.

<sup>36</sup> BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner: historian, scholar, teacher*. New York: Oxford University Press, 1973. & BOGUE, Allan. *Frederick Jackson Turner: strange roads going down*. New Haven: Yale University Press, 1998.

tornar panegíricos (principalmente no caso de Billington, um dos mais ardorosos defensores de Turner), eles se mostraram fontes indispensáveis, visto a quantidade de informações ali presentes e não replicadas em outros lugares. Tendo em vista a óbvia dificuldade de acesso à maioria das fontes primárias sobre a vida do historiador, as biografias citadas vieram a preencher lacunas que, de outra forma, permaneceriam incompletas.

\*

A dissertação está dividida em três partes, além da presente introdução e da conclusão. No primeiro capítulo, me propus a apresentar um esboço biográfico da vida de Frederick Turner, levando em consideração, principalmente, as instituições por onde passou no decorrer de sua carreira acadêmica, seu papel na profissionalização da disciplina nos Estados Unidos e os meios de divulgação e legitimação da *frontier thesis*.

O segundo capítulo está dividido em duas partes. Na primeira, trato do pensamento teórico mais geral de Turner, atentando para a sua concepção de história e método, além de sua posição mais específica sobre a função social da profissão. No último item, apresento as premissas gerais de sua *frontier thesis*, como desenvolvidas em seus cinco artigos mais importantes, inferindo sobre sua evolução e cristalização teórica.

No capítulo final, busco demonstrar como Turner cientificizou o Mito da Fronteira, reconciliando progressivismo e primitivismo. Para isso, no primeiro ponto, apresento os pressupostos mais gerais do Mito e seu desenvolvimento durante os séculos XVII, XVIII e XIX. No segundo, prendi-me aos modos como o historiador moldou seus textos em uma retórica extremamente persuasiva e eficaz na utilização de imagens e ícones tradicionalmente associados ao Mito. No item final, tento inferir sobre como Turner refigurou o Mito da Fronteira com a linguagem da ciência histórica, a partir de seus artigos.

Como anexo, traduzi um de seus textos ainda indisponíveis em português: “*The Significance of History*”, tendo em vista sua possível utilização por outros historiadores interessados no mesmo assunto. Ressalvo, apenas, que se trata de uma tradução livre, desprovida de um maior rigor teórico-metodológico, sem a pretensão de substituir

aquelas que por ventura venham a ser feita por profissionais mais capacitados para tal tarefa.

Enfim, nada há nada mais a dizer para o leitor a não ser: "*go West!*".

## 1. E DA FRONTEIRA VEIO UM PIONEIRO...:

O pai da *frontier thesis* teve uma trajetória bastante peculiar no quadro de profissionalização da disciplina nos Estados Unidos. Vindo de uma pequena cidade na fronteira, Frederick Jackson Turner foi um dos primeiros historiadores profissionais em terras americanas e um dos que mais contribuiu para sua institucionalização e divulgação. Seus métodos de pesquisa e ensino foram copiados em todo o país, por um séquito de fieis seguidores, e acabaram transformando a Universidade Estadual do Wisconsin, então uma universidade marginal, em um dos centros de excelência na formação de historiadores. Para melhor compreender seu papel neste processo, deve-se, então, levar em conta sua trajetória como pesquisador e professor.

É interessante perceber algumas das nuances da vida do historiador que acabaram agindo de forma determinante para seu sucesso. Em primeiro lugar, o seu sucesso prematuro (aos 32 anos de idade), que, de certa forma, acabou marcando toda sua produção posterior e engendrando uma espécie de cristalização de sua *frontier thesis*. Em segundo lugar, sua presença como professor em uma universidade marginal no *corpus* acadêmico norte-americano da virada do século XX acabou sendo fundamental para a configuração de sua escrita da história. Livre das pressões exercidas nos grandes centros acadêmicos, Turner pôde trabalhar nas bordas do sistema, até atingir seu centro. E, finalmente, a força que seus marcos adquirem ainda em sua existência, através de um processo rápido e impressionante por causa de seu sucesso. Arrisco-me a dizer, inclusive, que poucos foram os historiadores que adquiriram em vida o poder de Turner, se é que outro conseguiu tal façanha. Basta apenas lembrar que pelo menos três presidentes da república e uma série de outras figuras importantes lhe fizeram elogios explícitos em público, fazendo uso de algumas de suas premissas e contribuindo decisivamente para a sua popularização. Sendo assim, este primeiro capítulo busca desvendar, através do percurso pessoal e intelectual de Turner, as estratégias de conformação da historiografia turneriana, enfatizando seus lugares de produção e seus meios de divulgação e legitimação.

## 1.1 De Portage a Baltimore

Frederick Jackson Turner nasceu na pequena cidade de Portage, no estado de Wisconsin, em 14 de novembro de 1861, descendente de uma família *new-englander* cuja ascendência remontava aos Puritanos.<sup>37</sup> À época de seu nascimento, a cidadela, situada a apenas trinta quilômetros da linha de fronteira, era um próspero entreposto comercial entre Leste e Oeste. Sua condição atraía uma série de homens e mulheres de procedências diversas: escandinavos, alemães, irlandeses, galeses, sulistas e *yankees* nortistas- com apenas 3000 habitantes, Portage era um verdadeiro mosaico de línguas e culturas. Além disso, os arredores do município eram habitados pelos índios *menonimee*, que comerciavam com os habitantes da urbe, e por algumas famílias negras procedentes do Sul.<sup>38</sup>

Neste sentido, a diminuta cidade não era muito diferente de outras do Oeste. Durante a Guerra Civil, que opôs o Norte capitalista ao Sul escravocrata, estas localidades eram uma espécie de porto seguro para o conflito que ocorria no Leste. Milhares de famílias de ambas as regiões buscaram refúgio nas terras além do Mississippi, em busca de abrigo dos horrores da guerra. Com isto, se verificou um verdadeiro *boom* de ocupação no local. Isto não significa afirmar que a fronteira estava destituída de conflitos de qualquer ordem. Longe disso. As violentas escaramuças entre indígenas e colonos, a ausência de um controle efetivo por parte do Estado – que levava os territórios ocidentais a um estado de semi-anarquia - e os próprios relatos de Turner sobre expedições punitivas contra nativos rebelados<sup>39</sup>, dão conta de que o Oeste não era a utopia agrária que os agentes de viagens e políticos faziam crer.<sup>40</sup>

O pai de Frederick Turner, Andrew Jackson Turner, era proprietário e editor de um pequeno jornal local, o *Wisconsin State Register*, onde dava vazão às suas opiniões políticas, posicionando-se ao lado do presidente Abraham Lincoln e do Norte contra os confederados. Em outras palavras, apesar do nome em homenagem ao famoso presidente democrata, o chefe da família Turner era um republicano devoto. Um exemplo de sua devoção ao partido de Lincoln pode ser encontrado na seguinte

---

<sup>37</sup> BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 3.

<sup>38</sup> Idem. *Ibidem*. p. 9

<sup>39</sup> Idem. *Ibidem*. p. 16.

<sup>40</sup> FARAGHER, John Mack & Robert V. Hine. *The American West: a new interpretive history*. New Haven: Yale University Press, 2000. p. 199-234.



declaração, onde Andrew Turner defende a administração de Ulysses Grant, corroída pelas (comprovadas) denúncias de corrupção: “*the Grant administration is so patriotic, so wise, so beneficent and so thoroughly American in its distinct features as to command the admiration of all the patriotic men of this country*”.<sup>41</sup> A sua fidelidade ao Partido Republicano e sua popularidade entre os habitantes do condado de Columbia acabou lhe rendendo os cargos de representante local na assembléia estadual de Wisconsin e de prefeito de Portage durante quatro mandatos.<sup>42</sup>

Foi na publicação paterna que Frederick Turner deu seus primeiros passos como escritor e comentarista. A partir de uma pequena coluna semanal no diário, o adolescente tecia comentários sobre livros diversos, desde Goethe até Gibbon, além de expor suas visões pessoais sobre política, seguindo o caminho republicano de seu pai. Durante todo seu período na *high-school* local, o pequeno ‘Fritz’, como era conhecido na cidadela, escreveu no *Wisconsin State Register*. Quando terminou sua educação secundária, em 1878, volveu-se em direção à Universidade Estadual, na cidade de Madison, para tentar uma carreira em jornalismo. Apesar de apaixonado pela musa Clio, o calouro não estava disposto a tornar-se um professor de história.<sup>43</sup>

O estudante, contudo, passaria por uma grande provação entre 1879 e 1880. Após uma visita de verão a seus familiares paternos, em Omaha, Turner contraiu meningite e durante um mês, em setembro de 1879, encontrou-se entre a vida e a morte. Como resultado, ele só retornou a Madison em 1881. Foi nesta época que seu interesse pelas Ciências Humanas se viu desperto. O responsável por isso foi o professor William Francis Allen. Turner afirmaria mais tarde, em reminiscências a amigos, que seria eternamente grato a Allen por ter instigado nele a paixão pela investigação e pelo espírito científico.<sup>44</sup>

William Allen havia se formado em Harvard, na década de 40 do século XIX, e, após um período em Göttingen, havia se encantado com os métodos de Leopold Von Ranke e da escola histórica alemã, não tardando em aplicá-los aos seus alunos: “*he used*

---

<sup>41</sup> “*O governo de Grant é tão patriótico, tão sábio, tão beneficente e tão perfeitamente americano em todas as suas características que deve ser admirado por todos os patriotas deste país*”. BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 12.

<sup>42</sup> Idem. Ibidem. p. 13.

<sup>43</sup> BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 14.

<sup>44</sup> BILLINGTON, Ray Allen. *The Genesis of the Frontier of Thesis*. p. 229.

*the 'topical' method, sending undergraduates to the sources to investigate assigned topics, prepare fifteen-minute papers and present their findings to the class with the aid of a syllabus, charts and maps*".<sup>45</sup> Allen também era um vigoroso defensor da pluridisciplinaridade e advogava um diálogo profundo com as outras Ciências Humanas, principalmente a Sociologia, a Economia e a Ciência Política. Mas, para além das questões metódicas, Allen impactou Turner com a sua visão sobre a evolução da sociedade e seu rechaço total à história política factual. Ele via a disciplina histórica não como uma crônica militar ou política, mas com uma busca pelas ocultas forças sociais e econômicas que determinam o comportamento político. O professor Allen via a história como um exercício de causa e efeito; a tarefa do historiador não era o registro do evento, mas a determinação da força que o causou.<sup>46</sup>

Logo, Allen encaixa-se no perfil do historiador "científico", preocupado não só com a superação da velha histórica pedagógica dos grandes heróis e nem sempre fiel para com a acuidade de seus relatos, mas também com a aplicação de novos métodos e a utilização de novas fontes. Confrontando-se com o antigo paradigma romântico, a nova história apresentava-se como algo separado das artes e da literatura. Cabia ao profissional o estabelecimento dos fatos e a busca da verdade intrínseca a estes. Como afirma Peter Novick:

*"Science must be rigidly factual and empirical; the scientific venture was scrupulously neutral on larger questions of end and meaning; and, if systematically pursued, it might ultimately produce a comprehensive, 'definitive' history"*.<sup>47</sup>

William Allen também possuía uma visão 'biológica' do processo histórico, na medida em que afirmava a semelhança ente os organismos vivos das Ciências Naturais e os organismos sociais das Ciências Humanas. Estes, como aqueles, estariam em

---

<sup>45</sup> "Ele usava o método 'tópico', mandando os estudantes investigarem determinados tópicos, seguido de rápidas exposições de seus achados, com a ajuda de mapas, tabelas e sumários". Idem. Ibidem. p. 16.

<sup>46</sup> Idem. Ibidem. p. 17.

<sup>47</sup> "A ciência deveria ser rigidamente factual e empírica; o empreendimento científico deveria ser escrupulosamente neutro em questões acerca do 'fim' e do 'significado' da história; e, se sistematicamente empregado, poderia levar a uma história 'definitiva'". NOVICK, Peter. *That Noble Dream*. New York: Cambridge University Press, 1988. p. 37.

constante progresso e crescimento, indo em direção a um estágio evolutivo mais avançado e adaptado às condições estruturais.<sup>48</sup>

Mas talvez mais importante do que a visão darwinista aplicada à História por Allen tenha sido sua própria percepção sobre a importância da expansão para o desenvolvimento norte-americano, ainda que em termos menos nacionalistas que o de seu pupilo intelectual: “*he conceived the spread of settlement across the American continent as a continuation of Europe’s expansion and the Louisiana Purchase as a watershed in the history of the Republic*”.<sup>49</sup> Durante o único curso sobre História Americana que teve com Allen, Turner entrou contato com a então esparsa literatura histórica sobre o Oeste e a fronteira. Trabalhos como os livros de Francis Parkman sobre o *modus vivendi* do fronteiro e o de J. G. Shea sobre a colonização do Vale do Mississipi, indispensáveis, à época, para o estudo do tema, chegaram a Turner através de Allen.

Ao lado do interesse pelas Ciências Humanas, o jovem também apresentou dedicação à arte da oratória. Durante seus três últimos anos em Madison, o então estudante participou de competições e teve aulas de retórica clássica com o renomado professor David Frankfurter. Seu talento para falar em público acabou lhe rendendo o prêmio de melhor orador da universidade, em 1882. Além disso, a retórica lhe legou a capacidade de ‘pintar quadros’ com as palavras, tornando sua *frontier thesis* mais eficiente como veículo de conformação de uma identidade social para os americanos do norte. A capacidade de combinar os métodos apreendidos de William Allen com a retórica de Frankfurter foi uma das principais heranças de Madison para Turner. A dívida do pupilo para com seu mestre *rhetor* está expressa em sua elegia, quando da morte do professor: “*some teach classes; he taught the individual*”.<sup>50</sup> Comprovando esta preocupação com a retórica, Turner escreveria as seguintes palavras sobre os trabalhos apresentados no encontro anual da AHA de 1888, alguns anos mais tarde: “*the papers*

---

<sup>48</sup> “*Ele concebia o crescimento dos assentamentos através do continente como a continuação da expansão européia e via a compra da Louisiana como um marco na história da República*”. BILLINGTON, Ray Allen. *The Genesis of the Frontier Thesis*. op. cit. p. 17-18.

<sup>49</sup> Idem. Ibidem. p. 19.

<sup>50</sup> “*Alguns ensinam classes; ele ensinava o indivíduo*”. CARPENTER, Ronald H. *The Eloquence of Frederick Jackson Turner*. San Marino: Huntington Library, 1983. p. 26.

*were good, but many of them, especially those of the younger men, were t $\hat{o}$  much in the nature of a detailed research – the facts were not illuminated”.*<sup>51</sup>

Frederick Turner graduou-se em Madison em 1884. Com o fim de sua jornada na capital de Wisconsin, retornou a Portage para trabalhar no jornal de seu pai e, mais tarde, como correspondente local do *Milwaukee Sentinel*, da cidade de Milwaukee. Embora tivesse se especializado em história, o recém-formado buscou abrigo financeiro na ocupação paterna. As hipóteses para esta relutância em aceitar trabalhar como professor logo após a sua saída da universidade são tanto uma indecisão quanto à carreira a seguir quanto a falta de oportunidades para o exercício da profissão de historiador.<sup>52</sup> Sua temporada como jornalista, contudo, durou pouco. Em março de 1885, Frederick Turner foi procurado por seu antigo mestre William Allen. O objetivo da visita era convencer Turner a assumir o posto de professor-auxiliar de história na Universidade Estadual enquanto o titular Allen estivesse na Europa, em uma viagem planejada para começar no mês seguinte. Já encarando a possibilidade de abandonar o jornalismo e abraçar uma carreira como docente, Turner aceitou o convite. No mês seguinte, enquanto a família Allen embarcava para a Europa, o jovem de Portage assumia o cargo de professor em Madison, pelo menos até o próximo outono.<sup>53</sup>

Quando o titular retornou do velho continente, Turner assumiu o posto de professor de retórica e habilidades oratórias, auxiliando Frankenburger e garantindo, assim, seu lugar na Universidade Estadual. Turner dividiu seu tempo entre as pesquisas históricas, que já lhe apontavam o caminho da *Western History* - com um especial interesse pelo comércio de peles na região de Portage e do norte de Wisconsin durante o século XVIII - e as aulas. Quando Allen se ausentava, ele era o substituto. Esta rotina seguiu até 1888, quando o *westerner* dirigiu-se ao Leste. O objetivo? Aperfeiçoar seus estudos históricos com a obtenção de um título de doutorado na prestigiosa Universidade Johns Hopkins, em Baltimore, Maryland. Sua estadia na costa atlântica lhe garantiu não só contatos preciosos para sua futura carreira como historiador

---

<sup>51</sup> “Os trabalhos eram bons, mas muitos deles, principalmente aqueles dos jovens, eram apenas o relato detalhado de suas pesquisas - os fatos não estavam ‘iluminados’”. Idem. *Ibidem*. p. 27.

<sup>52</sup> BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 34-35

<sup>53</sup> BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 31-32.

profissional, mas também o acesso a uma grande quantidade de fontes sobre o Oeste e a expansão norte-americana.<sup>54</sup>

Aparentemente, Turner definiu o Oeste como seu objeto de estudo em meados da década de 80 do século XIX, após ter assumido o cargo de professor em Madison. Em uma carta endereçada à sua futura esposa, Caroline Mae Sherwood, e datada de setembro de 1887, ele afirmou o seguinte:

*“The more I dip into American history the more I can see what a great field there is for a life study. One must even specialize here. I think I shall spend my study chiefly upon the Northwest and more generally on the Mississippi Valley. The history of this great country remains to be written. I shall try to add my mite in the way of studying it.”*<sup>55</sup>

Alguns meses mais tarde, completamente entusiasmado pelo tema, o esfuziante estudante escreveu as seguintes palavras: *“I do not talk about anything now but Western history. I have taken a fever of enthusiasm over the possibility of the study of the Great West and of the magnificent scope of United States history in general”*.<sup>56</sup> Em Johns Hopkins, Turner direcionou seus estudos para a área que agora lhe causava tal ‘enfermidade’. Foi lá que ele sedimentou boa parte de sua *frontier thesis*.

A estada em Johns Hopkins, o “Valhalla” do mundo acadêmico da época<sup>57</sup>, foi bastante significativa para Frederick Turner. Lá que ele entrou em contato com o efervescente clima intelectual e historiográfico da América de fins do século XIX. A universidade de Maryland era, então, o grande centro de estudos históricos nos Estados Unidos. Grande parte de seus docentes havia sido treinada na Alemanha e professava uma crença inabalável na cientificidade da história. Com diz Peter Novick, *“the Johns Hopkins seminars were laboratories where books were treated like mineralogical*

---

<sup>54</sup> Idem. Ibidem. p. 41-42.

<sup>55</sup> *“Quanto mais eu mergulho na história americana, mais eu vejo o quão grande é este campo de estudo. Acho que até me especializarei nele. Acho que vou me dedicar principalmente à história do Nordeste e de modo mais geral à do Vale do Mississipi. A história desta grande nação ainda está por ser escrita. Tentarei acrescentar minha migalha a ela.”* Idem. Ibidem. p. 37.

<sup>56</sup> *“Eu não falo sobre mais nada a não ser a história do Oeste. Eu estou como uma febre de entusiasmo acerca das possibilidades do estudo do Grande Oeste e do magnífico escopo da história norte-americana em geral”.* BILLINGTON, Ray Allen. *The Genesis of the Frontier Thesis*. op. cit. p. 23.

<sup>57</sup> Idem. Ibidem. p. 24.

*specimens, passed about from hand to hand, examined and tested*".<sup>58</sup> O grande nome entre os docentes daquela universidade era Herbert Baxter Adams, então um dos principais historiadores norte-americanos e presidente da recém-criada *American Historical Association* (AHA). Nascido em uma tradicional família da Nova Inglaterra e educado na Alemanha, Adams ganhou notoriedade através de sua “hipótese teutônica”, ou *germ theory*, através da qual atribuía à democracia norte-americana um caráter genético herdado dos teutões da velha Germânia:

*“Briefly summarized, the theory held that English and American democratic liberal institutions had grown out of an institutional germ which developed in the forests of Germany in the remote past, and was transported to Britain by the Teutonic tribes in the fifth and sixth centuries. (...) This seed was responsible for the development of English institutions. When, in the seventeenth century, the descendants of the Teutons carried the seed to America, it grew with renewed vigor in the forest of New England.”*<sup>59</sup>

Graças à sua obsessão com a evolução das instituições, a *germ theory* também ficou conhecida pela alcunha de “história institucional”. Richard Hofstadter assim descreve seus métodos:

*“The method to be used in such studies was supposed to be rigorously scientific – a comparative method inspired in the first instance by Darwinism and intended to win for history some of the prestige of evolutionary science. (...) The institutional historians believed that human development takes place more or less according to a single, unilinear pattern, and that it is the business of the investigator to trace out the stages in the development of institutions. The Adams school believed firmly in long-range continuities and in the genetic method”*.<sup>60</sup>

O grupo de historiadores que defendia estas teses é chamado por Gerson Moura de “evolucionistas conservadores”, pois sua abordagem se compatibilizava com as

---

<sup>58</sup> "Os seminários de John Hopkins eram laboratórios onde os livros eram tratados como espécimes minerais, que passavam de mão em mão, examinados e testados". NOVICK, Peter. *That Noble Dream*. op. cit. p. 33.

<sup>59</sup> "Em linhas gerais, esta teoria postulava que a democracia e as instituições liberais da Inglaterra e da América haviam se desenvolvido a partir de um germe institucional que havia surgido nas florestas da Germânia em um passado remoto, e que havia sido transportado à Grã-Bretanha pelas tribos teutônicas durante os séculos V e VI. (...). Esta semente foi responsável pelo desenvolvimento das instituições inglesas. Quando os descendentes dos teutões se estabeleceram na América, ele cresceu com um vigor renovado nas florestas da Nova Inglaterra". Idem. *Ibidem*. 87-88.

<sup>60</sup> "O método a ser utilizado em tais estudos era 'rigorosamente' científico – um método comparativo inspirado no darwinismo que pretendia assegurar à história o prestígio de uma ciência evolucionista. Os historiadores institucionais acreditavam que o desenvolvimento humano se dá mais ou menos de maneira linear e que a função do investigador é traçar os diferentes estágios do desenvolvimento das instituições. A 'escola' de Adams acreditava piamente em continuidades de longa duração e no método genético". HOFSTADTER, Richard. *The Progressive Historians*. op. cit. p. 65-66.

preocupações do nacionalismo conservador que floresceu nos Estados Unidos nos anos posteriores à Guerra de Secessão (1861-65). Em um momento de afirmação da unidade nacional e de uma nova estabilidade política, os evolucionistas conservadores procuravam entender os processos institucionais que conformavam o crescimento da nação, sublinhando a homogeneidade da sociedade e a continuidade da história. Diferente dos “românticos”, que enfatizavam o caráter excepcional da América, estes historiadores voltavam seus olhos à velha Europa e afirmavam a ascendência desta nas instituições democráticas do Novo Mundo<sup>61</sup>. Este caráter excessivamente europeizante da “escola teutônica”, além de suas preferências pelos estudos relacionados à Nova Inglaterra, mereceu a reprimenda de Turner. Em uma carta endereçada a William Allen, escrita em 31 de outubro de 1888, ele reservava as seguintes palavras ao método de Adams:

*“It is in short, the development of the American nation politically that is emphasized – the great lack of it all is in getting any proper conception of the Great West. Not a man here that I know of is either studying or hardly aware of the country beyond the Alleghanies”.*<sup>62</sup>

A afirmação acima, contudo, não deixa de ser injusta para com o professor. Embora fosse, naturalmente, um adepto ferrenho da *germ theory*, Adams defendia a abertura de novos campos de investigação e novos temas. Além disso, ele advogava a realização de mais estudos comparativos entre diferentes regiões dos Estados Unidos, incluindo o Oeste, e destas com a Europa, principalmente França e Alemanha. E, para completar a injustiça de Turner, Adams já havia percebido o poder de atração exercido pelas terras ‘desocupadas’ do Oeste nas massas imigrantes.<sup>63</sup>

O que parece ter sido o motivo de revolta de Turner não foi tanto as proposições de Adams em si, mas o relativo desprezo dos *new englanders* em relação aos assuntos do Oeste. Embora fosse um tema recorrente na literatura popular da época e já tivesse merecido trabalhos por parte de historiadores ‘românticos’ como Francis Parkman e Theodore Roosevelt, a história da região ou o seu significado para os Estados Unidos

---

<sup>61</sup> MOURA, Gerson. *História de uma História*. op. cit. p. 18-19.

<sup>62</sup> “Em poucas palavras, enfatiza-se somente o desenvolvimento político da nação – sendo a grande falta a ausência a qualquer menção ao Grande Oeste. Não conheço nenhum homem aqui que esteja estudando, ou pelo menos ciente da existência, a região além dos Apalaches”. TURNER, Frederick Jackson. *Letter to William F. Allen. October, 31st, 1888*. In: JACOBS, Wilbur. *The Historical World of Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 77.

<sup>63</sup> BILLINGTON, Ray Allen. *The Genesis of the Frontier Thesis*. op. cit. p. 27-29.

era virtualmente ignorado pelo *status quo* historiográfico da Nova Inglaterra. Não raro o Oeste era visto como uma terra de bárbaros, e mesmo escritores consagrados como Fenimore Cooper e Washington Irving, autores de livros seminais sobre a região, não escondiam seu desgosto em relação aos *westerners* e seus hábitos.<sup>64</sup> Foi contra este descaso que Turner dirigiu suas energias, a ponto de afirmar, já no fim da vida, que a sua *frontier thesis* havia nascido de sua rebelião diante das idéias predominantes em Johns Hopkins e na Nova Inglaterra.<sup>65</sup> Em suas próprias palavras:

*"The frontier paper was a programme, and in some degree a protest against eastern neglect, at the time, of institutional study of the West, and Western antiquarian spirit in dealing with their own history."*<sup>66</sup>

Em que pese às diferenças teóricas, Herbert Adams foi uma espécie de mentor de Turner durante seu período em Baltimore. Turner serviu como seu assistente durante toda sua estadia, sendo seu substituto durante ausências e pela apresentação de trabalhos em seminários organizados por ele. Adams, em troca, foi responsável pela indicação do jovem à uma vaga de professor titular na Universidade Estadual de Wisconsin, em 1890. Também foi Adams que o indicou para o encontro da AHA, realizado em Chicago no ano de 1893, durante as celebrações dos 400 anos do Descobrimento – momento em que lançaria ao mundo seu mais importante ensaio, “*The Significance of the Frontier in American History*”. Ironicamente, o mestre haveria de prover as armas ao aprendiz que o destronaria dos altos postos acadêmicos.

Outra pessoa importante para sua posterior projeção nacional foi Woodrow Wilson, então um jovem professor de história. Wilson era um sulista e, assim como Turner, se incomodava com a arrogância dos *new-englanders* em relação às outras regiões do país. E, também como Turner, Wilson rejeitava a *germ theory* de Adams e considerava o Oeste como um ponto fundamental para a compreensão do desenvolvimento histórico dos Estados Unidos. O futuro mandatário magno considerava as instituições não como blocos monolíticos, mas como organismos que respondiam a determinadas condições do ambiente, alterando-se de acordo com as pressões

---

<sup>64</sup> ETULAIN, Richard. *Introduction*. In: ETULAIN, Richard (org.). *Writing Western History*. Reno: Nevada University Press, 2002. p. 2-3.

<sup>65</sup> BILLINGTON, Ray Allen. *The Genesis of the Frontier Thesis*. op. cit. p. 27.

<sup>66</sup> “*Meu trabalho sobre a fronteira foi um programa e, em certa medida, um protesto contra a negligência oriental em relação ao estudo das instituições do Oeste e contra o espírito antiquário com que os westerners lidavam com sua própria história*”. TURNER, Frederick Jackson. *Letter to Constance Lindsay Skinner. March 15th, 1922*. In: Idem. *Ibidem*. p. 208.



apresentadas por este. No final de sua vida, Turner dedicou as seguintes palavras a Wilson:

*"But all my ideas and ambitions were broadened and enriched by Woodrow Wilson's conversations and – though less so – by his lectures, expounding politics in a larger sense, discussing the evolution of institutions and constitutions as 'vehicles of life', as expressions of society and human beings rather than as formal and dead things. It kindled my imagination. His emphasis upon the idea by breaking the cake of custom left a deep impression upon me when I came to consider what part of the West had played. Mr. Wilson didn't apply the idea to the West, but he kindled my imagination by the general idea."*<sup>67</sup>

Tempos depois, o mestre retribuiria o favor. Wilson aplicou as principais idéias da teoria turneriana aos seus próprios trabalhos e, quando presidente, não se furtaria em fazer uso delas ao justificar as políticas expansionistas norte-americanas no Caribe e no Pacífico.

Turner defendeu sua tese de doutoramento no início de 1890, sob o título "*The Character of the Indian Trade in Wisconsin*", onde avaliava a importância do comércio entre índios e brancos na região de Wisconsin desde os anos de dominação francesa (século XVII – XVIII) até o início do século XIX, retomando, assim, o tema de suas pesquisas em Madison. Este trabalho demonstrava os passos iniciais do pensamento turneriano. Nele já estão claros os estágios de desenvolvimento social presentes na *frontier thesis*, além da ênfase no papel desempenhado pelos pioneiros comerciantes norte-americanos na região e seu papel como agentes civilizadores diante do ambiente hostil da fronteira. Em outras palavras, Turner já estava esquematizando os pontos norteadores de sua futura hipótese, ainda que de maneira tímida.<sup>68</sup> Com sua tese embaixo do braço, e com os preciosos contatos adquiridos em Baltimore, Turner voltou a Madison, onde assumiu o posto de professor titular de História na Universidade Estadual de Wisconsin, em substituição a William Allen, falecido em dezembro de 1889. A sua ida a Johns Hopkins, segundo Allan Bogue, significou que:

---

<sup>67</sup> "Todas as minhas idéias e ambições foram aumentadas e enriquecidas pelas minhas conversas com Woodrow Wilson e, um pouco menos, por suas palestras, em que expunha sua noção de política em um sentido amplo, discutia a evolução das instituições e constituições como 'veículos da vida', ou seja, expressões da sociedade e dos seres humanos e não meras coisas formais ou mortas. Isto acendeu minha imaginação. Sua ênfase na idéia do crescimento através do rompimento com os antigos hábitos deixou uma grande impressão em mim quando eu passei a considerar o papel exercido pelo Oeste em tal situação. O sr. Wilson não aplicou a idéia ao Oeste, mas acendeu minha imaginação com seu conceito." Idem. Letter to William E. Dodd. October 7th, 1919. In: Idem. Ibidem. p. 196.

<sup>68</sup> BOGUE, Allan. *Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 74-77.

*“He had become one of the members of the young elite of scholars in the social sciences that was emerging particularly from Johns Hopkins during the 1880's and 1890's, a group which laid the foundations of modern academia in their specialties.”*<sup>69</sup>

A emergente profissionalização da disciplina refletia-se em propalado abandono dos paradigmas literários que haviam norteado os historiadores da primeira metade do século XIX e a introdução de métodos derivados das Ciências Naturais nas Humanidades, exemplificada nas teorias de Herbert Adams. Ecoando a máxima de Leopold Ranke de que os historiadores deviam relatar os fatos *wie es eigentlich gewesen*, os professores de Johns Hopkins estabeleceram parâmetros pelos quais as pesquisas deveriam se nortear para merecer o epíteto de ‘história científica’.<sup>70</sup> A expansão do ensino universitário e a configuração da disciplina em outros termos que não os da geração “romântica” determinou a sua preponderância na escolha de temas e objetos “dignos” de serem estudados.

## 1.2. De Madison a Harvard

Entre 1890 e 1893 Turner pôde maturar a sua teoria através de seus seminários sobre História Americana, onde apontava para o papel desempenhado pelo Oeste na forja dos Estados Unidos. Além disso, Turner também passou a escrever *reviews* para publicações diversas, além de se engajar em uma série de palestras itinerantes para pequenas comunidades do interior do Estado e professores secundários. Foi de uma dessas exposições que nasceu sua primeira publicação relativamente importante, “*The Significance of History*”, publicado no *Wisconsin Journal of Education* em outubro de 1891, inaugurando a predileção de Turner por pequenos ensaios analíticos. Nele, o historiador profeticamente anunciava que a história dos Estados Unidos ainda estava por ser escrita. Segundo ele, o país ainda não se conhecia.<sup>71</sup>

---

<sup>69</sup> “Ele havia se tornado um dos membros da pequena elite de doutos nas ciências sociais que emergiu de Johns Hopkins durante os anos 80 e 90 do século XIX, um grupo que estabeleceu as fundações da academia moderna em suas especialidades”. Idem. Ibidem. p. 52.

<sup>70</sup> APPLEBY, Joyce; HUNT, Lynn & JACOB, Margaret. *Telling the Truth about History*. New York: W. W. Norton, 1994. p. 73-74.

<sup>71</sup> TURNER, Frederick Jackson. *The Significance of History*. In: FARAGHER, John Mack (org.). *Rereading Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 27.

Foi com o intuito de esclarecer seus conterrâneos que Turner escreveu um pequeno artigo chamado "*Problems in American History*", publicado em junho de 1892 no jornal "*Aegis*", da Universidade Estadual do Wisconsin. Nele, o jovem professor avançava vários dos elementos principais da *frontier thesis*, incluindo a noção da fronteira como a linha de efetiva americanização do colono e seus efeitos na estrutura da sociedade norte-americana. Além disso, ele reafirmava suas críticas a *germ theory* e enfatizava a necessidade de estudar os aspectos realmente autóctones da história do país.<sup>72</sup> Embora não tenha sido divulgado de maneira mais ampla, "*Problems in American History*" marcou o momento primeiro da exposição do que viria a ser sua teoria mais famosa.

Mas a grande chance para Turner poder afirmar seu próprio modelo para a história americana só viria em 1893, durante a *World's Columbian Exposition* em Chicago. Esta exposição foi montada como uma grande celebração aos quatrocentos anos da Descoberta da América e transformou-se em um verdadeiro manifesto da 'superioridade' americana em relação ao Velho Mundo. Enquanto a Europa afundava-se na miséria, na pobreza, na divisão e nas guerras, a América anglo-saxônica investia no trabalho árduo de seus habitantes, na união nacional e na paz - valores refletidos na construção da 'Cidade Branca', um grande complexo no centro da exposição. Este quadro, evidentemente, estava longe de representar a conjuntura de então. Sucessivas crises econômicas nas décadas de 70 e 80 culminaram com o 'Grande Pânico de 1893', que atirou mais de seis milhões de norte-americanos à pobreza extrema. Milhares de pequenas empresas faliram e a concentração econômica nas mãos das grandes corporações do aço e das ferrovias impedia que a tão propalada competitividade da economia estadunidense pudesse ser posta em prática. Além disso, tanto negros quanto índios e operários ficaram de fora desta sacrossanta 'união' nacional. Em nenhum momento e em nenhum lugar da Cidade Branca encontram-se referências a eles. Não era a América de pele escura e de mãos calejadas que estava comemorando. Era os Estados Unidos dos bons cristãos, das boas famílias e dos bons anglo-saxões. Os outros estavam do lado de fora da festa. Como afirma Richard Slotkin:

*"The building of the White City followed two decades of slack employment, the increasing oppressiveness of workplace conditions, declining standards of living, and intensified union-*

---

<sup>72</sup> BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 82-86.

*busting. It coincided with Panic of 1893 and a national business contraction, with 'labor wars' in Colorado and in the Couer d'Alenes and the Homestead steel mills, and with the Johnson County War of small ranchers against a private army hired by the big cattleman of the Wyoming Stock Growers Co. ”*<sup>73</sup>

Ironicamente, em julho de 1894, a Cidade Branca seria destruída em um incêndio causado por ferroviários em greve. Em poucas horas, a utopia anglo-saxônica, branca e protestante de um mundo sem negros, índios e operários foi reduzida a cinzas.<sup>74</sup>

Foi neste ‘oásis’, para usar a expressão de Alan Trachtenberg<sup>75</sup>, que Frederick Turner apresentou sua *frontier thesis*. A recepção de seu trabalho foi, contudo, fria. Ray Billington descreve a cena:

*“It had little impact on the audience that remained as that interminable session came to an end. Those who had not departed or been lulled into indifference by listening to five lengthy addresses were so tuned to the belief that germs of American institutions were generated in the forests of medieval Germany that they simply not comprehend a doctrine that flew in the face of all tradition and 'common sense'.”*<sup>76</sup>

De fato, a recepção a *frontier thesis* não foi significativa nos meses que seguiram. Frederick Turner enviou manuscritos a alguns dos mais renomados cientistas sociais e historiadores do país, mas poucas foram as respostas e, daqueles que se dignaram a responder, raros foram os comentários positivos. Em geral, os respondentes se mantiveram em uma posição de neutralidade. Um dos poucos entusiasmados com o ensaio foi Theodore Roosevelt, político nova-iorquino e historiador dileitante com suas próprias convicções sobre a conquista do Oeste, que dedicou as seguintes palavras a seu colega:

---

<sup>73</sup> “A construção da Cidade Branca seguiu duas décadas de emprego diminuto, de piora nas condições de trabalho, da diminuição dos padrões de vida e de sabotagem nos sindicatos. Ela coincidiu com o Pânico de 1893 e a decorrente contração comercial, com as ‘guerras operárias’ no Colorado, no Couer d’Alenes e nas fábricas de aço Homestead, e com a guerra entre pequenos rancheiros e o exército privado contratado pelos latifundiários da Wyoming Stock Growers Co.”. SLOTKIN, Richard. *The Gunfighter Nation*. op. cit. p. 65.

<sup>74</sup> TRACHTENBERG, Alan. *The Incorporation of America*. op. cit. 223-224.

<sup>75</sup> Alan Trachtenberg assim descreve a feira: “an oasis of fantasy and fable in a time of crisis and violence”. (“um oásis de fantasia e fábula em uma era de crise e violência”). Idem. Ibidem. p. 209.

<sup>76</sup> “Ela teve um impacto pequeno na audiência que resistiu àquela interminável sessão. Aqueles que não haviam ido embora ou não haviam caído no sono estavam tão presos à crença de que os ‘germes’ das instituições norte-americanas haviam sido gerados nas florestas da antiga Germânia que eles simplesmente não podiam compreender uma doutrina que rompia com toda a ‘tradição’ e o ‘senso comum’.” BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 129.

*"I have been greatly interested on your pamphlet on the frontier. It comes at the right time for me, for I intend to make use of it in writing the third volume of my 'Winning the West', of course making full acknowledgment. I think you have struck some first class ideas, and have put into definite shape a good deal of thought which has been floating around rather loosely."*<sup>77</sup>

Em setembro de 1893, Turner apresentou o texto para seus colegas em Madison e em dezembro do mesmo ano ele publicou-o no boletim anual da Sociedade Histórica de Wisconsin. Somente em fins de 1894 o artigo seria publicado na revista da AHA. Neste dois anos, a aceitação de sua teoria foi pouco significativa. Esta situação só mudaria com a ampla divulgação resultante da publicação no periódico da Associação e das constantes palestras itinerantes que dava. Em fins da década, a *frontier thesis* já estava sendo utilizada por um grande número de profissionais em todos os Estados Unidos, desde professores primários até docentes acadêmicos.<sup>78</sup> Uma das pessoas mais importantes para este prestígio foi Woodrow Wilson, que ajudou a divulgar a *frontier thesis* em Princeton, universidade onde lecionava, e entre seus colegas do *status quo* universitário. Wilson não tardou em incorporar algumas das premissas turnerianas em um de seus estudos lançados na época, além de ter feito uma resenha de suas análises para o boletim da AHA, em 1895, com o sugestivo nome de "*The Proper Perspective on American History*".<sup>79</sup>

Com a fama, vieram os convites para trabalhar em lugares prestigiosos, como Princeton e Stanford, ambos recusados por Turner. O principal argumento do historiador referia-se não só a seus laços afetivos com o Meio-Oeste, mas também às condições de trabalho que a Universidade Estadual lhe proporcionava.<sup>80</sup> O *westerner* temia que as outras universidades não lhe dispusessem o material de trabalho necessário para as suas pesquisas. O medo de que os estudantes do Leste não aceitassem ou não se interessassem pela história do Oeste também servia para determinar a escolha de Turner

---

<sup>77</sup> "Me interessei muito pelo seu texto sobre a fronteira Ele veio em boa hora para mim, pois pretendo utilizá-lo na elaboração do terceiro volume de minha série sobre a conquista do Oeste, com o devido reconhecimento. Eu acho que você apresentou algumas idéias brilhantes, tendo dado forma a algo que já estava 'no ar' por um bom tempo." ROOSEVELT, Theodore apud CARPENTER, Ronald H. *The Eloquence of Frederick Jackson Turner*. San Marino: Huntington, 1983. p. 72

<sup>78</sup> BOGUE, Allan. *Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 113.

<sup>79</sup> NASH, Gerald. *Creating the West*. op. cit. p. 9.

<sup>80</sup> Segundo Peter Novick, um dos motivos para Turner não ter aceitado o convite de Wilson teria sido uma suposta rejeição à ortodoxia protestante reinante entre o Conselho de Regentes de Princeton, por parte do historiador. Turner era agnóstico. Ver: NOVICK, Peter. *That Noble Dream*. op. cit. p. 66.

em permanecer em Madison. Em uma carta destinada a Woodrow Wilson, portador do convite de Princeton, Turner escreveu o seguinte:

*“I have made for myself a field of study in western history, and if nothing unforeseen happens, I ought to grow more influential in this field as I grow older. There is an abundant opportunity for investigation here, and my library and myself have become in a way adjusted to this problem. There are so few students in this field that it would be a matter for regret to have them diminished even by one.”*<sup>81</sup>

Aqui, evidentemente, está posta uma questão institucional que pode ajudar a desvelar alguns dos meandros de seu tipo de escrita da história. A *frontier thesis*, como originalmente concebida, foi fruto de um historiador marginal, localizado em uma universidade marginal, e, dentro desta perspectiva, se configurou como algo inovador, justamente por estar livre das pressões exercidas em universidades maiores, como Yale, Princeton ou Harvard. A falta de uma tradição ligada a *germ theory* e a presença de professores que desafiavam alguns dos cânones deste tipo de historiografia permitiram que Turner desfrutasse de uma certa liberdade em relação aos postulados presentes em seus marcos. Sua migração ao Leste poderia significar o fim desta possibilidade de livre escolha e a obrigatoriedade de concorrência com outros historiadores e cientistas sociais. Em Madison, Turner possuía um acordo que lhe permitia pesquisar durante dois dias por semana, sem prejuízo de pagamento, além de ser o chefe de departamento e principal orientador de teses e dissertações.<sup>82</sup> A possibilidade de ser o grande nome de um departamento moldado de acordo com suas premissas e necessidades certamente deveria falar mais alto do que ser um mero coadjuvante em uma universidade maior. Pois, se é bem verdade de que já em 1896 sua tese dispunha de um grande prestígio, é também verdade que ela só seria realmente dominante na academia na década seguinte. A mudança para o Leste, ou para a Califórnia, poderia significar o fim dos privilégios que Turner gozava em uma universidade menor. E esta proeminência acabou se refletindo na constituição de um departamento à imagem e semelhança do *western historian*.

---

<sup>81</sup> “Eu criei uma área de estudo no campo da história do Oeste e, se nada de imprevisto ocorrer, devo me tornar mais influente nela com o passar dos anos. Aqui existem abundantes oportunidades para a investigação e tanto eu quanto minha biblioteca já estamos perfeitamente ajustados à situação. Existem tão poucos estudantes neste campo que seria uma pena que diminuíssem, mesmo que em um.” TURNER, Frederick Jackson. *Letter to Woodrow Wilson, November 8th, 1896*. In: JACOBS, Wilbur. (org.). *The Historical World of Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 27.

<sup>82</sup> BOGUE, Alan G. *Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 120-125.

Nos anos que se seguiram, a carreira acadêmica de Turner foi sedimentada de maneira extremamente positiva. Ele estabeleceu seu lugar como o principal expoente do que chamavam, à época, de ‘Escola Histórica de Wisconsin’, voltada para os fatores econômicos e sociais da história americana, e consolidou seu papel como principal professor de Madison e um dos mais importantes historiadores do país. Graças a isto, Turner pôde perambular por diferentes lugares do país, lecionando nos cursos de verão das prestigiosas universidades, como Harvard e Berkeley, durante todo seu período em Madison.<sup>83</sup> Através de sua administração como chefe do departamento, a Escola de Ciências Humanas de Wisconsin tornou-se o principal pólo de formação de historiadores em todo o país, superando as universidades tradicionais. Entre 1900 e 1910, os principais historiadores do país haviam sido orientados por Turner e por ele indicados a vagas acadêmicas em todo o país. Em outras palavras, Frederick Turner foi um agente ativo no quadro de profissionalização da disciplina nos Estados Unidos.<sup>84</sup> Comentando sobre o fato, um de seus estudantes, Clarence Alvorson, fez a seguinte declaração: “*out of his seminar at Madison have come almost all of the men who are today reinterpreting American history from the new viewpoint first established by this pioneering scholar*”.<sup>85</sup> A *frontier thesis* foi a doutrina que definiu os parâmetros pelos quais a História foi configurada na América do começo século XX. Mesmo historiadores especializados em temas tão diversos quanto imigração e urbanização, como Marcus Hansen e Arthur Schlesinger Sr., não escondiam que a teoria turneriana havia sido o grande motor de suas pesquisas históricas.<sup>86</sup>

A situação aqui posta demonstra, então, o papel desempenhado pelas instituições nas definições de possibilidade de um tipo de escrita histórica, derivada de uma prática específica. A *frontier thesis* onipresente da aurora do século XX determinava uma série de especificidades escriturárias e institucionais para uma profissão que ainda dava seus primeiros passos. Em geral, a ordem passava a ser um tipo de história adequada às necessidades de um país em um processo de mudanças sem iguais e da afirmação da História como uma disciplina à parte no universo acadêmico, estabelecendo, assim,

---

<sup>83</sup> Durante a primeira década do século XX não houve um verão em que Turner não estivesse envolvido com algum curso rápido em diferentes universidades do país. Ver: BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 238-240.

<sup>84</sup> Idem. Ibidem. p. 233-258.

<sup>85</sup> “*De seu seminário em Madison vieram alguns dos homens que estão reinterpretando a história norte-americana à luz do ponto de vista primeiramente estabelecido por aquele professor pioneiro*” Idem. Ibidem. p. 251.

<sup>86</sup> Idem. Ibidem. p. 490-494.

normas e critérios para a ‘boa conduta’ historiográfica. A História separa-se tanto da Literatura, com a rejeição da narrativa como fator importante para os historiadores, quanto dos modelos ingênuos das Ciências Naturais, que engessavam a pesquisa e negavam à História sua lógica própria. Assim, se abandonava a *germ theory* por um modelo que admitia a possibilidade de diversos fatores para o desenvolvimento do processo histórico.

Nestes anos, Frederick Turner fez uso dos mais diversos instrumentos de divulgação para seu trabalho, escrevendo, principalmente, em revistas acadêmicas e publicações leigas, como a *Atlantic Monthly*, de quem se tornou articulista entre 1903 e 1910, ainda que escrevesse esporadicamente. Neste aspecto, em dúvida, Turner se diferencia do historiador convencional. Embora estivesse sempre pesquisando e buscando novas fontes para seus trabalhos, ele escrevia muito pouco. Se compararmos a quantidade de escritos seus publicados em vida com os de outros autores contemporâneos, como Charles Beard, o resultado é assombroso. Em pouco mais trinta anos como profissional, Turner publicou somente um livro ("*Rise of the New West (1809-1919)*", lançado em 1906)<sup>87</sup> e um pouco mais do que trinta artigos, em sua maioria adaptações de palestras. Em compensação, em seus arquivos pessoais foram encontrados mais de cinquenta esboços de livros e ensaios, indicando uma incapacidade crônica de finalizar seus trabalhos em tempo hábil para a publicação.<sup>88</sup> Aliás, a briga de Turner com seus editores foi uma constante em sua carreira, principalmente após sua ida a Harvard.<sup>89</sup> Uma das hipóteses levantadas para tal ‘mistério’ foi a trágica perda de seus dois filhos menores em 1900.<sup>90</sup> De fato, após esta data a produção de Turner caiu consideravelmente, mas nada que pudesse ser considerado anormal para um homem em

---

<sup>87</sup> "*Rise of the New West (1819-1829)*" foi publicado sob os auspícios de Albert Bushnell Nart, famoso editor nova-iorquino, para a sua série "*American Nation*", composta por vinte e oito volumes. A função desta coleção era fornecer um retrato de vários momentos da história norte-americana, em livros escritos diferentes por autores. A Turner coube à descrição do momento em que democracia pioneira havia sido institucionalizada por Andrew Jackson, em seus ataques às classes privilegiadas da Nova Inglaterra e do Sul, e que o Oeste surgia como uma seção separada do Leste e do Sul. A obra enfatiza as condições políticas de tal situação, como as ações parlamentares e o papel desempenhado pelos homens públicos neste processo, mas as condicionando pela existência de uma linha de fronteira que tornou possível tal situação. TURNER, Frederick Jackson. *The Rise of the New West (1819-1829)*. New York: Collier Books, 1962.

<sup>88</sup> JACOBS, Wilbur. *Introduction*. In: JACOBS, Wilbur. (org.). *The Historical World of Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 3-4.

<sup>89</sup> Ver, por exemplo, a ampla correspondência entre o historiador e seus editores. In: Idem. *Ibidem*. p. 188-193.

<sup>90</sup> HOFSTADTER, Richard. *The Progressive Historians*. op. cit. p. 176.



tais condições, pois ele continuou a publicar seus ensaios e dar suas palestras, ainda que em um ritmo menor do que anteriormente.

Uma outra explicação, fornecida pelo próprio Turner, era a sua constante falta de tempo, já que as atividades docentes e administrativas ocupavam boa parte de sua rotina. Sobre isso, contudo, escreve Wilbur Jacobs:

*“He complained constantly that the American university system failed to provide sufficient time for research and that it stifled the creative energies of younger teachers with too heavy a load. Yet year after year Turner took long summer vacations during which he indulged his passion for fishing. His complaint seems, therefore, at least in part an attempt to rationalize his own lack of productivity”.*<sup>91</sup>

Se por um lado Turner era um professor extremamente atarefado, por outro ele era possuidor de uma verdadeira desconfiança em relação às possibilidades de que a narrativa pudesse apresentar a pesquisa ao leitor de maneira pura e direta. O problema de sua falta de produtividade não parece, então, estar tão ligada assim à sua pesada agenda acadêmica, mas sim a esta questão das limitações inerentes à própria escrita da história. Em seu seminário, Turner ensinava um método extremamente empírico, fazendo os alunos irem direto às fontes, mas os desencorajava a escrever – uma pesquisa apresentada de maneira narrativa seria, para ele, sempre incompleta.<sup>92</sup> Além disso, sua ênfase na multiplicidade de fatores importantes para o desenvolvimento do processo histórico, o levava a pesquisar exaustivamente qualquer tema que fosse, tentando levar em consideração seus aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais. Como era de se esperar, suas investigações acabavam se perdendo em um longo labirinto de questionamentos, sem que elas pudessem ser efetivamente concluídas. A consequência lógica para tal comportamento está expressa na já referida grande quantidade de material incompleto encontrado em seus arquivos pessoais.

Esta resistência à escrita, aliado a outros fatores, acabou engendrando dois problemas básicos para Turner. Em primeiro lugar, verifica-se uma progressiva

---

<sup>91</sup> “Ele reclamava constantemente que o sistema universitário norte-americano não fornecia o tempo suficiente para a realização de pesquisas e que isto asfixiava a criatividade dos jovens professores, comprometidos com uma grande carga horária letiva. Apesar disso, ano após ano Turner tirava longas férias durante as quais ele se divertia com sua paixão pela pesca. Sua reclamação, portanto, parece em parte uma tentativa de racionalizar sua própria falta de produtividade.” JACOBS, Wilbur. *The Historical World of Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 174.

<sup>92</sup> Idem. *Ibidem*. p. 175.

repetição de temas e assuntos em seus textos. Se até meados da primeira década do século XX, a *frontier thesis* apresentava-se como uma teoria em desenvolvimento, vívida e vigorosa, nos anos que se seguiram ela passa por um processo bastante peculiar de fossilização. Os escritos de Turner no pós-1910 são repetições quase exaustivas de suas premissas mais famosas, apresentando pouca inovação teórica, com uma e outra exceção. A hipótese para tal incessante repetição é, para além das questões institucionais e conjunturais, que serão debatidas no próximo ponto, é uma necessidade quase que ferrenha de ser reconhecido como o criador da *frontier thesis* e como o grande inovador da historiografia norte-americana. Max Farrand, um de seus amigos mais íntimos, escreveu, quase em tom de súplica, que Turner deveria escrever e publicar mais, na medida em que muitos de seus discípulos estavam tomando o crédito por uma invenção sua. As palavras são claras: "*for goodness sake, hurry up and get out some of those western history books written!*".<sup>93</sup> Aliás, o mau-uso de sua teoria por alguns de seus alunos o levou, alguns anos mais tarde, a fazer algumas considerações sobre a petrificação de seus marcos: "*my use of the frontier concept has been misunderstood by readers who are careless*".<sup>94</sup>

### 1.3 De Harvard a San Marino

A saída de Turner de Madison marca, paradoxalmente, o fim de seu período mais brilhante enquanto historiador justamente no momento em que se encontrava alçado aos píncaros da glória acadêmica, além de mostrar os limites impostos à profissionalização da disciplina nos Estados Unidos. Ela se deu quando da tentativa de enquadrar a Escola de Ciências Humanas da Universidade Estadual em um modelo que privilegiaria as ciências práticas ao custo do enfraquecimento das humanas. O ataque partiu do Conselho Universitário, disposto a diminuir as horas de pesquisa de todos os professores, e não só de Turner, e de diminuir as verbas destinadas ao departamento de História, entre outros. Além disso, buscou-se a intervenção direta nos conteúdos programáticos, sob o pretexto de inferir sobre a quantidade de dinheiro gasto pelos

---

<sup>93</sup> "*Pelo amor de Deus, escreva alguns daqueles livros sobre a história do Oeste!*" BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 207.

<sup>94</sup> "*Meu uso do conceito de 'fronteira' não tem sido compreendido por alguns leitores desatentos.*" TURNER, Frederick Jackson. *Letter to Arthur Schlesinger, May 5th, 1925*. In: JACOBS, Wilbur. *The Historical World of Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 163.

docentes, mas que, na verdade, buscava “purificar” a instituição das idéias radicais que propunham alguns de seus profissionais.<sup>95</sup> Ainda que Turner não estivesse incluído nesta lista, tais ingerências foram vistas por ele com uma enorme desaprovação. Ele, enquanto chefe departamental, não estava disposto a ceder aos desmandos do Conselho.<sup>96</sup> Após um longo conflito entre os conselheiros e o historiador de Portage, que muitas vezes quase se transformou em agressão física pura e simples, Frederick Turner decidiu abandonar Madison.<sup>97</sup> A pergunta que deveria ser feita era apenas à qual dos convites ele aceitaria: o da de Universidade de Berkeley, na Califórnia, ou o de Harvard, na Nova Inglaterra que tanto desprezara o Oeste?

A Universidade de Berkeley já vinha sondando Turner desde 1908, com propostas de um salário maior e da chefia do departamento de História. As constantes negativas não dissuadiram o reitor Benjamin Wheeler a desistir. Para o pai da *frontier thesis* a possibilidade de deixar Madison era, naquele momento, nula. Foi só quando os conflitos com o Conselho se tornaram cada vez mais violentos que o historiador considerou seriamente a hipótese de aceitar a proposta de Berkeley. Além disso, a saúde de sua esposa enfrentava problemas sérios, graças ao clima gélido de Wisconsin, e a possibilidade de uma vida em paragens mais aprazíveis tentou Turner. Tanto que ele escreveu as seguintes palavras para seu amigo Max Farrand, em 1909: “*I had been on the edge of accepting a call to U. of California; - in fact, had practically decided to accept*”.<sup>98</sup>

---

<sup>95</sup> Um dos visados era Richard Ely, professor de Economia e amigo íntimo de Turner. Em 1894, ele já havia sido denunciado por um deputado estadual por “estimular” idéias socialistas entre seus alunos, mas havia sido absolvido pelo Conselho. Em 1908 Ely foi novamente alvo de críticas por suas idéias “exóticas” e por seu regime de trabalho que favorecia a pesquisa muito mais do que as aulas. O economista não foi demitido, mas teve aumentada sua carga horária em sala de aula e passou a ser “vigiado” pelo Conselho. BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 249-250.

<sup>96</sup> Idem. *Ibidem*. p. 249-253.

<sup>97</sup> A atuação dos conselheiros de Madison mereceu uma sutil reprimenda de Turner em um de seus artigos. Segundo ele, a universidade estadual “*must not sacrifice the higher efficiency for the more obvious but lower efficiency. It must have the wisdom to make expenditures for results which pay manifold in the enrichment of civilization, but which are not immediate and palpable*”. (“*não deve sacrificar uma maior eficiência diante de uma mais óbvia mas menor. Ela deve ter a sabedoria de se dedicar aos resultados que enriquecem a civilização, mas que não são imediatamente palpáveis*”). In: TURNER, Frederick Jackson. *Pioneer Ideals and State University*. In: *The Frontier in American History*. op. cit. p. 284.

<sup>98</sup> “*Eu tenho tencionado aceitar o convite feito pela Universidade da Califórnia- aliás, acho que já o aceitei*”. Idem. *Letter to Max Farrand, October, 29th, 1909*. In: JACOBS, Wilbur. *The Historical World of Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 45-46.

Esta decisão, no entanto, não se consumaria. Em novembro de 1909, um antigo amigo e professor de Harvard, Charles Haskins, sabendo de sua ida à Califórnia, escreveu a Turner pedindo que adiasse a mudança. O motivo era tentar assegurar ao nativo de Wisconsin um lugar no corpo docente da prestigiosa universidade. Harvard estava experimentando um progressivo declínio no número de estudantes interessados em História e Haskins acreditava que a ida de Turner para aquela instituição poderia reverter o quadro. Mais, o departamento de História já estava equipado o suficiente para atender os pré-requisitos de um historiador de tal magnitude e poderia se pensar em um arranjo similar àquele de Madison, onde Turner dedicar-se-ia exclusivamente a suas atividades de pesquisa durante um certo período do ano. As negociações se estenderam por mais um mês. Em dezembro de 1909, para desgosto de Benjamin Wheeler e seus colegas, Turner decidiu aceitar a proposta de Harvard. A razão para a súbita mudança de planos era justamente as possibilidades de pesquisa que ele poderia encontrar em Harvard. Em Berkeley, a tarefa seria de construir um departamento praticamente do nada, enquanto que na Nova Inglaterra ele poderia tirar proveito de uma ampla biblioteca e de uma formidável estrutura docente ausente na instituição californiana. Ele escreveu a sua esposa, quando da aceitação do convite, algumas palavras que não negam sua falta de disposição para enfrentar o desafio de Berkeley: “*my pioneering days are over*”.<sup>99</sup>

A ida a Harvard coincidiu com sua eleição para a presidência da AHA, para o biênio 1910-1911. Durante os anos anteriores, Turner esteve engajado nas atividades da Associação, fosse como membro do conselho administrativo da instituição, fosse como vice-presidente, no biênio anterior. A principal meta da AHA neste período foi um amplo levantamento de toda documentação localizada nos arquivos do Poder Executivo para fins de futura publicação. O projeto, contudo, não sensibilizou o Congresso norte-americano, que se recusou a liberar fundos para o empreendimento. A AHA também editou manuais de auxílio para professores primários e secundários, sugerindo leituras e métodos de ensino.<sup>100</sup> Não de se surpreender, portanto, que a bibliografia e as técnicas recomendadas ecoassem as premissas da *frontier thesis*. Segundo David Murdoch, aproximadamente noventa por cento dos livros escolares publicados no período traziam a fronteira como elemento definidor da experiência norte-americana. Mesmo livros

---

<sup>99</sup> “*Meus dias de pioneiro terminaram*”. BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 252-253.

<sup>100</sup> BILLINGTON, Ray Allen. op. cit. p. 189.

publicados antes de 1893 foram modificados para incluir o Oeste em seus textos.<sup>101</sup> As atividades da AHA no período também ajudaram a conformar a condição de ‘mito historiográfico de origem’ da *frontier thesis* através de um aparelho institucional que operou como legitimador para tal escrita da história.

Antes de ser um processo ‘natural’ de modificação do tipo de historiografia, mesmo aquela não-acadêmica, feita até então nos Estados Unidos (como parece demonstrar Gerald Nash e seu impreciso conceito de ‘ecologia social’ para a análise da teoria turneriana)<sup>102</sup>, isto se dá a partir de meandros implícitos, mas cujos contornos podem ser muito bem definidos. A escrita da história turneriana se impõe a outras em um jogo de persuasão e exclusão, como parece ficar claro no caso dos livros didáticos expostos acima, pois mesmo aqueles que não haviam sido escritos a partir de suas premissas são obrigados a se adaptar.

A poderosa influência de Turner continuou mesmo após o fim de seu mandato como presidente da AHA. Ele permaneceu como membro vitalício do conselho editorial da associação, o que lhe dava amplos poderes para rejeitar ou aceitar artigos para o órgão editorial da AHA, a *American Historical Review*, e para determinar a política oficial da instituição. Além disso, teve um papel destacado na atuação do *National Board for Historical Studies* (NBHS), órgão ligado a AHA e ao governo norte-americana para fins de propaganda durante a Primeira Guerra. O NBHS pretendia demonstrar, através do estudo da história, que a América estava certa em lutar contra o autoritarismo alemão, graças aos seus valores democráticos e liberais.<sup>103</sup> Mas isto não significa que o velho ‘Fritz’ não tenha conhecido derrotas. Duas, talvez, sejam as mais significativas.

A primeira foi a oposição encontrada na própria AHA quando da montagem de uma comissão permanente sobre a história do Oeste em Harvard, sob sua coordenação, em 1913. Financiada por Alice Perkins Hooper, amiga íntima de Turner e filha de um magnata da indústria ferroviária, o projeto tinha por finalidade contar a história da

---

<sup>101</sup> MURDOCH, David. *The American West: the invention of a myth*. Reno: University of Nevada Press, 2001. p. 79.

<sup>102</sup> Este conceito implica em uma visão muito mecânica das mudanças dos diferentes tipos de enunciado histórico, onde estas são vistas como meros reflexos dos contextos sociais onde sta inseridas, sem uma maior problematização dos outros elementos envolvidos no processo. Ver NASH, Gerald. *Creating the West*. op. cit. p. VII e 15.

<sup>103</sup> Sobre a atuação do NBHS, ver NOVICK, Peter. *That Noble Dream*. op. cit. p. 111-133.

marcha a Oeste através de objetos que haviam pertencido às pessoas que se aventuraram em tal epopéia, além de um amplo arquivo e biblioteca para os possíveis interessados. Tudo bem, se não fosse por dois detalhes. Em primeiro lugar, havia um ressentimento muito grande nas terras além do Mississipi para com a família de Alice. Seu pai era visto como um capitalista que havia enriquecido através da exploração dos *westerners* e da manipulação da concorrência, além de suas obras terem custado a vida de milhares de homens. Isto se refletiu na pouca disposição das famílias contatadas em participar da empreitada de Turner.<sup>104</sup>

Em segundo lugar, a realização da exposição em Harvard, na Nova Inglaterra, e não em algum lugar do Oeste, também ofendeu os bríos de alguns historiadores e políticos da região. Quando Turner entrou em contato com a *Nebraska Historical Society*, com o intuito de pedir a cessão de alguns materiais para a mostra, a resposta foi um sonoro ‘não’. Este foi apenas um exemplo das muitas negativas ouvidas por ele à época.<sup>105</sup> Isto não significou o fim da comissão, mas deu mostras de que mesmo a influência de Turner tinha limites. Até a AHA, aonde desfrutava de invejável posição, expôs suas visões bastante pessimistas acerca do sucesso da comissão.<sup>106</sup>

A segunda derrota enfrentada foi resultado direto de uma rebelião nascida no seio da AHA, em 1915. A Associação era controlada de maneira quase oligárquica pelo conselho e pela presidência. O *establishment* que comandava a organização operava através de mecanismos auto-perpetuantes. Os principais cargos apenas mudavam entre os membros deste próprio grupo:

*"All officers were chosen by a nominating committee that was itself selected by the executive council; the second vice-president ascended automatically to the presidency and then to lifetime membership on the council; (...); the six-man board of editors of the American Historical Review suggested its own replacements which were automatically confirmed by the council. In fact the association was governed by two or three dozen professors in their senior years, for the ex-presidents who served for life on the council could outvote the six elected members".*<sup>107</sup>

---

<sup>104</sup> BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 300.

<sup>105</sup> Idem. Ibidem. p. 301.

<sup>106</sup> Idem. Ibidem.

<sup>107</sup> "Todos os mandatários eram escolhidos por um comitê que era, por sua vez, escolhido pelo conselho executivo; o segundo vice-presidente ascendia automaticamente à presidência e à condição de membro vitalício do conselho; o grupo de seis editores da American Historical Review sugeria seus próprios

Além disso, a revista da Associação era de propriedade exclusiva de seu conselho editorial, que geria as finanças da publicação, selecionava os articulistas e recebia toda a arrecadação das vendas em troca por seu trabalho. Turner era um membro ativo tanto do conselho editorial quanto do executivo e um dos mais influentes integrantes da AHA, se não o mais.

Foi contra este sistema que Frederic Bancroft, um jovem historiador empregado no Departamento de Estado norte-americano, se insurgiu. Sua principal meta era democratizar o acesso aos altos postos da AHA e tornar sua gestão financeira mais transparente, pois existiam suspeitas de que alguns integrantes do conselho estariam desviando dinheiro para fins pessoais. Bancroft conseguiu arregimentar um número considerável de contestadores, combatendo abertamente a direção da organização. Após meses de embate, Bancroft e seus seguidores conseguiram a realização de um número razoável de reformas na estrutura da AHA. Embora a 'oligarquia', como Billington os chama, não tivesse sido destronada completamente, seu poder foi consideravelmente diminuído. Ainda que Turner tivesse apoiado algumas das reformas, ele nunca escondeu seu desgosto com as mudanças implementadas e com os métodos de Bancroft (que incluíam, entre outras coisas, acusações de corrupção, ofensas pessoais e entrevistas sensacionalistas para a imprensa).<sup>108</sup>

Os principais artigos de Turner foram compilados e publicados em outubro de 1920, num volume intitulado "*The Frontier in American History*". Embora não fosse o grande livro esperado pelos seus admiradores, ou mesmo por ele, a compilação tornou-se seu *best-seller*. Assim como havia feito três décadas antes, o historiador, para desgosto de seus editores, distribuiu algumas cópias gratuitamente para personalidades acadêmicas e políticas. A recepção da obra não podia ter sido melhor: uma série de resenhas nos principais jornais e publicações do país elogiaram o trabalho entusiasticamente. A única crítica negativa veio de Charles Beard que, ao resenhar a publicação para o jornal *New Republic*, enfatizou todos os "erros" de Turner,

---

*substitutos, que eram automaticamente aceitos pelo conselho. De fato, a Associação era governada por duas dúzias de professores mais velhos, porque os votos de seus ex-presidentes, que eram membros vitalícios do conselho, pesavam mais do que os dois seis membros eleitos". BILLINGTON, Ray Allen. Tempest in Clio's Teapot: the American Historical Association rebellion of 1915. In: American Historical Review. vol. 78. n. 2. New York: April, 1973. p. 348.*

<sup>108</sup> Idem. Ibidem. p. 360-369.

contrapondo-os aos seus próprios "acertos".<sup>109</sup> O ataque de Beard não foi suficiente para diminuir as vendas do livro e, durante os cinco anos que se seguiram, ele vendeu mil cópias anuais, em média. Como afirma Billington, estes eram números bastante expressivos para um trabalho especializado.<sup>110</sup>

Frederick Turner continuou em Harvard até 1924, quando se aposentou. Uma saúde precária, a necessidade de descanso e a vontade de escrever mais e lecionar menos foram os principais motivos para sua decisão. Apesar desta disposição, nenhum dos últimos desejos se concretizou. Convidado no mesmo ano para ser diretor da Biblioteca Huntington, na Califórnia, Turner aceitou a proposta. Seu objetivo era ficar mais perto de algumas fontes preciosas possuídas pela biblioteca, para, assim, poder escrever seu *magnum opus*. Esta, contudo, permaneceu inacabada. A debilitação de seu estado físico, além da incapacidade crônica de conseguir passar para o papel o resultado de suas pesquisas, impediu que a obra finalmente viesse à tona. Quando um ataque cardíaco lhe ceifou a vida, em 14 de março de 1932, faltavam ainda dois capítulos para a sua conclusão. O tempo, de que tanto havia reclamado, mais uma vez lhe foi traiçoeiro.<sup>111</sup>

Com a morte de Turner, seus editores concordaram em publicar mais uma coletânea de artigos, desta feita sobre as seções do país. Estes escritos estavam incompletos, mas o amigo e historiador Max Farrand ajudou a organizar o material para publicação. Em janeiro de 1933, "*The Significance of Sections in American History*" foi publicado. E, dois anos mais tarde, o tão esperado livro de Turner foi lançado: "*The United States: the Nation and its Sections*", baseado nos diversos manuscritos incompletos do autor. As obras, contudo, não atraíram tanta atenção. A linguagem complicada, resultado das diversas interpolações feitas pelos editores; os raciocínios inacabados; a falta de conclusões e as análises inadequadas comprometeram a aceitação destas edições. Assim como, quarenta anos antes, "*The Significance of the Frontier in American History*" havia falhado em atrair a imediata atenção dos historiadores, seus novos livros também não foram bem-sucedidos de imediato. Desta vez, contudo, não haveria tempo suficiente e nem discípulos fiéis para a nova missão turneriana. A Crise

---

<sup>109</sup> Apesar destes ataques, Beard reconhecia em Turner o grande pioneiro da história econômica nos Estados Unidos, embora não compartilhasse de seus métodos e conclusões. Idem. *Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 360-61; p. 490.

<sup>110</sup> Idem. Ibidem. p. 362.

<sup>111</sup> Idem. Ibidem. p. 419.



de 29, e o fim do otimismo excepcionalista que havia perdurado até então, deslocou a atenção dos historiadores para outros fatores que não o Oeste ou a fronteira. A primazia turneriana na academia acabou sendo questionada firmemente e os novos trabalhos mereceram o ostracismo.<sup>112</sup>

Isto não significou, contudo, que a *frontier thesis* tivesse sido esquecida no âmbito extra-acadêmico. O presidente Herbert Hoover (1929-1933) usou as teorias de Turner para defender um retorno ao individualismo fronteiro durante os turbulentos anos de sua administração. Alguns anos antes, ele havia publicado o livro "*American Individualism*" onde explicitava sua admiração pelo professor de Harvard e louvava o espírito pioneiro da nação, defendendo que o progresso nacional não deveria vir através das mãos do governo, mas da iniciativa dos indivíduos. As obras de Turner eram longamente citadas no corpo do texto. De fato, quanto seu livro foi lançado, em 1922, Hoover enviou uma cópia ao historiador, que, em troca, lhe dedicou elogios significativos. Para o presidente, a *frontier thesis* não só demonstrava como os Estados Unidos haviam se tornado uma potência, mas também lhes apontava o caminho para o futuro.<sup>113</sup>

Os opositores do individualismo extremado também se ancoraram na *frontier thesis* para defender seus pontos de vista. Após a vitória de Franklin Roosevelt, e a subsequente implementação do New Deal, os turnerianos pró-intervenção governamental se fizeram escutar de maneira firme. Aliás, o próprio Franklin Roosevelt não era um estranho às idéias do velho historiador, tendo sido seu aluno em Harvard durante o curso de verão de 1902. De maneira similar às noções de Turner, Roosevelt ligava o aumento do intervencionismo estatal na economia ao fim das terras livres e da válvula-de-escape. Sem elas, somente um governo forte poderia fazer o papel de substituto da velha fronteira de oportunidades.<sup>114</sup>

Outra figura política importante do período e entusiasmado reformista foi Phillip LaFollete, governador de Wisconsin e uma das maiores lideranças do movimento

---

<sup>112</sup> NASH, Gerald. op. cit. p. 30-40. Sobre a *sectional thesis* de Turner ver: STEINER, Michael C. *Turner and Western Regionalism*. In: ETULAIN, Richard. *Writing Western History*. op. cit. p. 103-137.

<sup>113</sup> WROBEL, David M. *The End of American Exceptionalism*. op. cit. p. 100.

<sup>114</sup> Idem. Ibidem. p. 132-133.

progressista local.<sup>115</sup> Em seu discurso de posse, LaFollette citou nominalmente o historiador para defender a adoção de medidas intervencionistas por parte de sua administração. Para ele, o fim da fronteira significava que o país deveria *"find our freedom and make our opportunity through wise and courageous readjustments of the political and economic order of State and Nation to changed needs and conditions of our time"*.<sup>116</sup> Turner, um mês depois do discurso, fez um comentário um tanto desgostoso sobre este uso de suas teorias, já que não aprovava o 'radicalismo' de LaFollette.<sup>117</sup>

Alguns literatos e historiadores diletantes também revisitaram a *frontier thesis* em suas obras. Como disse Howard Lamar: *"what does help explain the continuing popularity of Turner's ideas, however, is the presence of a generation of famous novelists, poets, folklorists and journalists, who also embraced Turner's ideas and incorporated them into their writings"*.<sup>118</sup> Em tons que ecoavam a prosa turneriana, estes autores narravam a conquista do continente em termos otimistas, reconhecendo a importância do Oeste e seus heróis e lamentando o fim da fronteira como um mal terrível, porém necessário. De maneira menos 'científica' do que o mestre, estes escritores ajudaram a manter a popularidade de sua obra e a manter a *western history* na arena central de toda uma sorte de literatura extra-acadêmica. Vale a pena mencionar que alguns historiadores acadêmicos do período, que procuravam se afastar da sombra de Turner, rejeitaram suas obras como meras ficções ou romantizações da história americana. Ironicamente, muitos destes 'rejeitados', como Bernard DeVoto e Archibald

---

<sup>115</sup> O Partido Progressista de Wisconsin foi uma espécie de terceira força eleitoral durante as primeiras décadas do século XX. Foi fundado por Robert LaFollette, pai de Phillip, e possuía uma plataforma mais reformista do que qualquer um dos dois grandes partidos, defendendo a regulamentação da economia e a proteção aos trabalhadores e pequenos proprietários. O partido nunca teve uma base eleitoral forte fora de Wisconsin.

<sup>116</sup> *"Encontrar sua liberdade e fazer suas oportunidades através dos sábios e necessários reajustes da ordem política e econômica do Estado e da Nação, dadas as novas necessidades e condições de nosso tempo"*. Idem. Ibidem. p. 132.

<sup>117</sup> TURNER, Frederick Jackson. *February 8th, 1931*. In: BILLINGTON, Ray Allen (org.). *Dear Lady*. op. cit. p. 445.

<sup>118</sup> *"O que ajuda a explicar a popularidade das idéias de Turner é a presença de uma geração de famosos novelistas, poetas, folcloristas e jornalistas, que abraçaram as idéias de Turner, incorporando-as em seus próprios escritos"*. LAMAR, Howard. *Keeping the Faith: the forgotten generation of literary turnerians, 1920-1960*. In: HUTTON, Paul Andrew & RITCHIE, Robert C. *Frontier and Region*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1997. p. 233.

MacLeish, eram professores universitários respeitados no campo da Literatura Americana e dos Estudos Americanos.<sup>119</sup>

A recuperação historiográfica das premissas turnerianas se deu na década de 50, quando a Guerra Fria, a supremacia dos Estados Unidos no mundo ocidental e a descoberta de novas ‘fronteiras’ industriais operaram uma reconstrução da *frontier thesis* e das explicações calcadas no excepcionalismo da nação americana, através de autores como Ray Allen Billington e Martin Ridge. Sob o nome de ‘historiografia consensual’, estes historiadores modernizaram as teses de Turner e, uma vez mais, afirmaram a importância do Oeste para a construção da democracia estadunidense.<sup>120</sup> Fora do âmbito acadêmico, entretanto, a obra de Turner perdurou. A sua capacidade de criar uma identidade única para os norte-americanos, sua ressonância com boa parte dos mitos tão vividamente alimentados por eles e sua constante apropriação por diferentes parcelas da sociedade, de reformadores a industriais ligados ao *big-business*, a mantiveram viva como a ‘verdadeira’ explicação para os Estados Unidos da América.

---

<sup>119</sup> Idem. Ibidem. p. 234-235.

<sup>120</sup> DIPPIE, Brian. *American Wests: historiographical perspectives*. In: LIMERICK, Patricia Nelson; MILNER II, Clyde A. & RANKIN, Charles A. (org.). *Trails*. op. cit. p. 114-116.

## 2. CLIO VAI AO OESTE

Ao contrário do que enfatizaram alguns de seus críticos, Frederick Turner estava longe de ser um simples determinista econômico ou geográfico. Sua *frontier thesis* estava ancorada em percepções teóricas bastante sofisticadas, que o afastam do epíteto de 'documentalista' tradicionalmente associado aos historiadores do século XIX. Ele acreditava piamente na função social da profissão e na sua capacidade de prover respostas ao presente dos indivíduos, visto que passado e presente estavam dialeticamente interconectados na unicidade do devir histórico. Desta maneira, como veremos, Turner pôde introduzir um brando relativismo na academia norte-americana e refigurar a escrita da história para servir de esteio às ânsias de uma nação em crise.

Seu pensamento histórico não foi, contudo, exposto sistematicamente em seus artigos e palestras, ainda que possa ser percebido neles. Suas reflexões teóricas mais detalhadas estão em suas correspondências. Em suas cartas, elas vêm à tona de maneira mais sistemática, principalmente naquelas escritas no final de sua vida. São elas, portanto, que melhor fornecem o retrato do historiador enquanto um teórico e que guiam a primeira parte deste capítulo.

No segundo item, prendo-me à sua *frontier thesis*, expondo seus pressupostos principais, a partir de dos quatro principais escritos de Turner, mantendo em vista sua filiação a um arcabouço teórico mais amplo e buscando compreender como ele confere uma identidade nacional única para os Estados Unidos, a partir de sua experiência fronteiriça.

## 2.1. O pensamento histórico de Frederick Jackson Turner

Frederick Turner não era um teórico ou um filósofo, tendendo a ver com uma certa desconfiança qualquer tentativa de se estabelecer uma filosofia para a história. Como ele mesmo afirmou a um amigo: “*I have never formulated a philosophy of history, or of historical research*”.<sup>121</sup> Mas, segundo Ray Allen Billington, Turner esteve mais disposto a pensar sobre a história do que realmente gostaria de admitir.<sup>122</sup>

O pensamento histórico de Turner está enquadrado em um momento de crise do antigo modelo evolucionista conservador da geração anterior, já discutido no primeiro capítulo. Estes acadêmicos haviam legado à história uma cientificidade 'irrefutável', graças às suas visões essencialmente darwinistas do processo histórico e de seus métodos empiristas, herdados dos historiadores alemães. Frederick Turner manteve esta postura evolucionista, mas a tingiu de contornos muito mais idealistas do que seus antecessores podiam imaginar. Sendo assim, é errôneo afirmar que o turnerismo se constitua apenas de uma face materialista ou determinista<sup>123</sup>, assim como também são incompletas as leituras 'utópicas' de sua obra. Ao contrário do que David Noble afirmava sobre a *frontier thesis*, ou seja, o conto de um historiador contra a história<sup>124</sup>, os marcos turnerianos estavam ancorados em uma base teórico-metodológica mais ampla, que lia a evolução da sociedade norte-americana a partir da combinação de aspectos materialistas e idealistas. Explico: segundo Richard Slotkin, o fim do método

---

<sup>121</sup> “*Eu nunca formulei uma filosofia da história ou de pesquisa histórica*”. BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 476.

<sup>122</sup> Idem. Ibidem. p. 477.

<sup>123</sup> Estas leituras foram abundantes nas décadas de 50 e 60, quando alguns dos novos turnerianos, como Merle Curti e Stanley Elkins, tentaram adaptar a teoria do mestre às demandas de uma disciplina 'rigidamente científica', usando-a para ancorar suas interpretações funcionalistas e quantitativas da história norte-americana. A intenção destes historiadores era de afirmar a cientificidade da *frontier thesis* e retirar qualquer traço de idealismo de suas páginas. Em suas obras, Turner aparece como um 'proto-estruturalista' e um determinista econômico, com a vantagem de não ser marxista. Ver KLEIN, Kerwin Lee. *Frontiers of Historical Imagination*. op. cit. p. 113-128; CURTI, Merle. *The Impact of the Frontier: a case study*. In: BILLINGTON, Ray Allen. *The Frontier Thesis*. op. cit. p. 75-80. Robert Fogel, criador da chamada 'escola cliométrica', que propunha a aplicação de métodos quantitativos e qualitativos das Ciências Sociais nos estudos históricos, também reconheceu em Turner um dos fundadores da história econômica nos Estados Unidos. Ver FOGEL, Robert William. *Historia "científica" e historia tradicional*. In: ELTON, G. R. & FOGEL, Robert William. *Cual de los Caminos al Pasado?*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1989. p. 31.

<sup>124</sup> A abordagem de Noble é calcada em uma interpretação pessimista da *frontier thesis*, ao conectá-la às preocupações teológicas dos puritanos de uma aliança com Deus e da manutenção de um mundo fechado às complexidades da Velha Europa. NOBLE, David. *Historians Against History*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1968.

historiográfico de Turner era alcançar um completo entendimento material da fronteira, onde abstrações como o ‘caráter nacional’ e os ‘valores americanos’ pudessem compreendidos a partir de questões concretas, como, por exemplo, a quantidade de terras disponíveis e a produção agrícola de uma determinada região.<sup>125</sup> Além disso, ele via a história como um processo essencialmente dialético: *"he imagined history as a narrative in which dramatic conflicts between moral forces resolve into higher, transcendent synthesis without ever fully vanishing"*.<sup>126</sup> Em conjunto com tal abordagem, explicitada mais adiante, ele também propunha a descoberta das 'forças invisíveis' que determinavam o rumo do processo histórico, fossem elas econômicas ou sociais – ou ambas.

Esta pedra angular de sua concepção acabou determinando a diminuição dos papéis destinados aos grandes vultos da pátria. Estes não eram descartados *a priori*, mas eram considerados como personagens condicionados por forças externas a eles. Turner possuía uma grande admiração por homens como George Washington, Andrew Jackson e Abraham Lincoln, dedicando um bom número de linhas a elogiar seus caracteres e feitos, mas não os enxergava como fatores decisivos no processo histórico.<sup>127</sup> A narrativa turneriana centra-se, como apontou Patricia Nelson Limerick, nas *"conditions, forces, ideals, institutions, traits, types, elements e processes"*<sup>128</sup>, prefigurando uma espécie de história social para os Estados Unidos.<sup>129</sup> Segundo o historiador:

*"Society is a human sea – mobile, ever-changing, restless; a sea in which deep currents run, and over the surface of which sweep winds of popular emotion, a sea that has been ever adjusting itself to new shores and new beds. By the side of*

---

<sup>125</sup> SLOTKIN, Richard. *The Gunfighter Nation*. op. cit. p. 33.

<sup>126</sup> *"Ele imaginava a história enquanto uma narrativa em que conflitos dramáticos entre forças morais eram resolvidos a partir de sínteses transcendentais, sem que desaparecessem completamente"*. KLEIN, Kerwin Lee. *Frontiers of Historical Imagination*. op. cit. p. 59.

<sup>127</sup> Ver, por exemplo, o artigo *"Washington the Nationalist"*, publicado postumamente. In: JACOBS, Wilbur (org.). op. cit. p. 141-151. Ainda sobre isto, ele afirmou que a personalidade do líder mais colore do que determina a direção do processo histórico. In: TURNER, Frederick Jackson. *Letter to Merle Curti, August 27th, 1928*. In: BILLINGTON, Ray Allen. *The Genesis of the Frontier Thesis*. op. cit. p. 279.

<sup>128</sup> *"Condições, forças, ideais, instituições, traços, tipos, elementos e processos"*. LIMERICK, Patricia Nelson. *Turnerians All*. In: *Something in the Soil*. New York: W. W. Norton, 2001. p. 141.

<sup>129</sup> Turner nunca chegou a desenvolver estes conceitos de maneira mais específica. De qualquer modo, pode-se inferir sobre seu significado mais específico no lugar que ele lhes confere na narrativa. Neste sentido, um "tipo social", por exemplo, pode ser entendido como um modelo humano gerado e adaptado às condições de uma dada sociedade. O pioneiro, nesta visão, é um tipo social norte-americano, condicionado por uma série de elementos especificamente estadunidenses. Apesar de vaga, tal conceitualização serve às necessidades de Turner de escrever uma história que rompesse com a mera narrativa política dos acontecimentos e que se preocupasse com o desenvolvimento mais amplo da sociedade.

*this movement the story of individual leaders and the narrative of events sink into insignificance. (...). Society has shaped its men".*<sup>130</sup>

Ele não negava a importância do estudo da antiga história política como fonte inspiradora de patriotismo e civismo, mas mais importante que os fatos da vida individual dos grandes líderes ou da evolução política das sociedades eram:

*"The great undercurrents of society, that ocean that moves, and changes, and surges evermore beneath the ships of state that float on its bosom. It is only by understanding the reactions between American society and the American environment that we shall be able rightly to estimate the significance of American political history".*<sup>131</sup>

Este aspecto do pensamento de Frederick Turner fica mais evidente se levarmos em consideração alguns dos pressupostos básicos de sua *frontier thesis*. A fronteira aparece, em última instância, como sendo um processo social e econômico imbuído de poderes transformadores para os Estados Unidos. Antes de ser somente uma região do país, ou a linha divisória entre duas sociedades antagônicas – a européia e a nativa -, ela é uma força que conduz e determina o tipo de regime político existente na América, a democracia, e seu funcionamento. Os agentes históricos que ali transitam são sempre tipos sociais específicos, anônimos e condicionados por seus lugares no processo de apropriação no continente: *"his heroes are social, psychological, and economic types rather than living personalities, more important for their narrative functions than their personal qualities"*.<sup>132</sup> Pode-se dizer que ele escreve a história do 'homem comum', sem rosto e sem nome, que se move no tabuleiro da história graças à ação de forças que controla apenas superficialmente: *"I have given much attention to Western history, but*

---

<sup>130</sup> *"A sociedade é um mar humano – móvel, agitado, em constante mutação; um mar no qual correm correntes profundas, e em cuja superfície sopram ventos de emoção popular, um mar que tem se adaptado a novas praias e novos leitos. Ao lado deste movimento, a história dos líderes individuais e a narrativa dos eventos afundam na insignificância. (...). A sociedade moldou seus homens".* TURNER, Frederick Jackson. *The Development of American Society*. In: JACOBS, Wilbur (org.). *Frederick Jackson Turner's Legacy*. op. cit. p. 170.

<sup>131</sup> *"As grandes tendências ocultas da sociedade, aquele oceano que se move, muda e oscila eternamente embaixo das naus do estado que flutuam em seu seio. Somente através do entendimento das reações entre a sociedade americana e o ambiente americano que nós poderemos estimar corretamente o significado da história política americana".* Idem. *Some Sociological Aspects of American History*. In: *Ibidem*. p. 158

<sup>132</sup> *"Seus heróis são tipos sociais, psicológicos e econômicos ao invés de serem personalidades vivas, mais importantes por suas funções narrativas do que suas qualidades pessoais".* KLEIN, Kerwin Lee. *Frontiers of Historical Imagination*. op. cit. p. 85.

*rather as a process in American development in general, than as region itself*".<sup>133</sup> Um de seus mais devotados estudantes, Carl Becker, também comentou sobre este aspecto da *frontier thesis*:

*"I think the Frontier idea is an aspect of something larger – the conception of American history as having not more or less importance than European, but a peculiar importance, due to the fact that it is relatively a new country, a splendid virgin field where one can study the evolution of society from relatively primitive conditions, a process repeated often as population spread to the West"*.<sup>134</sup>

Neste caso, é mais fácil pensar a fronteira como sendo a fusão de uma série de fatores que ritmam o processo histórico norte-americano. Ela integra diversos elementos sociais, econômicos e políticos e interage com o ambiente ao seu redor.

Um dos pontos mais importantes desta faceta de sua obra é o papel que lega à natureza enquanto algo definidor do processo histórico. Ainda que não seja um determinista natural, ele admite o peso fundamental que o ambiente exerce no molde das sociedades. Ao caso norte-americano, por exemplo, ele atribui à hidrografia do interior um caráter determinante para a colonização do continente. Não só isso, mas sua *wilderness*<sup>135</sup> exala um poder de regeneração quase místico em sua capacidade de redimir o europeu degenerado, transformando-o no homem americano – revelando sua dívida para com o Mito da Fronteira e sua ênfase na capacidade regenerativa do ambiente do Novo Mundo. É deste choque contínuo entre sociedade e natureza que nascem os Estados Unidos moderno. Segundo William Coleman: *"the environmental conditions were supreme, because the American exceptionalism was the result of the*

---

<sup>133</sup> "Eu tenho dado muita atenção à história do Oeste, mas mais como um processo no desenvolvimento norte-americano do que como uma região específica". TURNER, Frederick Jackson. *Letter to Constance Lindsay Skinner, March 15th, 1922*. In: BILLINGTON, Ray Allen. *The Genesis of the Frontier Thesis*. op. cit. p. 207.

<sup>134</sup> "Eu acho que a idéia da fronteira faz parte de algo maior – a concepção de que a história americana não tem mais ou menos importância do que a européia, mas uma importância peculiar, dado que nós somos um país jovem, um esplêndido campo virgem onde se pode estudar a evolução da sociedade a partir de condições primitivas, um processo continuamente repetido na colonização do Oeste". BECKER, Carl. *Letter to Frederick Jackson Turner, November 1925*. In: Idem. *Ibidem*. p. 232.

<sup>135</sup> Palavra sem tradução para o português. Significa algo como "ambiente selvagem" ou "lugar ermo".



*American conditions*".<sup>136</sup> Isto engendrava uma visão da sociedade enquanto um organismo dotado das mesmas características dos seres biológicos.

Enquanto um ente orgânico, a estrutura social passava por estágios similares aos dos seres vivos, sempre mantendo os caracteres de seus passos anteriores. O que determinava sua sobrevivência era, em última instância, sua capacidade de adaptação às novas condições ambientais. As instituições, neste caso, eram paradigmáticas desta adaptabilidade, pois foram criadas pelos homens, em diversos estágios de sua escalada evolucionária. Enquanto o homem mudava e se adaptava a seu novo ambiente e a sociedade humana se moldava em novas formas, mudavam o tecido institucional e a estrutura da sociedade.<sup>137</sup> O cerne da teoria turneriana era, então, saber como a sociedade norte-americana poderia responder às novas questões surgidas com a mudança do ambiente agrário para uma estrutura industrial, centrada nas grandes cidades, como veremos mais adiante.

Rompendo com a antiga ortodoxia historiográfica, e inaugurando era da chamada 'historiografia progressista', Turner foi um dos responsáveis por aquilo que Peter Novick chamou de 'uma gentil insurgência', ou seja, o reconhecimento de que a História poderia servir de instrumento para o crescente reformismo de fins do século XIX, sem, contudo, oferecer um sério risco à manutenção do *status-quo* capitalista.<sup>138</sup> Tratava-se de reformar o capitalismo, não de superá-lo. Neste aspecto, nenhum historiador da época foi mais reformista e conservador do que Frederick Jackson Turner, por mais que isto possa soar paradoxal.<sup>139</sup> A defesa de reformas sociais mais amplas em seus trabalhos contrasta com sua indisposição em ser ligado nominalmente ao movimento progressista e sua tendência em apoiar candidatos conservadores, tanto republicanos quanto democratas, nas eleições nacionais e regionais.<sup>140</sup> Este

---

<sup>136</sup>"As condições ambientais eram supremas, pois o excepcionalismo americano era resultado das condições americanas". COLEMAN, William. *Science and Symbol in the Turner Hypothesis*. In: *American Historical Review*, vol. LXXII, n. 1. New York: October, 1966. p. 31

<sup>137</sup> Idem. *Ibidem*. p. 32.

<sup>138</sup> NOVICK, Peter. *That Noble Dream*. op. cit. p. 86.

<sup>139</sup> Em uma carta a seu mestre William Allen, Turner escreveu que a função da história era fornecer a luz para a 'reforma conservadora'. In: TURNER, Frederick Jackson. *Letter to William F. Allen, December 31st, 1888*. In: JACOBS, Wilbur (org.). *The Historical World of Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 124.

<sup>140</sup> Idem. *Letter to Edgar Eugene Robinson, December 26th, 1911*. In: Idem. *Ibidem*. p. 138-139. As posições políticas de Turner tendiam a oscilar entre a defesa de uma intervenção estatal mais sistemática e visões pró-*laissez-faire*. Em geral, contudo, prevaleceu esta última, principalmente na sua maturidade. Ver BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 435-443.

conservadorismo acabou se refletindo em sua narrativa que, ao contrário de outros historiadores contemporâneos (como Charles Beard, por exemplo), enfatizava a harmonia em detrimento do conflito e refletia uma “*profound and calm satisfaction with the American past*”.<sup>141</sup>

De qualquer modo, seu reformismo brando exerceu um papel efetivo na conformação de sua concepção de história, principalmente no que diz respeito ao presentismo. A apresentação mais sistematizada deste conceito está em “*The Significance of History*”. Para ele, o presentismo era o ato de moldar as preocupações investigativas do historiador de acordo com as necessidades evocadas pelo contexto em que ele está inserido. No caso norte-americano de fins do século XIX, tratava-se de explicar o surgimento do capitalismo industrial e de avaliar suas conseqüências para o país, a partir das forças sociais que o geraram: “*the age of machinery, of the factory system, is also the age of socialistic inquiry*”.<sup>142</sup> Ou seja, a antiga história política dos grandes heróis, embora elogiada por Turner nas páginas iniciais do artigo por suas preocupações com o método e com a cientificidade da disciplina, não era mais suficiente para explicar os acontecimentos recentes da nação. A resposta para os problemas que afetavam os estadunidenses da década de 90 do século XIX só poderia ser obtida através do estudo das forças sociais e econômicas responsáveis pela evolução da sociedade. Neste sentido, esta seria a meta da história: “*to know the elements of the present by understanding what came into the present from the past. For the present is simply the developing past, the past the undeveloped present*”.<sup>143</sup>

Ecoando Johann Gustav Droysen, de quem era um ávido leitor, o professor de Harvard considerava a História como a ‘autoconsciência’ da humanidade (*‘know-thyself of humanity’*), ou seja, o esforço dos homens em se compreender a partir do

---

<sup>141</sup> “*Profunda e calma satisfação com o passado norte-americano*”. HOFSTADTER, Richard. *The Progressive Historians*. op. cit. p. 105.

<sup>142</sup> “*A idade da máquina e do sistema fabril é também a idade da investigação social*”. TURNER, Frederick Jackson. *The Significance of History*. In: FARAGHER, John Mack (org.). *Rereading Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 17.

<sup>143</sup> “*Conhecer os elementos do presente através da compreensão do que chegou ao presente através do passado. Porque o presente nada mais é do que o passado em desenvolvimento, e o passado o presente não desenvolvido*”. Idem Ibidem. p. 19.

conhecimento de suas origens.<sup>144</sup> Em um artigo de 1908, infelizmente nunca terminado, ele escreveu o seguinte sobre a História e sua relação com o presente:

*“The things that persist enable us to see that the present does not shape its own course, but is weighed upon by customs, prepossessions, and tendencies as well as steadied by institutions and inspired and guided by historic leaders. (...). Life becomes a richer thing when it is viewed largely, when it is seen as continuous movement, reaching back to generations that are gone”.*<sup>145</sup>

O presentismo de Turner não deve, então, ser confundido com um elogio a *historia magistra vitae*. O historiador era bastante cético quanto à possibilidade de se retirar lições do passado, salvo em caso de acontecimentos recentes. A história, enquanto disciplina, deveria fornecer a compreensão do presente através do estudo do passado, e não um infundável rol de exemplos a serem seguidos:

*“The conditions in ancient history and, indeed, in much of the history of the past are so different from those in the present that lessons derive from anything but recent history are apt to be misleading. (...). My own opinion is clear that the differences are so great as to invalidate any scheme based primarily upon remoter historical experience; and, even if that were not so, that the temper of the people who will have to be won is such that the plan will have to stand on its present merits rather than be based upon history”.*<sup>146</sup>

---

<sup>144</sup> Johann Gustav Droysen (1808-1884) ficou conhecido por sua feroz reação ao método rankeano e pelo desenvolvimento de uma metodologia de hermenêutica histórica. Segundo ele, Ranke propunha nada mais do que uma "erudição estéril" ao enfatizar o rigor da análise crítica das fontes, a neutralidade do historiador e a reconstituição dos fatos como eles teriam realmente acontecido. Esta oposição de Droysen estava fundamentada numa visão contínua do processo histórico, baseada na compreensão dos atos dos agentes históricos em sua constante busca pelo aprimoramento da idéia de liberdade. Para o alemão, o historiador tinha uma função política eminente, já que estaria sempre interpretando a história a partir de um ponto presente para o fornecimento de respostas para o seu próprio tempo, servindo à realização do processo de "autoconhecimento" da humanidade. Neste aspecto, o distanciamento proposto por Ranke negaria a capacidade de ação política inerente à profissão. Droysen também avançou a idéia de que toda a história é subjetiva, na medida em que os historiadores sempre escrevem a partir de seu presente e não podem apartar-se de suas próprias concepções e preconceitos. Além disso, o alemão enfatizava a relação das partes com seu todo, isto é, cada peça do movimento histórico se encaixava em um âmbito maior e daí extraíam sua compreensão. Ver MACLEAN, Michael J. *Johann Gustav Droysen and the development of historical hermeneutics*. In: *History and Theory*. vol. XXI. Middletown: Wesleyan University Press, feb. 1982. p. 347-365. A influência da hermenêutica de Droysen na obra de Turner é perceptível, principalmente se levarmos em consideração seu presentismo, sua ênfase no papel político da História e nas suas críticas ao positivismo rankeano da academia norte-americana, que ajudou a criar a idéia de que a História era somente política, ignorando outros fatores de suma importância para a compreensão do processo histórico em sua *totalidade* e não somente de um ou outro aspecto isolado.

<sup>145</sup> Idem. *Some Sociological Aspects of American History*. In: JACOBS, Wilbur (org.). *Frederick Jackson Turner's Legacy*. op. cit. p. 168-169.

<sup>146</sup> “As condições da história antiga, e, aliás, de boa parte da história, são tão diferentes daquelas do presente que qualquer lição daí retirada está destinada a ser confusa. (...). Minha opinião é a de que as diferenças são tão grandes a ponto de invalidar qualquer esquema baseado somente na experiência

Alguns anos mais tarde ele confidenciou a uma amiga que não via outra razão no estudo da história que não aquela de se compreender as condições que precederam e geraram o presente. Qualquer lição daí retirada, segundo ele, seria extremamente precipitada, visto que o presente e o passado se sucedem, mas não são a mesma coisa.<sup>147</sup> Ambos faziam parte daquilo que ele, apoiado em Droysen, chamava de ‘a unicidade da história’, funcionando dialeticamente, onde o passado alimentava o presente, sem ser, contudo, superado por este. Passado e presente se alimentam reciprocamente: aquele estabelecendo as condições de vida deste, e este alterando as concepções que os homens têm daquele, incluindo suas ações no mundo. Cada um seria apenas uma fase do ‘todo’, ou seja, da ‘unicidade’ do devir histórico.<sup>148</sup> Sobre isto, afirma Kerwin Klein:

*“In this temporal sphere the present is the product of the past, all those traditions that have made it what it is. The past too, though, is a product of the present, revised by the conditions, questions and stories of each age. The relation is dialectical. Past and present are reciprocally and mutually determining, neither fully separate nor fused into a single, undifferentiated moment but held together by their intimacy in history. They find meaning in their relationship to each other.”*<sup>149</sup>

Desta forma, a *frontier thesis* pode ser vista como uma recriação do passado norte-americano, tendo em vistas o presente conturbado do final do século XIX, com uma nítida função orientacional. Em um momento de crise extremada e de dúvidas acerca do próprio futuro dos valores tradicionais dos Estados Unidos, Turner fornece uma refiguração do passado que se adequa tanto aos interesses daqueles sequiosos de manter a América tradicional quanto dos que tencionavam mudanças sociais, ainda que mínimas.

---

*histórica remota; e mesmo que não fosse assim, o temperamento do povo a ser conquistado está mudado de tal maneira que qualquer plano de ação deverá ser bem sucedido em função de seus méritos presentes e não da experiência histórica”.* Idem. *Letter to Richard H. Dana. May 3rd, 1915.* In: Idem. *The Historical World of Frederick Jackson Turner.* op. cit. p. 139.

<sup>147</sup> Idem. *November 2, 1929.* In: BILLINGTON, Ray Allen (org.). *Dear Lady.* op. cit. p. 422.

<sup>148</sup> Idem. *Letter to Carl Becker, December 1st, 1925.* In: Idem. *The Genesis of the Frontier Thesis.* op. cit. p. 233.

<sup>149</sup> *“Nesta esfera temporal o presente é um produto do passado, sendo todas aquelas tradições que nos geraram. O passado, contudo, também é um produto do presente, revisado pelas condições, questões e histórias de cada era. A relação é dialética. Passado e presente são determinados de forma recíproca e mútua, nem totalmente separados nem fundidos em um único e indiferenciável momento. Eles encontram seus significados na sua relação um com o outro”.* KLEIN, Kerwin Lee. *Frontiers of Historical Imagination.* op. cit. p. 67.

O presentismo também não deixava de ser um direcionamento do processo histórico em um sentido teleológico. O historiador elaborava suas percepções sobre a evolução da sociedade a partir de sua configuração presente e, com isso, selecionava os fatos e relações que ajudavam a explicar sua situação na atualidade. Com isso, a narrativa adquire um sentido unívoco, já que o fim da história estaria dado. Patricia Limerick afirma que tal metodologia conseguia transformar o passado em algo claro e linear como os trilhos de um trem.<sup>150</sup> Em outras palavras, o ontem era moldado para se encaixar perfeitamente no hoje; a partir do ponto de chegada se tentava reconstruir todo o percurso do 'cavalo-de-aço', para usar um termo ao gosto dos *westerners*.

Esta percepção do todo ("*one-ness of the thing*", como Turner a chamava), engendrou uma visão unitária do processo histórico. Em outras palavras, o historiador enfatizava a continuidade da história: "*in history there is unity and continuity*".<sup>151</sup> Para o professor de Harvard, só existiam rupturas artificiais no processo histórico, isto é, não existia uma Idade Moderna propriamente dita ou uma História Antiga. Muitas vezes, alguns períodos históricos eram influenciados mais pelo passado remoto do que pelo passado recente. Neste sentido, os casos da França carolíngia e da Roma antiga eram exemplares. Mais do que o legado de Carlos Magno, por exemplo, a herança romana podia ser sentida em vários aspectos da sociedade de então, mesmo nos Estados Unidos. O que isto revelava, enfim, era a permanente continuidade da história.<sup>152</sup> Como ele mesmo afirma: "*each nation has bequeathed something to its successor; no age has suffered the highest content of the past to be lost entirely*".<sup>153</sup> Isto significa que mesmo na América excepcional algo do passado europeu ainda estava vivo, nem que fosse somente no sangue dos pioneiros.

Outra premissa gerada diretamente por esta noção dialética do tempo histórico é um moderado relativismo. Turner admitia a possibilidade de se alcançar a verdade a partir da pesquisa histórica, mas esta é sempre uma verdade relativa a era em que o historiador está trabalhando.<sup>154</sup> Cada época teve seu próprio regime de veracidade, desde

---

<sup>150</sup> LIMERICK, Patricia Nelson. *Turnerians All*. op. cit. p. 150.

<sup>151</sup> TURNER, Frederick Jackson. *The Significance of History*. op. cit. p. 21

<sup>152</sup> "*Na história existe unidade e continuidade*". Idem. Ibidem. p. 21-22.

<sup>153</sup> "*Cada nação legou algo aos seus sucessores; nenhuma era se desvencilhou completamente do passado*". Idem. Ibidem. p. 22.

<sup>154</sup> É interessante ressaltar que este aspecto do pensamento de Turner foi crucial para a emergência da chamada 'história relativista' de Carl Becker, seu aluno em Madison e autor do clássico texto "*Everyman his own Historian*", primeiramente apresentado como sua mensagem presidencial a AHA em 1931. Para

a mitologia dos ‘selvagens’ até a história científica do século XIX. Esta não é definitiva, pois como ele mesmo afirmou em *“The Significance of History”*: *“each age writes the history of the past anew with reference to the conditions uppermost in its own time”*.<sup>155</sup> Isto descarta a possibilidade de uma história objetiva aos moldes daquela pregada pelas gerações anteriores. Cada pesquisador está irremediavelmente submetido às imposições de seu próprio tempo:

*“Unquestionably each investigator and writer is influenced by the times in which he lives and while this fact exposes the historian to a bias, at the same time it affords him new instruments and new insight for dealing with his new subject”*.<sup>156</sup>

Em carta a um de seus ex-alunos, ele reforçou esta afirmação:

*“I know of no historian who can be really and absolutely free from the personal equation. But to preach the importance of reaching conclusions on relative importance of facts, and the need of dealing with relations, the causal element and with results, is the only way to avoid mere dumping of brick and mortar for another's use. And they way is left for our wiser successors to correct, to reconstruct and to be reconstructed”*.<sup>157</sup>

---

Becker, a verdade histórica nada mais era do que uma utopia impraticável. A plena objetividade no trato com as fontes era inatingível, assim, a disciplina estaria sempre prisioneira das interpretações pessoais dos historiadores e das pressões contextuais. Logo, a história nunca era neutra e sempre respondia às condições políticas de seus escritores e de seu tempo. Por isso, acreditava Becker, os profissionais tinham um peso político importante dentro da sociedade em que viviam e deviam moldar suas preocupações de acordo com a era em que viviam (o próprio Becker foi um reformista contumaz que renegava tanto o Partido Republicano quanto o Democrata por causa de suas posições conservadoras). Becker, como veremos, sempre considerou Turner como o seu grande mestre e nunca negou sua influência na construção de seu pensamento histórico. O pupilo, por sua vez, experimentou um grande prestígio nos quadros acadêmicos, principalmente durante as décadas de 20 e 30, mas nunca chegou a constituir uma escola histórica mais ampla. Segundo Peter Novick, o relativismo de Becker era radical demais para ser incorporado de maneira mais efetiva ao *status-quo* universitário, já que ameaçava a própria condição de ciência experimentada pela História, como demonstram as reações negativas à sua mensagem presidencial. Para as discussões sobre o papel de Becker e de outros relativistas no desenvolvimento da profissão nos Estados Unidos ver NOVICK, Peter. *That Noble Dream*. op. cit. p. 250-278. *“Everyman his own Historian”* está disponível em português na seguinte coletânea: GARDINER, Patrick. *Teorias da História*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

<sup>155</sup> *“Cada era reescreve a história do passado com referência às condições dominantes em seu próprio tempo”*. TURNER, Frederick Jackson. *The Significance of History*. op. cit. p. 18.

<sup>156</sup> *“Cada investigador e escritor é inquestionavelmente influenciado pelo tempo em que vive e mesmo que este fato exponha o historiador a uma certa parcialidade, também lhe concede novos instrumentos e novas perspectivas para lidar com seu objeto”*. Idem. *Social Forces in American History*. In: *The Frontier in American History*. op. cit. p. 322.

<sup>157</sup> *“Não conheço nenhum historiador que possa estar absolutamente livre do julgamento pessoal. Mas pregar a acuidade de se chegar a conclusões sobre a importância relativa dos fatos, e a necessidade de se lidar como as relações, os elementos causais e os resultados, é o único jeito de evitar o mero empilhamento de tijolos e madeiras para o uso de outrem. E o caminho fica livre para que os nossos*

O interessante desta noção é justamente a afirmação, ainda que tímida, da existência de um *lugar* que determina o tipo de interpretação dada pelos historiadores. Ao contrário de seus antecessores “genéticos”, que enfatizavam a extrema objetividade e neutralidade da pesquisa histórica - o “não-lugar” de De Certeau<sup>158</sup>-, Turner demonstra que ela não pode ser apartada de seu tempo e de seus meios de produção. Isto está de acordo com a visão dialética que ele possuía. O presente influi diretamente nas reconstruções que os historiadores fazem do passado, enquanto que o passado nos lega as condições de possibilidade dentro das quais se pode revisar o presente, pois, segundo Klein:

*"The historians are destined to wander paths opened by past generations. Yet within these horizons, we reform the past into shapes congruent with the spirit of the age and, since we are products of that history, by rewriting it we remake ourselves".*<sup>159</sup>

Sendo assim, a História é uma disciplina em eterna construção: “*history is ever becoming, never completed*”.<sup>160</sup> Logo, nenhum tema é encerrado definitivamente: “*when, moreover, we consider that each man is conditioned by the age in which he lives and must perforce write with limitations and prepossessions, I think we shall agree that no historian can say the ultimate word*”.<sup>161</sup> Turner advogava, também, o estudo de todos os aspectos da sociedade - e o contato com outras ciências. Todos os caminhos deveriam ser utilizados para uma compreensão efetiva do passado.<sup>162</sup> Como afirma William Cronon:

*"This was a extraordinarily relativist and presentist message for a nineteenth-century audience to hear, but it*

*sucessores mais sábios possam nos corrigir e nos reconstruir".* Idem. *Letter to Merle Curti, August 15th, 1928.* In: BILLINGTON, Ray Allen. *The Genesis of the Frontier Thesis.* op. cit. p. 275.

<sup>158</sup> DE CERTEAU, Michel. *A Escrita da História.* op. cit. p. 67-68.

<sup>159</sup> "Os historiadores estão destinados a trilhar caminhos abertos pelas gerações passadas. Mas mesmo dentro destes horizontes, nós reformamos o passado em formatos congruentes com o espírito da era e, já que somos produtos desta história, ao reescrevê-la nós refazemos nosso passado". KLEIN, Kerwin Lee. *Frontiers of Historical Imagination.* op. cit. p. 66.

<sup>160</sup> "A história está sempre se tornando, nunca está completa". Idem. *The Significance of History.* op. cit. p. 18.

<sup>161</sup> "Além disso, quando consideramos que cada homem é condicionado pela época em que vive e deve, assim, escrever com limitações e pré-concepções, acho que podemos afirmar que nenhum historiador possui a última palavra". Idem. *Ibidem.* p. 21

<sup>162</sup> Idem. *Ibidem.* p. 21-23.

*pointed the way to the epistemological pragmatism that would so characterize the American progressive thought".*<sup>163</sup>

Esta última perspectiva levou a utilização de um método de pesquisa que se por um lado contemplava a ‘unicidade da história’, por outro servia como uma espécie de inibidor do próprio ato de escrita. Para além de todas as questões mencionadas no ponto anterior do trabalho, a metodologia utilizada por Turner, tomada emprestada da Geologia<sup>164</sup>, foi um dos fatores mais preponderantes para a sua pouca produção, contrastando a imagem de um pesquisador voraz com a de um escritor sazonal. Boa parte de seu tempo extra-aula era passada dentro de arquivos. De fato, suas anotações pessoais levam a crer que ele estava sempre buscando informações e fontes novas.<sup>165</sup> Estas pesquisas, no entanto, nunca chegaram a ver a luz do dia. O principal problema para as suas conclusões era o que Turner chamava de ‘múltiplas hipóteses’, ou seja, o reconhecimento de que as causas de um acontecimento possuíam múltiplas relações que não podiam ser estudadas isoladamente:

*"It is not well, before attempting to decide whether history requires an economic interpretation, to recognize that the factors in human society are varied and complex; that the political historian handling his subject in isolation is certain to miss fundamental facts and relations in his treatment of a given*

---

<sup>163</sup> "Esta era uma mensagem extraordinariamente relativista e presentista para uma audiência do século XIX, mas já apontava para o pragmatismo epistemológico que caracterizaria o pensamento progressista norte-americano". CRONON, William. *Turner's First Stand*. In: ETULAIN, Richard. *Writing Western History*. op. cit. p. 75.

<sup>164</sup> O criador de tal método foi o geólogo Thomas C. Chamberlain. O estudioso escreveu o seguinte sobre sua metodologia de trabalho: *"Having thus neutralized the partialities of his emotional nature, he proceeds with a certain natural and enforced erectness of mental attitude to the investigation, knowing well that some of his intellectual children will die before maturity, yet feeling that several of them may survive. If all rational hypotheses relating to a subject are worked co-equally thoroughness is the presumptive result"*. ("tendo neutralizado as parcialidades de natureza emocional, o pesquisador procede à investigação com uma certa limpeza mental, sabendo que algumas de suas crias intelectuais morrerão antes da maturidade, mas sentindo que muitas outras sobreviverão. Se todas a hipóteses racionais relacionadas a um objeto forem trabalhadas de maneira igualitária, o resultado presumido é a possível perfeição da investigação"). CHAMBERLAIN, Thomas C. apud NOVICK Peter. *That Noble Dream*. op. cit. p. 92.

<sup>165</sup> BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 480. Segundo Allan Bogue, Turner sempre foi desconfiado em relação ao método formal ensinado pelos historiadores positivistas, principalmente Ranke e Charles Seignobos. Ele não desmerecia tal empreendimento, mas considerava a realidade norte-americana muito diferente da europeia para sua aplicabilidade prática pelos profissionais dos Estados Unidos. Segundo ele, a menor organização dos arquivos estadunidenses demandava uma metodologia mais ampla que pudesse incorporar qualquer tipo de documentação à análise, já que não existiam fundos documentais específicos como os europeus. Por isso, também, que o método das múltiplas hipóteses era adequado ao trabalho do historiador do Novo Mundo. BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 123-124.



*age or nation; that the economic historian is exposed to the same danger; and so all of the other special historians?"*<sup>166</sup>

Isto leva a uma 'desfetichização' em relação ao fato histórico fixo e imutável, já que este só poderia ser realmente compreendido a partir das relações entre as forças invisíveis e o próprio passar do tempo. Um acontecimento considerado fundamental para o processo histórico pode perder sua importância no andar da carruagem. O que determina sua centralidade é seu lugar dentro de uma série de outros elementos, e não sua especificidade.<sup>167</sup> Em carta a um amigo, Frederick Turner comentou sobre esta maneira de trabalhar:

*"As in a refined analysis of a geological region the investigator must apply the 'multiple hypothesis' and note the coexistence of more than influence. When they combine they produce their strongest effects".*<sup>168</sup>

Este método consistia em um levantamento bruto de dados, levando em conta todos os âmbitos do elemento estudado, e sua posterior correlação. Todos os fatores deveriam ser contemplados pelo pesquisador, sob pena de uma má compreensão, ou mesmo de uma incompreensão total, do objeto estudado. Assim, o historiador deveria ter contato com a maior quantidade de fontes possíveis, desde de mapas eleitorais até panfletos de viagem, que desvendassem não só as condições materiais (elementos sociais, econômicos e geográficos) que moldaram os acontecimentos políticos, mas que também revelassem as construções culturais e mentais dos homens de uma dada era. Somente mantendo todas estas relações em vista é que o cientista poderia alcançar a verdade sobre fatos, ainda que parcial e submetida às imposições de seu tempo. Em um momento de extrema franqueza, Turner admitiu que tal metodologia era bastante problemática: *"I tried to keep the relations steadily in mind, but it isn't an easy job, and*

---

<sup>166</sup> "Não é bom, antes de decidir se a história requeira uma interpretação econômica, reconhecer que os fatores da sociedade humana são variados e complexos; que o historiador político trabalhando com seu objeto isoladamente pode perder alguns fatos e relações fundamentais em seu tratamento sobre uma determinada nação ou época; que o historiador econômico está exposto ao mesmo perigo; e, assim sendo, todos os outros historiadores especializados?". TURNER, Frederick Jackson. *Social Forces in American History*. op. cit. p. 331.

<sup>167</sup> Segundo Peter Novick, esta afirmação evidenciava menos uma crítica ao empirismo das gerações anteriores e mais um ataque velado a alguns cientistas sociais que se apresentavam como os fornecedores de verdades absolutas e relegavam o historiador ao status de um mero coletor de dados. Ver NOVICK, Peter. *That Noble Dream*. op. cit. p. 103. A citação acima encontra-se em TURNER, Frederick Jackson. op. cit. p. 332.

<sup>168</sup> "Assim como em um refinado método de análise geológica, o investigador deve aplicar o método das 'múltiplas hipóteses' e notar a coexistência de mais de uma influência. Quando combinadas elas produzem efeitos mais fortes". Idem. *Letter to Dixon Ryan Fox, March 27th, 1919*. In: JACOBS, Wilbur (org.). *The Historical World of Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 151.

*the effort is sometimes conducive to unwritten books*".<sup>169</sup> De certa maneira, isto não deixa de evidenciar o que De Certeau chamou de 'servidão da escrita', ou seja, a noção de que o ato de escrever impõe um fim artificial à pesquisa histórica, de outra forma interminável.<sup>170</sup>

Um dos maiores exemplos desta preocupação está explicitada em suas contemplação dos problemas referentes ao desenvolvimento da sociedade norte-americana. Em resposta ao Prof. Herman Von Holst, eminente estudioso da história constitucional norte-americana e um dos historiadores mais respeitados da geração anterior, Turner condenava a excessiva ênfase que este dava à escravidão em seus escritos. Para o *westerner*, esta era apenas uma entre as diversas variantes a serem levadas em consideração, que incluíam, entre outras, o confronto entre seccionalismo e nacionalismo, o surgimento do complexo industrial-financeiro, o avanço da fronteira e o surgimento de uma 'raça' não-inglesa em solo norte-americano. O artigo, como era de se esperar, permaneceu incompleto.<sup>171</sup>

Foi a partir desta concepção metodológica que Turner sonhou com um grande projeto interdisciplinar. Para ele, a História não era algo à parte das outras ciências sociais, mas um saber integrado a elas. Neste sentido, ele passou boa parte de sua vida acadêmica pregando a aproximação das Ciências Humanas, principalmente entre a História e a Geografia. Não é de se espantar, portanto, que Turner tenha sido membro da Associação dos Geógrafos Americanos, e, por duas vezes, o palestrante principal de seus encontros anuais.<sup>172</sup> Além disso, ele buscava manter contato com cientistas políticos, antropólogos, sociólogos e psicólogos, sempre com o intuito de aproximar estas ciências. Sendo o processo histórico algo de extrema complexidade, era lógico que os meios utilizados para a sua compreensão fossem vários. Para Turner, o grande modelo a ser seguido era o das Ciências Naturais que, a partir da integração de seus campos, havia logrado alcançar um conhecimento unificado do mundo natural:

---

<sup>169</sup> "Tentei manter todas estas relações em vista, mas isto não é um trabalho fácil e o esforço tende a conduzir a livros não-escritos". Idem. *Letter to Merle Curti, August 15th, 1928*. In: BILLINGTON, Ray Allen. *The Genesis of the Frontier Thesis*. op. cit. p. 271.

<sup>170</sup> DE CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. op. cit. p. 93-94.

<sup>171</sup> Idem. *Dr. Von Holst's History of the United States*. In: JACOBS, Wilbur. (org.). *Frederick Jackson Turner's Legacy*. op. cit. p. 92-93.

<sup>172</sup> BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 495.

*“Without the combine effort of allied sciences we shall reach no such results in the study of social development as have been achieved in the physical world by the attack on problems of natural science by the combined forces of physics, chemistry and mathematics”.*<sup>173</sup>

A História, contudo, deveria ser o centro de convergência de tal empreendimento, pois somente o historiador teria uma visão de longo prazo de todo o processo. O destino da História era, assim, a unificação de todos estes conhecimentos. Por isso que durante toda a sua vida acadêmica ele lutou pela aproximação dos vários departamentos acadêmicos, criticando as barreiras ‘artificiais’ impostas pelas universidades:

*“I have always regarded the interdependence of all the social sciences as fundamentally important and, while I realize that there must be also a division has been sharply made in the past that there has been a loss of students from the water-tight compartments in which the social sciences have previously been divided”.*<sup>174</sup>

A sua identificação com tal projeto e sua consideração dos múltiplos fatores envolvidos no processo histórico levaram-no a rejeitar o epíteto de ‘historiador econômico’ que muitos lhe atribuíam, preferindo ser chamado de ‘historiador social’, já que buscava explicar a sociedade em todo o seu escopo e não apenas alguns de seus aspectos. Quando um de seus alunos mais famosos, Arthur Schlesinger Sr., denominou sua *frontier thesis* de um estudo de história econômica, Turner respondeu de maneira dúbia:

*“What you say of my frontier studies being fundamentally an economic interpretation interests me. Personally I don't know. There is in this country such an interrelation of ideals, economic interests, frontier advance (or recession, if you prefer), and regional geography, that it isn't easy to separate them”.*<sup>175</sup>

---

<sup>173</sup> *“Sem o esforço combinado de todas as ciências aliadas, nós não alcançaremos resultados no campo do desenvolvimento social como aqueles alcançados no mundo físico pelo ataque combinado das forças da física, da química e da matemática”.* Idem. Ibidem.

<sup>174</sup> *“Eu tenho sempre considerado a interdependência de todas as ciências sociais como fundamentalmente importante e, mesmo que reconheça a importância da divisão dos trabalhos, acho que tal divisão foi feita de maneira tão abrupta que o resultado foi uma perda de estudantes, graças aos compartimentos impermeáveis nos quais as ciências sociais foram divididas”.* Idem. Ibidem. p. 494.

<sup>175</sup> *“Me interessa o que você diz dos meus estudos sobre a fronteira como sendo estudos fundamentalmente econômicos. Eu pessoalmente não sei. Existe uma profunda inter-relação entre idéias, interesses econômicos, o avanço da fronteira e as geografias regionais, que sua separação torna-se uma tarefa árdua”.* TURNER, Frederick Jackson. *Letter to Arthur M. Schlesinger, April 18th, 1922.* In: JACOBS, Wilbur (org.). *The Historical World of Frederick Jackson Turner.* op. cit. p. 154.

No mesmo ano, diante de algumas críticas, que o acusavam de monocausista ou de determinista econômico, Turner uma vez mais enfatizou sua visão global do processo histórico: “*I never saw myself as studying just a certain region or a particular 'key' of American history. I'm interested in the American process as a whole*”.<sup>176</sup>

Se levarmos em conta as afirmações expostas acima, a imagem de Turner enquanto um historiador ‘empirista’ ou ‘determinista’ desaparece e sua *frontier thesis* ganha uma outra compreensão. O conceito de ‘fronteira’, tão criticado por historiadores posteriores, pode, assim, ser entendido mais como uma relação de forças operantes no devir histórico dos Estados Unidos do que como uma única causa do desenvolvimento da sociedade norte-americana, funcionando como uma ‘coligação de termos’, como bem demonstra Kerwin Klein.<sup>177</sup>

## 2.2. A *frontier thesis*: o nascimento de uma nação

As bases da *frontier thesis* foram primeiramente expostas no mais famoso escrito de Turner, “*The Significance of the Frontier in American History*”, lançado em 1893, e desenvolvidas durante o período que vai até 1910. É entre estas duas datas que ela se apresenta em seu maior vigor e vivacidade, rompendo com os preceitos então estabelecidos na historiografia norte-americana e introduzindo o que pode se chamar de história-problema na academia daquele país. O que interessa a Frederick Turner é a compreensão não só do processo de expansão estadunidense, mas dos fatores econômicos e sociais que o condicionam e determinam. O resultado não é só uma história ‘estrutural’ dos Estados Unidos, mas um relato sagaz da conquista do continente que consegue articular as premissas de uma história ‘científica’ e da construção de um sentimento de pertencimento nacional – da construção da ‘comunidade imaginada’ consagrada por Benedict Anderson.<sup>178</sup>

---

<sup>176</sup> “*Eu não me tenho como um estudante de uma determinada região ou de qualquer ‘chave’ particular da história americana. Eu estou interessado no processo americano como um todo*”. Idem. *Letter to Constance Skinner, March 15th, 1922*. In: BILLINGTON, Ray Allen. *The Genesis of the Frontier Thesis*. op. cit. p. 205.

<sup>177</sup> KLEIN, Kerwin Lee. *Frontier of Historical Imagination*. op. cit. p. 18.

<sup>178</sup> ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989. p. 14.

É fácil de se delimitar a intriga da *frontier thesis*: o movimento dos pioneiros norte-americanos em direção a Oeste, tendo seu fim em 1890 – quando do fechamento ‘oficial’ da fronteira de colonização, a partir da declaração do Censo Nacional daquele ano -, e a conseqüente formação de um país, separado do Velho Mundo em sua excepcionalidade. Em que pese às diferenças entre os ensaios, esta sempre é a base da explanação de Turner. Neste sentido, é mais fácil pensar os temas dos outros escritos como sendo ‘sub-intrigas’ que, de certa maneira, dão nexos à intriga maior. Por exemplo, quando Turner analisa a irrupção dos movimentos populistas do Oeste, em “*The Problem of the West*”, ele o faz enquadrando-os dentro do processo de expansão estadunidense, e lhes atribuindo a herança dos primeiros pioneiros. Aqui, no entanto, o que importa não é tanto o populismo em si, mas o papel que exerce dentro daquela intriga maior.<sup>179</sup>

Os personagens portadores da ação efetiva em todos estes escritos são sempre os mesmos: os tipos humanos configurados pela expansão. Isto é, os pioneiros em suas diversas formas (caçadores, comerciantes, *trappers*, fazendeiros, cowboys, etc.) que constroem a nação. A expansão da fronteira é sempre o pano de fundo da ação, a intriga que unifica estas ‘sub-intrigas’ em um todo comum. A trama da narrativa é, invariavelmente, sempre a mesma: a chegada dos europeus às praias dos Estados Unidos, seu avanço em direção ao Pacífico, sua transformação em algo novo através do contato com a natureza do Novo Mundo e o decorrente fim da fronteira de ocupação. O desenlace da intriga, independente da conjuntura de escrita dos textos, também é sempre igual: a construção da nação e sua consolidação como uma potência industrial, capitalista e democrática.

Na primeira página de “*The Significance of the Frontier...*”, o historiador explicita o que entende como sendo o fator determinante da história dos Estados Unidos:

*“Up to our own day American history has been in large degree the history of the colonization of the Great West. The existence of an area of free land, its continuous recession, and*

---

<sup>179</sup> TURNER, Frederick Jackson. *The Problem of the West*. In: *The Frontier in American History*. op. cit. p. 205-222.

*the advance of American settlement westward, explain American development”.*<sup>180</sup>

As instituições dos Estados Unidos haviam sido moldadas a partir desta experiência única, fazendo jus a sua visão da sociedade enquanto um organismo:

*“The peculiarity of American institutions is the fact that they have been compelled to adapt themselves to the changes of an expanding people – to the changes involved in crossing a continent, in winning the wilderness, and in developing at each area of this progress out of the primitive economic and political conditions of the frontier into the complexity of city life”.*<sup>181</sup>

A fronteira seria, então, um processo e não algo fixo em uma determinada região, como o tipo de fronteira encontrada na Europa. Em cada área de fronteira havia se verificado um retorno às condições humanas mais primitivas e, a partir disto, uma reprodução da evolução social e institucional da humanidade. Cada nova fronteira significava um renascimento, a possibilidade de um recomeço – a forja da nova nacionalidade:

*“American social development has continually beginning over again on the frontier. This perennial rebirth, this fluidity of American life, this expansion westward with its new opportunities, is continuous touch with the simplicity of primitive society, furnish the forces dominating American character. **The true point of view in the history of this nation is not the Atlantic coast, it is the Great West**”.*<sup>182</sup>

A fronteira – conceituada como o ponto de encontro entre a civilização e a barbárie<sup>183</sup> ou simplesmente como sinônimo para ‘Oeste’ - havia exercido o poder de ‘americanização’ sobre as massas imigrantes. O europeu, ao se assentar nos territórios inóspitos do Oeste, deixava para trás parte de sua herança cultural e se transformava em

---

<sup>180</sup> “Até os dias de hoje, a história americana tem sido em grande medida a história da colonização do Grande Oeste. A existência de uma área de ‘terras livres’, seu recuo contínuo e o avanço dos assentamentos ocidentais explica o desenvolvimento americano”. Idem. *The Significance of the Frontier in American History*. In: *The Frontier in American History*. op. cit. p. 1

<sup>181</sup> “A peculiaridade das instituições americanas está no fato de que elas foram compelidas a se adaptarem às mudanças de um povo expansionista – às mudanças envolvidas no ato de se cruzar um continente, em se conquistar o deserto e no desenvolvimento de cada área a partir das primitivas condições sociais e econômicas da fronteira na complexidade da vida urbana”. Idem. *Ibidem*. p. 2.

<sup>182</sup> “O desenvolvimento social americano tem renascido constantemente na fronteira. Este renascimento perene, esta fluidez da vida americana, esta expansão com suas novas oportunidades, este contínuo contato com a simplicidade da vida primitiva, molda as forças dominantes do caráter americano. **O verdadeiro ponto de vista da história desta nação não é a costa atlântica, é o Grande Oeste**”. Grifo meu. Idem. *Ibidem*. p. 2-3.

<sup>183</sup> Idem. *Ibidem*. p. 3.

algo diferente do que era antes. Não mais um representante cultural do Velho Mundo, o colono renasce como ‘americano’, o senhor do Novo Mundo:

*“The frontier is the line of most rapid and effective Americanization. The wilderness masters the colonist. It finds him a European in dress, industries, tools, modes of travel and thought. It takes him from the railroad car and puts him in the birch canoe. It strips the garments of civilization and arrays him in the hunting shirt and the moccasin. (...). In short, at the frontier the environment is at first too strong for the man. He must accept the conditions it furnishes, or perish. (...). **Here is a new product that is American.** (...). The advance of the frontier has meant a steady movement away from the influence of Europe, a steady growth of independence on American lines”.*<sup>184</sup>

Ecoando um certo determinismo geográfico, Turner confere poderes quase sobrenaturais ao meio-ambiente do Novo Mundo. Neste sentido, o europeu não só renasce como um americano, mas como algo superior àquilo que ele era antes. Com o espírito regenerado pela dura labuta em um ambiente hostil, o americano pôde seguir com seu destino de ocupar o continente.

A linha de fronteira segue um avanço linear por todo o território. Começa na Costa Leste, com a chegada dos primeiros ingleses às praias da Virgínia, no século XVI, estende-se aos Montes Apalaches, nos séculos XVII e XVIII, avança em direção ao Vale do Mississipi em fins do século XVIII e início do XIX, chega às Grandes Planícies em meados do século XIX e, no final do mesmo século, conquista as Montanhas Rochosas. A experiência de cada uma destas sucessivas fronteiras serviu para moldar o avanço em direção à próxima. Quanto mais a nação avançava em direção ao Pacífico, mais suas instituições e costumes se adaptavam as necessidades do processo expansionista. Assim como ocorre com os colonos, as instituições americanizam-se na fronteira.<sup>185</sup>

O avanço geográfico foi acompanhado de diferentes tipos de exploração econômica das regiões. Em cada uma das sucessivas linhas de avanço, verifica-se a

---

<sup>184</sup> “**A fronteira é a linha da mais rápida e efetiva americanização.** O deserto domina o colono. Ele o encontra europeu em suas vestimentas, indústrias, ferramentas e modelos de transporte e pensamento. Ele o tira da ferrovia e o bom na canoa. Ele arranca o vestuário da civilização e o veste com a camisa de caça e o mocassin.(...). Resumindo, na fronteira o meio ambiente é muito forte para o homem. Ele aceitar suas condições ou perecer. (...). **Aqui está um novo produto que é americano.** (...). O avanço da fronteira significou um firme movimento de distanciamento da influência européia, um firme crescimento da independência em termos americanos”. Idem. Ibidem. p. 4.

<sup>185</sup> Idem. Ibidem. p. 9.

mesma evolução social e econômica. O primeiro pioneiro foi o comerciante de peles, que entra em território indígena e estabelece as bases da civilização que o segue. Depois, enquanto este se dirige cada vez mais a Oeste, chegam os caçadores, os criadores de gado, o rancheiro ou o mineiro, e o fazendeiro. Em dos momentos mais líricos do ensaio, Turner assim descreve este avanço:

*“Stand at Cumberland Gap and watch the procession of civilization, marching single file – the buffalo following the trail to the salt springs, the Indian, the fur-trader and the hunter, the cattle raiser, the pioneer farmer – and the frontier has passed by”.*<sup>186</sup>

O avanço do *fur-trader* em direção ao Oeste tem por resultado a desintegração das antigas sociedades indígenas. Mas, se por um lado ele tem o poder de enfraquecer as estruturas sociais dos nativos, ele também, inadvertidamente, confere um maior poder de resistência às tribos, através da venda de armas. Logo, tanto o caçador quanto o fazendeiro defrontam-se com obstáculos significativos para o seu progresso. O resultado são os conflitos com os indígenas, que repelem os habitantes originais e garantem a posse do continente aos brancos.<sup>187</sup> Nesse sentido, a fronteira tem o efeito de uma verdadeira escola militar: *“keeping alive the power of resistance to aggression, and developing the stalwart and rugged qualities of the frontiersman”*.<sup>188</sup>

A maior força de atração exercida pela fronteira pós-1800, ou seja, aquela que Turner identifica como sendo a do rancheiro e do fazendeiro, seria a quantidade de terras livres existentes a Oeste. Sempre que o solo se tornasse exaurido por causa da produção intensiva de grãos ou da criação de gado, os criadores e produtores poderiam se dirigir cada vez mais a Oeste:

*“Year by year the farmers who lived on soil whose returns were diminished by unrotated crops were offered the virgin soil of the frontier at nominal prices. (...). The competition of unexhausted, cheap and easily tilled prairie lands compelled the farmer to go west and continue the exhaustion of the soil.*

---

<sup>186</sup> “Detenha-se no passo de Cumberland e veja a procissão da civilização marchando em fila indiana – o búfalo seguindo o caminho até as salinas, o índio, o comerciante de peles e o caçador, o criador de gado, o fazendeiro pioneiro - e a fronteira passou”. Idem. Ibidem. p. 12.

<sup>187</sup> Idem. Ibidem. p. 13-15.

<sup>188</sup> “Mantendo vivo o poder de resistência à agressão e desenvolvendo as vigorosas e brutas qualidades do fronteiro”. Idem. Ibidem. p. 15.



(...). *The demand for land and the love of wilderness freedom drew the frontier ever onward*".<sup>189</sup>

Após ter descrito os diferentes tipos de fronteira, Turner prossegue com a análise de seus efeitos sobre a formação dos Estados Unidos da América. O primeiro destes teria sido a formação de uma nacionalidade composta. A partir da fusão de vários grupos étnicos (europeus, diga-se de passagem) surge a 'raça' americana: "*in the crucible of the frontier the immigrants were Americanized, liberated and fused into a mixed race, English neither in nationality nor characteristics. The process has gone on from early days to our own*".<sup>190</sup>

A segunda influência da fronteira foi a diminuição da dependência americana em relação à Inglaterra:

*"As it retreated from the coast it became less and less possible for England to bring her supplies directly to the consumer's wharfs and carry away staple crops, and staple crops began to give way to diversified agriculture for a time."*<sup>191</sup>

Segundo ele, o avanço da fronteira havia permitido que cidades como Nova York, Boston e Baltimore se tornassem os grandes entrepostos comerciais do século XIX, ao fornecê-las com uma grande quantidade de matérias-primas para o comércio e para as manufaturas da região.

O terceiro efeito do Oeste teria sido o desenvolvimento de um poder federal mais centralizado: "*the legislation which most developed the powers of the national government, and played the largest part in its activity was conditioned by the frontier*".<sup>192</sup> De acordo com Turner, o crescimento do nacionalismo e a evolução das instituições políticas norte-americanas foram resultado direto da expansão a Oeste. Os pioneiros teriam pressionado o governo nacional por obras de infra-estrutura, uma

---

<sup>189</sup> "Ano após ano os fazendeiros que viviam em solos cujo retorno diminuía pela monocultura, recebiam a oferta das terras virgens da fronteira por preços nominais. (...). A competição das terras não-desgastadas, baratas e aráveis compelia o fazendeiro a ir ao Oeste e continuar o exaurir do solo. (...) A demanda por terras e o amor à liberdade empurravam a fronteira para frente" Idem. Ibidem. p. 21-22.

<sup>190</sup> "No cadinho da fronteira os imigrantes eram americanizados, libertados e fundidos em uma raça mestiça, cuja nacionalidade e características não eram inglesas. O processo segue-se desde os primeiros dias até os nossos". Idem. Ibidem. p. 22

<sup>191</sup> "Enquanto ela se afastava da costa, se tornou cada vez menos possível para a Inglaterra o trazer seus suprimentos até os consumidores em troca de produtos básicos e estes produtos de subsistência deram lugar a uma agricultura diversificada durante um tempo". Idem. Ibidem. p. 24.

<sup>192</sup> "A legislação que mais desenvolveu os poderes do governo nacional, e que exerceu um maior papel em sua atividade, foi condicionada pela fronteira". Idem. Ibidem. p. 24.

legislação mais eficiente e um protecionismo mais acentuado, além, obviamente, das leis relacionadas à distribuição das terras públicas: *“it is safe to say that the legislation with regard to land, tariff and internal improvements – the American system of the Whig party – was conditioned on frontier ideas and needs”*.<sup>193</sup>

Por fim, a influência mais importante da fronteira foi a promoção de democracia, no Novo e no Velho Mundo. Ela produz, e incentiva, um individualismo extremado, de tendências anti-sociais. A igualdade de condições entre seus habitantes impede a formação de uma oligarquia fundiária e promove a adoção de um sistema político baseado em valores igualitários. O político fronteiro é, acima de tudo, um trabalhador braçal que divide seu tempo entre as obrigações públicas e o labor diário. Por isso mesmo, ele acredita mais no valor da experiência do que em elucubrações intelectuais. Ele é um pragmático acima de tudo.<sup>194</sup>

As terras livres do Oeste também eram uma espécie de ‘válvula de escape’ para os problemas sociais do Leste, atraindo os descontentes dos centros urbanos e anulando as possibilidades de conflitos sociais mais graves. Esta democracia individualista não é, entretanto, de todo positiva, como bem afirma Turner:

*“Individualism in America has allowed a laxity in regard to governmental affairs which has rendered possible the spoils system and all the manifest evils that follow from the lack of highly developed civic spirit. In this connection may be also noted the influence of frontier conditions in permitting lax business honor, inflated paper currency and wild-cat banking”*.<sup>195</sup>

Estes aspectos negativos levaram sucessivos governos a tentar impedir a distribuição de terras e de controlar o avanço dos pioneiros. Estas tentativas redundaram em um grande fracasso:

*“But the attempts to limit the boundaries, to restrict land sales and settlement, and to deprive the West of its share of*

---

<sup>193</sup> “É seguro dizer que as legislações agrária, tarifária e dos melhoramentos internos – o sistema americano do partido Whig – foi condicionada pelas idéias e necessidades da fronteira”. Idem. Ibidem. p. 27.

<sup>194</sup> Idem. Ibidem. p. 30-32.

<sup>195</sup> “O individualismo na América tem permitido uma frouxidão em relação às questões governamentais que possibilitaram o sistema de espólios e todos os males manifestos que seguem a falta de um espírito cívico altamente desenvolvido. Também deve ser notada nesta conexão a influência das condições de fronteira em permitir negócios escusos, a inflação do papel-moeda e atividades bancárias suspeitas”. Idem. Ibidem. p. 32.

*political power were all in vain. Steadily the frontier of settlement advanced and carried with it individualism, democracy and nationalism, and powerfully affected the East and the Old World”.*<sup>196</sup>

O artigo termina com a constatação da importância da fronteira sobre o intelecto e o caráter a nação – combinando, enfim, o materialismo e o idealismo de Turner:

*“The result is that to the frontier the American intellect owes its striking characteristics. That coarseness and strength combined with acuteness and inquisitiveness; that practical, inventive turn of mind, quick to find expedients; that masterful grasp of material things, lacking in the artistic but powerful to effect great ends; that restless, nervous energy; that dominant individualism, working for good and evil, and withal that buoyancy and exuberance which comes with freedom – these are traits of the frontier, or traits called out elsewhere because of the existence of the frontier”.*<sup>197</sup>

Se a fronteira havia gerado todos estes traços, se havia garantido a democracia, se havia direcionado as energias da nação em torno de um bem comum, se o movimento havia sido a característica primordial dos Estados Unidos e seu povo – o que fazer agora que ela chega ao fim? Nunca mais tantas terras livres estariam disponíveis para a espécie humana. Com o fechamento da fronteira encerrou-se o mais importante período da História Americana. E uma era de dúvidas teve início.

De uma maneira simples, mas extremamente eficaz, Turner acaba ligando o destino da sociedade democrática norte-americana à existência de ‘terras livres’ para a ocupação de maneira inexorável. Na década de 90 do século XIX, quando uma crise de proporções jamais vistas assolava o país<sup>198</sup>, e quando, segundo Albert Weinberg, “la

---

<sup>196</sup> “Mas as tentativas de se limitarem as fronteiras, de restringir a venda de terras e de privar o Oeste de sua parte do poder político foram todas em vão. A fronteira de assentamento avançou firmemente e carregou consigo individualismo, democracia e nacionalismo, afetando profundamente o Leste e o Velho Mundo”. Idem. Ibidem. p. 35.

<sup>197</sup> “O resultado é que o intelecto americano deve suas únicas características à fronteira. Aquela aspereza e força combinadas com uma perspicácia e um caráter investigativo; aquele espírito prático, rápido em encontrar soluções; aquela magistral compreensão das coisas materiais, faltando com o senso artístico mas poderoso em atingir grandes fins; aquela incansável e nervosa energia; aquele individualismo dominante, trabalhando tanto para o bem quanto para o mal, e com toda aquela beleza e exuberância que vêm com a liberdade – estes são os traços da fronteira, ou traços existentes por causa da fronteira”. Idem. Ibidem. p. 37.

<sup>198</sup> Desde de a década de 70 do século XIX que a economia norte-americana dava constantes sinais de instabilidade. Em 1893, a especulação financeira e a fragilidade do sistema bancário causaram um verdadeiro colapso econômico no país. O resultado foi a quebra de, pelo menos, 600 bancos regionais, o fechamento de mais de duas mil pequenas e médias empresas e a contração da atividade industrial. O resultado foi um número de dois milhões de desempregados, a perda de metade do poder aquisitivo dos trabalhadores que mantinham seus empregos e o aumento dos confrontos entre operários e as forças governamentais. O quadro de desemprego foi agravado ainda mais com a constante chegada de

*republica que otrora había sido continental, asumía el papel de monarca en dos hemisferios*”<sup>199</sup>, a *frontier thesis* pôde fornecer a *rationale* necessária para a expansão ultramarina do país e a saída do caos. Ao reconciliar progresso e primitivismo em uma mesma narração histórica Turner conseguiu unir os laços entre o passado agrário da América e seu presente industrial. Não só isso, mas, como menciona William Cronon:

*“The most remarkable accomplishment of the speech was its successful inversion of the anti-western biases that had led Herbert Baxter Adams and his predecessors to emphasize Europe and the eastern seaboard at the expense of other regions of the country. In Turner's hands, the Great West suddenly became not just an important part of American history; it became America itself”*.<sup>200</sup>

Ademais, Turner também constrói um modelo de explicação para a democracia norte-americana que rejeita a possibilidade de se reverter à decadência européia:

*“Democracy evolves out of individualism based on the family unit. The frontier reduces complex European society to its primitive constituents elements, the family unit associated with a particular individual, the frontiersman. American society gradually integrates these units into a more complex aggregate, but the whole, democracy, retains those primitivist traditions of antipathy to direct control which prevent egalitarian America from reproducing autocratic Europe”*.<sup>201</sup>

O desenvolvimento pleno da teoria turneriana veio com os dois escritos subseqüentes, *“The Problem of the West”* e *“Contributions of the West to American Democracy”*, de 1896 e 1903, respectivamente. O primeiro, como já mencionei, busca analisar as origens do populismo no próprio caráter indômito do pioneiro e sua tendência a não se curvar diante dos poderes estabelecidos, e o segundo tem por finalidade a investigação dos fatores sócio-econômicos que permitiram o florescimento

imigrantes europeus pobres à América. Ver: MELANDRI, Pierre. *A História dos Estados Unidos desde 1860*. Lisboa: Edições 70, 2001. p. 62-64.

<sup>199</sup>WEINBERG, Albert K. *Destino Manifiesto: el expansionismo nacionalista en la historia norteamericana*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1968. p. 242.

<sup>200</sup> *“A mais notória realização da exposição foi sua bem-sucedida inversão dos preconceitos anti-oeste que levaram Herbert Baxter Adams e seus predecessores a enfatizar a Europa e a costa atlântica em detrimento das outras regiões do país. Nas mãos de Turner, o Grande Oeste não se transformava somente em uma importante parte da história americana; ele se torna a própria América”*. CRONON, William. *Turner's First Stand*. op. cit. p. 84-85.

<sup>201</sup> *“A democracia evolui a partir do individualismo da unidade familiar. A fronteira reduz a complexa sociedade européia aos seus elementos constitutivos primitivos, a unidade familiar associada com um tipo social específico, o fronteiro. A sociedade americana integra gradualmente estas unidades a um conjunto mais complexo, mas, no geral, ela retém aquelas tradições primitivistas de antipatia ao controle direto que previnem que a América democrática se transforme na Europa autocrática”*. KLEIN, Kerwin. *Frontiers of Historical Imagination*. op. cit. p. 17.

de uma democracia igualitária em solo americano. Ambos, contudo, são, na verdade, uma confirmação dos pressupostos de seu artigo mais famoso. Por trás das ‘sub-intrigas’ que conformam estes escritos, está sempre presente a intriga de um povo fadado a conquistar um continente e de uma ‘raça’ nova, apartada do Velho Mundo graças à fronteira.

Estes textos apresentam uma novidade no que se refere ao anterior: onde antes havia apenas a sugestão implícita da aquisição de novos territórios para a manutenção da democracia, agora surge a confirmação de tal elo. Com o advento da Era Roosevelt, Turner pôde confirmar seus apontamentos de maneira direta. Como o fim da crise da década de 90 se dá com a ascensão de Theodore Roosevelt, e seu projeto francamente imperialista, à presidência da república, o presente parecia confirmar as constatações que Turner havia feito sobre o passado. O que o historiador faz, mais uma vez, é lhe dar sua corroboração.

Em “*The Problem of the West*” ele confirma novamente a importância do Oeste e das terras livres para os Estados Unidos. O Oeste aparece, então, como sendo uma forma de sociedade engendrada por estas:

*“It is the term applied to the region whose social conditions result from the application of older institutions and ideas to the transforming influences of free land. By this application, a new environment is suddenly entered, freedom of opportunity is opened, the cake of custom is broken, and new activities, new lines of growth, new institutions and new ideals are brought into existence”.*<sup>202</sup>

Desta forma específica de sociedade nasceu a autóctone democracia norte-americana, ao contrário do que imaginavam os defensores da *germ theory*:

*“The history of our political institutions, our democracy, is not a history of imitation, of simple borrowing; it is a history of the evolution and adaptation of organs in response to changed*

---

<sup>202</sup> “Este é o termo aplicado à região cujas condições sociais resultam da aplicação de velhas instituições e idéias às influências transformadoras das terras livres. Através desta aplicação, se entra em um novo ambiente, abrindo-se a liberdade de oportunidades e rompendo-se com os velhos costumes, e novas atividades, novas linhas de crescimento, novas instituições e novos ideais passam a existir”. Idem. *The Problem of the West*. op. cit. p. 205.

*environment, a history of the origin of new political species*".<sup>203</sup>

A partir destas constatações, Turner reconstrói a colonização do Oeste e a eterna oposição *new-englander* enfrentada por este, recuperando vários dos pressupostos básicos de "*The Significance of the Frontier in American History*". O Leste é mostrado como sendo uma área excessivamente conservadora e antidemocrática, desejosa de barrar a expansão das fronteiras e cercear as liberdades dos fronteiriços. Estes, ao contrário, acreditavam no destino manifesto da nação americana e lutavam bravamente para fazer valer a sua vontade. A influência da natureza, o ambiente inóspito e a luta contra os selvagens forjaram um novo americanismo na fronteira – sentimento este que o Leste não conseguiu, ou não quis, compreender. Estas características amalgamaram-se nas lideranças dos presidentes Andrew Jackson e Abraham Lincoln, que, segundo Turner, ousaram enfrentar os interesses estabelecidos da classe dirigente oriental, deixando livre o caminho para a ascensão do homem comum e de seus sonhos de liberdade individual e igualitarismo. Mas este tipo de sociedade e este tipo de sentimento em relação à pátria e à democracia não teria sido possível sem a existência das terras livres. Foram elas que moldaram o *westerner*, selando assim o destino da nação:

*"They promoted equality among Western settlers, and reacted as a check on the aristocratic influences of the East. Where everybody could have a farm, almost taking it, economic equality easily resulted, and this involved political equality. Not without a struggle would the Western man abandon this ideal, and it goes far to explain the unrest in the remote West of today"*.<sup>204</sup>

Turner consegue então, de uma maneira simples, explicar o surgimento dos populistas: era a ressurgência do velho espírito indômito do Oeste confrontando-se uma vez mais com o conservantismo do Leste. Mas o contexto da época era, entretanto, muito diferente daquele das décadas anteriores: a fronteira, com seu infinito universo de oportunidades havia chegado ao fim:

---

<sup>203</sup> "*A história de nossas instituições políticas, nossa democracia, não é uma história de imitação, de um simples empréstimo; é a história da evolução e da adaptação de novos órgãos em resposta ao ambiente modificado, a história da origem de novas espécies políticas*". Idem. Ibidem. p. 205-206.

<sup>204</sup> "*Elas promoveram igualdade entre os colonos ocidentais, e reagiram como um xeque às influências aristocráticas do Leste. Onde todos podiam ter uma fazenda, quase de graça, a igualdade econômica surgia facilmente e isto envolvia igualdade política. Não sem luta o homem do Oeste abandonaria este ideal, e isto pode explicar a agitação no Oeste de hoje*". Idem. Ibidem. p. 212.

*“The free lands are gone, the continent is crossed, and all this push and energy is turning into channels of agitation. Failures in one area can no longer be made good by taking up land on a new frontier; the conditions of a settled society are being reached with suddenness and confusion. (...). And now the frontier opportunities are gone. Discontent is demanding an extension of governmental activity in its behalf. In these demands, it finds itself in touch with the depressed agricultural classes and workingmen of the South and East. **The Western problem is no longer a sectional problem: it is a social problem on a national scale**”.*<sup>205</sup>

Os Estados Unidos, diante deste quadro avassalador, estavam passando por uma crise de reorganização, tentando encontrar um equilíbrio entre uma nova sociedade industrial e os valores da antiga democracia agrária:

*“A people composed of heterogeneous materials, with diverse and conflicting ideals and social interests, having passed from the task of filling up the vacant spaces of the continent, is now thrown back upon itself and is seeking equilibrium. The diverse elements are being fused into national unity. The forces of reorganization are turbulent and the nation seems like a witches’ kettle”.*<sup>206</sup>

Mas nem tudo estaria necessariamente perdido, pois, como afirma Turner, as energias que moveram a nação por quase três séculos estariam sendo direcionadas a outras paragens, indicando que o movimento expansionista iria continuar:

*“The demands for a vigorous foreign policy, for an interoceanic canal, for a revival of our power upon the seas, and for the extension of American influence to outlying islands and adjoining countries, are indications that the movement will continue”.*<sup>207</sup>

Assim, de maneira explícita, Turner não só diagnostica o problema, mas também fornece o remédio: a expansão ultramarina em direção à Ásia e ao Caribe, e a

---

<sup>205</sup> “As terras livres terminaram, o continente foi cruzado e toda esta energia está se transformando em agitação. Os fracassos em uma área não podem mais ser resolvidos com a aquisição de novas terras na fronteira.; as condições de uma sociedade assentada estão sendo alcançadas com precipitação e confusão. (...). E agora as oportunidades da fronteira se foram. O descontentamento demanda a intervenção governamental em seu nome. Nestas demandas, ela se encontra-se em contato com as classes rurais em crise e com os operários do Sul e do Leste. **O problema do Oeste não é mais um problema seccional; é um problema social em escala nacional**”. Grifo meu. Idem. Ibidem. p. 219-220.

<sup>206</sup> “Um povo composto de materiais heterogêneos, com ideais diversos e interesses sociais conflitantes, tendo alcançado a tarefa de preencher os espaços vagos do continente, é agora atirado contra si mesmo e está buscando equilíbrio. Os diversos elementos está sendo fundidos em uma unidade nacional. As forças da reorganização são turbulentas e a nação lembra um caldeirão de bruxa”. Idem. Ibidem. p. 220-221.

<sup>207</sup> “As demandas por uma política externa vigorosa, por um canal interoceânico, para um reflorescimento de nosso poder marítimo, e por uma extensão da influência americana para as ilhas e países próximos, são uma indicação de que o movimento vai continuar”. Idem. Ibidem. p. 219.

conseqüente abertura de novas fronteiras, era uma das possibilidades de manutenção do espírito expansionista e do equilíbrio perdido.

A identificação entre o expansionismo e o trabalho de Turner fica mais evidente em outro de seus mais importantes escritos, *“Contributions of the West to American Democracy”*. Escrito no auge da Era Roosevelt (1901-1909) e quando a fama de Turner já se espalhava por todo o país, o artigo demonstra não só as contribuições do Oeste para a democracia norte-americana, como legítima boa parte das ações externas de seu país no mesmo período, a partir da verificação das condições sócio-econômicas que permitiram o desenvolvimento da democracia nos Estados Unidos. Como afirma ele no início do artigo: *“we find ourselves at the present time in an era of such profound economic and social transformation as to raise the question of these changes upon the democratic institutions of the United States”*.<sup>208</sup> Turner, então, enumera quatro mudanças profundas que afetaram o país entre 1890 e 1900 e que constituíam uma verdadeira revolução.

Em primeiro lugar estaria o fim da oferta de terras livres e o encerramento da expansão a Oeste como um fator efetivo do desenvolvimento norte-americano: *“the first rough conquest of the wilderness is accomplished, and that great supply of free lands which year after year has served to reinforce the democratic influences in the U. S. is exhausted. The free lands that made the pioneer have gone”*.<sup>209</sup>

O segundo fator seria a concentração de capital nas mãos de poucas indústrias e o surgimento de todo um aparato financeiro ao seu redor. Além disso, esta concentração teria gerado os trustes e atraído uma vasta quantidade de imigrantes para o território americano. O resultado disto seria a proletarização desta população estrangeira, a acentuação da clivagem entre capital e trabalho e a formação de quistos étnicos urbanos.<sup>210</sup>

---

<sup>208</sup> *“Nós nos encontramos em uma era de profundas transformações sociais e econômicas que nós nos devemos perguntar o efeito de tais mudanças nas instituições democráticas dos Estados Unidos”*. Idem. *Contributions of the West to American Democracy*. In: *The Frontier in American History*. op. cit. p. 244.

<sup>209</sup> *“A primeira conquista do deserto foi alcançada, e aquela grande quantidade de terras livres que ano após ano serviu para reforçar a influência da democracia nos Estados Unidos está exaurida. Terminaram as terras livres que geraram o pioneiro”*. Idem. *Ibidem*. p. 244-245.

<sup>210</sup> Idem. *Ibidem*. p. 245.



O terceiro fenômeno, conectado intimamente aos dois anteriores, seria a expansão política e comercial dos Estados Unidos aos territórios adjacentes. O surgimento de um possível império norte-americano é aventado explicitamente por Turner. A vitória sobre os espanhóis na Guerra Hispano-Americana, a conquista das Filipinas e de Porto Rico, a anexação informal de Cuba e a tomada do Havaí seriam indicações do novo direcionamento da política externa do Estado americano e a consolidação de um poder econômico e militar capaz de rivalizar com os das velhas potências européias.<sup>211</sup>

Por fim, em quarto lugar estaria a questão do socialismo e das reformas estatais. O nascimento de novas idéias políticas, a reestruturação partidária e o surgimento de uma terceira força política, os populistas, estariam forçando a política norte-americana em direção a uma reformulação de seus princípios básicos.<sup>212</sup>

A partir deste ponto, ele retoma as premissas já expostas nos artigos anteriores, como a oposição entre Oeste, renovador e progressista, e Leste, conservador e aristocrático, identificando os meios pelos quais o segundo tentou barrar os avanços democráticos do primeiro, sem, contudo, ter sido bem-sucedido. Políticos como Thomas Jefferson, com sua utopia agrária, Andrew Jackson e sua democracia do *common man*, e Abraham Lincoln, com seu amor à liberdade, fizeram valer a causa ocidental, e, juntamente com as massas de imigrantes em épocas diversas da expansão, assentaram as bases da democracia norte-americana.<sup>213</sup> Esta, por sua vez, havia sido garantida pela existência das terras livres enquanto uma espécie de válvula de escape para os problemas sociais do Leste - idéia implícita em seu artigo mais famoso e desenvolvida de maneira mais abrangente em “*Contributions...*”:

*“Whenever social conditions tended to crystallize in the East, whenever capital tended to press upon labor or political restraints to impede the freedom of the mass, **there was this gate of escape to the free conditions of the frontier.** These free lands promoted individualism, economic equality, freedom to rise, democracy.”<sup>214</sup>*

---

<sup>211</sup> Idem. Ibidem. p. 246.

<sup>212</sup> Idem. Ibidem. p. 246.

<sup>213</sup> Idem. Ibidem. p. 247-258.

<sup>214</sup> “*Sempre que as condições sociais do Leste tenderam se cristalizar, sempre que o capital tentou impor restrições políticas ou trabalhistas com a tentativa de restringir a liberdade da massa, lá estava esta porta de fuga para as condições livres da fronteira. Estas terras livres promoveram o individualismo,*

Este “*gate of escape*”, esta possibilidade concreta de novas oportunidades ao alcance da mão, era o principal diferencial norte-americano em relação ao resto do mundo ocidental, dando à democracia estadunidense uma magnitude jamais conhecida antes. O fim da oferta de terras livres, o famigerado encerramento da fronteira, estava, contudo, ameaçando sua própria sobrevivência:

*“But the very task of dealing with vast resources, over vast areas, under the conditions of free competition furnished by the West, has produced the rise of those captains of industry whose success in consolidating economic power now raises the question as to whether democracy under such conditions can survive”.*<sup>215</sup>

Apesar do aparente negativismo, Turner mantém uma postura relativamente otimista diante desta perspectiva sombria. A experiência da marcha ao Pacífico havia marcado a psique nacional de tal forma que, mesmo com seu fim, seus ideais se manteriam presentes na nação, seja através da legislação democrática ou de uma identidade nacional única e avalista da democracia. Como um país de pioneiros, os Estados Unidos saberiam se adaptar às novas condições do século XX. Além disso, a expansão comercial em direção a novas áreas, e a conseqüente abertura de novas fronteiras, também exerceria um caráter providencial para a manutenção da democracia.<sup>216</sup>

A elegia para esta fase brilhante de sua carreira veio com seu discurso de posse como presidente da AHA em 1910. “*Social Forces of American History*” serve como uma espécie de síntese para todos os artigos publicados anteriormente. Nele, Turner demonstra uma vez mais sua verve presentista ao enumerar, de maneira resumida, todas as modificações estruturais que ocorreram no país entre fins do século XIX e a data de sua exposição.

Assim como “*The Significance of the Frontier in American History*”, a exposição começa com a declaração do encerramento de uma era. Não mais a da

*qualidade econômica, liberdade de ascensão social, democracia. Os homens não aceitariam salários inferiores e uma permanente posição de subordinação social quanto esta terra prometida de liberdade e igualdade estava ao alcance da mão”.* Idem. Ibidem. p. 259.

<sup>215</sup> “*Mas a própria tarefa de se lidar com estes vastos recursos, sobre grande áreas, sob as condições da livre competição gerada pelo Oeste, produziu a ascensão daqueles capitães de indústria cujo sucesso na consolidação de seu poder econômico agora levanta a questão se, sob tais condições, a democracia pode sobreviver”.* Idem. Ibidem. p. 260.

<sup>216</sup> Idem. Ibidem. p. 261-263.

fronteira, obviamente, mas a da livre competição entre indivíduos pelos recursos naturais do país, ameaçada pela enorme concentração industrial do período:

*“Today we must add that the age of free competition of individuals for the unpossessed resources of the nation is nearing its end. It is taking less than a generation to write the chapter which began with the disappearance of the line of the frontier – the last chapter in the history of the colonization of the United States, the conclusion to the annals of its pioneer democracy”.*<sup>217</sup>

O vertiginoso crescimento econômico da década anterior, e o conseqüente aumento da produção de aço, da mineração de ouro e da produção de bens de consumo, é considerado por Turner como uma revolução só comparável com a Guerra de Independência. Mas o que ele considera como o fator fundamental de mudança é a expansão norte-americana em direção ao Pacífico e à América Latina. Como ele mesmo escreve: *“it was, indeed, the logical outcome of the nation’s march to the Pacific, the sequence to the era in which it was engaged in occupying the free lands and exploiting the resources of the West”.*<sup>218</sup> Uma vez mais, portanto, está feito o *link* entre expansão continental e expansão internacional. Ao fazer uso da expressão ‘resultado lógico’ Turner naturaliza o processo e o imbuí de toda a respeitabilidade decorrente de sua gênese. Dito de outra forma, não era a simples exploração econômica dos povos ‘anexados’ que interessava, mas a preservação de um bem maior. Está consumada, portanto, uma justificativa com ares inquestionavelmente científicos para tais atos. ‘Os Estados Unidos podem descansar paz’, parece dizer Turner.

A longa descrição das mudanças ocorridas no período tem por finalidade a demonstração do desenvolvimento das várias forças sociais envolvidas no processo histórico norte-americano.<sup>219</sup> Se os artigos anteriores já deixavam antever tal constatação, mesmo que subsumida ao papel dado à fronteira, neste Turner é explícito quanto à ação destas forças na história do país:

---

<sup>217</sup> *“A era da livre competição entre os indivíduos pelos recursos desta nação está chegando ao fim. Está levando menos de uma geração para a escrita do capítulo que começou com o desaparecimento da linha de fronteira – o último capítulo na história da colonização dos Estados Unidos, a conclusão dos anais de sua democracia pioneira”.* Idem. *Social Forces in American History*. op. cit. p. 312.

<sup>218</sup> *“Isto foi, de fato, o resultado lógico da marcha da nação em direção ao Pacífico, a seqüência da era em que ela estava engajada na ocupação das terras livres e na exploração dos recursos do Oeste”.* Idem. Ibidem. p. 315.

<sup>219</sup> Idem. Ibidem. p. 312-322.

*“Whatever be the truth to European history, American history is chiefly concerned with social forces, shaping and reshaping under the conditions of a nation changing as it adjusts to its environment. And this environment progressively reveals new aspects of itself, exerts new influences, and calls out new social organs and functions”.*<sup>220</sup>

O historiador não chegou a desenvolver o conceito de “forças sociais” de maneira mais específica, mas ele pode ser entendido como a conjunção de fatores, invisíveis ou não, que condicionam e ritmam a evolução social nos Estados Unidos. Tal entendimento não está, portanto, longe daquilo que o historiador havia proposto em seus escritos anteriores, já que a história narrada pela *frontier thesis* é a de um país continuamente adaptando-se às novas condições dadas pela evolução da fronteira em diferentes momentos de sua vida. O que Turner fez em seu discurso de 1910 foi ampliar tal noção, reconhecendo a existência de outros elementos importantes da história norte-americana, sem sacrificar, contudo, a centralidade das terras livres como a determinante histórica da América. Por trás daquilo que Bogue considera como sendo uma revisão mais ampla de seus marcos explicativos, existe uma mal-disfarçada continuidade.<sup>221</sup>

Com as últimas palavras de “*Social Forces in American History*” termina o desenvolvimento da *frontier thesis* – e a época mais brilhante da carreira de Turner. Deste ponto em diante seus escritos não passaram de meras sombras dos anteriores. Em um deles, “*The West and American Ideals*”, publicado em 1914, Turner apresenta quase que um autoplágio, repetindo incessantemente afirmações já feitas, como, por exemplo, o caráter autóctone da democracia norte-americana, sua personificação em Andrew Jackson e Abraham Lincoln, os diferentes tipos de fronteira durante o processo de expansão, etc..<sup>222</sup> Se não fosse por uma ou outra menção às condições daquela conjuntura específica, pode-se confundir esta obra com qualquer outra escrita antes de 1910.

Em outro ensaio, “*Middle Western Pioneer Democracy*”, publicado em 1918, o historiador enfatiza uma vez mais o caráter democrático da sociedade surgida no Oeste,

---

<sup>220</sup> “Qualquer que seja a verdade em relação à história européia, a história norte-americana está preocupada principalmente com forças sociais, moldando-se e remoldando-se sob as condições de uma nação mudando enquanto se ajusta ao seu ambiente. E este ambiente progressivamente revela novos aspectos de si mesmo, exerce novas influências e conclama novos órgãos sociais e funções”. Idem. Ibidem. p. 323.

<sup>221</sup> BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 271-272.

<sup>222</sup> TURNER, Frederick Jackson. *The West and American Ideals*. In: *The Frontier in American History*. op. cit. p. 290-311.

relacionando os grupos étnicos e sociais que contribuíram para o seu desenvolvimento. Uma vez mais se encontram todos os elementos presentes nos textos anteriores: a noção do pioneiro enquanto portador do Destino Manifesto do país, a sua insubordinação diante dos poderes do Leste, sempre sequiosos em controlar o movimento de expansão, e a gradual linha de fronteira, avançando inexoravelmente em direção ao Pacífico. Aqui, contudo, Turner estabelece uma relação entre os bravos *westerners* e os soldados engajados na Primeira Guerra Mundial. Segundo ele, a luta na Europa não era um conflito apenas entre potências rivais do Velho Mundo, mas entre o sistema democrático e a tirania oriental. Eram os ideais americanos que guiavam os guerreiros nos campos de batalha da França e da Alemanha: “*we are fighting for the historic ideals of the United States, for the continued existence of the type of society in which we believe, because we have proved it good, for the things which drew European exiles to our shores, and which inspired the pioneers*”.<sup>223</sup> O autor convoca a América a dar o exemplo para as outras nações do mundo, sob o risco de seu sonho ter sido fútil e inútil.

É interessante perceber que alguns artigos desta época apontavam para uma espécie de revisão da *frontier thesis*, nunca concretizada de maneira mais sistemática. Em “*The Old West*”, publicado em 1908, e “*The First Official Frontier of the Massachusetts Bay*”, de 1914, Turner apontava para uma complexificação de seus marcos, demonstrando que a fronteira seqüencial imaginada por ele era mais complexa do que o imaginado anteriormente e que as autoridades governamentais tiveram um papel preponderante nos territórios fronteiriços. Mas por que, então, ele não levou adiante tais considerações? Em primeiro lugar, estes textos foram escritos para um público especializado e não para uma audiência mais ampla. Para seus pares, que já conheciam sua obra, Turner demonstrava uma intenção de modernizar suas explicações, adequando-as ao andar de suas pesquisas e afirmando, assim, sua preponderância como o grande historiador da fronteira. Para os leigos, valia mais focalizar os aspectos já populares de suas teorias do que oferecer novas interpretações. Em segundo lugar, como bem aponta Billington, os vários convites para palestrar sobre a fronteira levaram-no a enfatizar os aspectos já conhecidos de suas teorias, dada sua popularidade. Como muitas

---

<sup>223</sup> “*Nós estamos lutando pelos ideais históricos dos Estados Unidos, pela existência do tipo de sociedade em que acreditamos, porque nós provamos que ela é boa, pelas coisas que atraíram exilados europeus às nossas costas, e que inspiraram as esperanças dos pioneiros*”. Idem. *Middle Western Pioneer Democracy*. In: *The Frontier in American History*. op. cit. p. 335.

destas exposições orais foram publicadas mais tarde, o resultado previsível era que estes trabalhos repetissem as formulações de seus escritos anteriores.<sup>224</sup>

Outro fator importante para considerar tal repetição de temas é o elo estabelecido entre as teses turnerianas e as políticas interna e externa norte-americanas no mesmo período. Basta lembrar que, cinco anos após a primeira proclamação de Turner, Cuba e as Filipinas foram anexadas aos Estados Unidos sob o epíteto de ‘protetorados’, e, no que se refere à política interna do país, se consumou a submissão total das populações indígenas, com o esmagamento dos últimos vestígios de resistência, e a adoção de reformas econômicas que tinham por finalidade enquadrar os trustes. A *rationale* evocada para tais atos foi, entre outras, o espírito da fronteira – ecoando os elementos da *frontier thesis*. Os dois presidentes mais importantes do período, Theodore Roosevelt e Woodrow Wilson, eram fiadores do marco turneriano, sendo que o segundo chegou a declarar publicamente que todas as suas idéias de expansão foram moldadas a partir da *frontier thesis*. Segundo Wilson, com a total ocupação do continente os Estados Unidos deviam, inevitavelmente, voltar seus olhos para as riquezas do Pacífico.<sup>225</sup> Roosevelt também embasou boa parte de sua política externa nas concepções de Turner, principalmente sobre a importância econômica de novas fronteiras, aliadas às suas próprias convicções sobre a superioridade racial dos anglo-saxões diante dos povos conquistados (índios, latinos, filipinos, etc.).<sup>226</sup>

Em outras palavras, a cristalização da *frontier thesis*, e seu conseqüente esgotamento teórico, não se deve somente às dificuldades de Turner em escrever ou à

---

<sup>224</sup> BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 197-198.

<sup>225</sup> A base da política externa dos dois mandatos de Wilson foi a aceitação de missão americana no mundo moderno, onde os Estados Unidos eram entendidos como os portadores de valores democráticos e universais, portanto, aplicáveis a todas as nações. Wilson acreditava que o destino dos norte-americanos era liderar o mundo em uma verdadeira cruzada democrática contra o autoritarismo. O presidente também entendia que o Pacífico e a América Latina eram territórios privilegiados para a expansão da economia norte-americana e não hesitou em ordenar a invasão do Haiti, em 1915 e as intervenções no México e na Venezuela, em 1917, para defender os interesses do país. Como Wilson se considerava ‘mais turneriano que o próprio Turner’, segundo David Wrobel, é bem possível que a base teórica para suas elucubrações fosse, em parte, derivada da *frontier thesis*. O famoso historiador diplomático William Appleman Williams fornece mais alguns indícios neste sentido, afirmando que as convicções de Wilson eram resultado de um calvinismo devotado, que afirmava a superioridade do Cristianismo protestante e do capitalismo democrático norte-americano, e de uma visão "prática" da *frontier thesis*, que enfatizava a necessidade da contínua expansão dos Estados Unidos para a manutenção de suas instituições políticas e econômicas. WROBEL, David. *The End of American Exceptionalism*. op. cit. p. 58-59. & WILLIAMS, William Appleman. *The Tragedy of American Diplomacy*. New York: Dell, 1973. p. 70-72.

<sup>226</sup> Sobre a relação entre Turner e Roosevelt ver: SLOTKIN, Richard. *Nostalgia and Progress: Theodore Roosevelt's Myth of the Frontier*. In: *American Quarterly* n. 33. Philadelphia: University of Pennsylvania, winter 1981. p. 609-637.

necessidade de ser reconhecido como o grande inovador da historiografia norte-americana, mas também à uma conjuntura que permitiu tal acontecimento. Esta proclamação intermitente de suas premissas, combinadas com seus diversos usos, permite que elas sofram um processo de naturalização e sacralização. Desde modo, pode-se falar em uma espécie de relação dialética entre um e outro: ambas se confirmam, encontrando referências mútuas. É no momento, pois, em que uma escrita da história encontra corroboração nos cursos ‘naturais’ do desenvolvimento histórico e este encontra suas afirmações naquela que se consolida uma narrativa em detrimento de outras. Pois, se podermos ler o trabalho de Turner enquanto textos de um autor preocupado em renovar a historiografia, aproximando-a do campo científico e da sociedade em que se insere, também podemos lê-lo enquanto a teleológica marcha épica de uma nação ao encontro de seu destino ‘natural’, como veremos mais adiante. Os Estados Unidos encontram, assim, sua biografia autorizada.

Ademais, a preponderância de Frederick Turner na academia de seu país também se conforma em um elemento fundamental desta cristalização. Trinta anos antes, Turner era um jovem – vigoroso e desafiador, enquadrado em uma universidade periférica que, paradoxalmente, lhe permitiu chegar ao topo da glória profissional. Em 1910 e depois, ele é a autoridade estabelecida do ramo. Sua teoria predomina em quase todo o ensino de história do país, de livros escolares a monografias universitárias. Grande parte dos melhores historiadores do período haviam passado pelo seu seminário em Madison.<sup>227</sup> Suas explicações haviam se tornado, sob a égide governamental, a base legitimadora de sua política externa. Políticos, empresários e, por incrível que pareça, até socialistas advogavam suas idéias.<sup>228</sup> Diante de tal situação, não havia espaço para avançar, ou mesmo modificar, suas teses. O *lugar* lhe censurava. Segundo Patricia Limerick:

---

<sup>227</sup> Sobre isto, Turner afirmou em 1922: "*something like half the states have a course on Western history, and many of the leading universities include it in their curriculum. A considerable portion of the instructors were trained in my seminary.*" ("*algo como mais da metade dos estados possuem um curso de história do Oeste, e quase todas as grandes universidades o incluem no currículo. Uma parcela considerável dos instrutores foi treinada em meu seminário*"). Ver: TURNER, Frederick Jackson. *Letter to Constance Lindsay Skinner, March 15th, 1922.* op. cit. p. 209.

<sup>228</sup> O texto "*The Significance of the Frontier in American History*" foi publicado por uma revista de socialistas norte-americanos em 1905, *International Socialist Review*, merecendo elogios por parte dos marxistas que a editavam pela aplicação da teoria materialista à História dos Estados Unidos. In: BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner.* op. cit. 188-189. Na mesma carta mencionada na nota anterior, Turner exprime uma certa surpresa com o fato de sua teoria ter sido apropriada pelos socialistas, já que ele não era nem um pouco simpático às suas causas. Ver: TURNER, Frederick Jackson. *Letter to Constance Lindsay Skinner, March 15th, 1922.* op. cit. p. 208.

*“The Originator of the frontier thesis had evolved into the Defender of the frontier thesis, and defending would offer very little of the fun and adventure that came with originating. One of the pleasures now off-limits to Turner was that of pointing out the short-sightedness and mistaken preoccupations of established authority in American history. When one was the established authority in one's field, the pleasures of rebellion were considerably diminished. Turner could not frankly discuss the flaws of the 1893 essay because it formed the foundation of his career, his prestige, and his sense of personal achievement.”*<sup>229</sup>

O que interessava a Turner, na medida em que sua autoridade e prestígio iam aumentando, era a defesa da *frontier thesis* enquanto uma explicação viável do passado norte-americano. A configuração universitária da disciplina em torno de seus preceitos fez muito no sentido de incorporar à academia estadunidense métodos e premissas bastante inovadores, inaugurando uma era onde a questão não era mais direcionada ao Estado ou aos grandes homens, mas às estruturas que conformavam a sociedade e ao homem comum. Isto, contudo, semeou a própria petrificação da *frontier thesis*, pois se destronou um rei absolutista para entronar outro. Em poucos anos, como diz Limerick, o jovem rebelde se transformou no velho conservador.<sup>230</sup> Como autoridade estabelecida, agora eram Turner e seus discípulos que controlavam e determinavam o tipo de história a ser feita nas universidades.

Isto acabou sendo crucial para a emergência de uma historiografia quase oficialista durante as três primeiras décadas do século XX. No primeiro, tratava-se de manter uma postura histórica quase acrítica, enfatizando as benesses do capitalismo norte-americano, a excepcionalidade da nação e a justiça de suas políticas externa e interna, contrapondo-se às narrativas que enfatizavam o conflito e as injustiças sociais e fornecendo uma imagem da América em paz consigo mesma. Ademais, se forneciam explicações sociais e econômicas para a história norte-americana sem precisar se apelar ao marxismo ou mesmo ao determinismo beardiano, menos perigoso, mas ainda bastante controvertido. A academia funcionou neste período, segundo as palavras de Charles Beard, como uma *"grand court, where the scribes are as regular as those of*

---

<sup>229</sup> “O Criador da *frontier thesis* havia se tornado o Defensor da *frontier thesis*, e a defesa ofereceria muito pouca da diversão e aventura que viam com o ato de originar. Um dos prazeres agora inalcançável para Turner era aquele de apontar os erros e preconceitos da autoridade estabelecida na história americana. Quando alguém é a autoridade estabelecida em sua área, os prazeres da rebelião estavam consideravelmente diminuídos. Turner não poderia discutir francamente os erros e falhas de seu ensaio de 1893 porque ele fundamentava sua carreira, seu prestígio e seu senso de realização pessoal.” LIMERICK, Patricia Nelson. *Turnerians All*. op. cit. p. 149.

<sup>230</sup> Idem. *Ibidem*. p. 151.



*Louis XVI*".<sup>231</sup> Em que pese os prováveis ressentimentos de Beard em relação aos seus colegas, suas palavras dão a medida exata da influência de Turner na construção da disciplina nos Estados Unidos. O historiador de Portage foi um cientista social cauteloso em seus métodos e conclusões, e possuía uma certa visão das limitações de seu trabalho. Seus discípulos, no entanto, "*were less cautious; to them the thesis was the Divine Word, utterly unassailable*".<sup>232</sup> Segundo Billington:

*"They saw the frontier not as one force helping to mold the American character but as the force, solely responsible for the behavior of the people and the only key needed to unlock the secrets of the nations' s history"*.<sup>233</sup>

Dito de outra maneira, a recepção e a aceitação acrítica da *frontier thesis* contribuíram definitivamente para a sua cristalização e para a perda de seu vigor inicial. Isto, juntamente com sua transformação na ideologia 'oficial' norte-americana, acabou contribuindo para que uma teoria histórica inovadora e instigante se tornasse uma explicação pétrea e desprovida de maiores pendores críticos.

Por fim, outro elemento fundamental neste quadro é a fusão entre *frontier thesis* e identidade nacional, ao menos no plano narrativo. Ao utilizar o Oeste como uma sinédoque para a nação, Turner acabou criando uma narrativa 'definitiva' para os Estados Unidos. Nesta perspectiva, os fundamentos da teoria turneriana se confundem com a própria nação. Não é de se espantar, portanto, que quando a *New Western History* surgiu, em fins da década de 80, muitos jornais e revistas tenham atacado as novas perspectivas propostas pelo grupo como sendo 'antiamericanas', relativistas e irresponsáveis para com a 'verdadeira' história dos Estados Unidos.<sup>234</sup> Ao escamotear os conflitos que alimentaram a conquista do continente e ao pintar um quadro otimista da América, a *frontier thesis* acabou se transformando exatamente naquilo que Turner

---

<sup>231</sup> "*Grande corte, onde os professores são tão aplicados como os escribas de Luís XV*". KLEIN, Kerwin Lee. *Frontiers of Historical Imagination*. op. cit. p. 83.

<sup>232</sup> "*Foram menos cuidadosos; para eles, a tese era a palavra divina, completamente infalível*". BILLINGTON, Ray Allen. *Introduction*. In: op. cit. p. 3.

<sup>233</sup> "*Eles viam a fronteira não como uma das forças que ajudaram a moldar os Estados Unidos, mas como a força, unicamente responsável pelo comportamento do povo e a única chave necessária para desvendar os mistérios da história norte-americana*". Idem. *Ibidem*.

<sup>234</sup> LIMERICK, Patricia Nelson. *What on Earth is the New Western History?*. In: LIMERICK, Patricia Nelson; MILNER II, Clyde A. & RANKIN, Charles E (org.). *Trails*. op. cit. p. 89.

propôs, ou seja, a autoconsciência da nação. Como diz Kerwin Klein: "*communities' identities are defined by historical narratives; communities are their histories*".<sup>235</sup>

Turner deu um sentido histórico a toda uma sorte de narrativas que compunham o mito de origem norte-americano, afirmando-o com foros de verdade histórica. Em suas mãos, os pioneiros não eram apenas personagens de histórias populares: eram os verdadeiros pais fundadores da nação americana. O Mito da Fronteira encontrava, assim, sua configuração definitiva nas páginas da *frontier thesis*, sem que isso prejudicasse suas pretensões científicas.

---

<sup>235</sup>"As identidades comunais são definidas por suas narrativas históricas; as comunidades são suas histórias". KLEIN, Kerwin Lee. *Frontiers of Historical Imagination*. op. cit. p. 92.

### 3. A MARCHA DO FRONTEIRIÇO

O Mito da Fronteira é considerado o principal mito de origem dos norte-americanos, tendo influenciado na adoção de políticas internas e externas, além de ter alimentado uma visão de nação pautada na idéia de uma aliança entre a Providência e os estadunidenses, de um destino nacional anterior à própria história dos Estados Unidos e de uma excepcionalidade intrínseca aos americanos do norte. Tendo sido elaborado pelos Puritanos ainda no século XVII, o Mito foi sendo paulatinamente retrabalhado por toda uma sorte de ideólogos e *myth-makers* nos séculos que se seguiram.

A *frontier thesis* operou a cientificização deste mito a partir de uma linguagem que combinava os preceitos da história-ciência com imagens e ícones tradicionalmente associados ao Mito e uma retórica com nítidos fins de persuasão. Este terceiro e último capítulo trata justamente dos modos pelos quais Turner efetuou esta operação. Na primeira parte, atento para a criação e o desenvolvimento do Mito da Fronteira, enfatizando as diferentes versões surgidas durante o século XIX. No segundo item, preendo-me às fontes e à retórica da *frontier thesis*, valorizando seu papel na elaboração da narrativa turneriana. Por fim, no último ponto busco demonstrar como Turner refigurou o Mito da Fronteira, reconciliando as versões divergentes e unificando uma valorização do passado agrário dos Estados Unidos com um presente industrial, sem prejuízo a nenhum dos dois.

### 3.1. Mito e História: a fênue fronteira

Até o surgimento da *frontier thesis*, a historiografia norte-americana era a de um país que mais se assemelhava a uma colcha-de-retalhos, com regiões competindo entre si pela preponderância histórica – com amplas vantagens à Nova Inglaterra.<sup>236</sup> Os marcos de Frederick Turner permitiram a reversão desta tendência centrífuga e possibilitaram a construção de uma América com uma história compartilhada e com os mesmos símbolos e heróis. O raciocínio é simples: se todo o país um dia foi o Oeste, incluindo partes tão divergentes como o Sul e a Nova Inglaterra, então todos norte-americanos possuíam algo em comum. Todos podiam reclamar a mesma herança. Os estadunidenses que lessem as páginas dos escritos de Turner poderiam se imaginar como uma "*comunidade compacta que se move firmemente através da história*".<sup>237</sup> Aqui, a escrita da história apresentada pelo professor de Harvard adquire certamente os contornos de um "*discurso da representação nacional*"<sup>238</sup>, criando as pontes entre o passado e o presente das diferentes partes da América. A partir da *frontier thesis*, os Estados Unidos podem se encarar um como uma entidade com uma história e um futuro em comum, superando os *gaps* regionais e sociais. Nas palavras de Howard Lamar:

*"The frontier thesis glorified the average American by casting him in the role of the westward-moving pioneer who conquered the land and built the nation. Somehow Turner managed to construct a democratic, classless, and therefore a non-Marxist version of the American experience."*<sup>239</sup>

A conjuntura da exposição da *frontier thesis* também contribuiu bastante para sua aceitação. A última década do século XIX foi a era do Oeste por excelência. Sem o sucesso do *Wild West Show* de Buffalo Bill<sup>240</sup>, as bem-sucedidas novelas sobre os heróis

---

<sup>236</sup> NOVICK, Peter. *That Noble Dream*. op. cit. p. 72-73.

<sup>237</sup> ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. op. cit. p. 35.

<sup>238</sup> DE CERTEAU, Michel & al. *A História – Uma Paixão Nova*. In: DUBY, Georges; LADURIE, Emmanuel Le Roy & LE GOFF, Jacques. *A Nova História*. Lisboa: Edições 70, 1977. p. 12.

<sup>239</sup> "*A frontier thesis glorificava o americano médio ao botá-lo no papel do pioneiro que conquistou a terra e construiu uma nação. Turner conseguiu criar uma experiência americana democrática e sem classes e, portanto, não marxista*". LAMAR, Howard. *Keeping the Faith*. op. cit. p. 231.

<sup>240</sup> O *Wild West Show* de William Cody, vulgo Buffalo Bill, teve seu auge de público na mesma semana em que Turner apresentou seu trabalho na *World's Columbian Exposition*. Cody apresentava-se como um contador de histórias sobre o "verdadeiro" Oeste e seu intuito com este espetáculo era manter viva a memória sobre a fronteira, já que ela havia chegado ao fim. Para garantir a veracidade das apresentações,

da fronteira e o conjunto de mitos que alimentavam estas narrativas, dificilmente Turner poderia ter atingido o sucesso que obteve. O fato é que a sua teoria era uma confirmação daquilo que os americanos já consideravam como sendo parte de sua cultura popular e do seu grande mito de origem, o Mito da Fronteira. De acordo com Richard White:

*"Turner summoned the frontier from the dim academic backcountry, but in popular American culture the frontier already stood squarely in the foreground. Turner did not have to tell Americans about the frontier; he could mobilize the images they knew. (...). Americans had recognized for generations the cultural utility of the frontier in their politics, folklore, music, literature, art and speech. All Turner had to do was to tell Americans the SIGNIFICANCE of this familiar frontier".*<sup>241</sup>

Foram vários os historiadores que perceberam esta íntima relação entre a *frontier thesis* e o Mito da Fronteira, com destaque para os pioneiros trabalhos de Henry Nash Smith e Richard Hofstadter.<sup>242</sup> A *New Western History* também enfatizou a dimensão mítica da teoria turneriana, especialmente Donald Worster e Patricia Nelson Limerick.<sup>243</sup> Para estes autores, contudo, isto serve para demonstrar as inverdades e os erros das hipóteses apresentadas por Turner, usando “mito” como sinônimo para “fantasia”, ou no caso dos autores da NWH, como “erro”, puro e simples. Seguindo seu raciocínio, a obra do professor de Harvard teria sacrificado a ciência à narrativa, à retórica e à imaginação, sendo passível de uma profunda correção ou simplesmente de abandono pelas novas gerações.<sup>244</sup> Sua desmistificação traria à tona a “verdadeira” história do Oeste e o fim

Cody recorria a figuras conhecidas da história recente do Oeste, como o chefe sioux Touro Sentado, as pistoleiras Ann Oakley e Calamity Jane, e, ainda nos anos iniciais do show, o vigilante Wild Bill Hickock.

<sup>241</sup> "Turner botou a fronteira na linha de frente da academia, mas na cultura popular norte-americana ela ali estava há tempos. Turner não precisava falar sobre a fronteira aos norte-americanos; ele podia mobilizar imagens que eles já conheciam. (...). Por várias gerações os americanos já tinham reconhecido a utilidade cultural da fronteira na arena política, no folclore, na música, na literatura, na arte e em seus discursos. Tudo que Turner tinha de fazer era contar aos americanos o SIGNIFICADO desta fronteira familiar". WHITE, Richard. *Frederick Jackson Turner and Buffalo Bill*. In: GROSSMAN, James. (org.). *The Frontier in American Culture*. Los Angeles: UCLA, 1994. p. 12

<sup>242</sup> Henry Smith escreveu o clássico estudo "*Virgin Land*" onde, entre outras coisas, apontava a origem mítica da teoria de Turner, com ênfase para o seu caráter agrário e democrático. Richard Hofstadter, preocupou-se com o mito do individualismo do pioneiro na *frontier thesis* e a falta de comprovação empírica da maioria das afirmações de Turner. SMITH, Henry Nash. *Virgin Land*. Cambridge: Harvard University Press, 1950. p. 250-260. & HOFSTADTER, Richard. *The Progressive Historians*. op. cit. p. 149-151.

<sup>243</sup> WORSTER, Daniel. op. cit. In: LIMERICK, Patricia Nelson; MILNER II, Clyde A. & RANKIN, Charles E. *Trails*. op. cit. p. 3-25. & LIMERICK, Patricia Nelson. *The Legacy of Conquest*. New York: W. W. Norton, 1987. p. 17-33.

<sup>244</sup> Autores ligados a NWH, como Limerick e Elliott West, são profundamente críticos em relação à 'falta de cientificidade' da *frontier thesis* e sua construção supostamente retórica e não analítica. Segundo eles, a teoria de Turner seria fruto mais da imaginação do historiador do que de pesquisas aprofundadas e o resultado disto teria sido uma história repleta de erros, passível de completo abandono pelas gerações

dos mitos que a alimentaram durante tanto tempo. Isso se dá, segundo Temístocles Cezar, como condição para:

*"Articular o discurso histórico em nome de supostas imagens antagônicas: o real, o verdadeiro, o científico. Para que estes procedimentos de divisão obtivessem sucesso foi preciso tornar o campo histórico um abrigo inexpugnável às influências literárias, cujas matrizes são abertas às representações destituídas de objetividade".<sup>245</sup>*

A desqualificação da *frontier thesis* através de sua adjetivação enquanto “mito”, realizada pelos historiadores acima mencionados, é um dos modos de se afirmar uma história como sendo "mais científica" que a anterior. Ao acusarem Turner de ser um simples *rhetor*, eles podem marcar suas escritas como sendo seu exato oposto: uma análise rigorosa desprovida de qualquer “devaneio” literário ou narrativo em contraposição a um mito sem qualquer preocupação com a veracidade de suas informações.

Ocorre que o elo entre o Mito da Fronteira e a teoria turneriana é deveras mais profundo e, neste sentido, esta não deve ser igualada a uma fantasia errônea ou mera invenção. Muito pelo contrário, sua escrita é controlada por todos os procedimentos consagrados como científicos: verificação das fontes (mesmo que Turner não as explicita sempre), seu entrecruzamento e crítica, além da exposição da pesquisa em um relato que se julga racional. Mas esta narração também se vale de ícones convencionalizados por toda uma tradição discursiva que lhe dão inteligibilidade e corroboração: o Mito é um dos modos encontrados pelo historiador para confirmar suas proposições, na medida em que ele trabalha com imagens a muito estabelecidas como

---

mais novas. As críticas, contudo, me parecem mais uma tentativa de desmerecer a antiga *western history* para o estabelecimento de uma nova disciplina acadêmica, presumidamente mais fiel aos fatos, e de um campo de influência dentro da profissão. Aliás, é bastante perceptível a tenacidade da NWH em separar a “velha” história da “nova”, anunciando seu surgimento como a vitória da ciência contra os mitos construídos pelos antigos historiadores do Oeste. De fato, o movimento tem seu pautado por uma preocupação louvável em incluir atores sociais até então ignorados pelas narrativas anteriores, e pela construção de uma escrita da história que contemple o triunfo e a derrota, o conflito e o consenso. Mas seu constante apedrejamento de tudo que foi feito antes de seu aparecimento é bastante desnecessário, além de extremamente arrogante, como percebeu Jerome Fisk. Ver, além dos textos citados acima: WEST, Elliott. WEST, Elliott. *A Longer, Grimmer, but more Interesting Story*. In: LIMERICK, Patricia Nelson; MILNER II, Clyde A. & RANKIN, Charles E. *Trails*. op. cit. p. 103-112; ROBBINS, William G. *Laying Siege to Western History: the emergence of new paradigms*. In: Idem. p. 182-213. & FISK, Jerome. *The Theoretical (Re)Positions of the New Western History*. In: ROBINSON, Forrest G. *The New Western History: the territory ahead*. Norman: University of Arizona Press, 1998. p. 17-60.

<sup>245</sup> CEZAR, Temístocles. *Sob o firmamento da História: o mito do texto enquanto representação objetiva do passado*. In: ELMIR, Cláudio P. & FELIX, Loiva Otero. *Mitos e Heróis: construção de imaginários*. Porto Alegre: EdUFRGS, 1998. p. 163.

"verdadeiras". Além disso, muitas de suas próprias fontes eram também veículos de divulgação do Mito da Fronteira, como veremos. Assim, a partir de uma prática científica, ele penetra na narrativa sem que esta precise sacrificar os cânones da profissão. Deste modo, a *frontier thesis* torna-se a versão acadêmica do Mito, isto é, a sua confirmação a partir de elementos derivados da nascente ciência histórica em uma narrativa que racionaliza seus elementos, dando-lhes nexos e sentido.

Esta interação entre o Mito da Fronteira e a tese de Turner serve também para demarcar os limites de uma história que se afirma como científica, mas que não deixa de fazer uso de elementos literários para sua constituição. Ou seja, mesmo com a tentativa de se separar a História do romance, por exemplo, a fronteira entre os dois continuava tênue o suficiente para que o professor de Harvard pudesse escrever sua história em uma linguagem que refigurava o Mito, ecoando toda a tradição que lhe deu origem. Neste aspecto, um dos pais da história-ciência nos Estados Unidos também é, paradoxalmente, um literato de primeira ordem. Para alguém tão desconfiado e desgostoso com a escrita, Turner era um escritor invejável.

### **3.2. O Mito da Fronteira: regressão e regeneração**

O Mito da Fronteira, segundo Richard Slotkin, é um dos mais antigos e significativos da nação norte-americana. Segundo esta mitologia, a expansão das fronteiras do país havia sido a grande responsável pela sua excepcionalidade, oferecendo a oportunidade da regeneração através da regressão aos estágios primitivos da civilização. O Mito reconhecia a existência de um destino anterior à própria história dos Estados Unidos, concedido pela Providência, afirmando o pertencimento de todo continente aos anglo-saxões. Tendo sido desenvolvido ainda durante o período colonial, pelos Puritanos que buscavam explicar sua chegada ao Novo Mundo e justificar a fundação de uma sociedade apartada da Europa corrompida, ele foi progressivamente sendo trabalhado durante os dois séculos seguintes, assumindo a função de

racionalizador do processo de desenvolvimento do capitalismo em plagas americanas e de subjugação dos nativos e de outras minorias sociais.<sup>246</sup> Ainda segundo Slotkin:

*“Under such conditions it is not surprising that ideas and doctrines would be developed and stories told, that would explain the meaning of the Frontier to the citizens of the Metropolis, and project policies for dealing with the consequences of growth. It was inevitable too that over time such ideas and stories would take on conventional patterns, becoming myths”.*<sup>247</sup>

Sendo assim, mitos são:

*“Stories, drawn from history, that have acquired through usage over many generations a symbolizing function that is central to the cultural functioning of the society that produces them. Historical experience is preserved in the form of narrative, and through periodic retellings those narratives become traditionalized. These formal qualities and structures are increasingly conventionalized and abstracted, until they are reduced to a set of powerfully evocative icons, in which history becomes cliché”.*<sup>248</sup>

Os mitos são formulados como explicações para os problemas que surgem no curso da experiência histórica. As mais persistentes destas formulações se desenvolvem sobre áreas de preocupação que persistem durante longos períodos de tempo e que são

<sup>246</sup> SLOTKIN, Richard. *The Gunfighter Nation*. op. cit. p. 11.

<sup>247</sup> “Não é surpreendente que, sob tais condições, histórias e idéias fossem desenvolvidas para explicar o significado da fronteira aos cidadãos da metrópole e projetar políticas para lidar com as consequências do crescimento. Também não é de se surpreender que tais idéias e histórias tenham adquiridos contornos convencionais, tornando-se mitos”. Idem. *The Fatal Environment*. Norman: University of Oklahoma Press, 1985. p. 15.

<sup>248</sup> “Estórias, retiradas da história, que, através do uso sistemático, adquiriram uma função simbolizadora que é central ao funcionamento cultural da sociedade que as produziu. A experiência histórica é preservada na forma de narrativa que, através de recontagens periódicas, tornam-se tradicionalizadas. Estas qualidades formais são gradualmente convencionalizadas e abstraídas até que se reduzem a um conjunto de poderosos ícones, nos quais a história se transforma em clichê”. Idem. Ibidem. p. 16. Deste modo, o 'mito', enquanto aqui conceituado, afasta-se da conotação de fantasia tradicionalmente lhe imputada e aproxima-se de uma espécie de "sobre-significação" de alguma experiência histórica. Como aponta Slotkin, isto permite a consideração de seu lugar no regime de verdade de uma dada sociedade e sua função na construção de suas representações e na estruturação de sua própria realidade. O mito pode ser ruim, ou ter finalidades espúrias, mas dificilmente é algo falso ou mentiroso. Além disso, os mitos fornecem tropos ou narrativas que são identificáveis por uma determinada cultura e que, por isso, podem ser replicados de modos diversos durante o tempo. No caso dos historiadores, pode-se dizer que muitas vezes que os mitos funcionam como uma espécie de 'meta-história' que informa os tipos de histórias contadas por eles. Assim, é possível afirmar que Turner trabalhava dentro de uma tradição discursiva que limitava suas possibilidades narrativas. Isto não invalida, evidentemente, as escolhas deliberadas feitas por ele na construção de sua teoria e no modo pela qual ela é expressa, ainda que ele não pudesse configurá-las de qualquer jeito. Como aduz Hayden White: “o historiador deve abeberar-se no lastro de mythoi fornecidos pela cultura a fim de construir os fatos de modo a configurar uma estória de tipo particular, da mesma maneira que deve recorrer ao mesmo lastro de mythoi existente na mente de seus leitores para conferir ao seu relato do passado o odor de sentido ou significado”. WHITE, Hayden. *A Interpretação na História*. In: *Trópicos do Discurso*. São Paulo: Edusp, 2001. p. 77. Ver também SLOTKIN, Richard. *The Gunfighter Nation*. op. cit. p. 5-8.



amplificadas em momentos de crise. No caso norte-americano, isto pode ser aplicado ao caso da expansão das fronteiras ocidentais, no choque com os indígenas e com os outros grupos que ‘bloqueavam’ o caminho dos Estados Unidos em direção ao Pacífico e na percepção de que a Fronteira haveria de chegar ao fim.<sup>249</sup> De acordo com David Murdoch:

*"In America, a set of past of experiences became the model for the present and future because Americans chose to see in them something crucial. Over time, stories illustrating those experiences were turned, through endless repetition, into legends which became unchallengeable because the 'proved' the propositions of the myth. The themes of the myth percolated into society until they ended up as conventions, universally accepted".<sup>250</sup>*

Toda e qualquer espécie de mito está encerrado, então, em uma ideologia própria à sociedade que o criou. Sendo assim, para Slotkin, ideologia é *"the basic system of concepts, beliefs, and values that defines a society's way of interpreting the meaning of its history"*.<sup>251</sup> Toda ideologia é expressa através de uma mitologia e seu conteúdo é tacitamente considerado como ‘dado’ através de vários meios de expressão – incluindo a historiografia.<sup>252</sup> Este, contudo, é um processo em constante mutação:

*"The original mythology is a kind of net in which new materials will be caught; (...). The myths we inherit carry the marks of past reworking, and beneath their smooth surfaces they conceal the scars of the conflicts and ambivalences attended at their making".<sup>253</sup>*

Esta conceitualização permite a recuperação da historicidade dos mitos, não mais considerados como arquétipos ahistóricos gerados pela “natureza das coisas”, como expõe Slotkin.<sup>254</sup> Os mitos sempre são produtos de certas contingências históricas e sua

---

<sup>249</sup> Idem. Ibidem. p. 16-18.

<sup>250</sup> *"Na América, um conjunto de experiências passadas tornou-se um modelo para o presente e para o futuro porque os norte-americanos as viam como cruciais para a sua existência. Com o tempo, histórias que ilustravam estas experiências transformaram-se, através de uma repetição sem fim, em lendas inquestionáveis porque 'provavam' as proposições do mito. Os temas do mito permearam a sociedade até que se tornaram universalmente aceitos"*. MURDOCH, David Hamilton. *The American West: the invention of a myth*. op. cit. p. 15.

<sup>251</sup> *"O sistema básico de conceitos, crenças e valores que definem o meio pelo qual uma sociedade interpreta o significado de sua história"*. SLOTKIN, Richard. *The Gunfighter Nation*. op. cit. p. 5.

<sup>252</sup> Idem. Ibidem.

<sup>253</sup> *"A mitologia original é uma espécie de rede na qual novos materiais serão presos; (...). Os mitos que herdamos possuem as marcas de trabalhos passados e embaixo de suas suaves superfícies eles escondem as cicatrizes dos conflitos e ambivalências que fizeram parte de sua criação"*. Idem. Ibidem. p. 23 .

<sup>254</sup> Idem. *The Gunfighter Nation*. op. cit. p. 7.

produção pode ser, na maioria das vezes, historicamente localizada no tempo e no espaço.<sup>255</sup>

As mudanças em uma mitologia não são, contudo, produzidas igualmente por todos os integrantes de uma sociedade. Elas respondem principalmente às demandas de certos grupos sociais interessados em consolidar sua posição no seio de seus patrícios. Na América, os *myth-makers* responsáveis por estas mutações estão localizados nos setores dominantes:

*“If we choose to study national popular culture, we should see it not as a national folklore but as the myth medium of the victorious party in an extended historical struggle. It has come to represent the mythology and the ideology of those groups or classes whose political and economical concerns have largely dominated and directed the course of American social, political and economic development”.*<sup>256</sup>

Isto não significa que o Mito tenha sido aceito de maneira acrítica por todos os norte-americanos. Seus processos de formulação e reformulação são carregados de conflitos entre estas classes produtoras e a audiência, de maneira que existe uma tensão constante entre aquilo que o Mito expõe e a sociedade que o engendrou. Com o tempo, contudo, o grupo vitorioso apresenta seu triunfo de maneira naturalizada, ocultando estas lutas para dar significado ao mundo. Uma contingência histórica é, assim, transformada em algo que transcende a própria história (caso do Destino Manifesto, por exemplo). Para os fins deste trabalho, entretanto, me deterei nos modos pelos quais o Mito foi sendo constantemente refigurado pelos grupos dominantes para dar vazão às suas demandas. Seria interessante enumerar todos os conflitos e ambigüidades deste processo, mas infelizmente isto ultrapassa em muito os limites desta dissertação. De qualquer modo, é importante atentar para a incapacidade do grupo dominante de fins do século XIX de impor a sua leitura do Mito para os habitantes do país, gerando um confronto simbólico

---

<sup>255</sup> Slotkin critica a abordagem arquetípica pela sua pouca atenção às contingências históricas nas quais são gerados os mitos. Segundo ele, *“the weakness of the archetypal approach is that it must scant the historical particular for the ‘universal’ structure”*. (*“a fraqueza da abordagem arquetípica é que ela deve restringir a particularidade histórica pela estrutura ‘universal’”*). Idem. *The Fatal Environment*. op. cit. p. 27-28.

<sup>256</sup> *“Se escolhermos estudar a cultura popular nacional, devemos percebê-la não como um folclore nacional, mas como o veículo mítico do lado vitorioso em uma contínua luta histórica. Ele passou a representar a mitologia e a ideologia daqueles grupos ou classes cujas preocupações políticas e econômicas tem dominado e dirigido amplamente o curso do desenvolvimento social, político e econômico da América”*. Idem. *Ibidem*. p. 30.

com outros setores da sociedade. É justamente neste momento que surge a *frontier thesis* e seu projeto sintético para a história dos Estados Unidos.

No caso específico do Mito da Fronteira, seu desenvolvimento se deu durante os séculos XVII e XIX como uma tentativa de racionalizar e explicar as mudanças enfrentadas pelos norte-americanos neste período. Neste sentido, a *frontier thesis* tem uma vantagem sobre as outras produções: ela subsume suas prerrogativas principais em uma explicação científica para a histórica norte-americana, preocupada em estabelecer as bases para sua devida compreensão, e oferece uma 'lei' de desenvolvimento histórico calcada em 'verdades' factuais. Como diz Cesar Guazzelli:

“O modelo identitário do ‘americano’, que intuitivamente havia se afirmado no pioneer dos literatos do fim do século XVIII e da primeira metade do século XIX, reaparecia com foros de uma ciência histórica apoiada na investigação documental. Mais que isso, Turner reafirmava que a saga dos fronteirços constituía uma história especificamente americana, não uma mera continuação de uma história inglesa em terras do Novo Mundo: os Boone, os Bumppo, os Crockett, ganhavam legitimidade, e realmente eram diferentes dos ‘casacas vermelhas’ de Sua Majestade Inglesa, e por essa razão construíram um país e uma nação”.<sup>257</sup>

Um dos elementos centrais ao Mito da Fronteira é a sua ênfase no ato de regeneração proporcionado pelas terras virgens do Oeste. Ali, o europeu transformava-se em americano, adaptando-se às novas condições e extraíndo da natureza o necessário para a sua sobrevivência. O progresso é entendido como um movimento de distanciamento físico da Metrópole. Os Estados Unidos começaram como uma nação de europeus expatriados e seriam construídos através de desgarrados: seres humanos que abandonaram o sufocante e conflituoso ambiente metropolitano em prol da vida em liberdade em um novo mundo inóspito, mas com promessas de recompensas triunfais àqueles que se aventurassem em seus domínios. O verdadeiro *homo americanus* é aquele que refez suas fortuna e seu caráter através da emigração, assentando-se em novas e ricas terras, e estabelecendo uma posição política que o opõe tanto aos índios e à Europa, ao bárbaro do Novo Mundo e à aristocracia do Velho. Este é seu traço principal: possui as qualidades inerentes ao selvagem, como a astúcia e a bravura, o que o diferencia do metropolitano “efeminado”, mas jamais se rebaixa às suas condições –

---

<sup>257</sup> GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *Fronteiras Americanas na Primeira Metade do Século XIX: o triunfo das representações nos Estados Unidos da América*. Revista Anos 90. n. 18. Porto Alegre: UFRGS, Dezembro de 2003. p. 141.

suas características raciais mantêm-se intocadas: ele continua sendo um homem branco, acima de tudo.<sup>258</sup>

Esta caracterização do pioneiro, repetida por Turner, foi desenvolvida de maneira mais detalhada nas histórias sobre Daniel Boone e Davy Crockett e nos livros de James Fenimore Cooper sobre o fronteiro Natty Bumppo.<sup>259</sup> Em que pese às diferenças entre elas, estes *pioneers* são descritos em termos bastante parecidos: todos são mestiços culturais, conhecendo os hábitos dos índios, os utilizando para seus próprios fins, e agindo como agentes do Destino Manifesto nos territórios do Oeste. Eles lutam contra as tiranias que querem deter o espírito expansionista do povo norte-americano: Bumppo combate os franceses e nativos ‘maus’; Boone é um *partisan* da Guerra de Independência e Crockett se sacrifica para garantir a independência do Texas contra os mexicanos, garantindo sua posse (e de boa parte do Oeste) aos anglo-saxões. Os três rejeitam a Metrópole e o ambiente urbano como lugares de degeneração e vício em contraposição à fronteira regeneradora, onde os homens renasciam através do trabalho duro e do contato com a *wilderness*. E, por fim, os três também representam a vitória do homem e do progresso sobre esta mesma natureza, mesmo que não usufruam dele.<sup>260</sup> Como o 'homem-que-conhece-índios', o herói fronteiro se levanta entre os mundos opostos da selvageria e da civilização, agindo como o instrumento mais efetivo

---

<sup>258</sup> SLOTKIN, Richard. *The Fatal Environment*. op. cit. p. 35.

<sup>259</sup> Cooper foi o autor dos chamados "*Leatherstocking Tales*", um conjunto de obras que relatam a vida de Natty Bumppo, um pioneiro, em diversos momentos de sua existência. Fazem parte dele: "*The Pioneers*" (1823), "*The Last of the Mohicans*" (1826), "*The Prairie*" (1827), "*The Pathfinder*" (1840) e, por fim "*The Deerslayer*" (1841). Destes, o mais conhecido é o segundo, único a ser traduzido no Brasil, sob o nome de "*O Último dos Moicanos*". Daniel Boone e Davy Crockett eram pioneiros reais que, através de suas biografias e obras de ficção baseadas em seus feitos, adquiriam o status de lendas. Boone foi alçado à fama através da biografia de John Filson publicada em 1784, "*The Adventures of Col. Daniel Boone*", além de uma série de outras publicações que lhe garantiram o status de primeiro herói norte-americano. Davy Crockett, por sua vez, foi um verdadeiro mestre na arte da autopromoção, resultado, em parte, de sua carreira política no Tennessee. Quando Crockett viajou ao Texas para juntar-se aos texanos rebelados, em 1836, já existiam os famosos "*Crockett Almanacs*", edições baratas onde o pioneiro narrava suas aventuras no Oeste. Depois de sua morte no Álamo, os almanaques tornaram-se *best-sellers* e Crockett literário adquiriu contornos quase sobre-humanos, capaz de segurar os Sol com as duas mãos e unir o Texas à Flórida com apenas um chute.

<sup>260</sup> FARAGHER, John Mack. *Daniel Boone: the life and legend of a pioneer*. New York: Henry Holt, 1992; FREITAS, Renata Dal Sasso. *A construção dos homens de fronteira na série de romances "The Leatherstocking Tales" (1823-1841) de James Fenimore Cooper*. Porto Alegre: UFRGS, 2003. (mimeo) & HUTTON, Paul Andrew. "*Sunrise in His Pocket*": the Crockett Almanacs and the birth of an American legend. In: HUTTON, Paul Andrew & RITCHIE, Robert C (org.). *Frontier and Region*. op. cit. p. 141-167.

desta contra aquela: ele sabe como lutar como os selvagens e, por isso, pode usar seus métodos contra eles.<sup>261</sup>

Aqui, portanto, está presente um outro elemento do Mito: a sua crença na existência de um Destino Manifesto para a nação norte-americana. Os pioneiros garantem o direito estadunidense à expansão e superam as barreiras que ousam se interpor entre eles e o Pacífico. Esta noção surgiu com os Puritanos, que viam na América a oportunidade de construção de uma Nova Jerusalém, livres das perseguições da Metrópole. A idéia central deste grupo era a de que Deus havia cedido o continente para seu novo povo escolhido, assim como havia feito com os hebreus milhares de anos antes. E, assim como os filhos de Israel, cabia a estes europeus a remoção de qualquer obstáculo aos seus propósitos.<sup>262</sup> A colônias americanas deveriam ser, nas palavras do líder puritano John Winthrop, uma 'cidade na colina', exemplificando a virtude terrena para os outros povos.<sup>263</sup>

Com a República, surgiu uma versão secular da idéia puritana original: a América seria virtuosa nem tanto por sua aliança com Deus, que fica implícita, mas por causa de seu regime democrático único. Os Estados Unidos ensinariam às outras nações as benesses da democracia. A garantia desta liberdade sem igual era a possibilidade de expansão aos territórios do Oeste. Um dos maiores defensores desta idéia, Thomas Jefferson, afirmava que a República poderia manter-se sã contanto que os territórios ocidentais fossem povoados por pequenos proprietários. Segundo ele:

*“Our governments will remain virtuous as long as they are chiefly agricultural; and this will be as long as there shall be vacant lands in any part of America. When the people get piled upon one another in large cities, as in Europe, they will become corrupt as in Europe”.*<sup>264</sup>

A fronteira novamente aparece como uma espécie de antídoto para os conflitos sociais da metrópole e como um lugar de regeneração espiritual, política e econômica. O Oeste

---

<sup>261</sup> SLOTKIN, Richard. *The Gunfighter Nation*. op. cit. p. 16.

<sup>262</sup> Idem. *The Fatal Environment*. op. cit. p. 53-63.

<sup>263</sup> WINTHROP, John. *A Modell of Christian Charity*. In: LEMAY, J. A. Leo (org.). *An Early American Reader*. Washington: United States Information Agency, 1989. p. 13-24.

<sup>264</sup> “Nossos governos permanecerão virtuosos contanto que promovam a agricultura. E isto ocorrerá se existirem terras disponíveis para a ocupação em toda a América. Quando o povo começar a se empilhar um sobre o outro em cidades grandes, como na Europa, eles tornar-se-ão corrompidos como os europeus”. JEFFERSON, Thomas apud WROBEL, David M. *The End of American Exceptionalism*. op. cit. p. 6.

era o grande 'jardim do mundo' e simbolizava a cornucópia americana. A esta utopia de Jefferson se deu o nome de 'agrarianismo', por localizar a prosperidade e a segurança nacional na constituição de uma república agrária, fundamentada no labor dos *yeomen farmers*.<sup>265</sup>

Esta argumentação foi transformada em doutrina durante a guerra contra o México (1846-48) por um grupo de pensadores pró-expansão ligados ao Partido Democrata e ao governo de James Polk.<sup>266</sup> De acordo com eles, o destino manifesto dos Estados Unidos era a conquista de todo o continente, dada à sua fecundidade, sua inventividade e seu amor ao progresso. Um de seus ideólogos mais importantes, Stephen A. Douglas, congressista do Illinois, declarou que a administração de Polk iria *"blot out the lines on the map which now marked our national boundaries and make the area of liberty as broad as the continent itself"*.<sup>267</sup> A isto, aliavam-se as virtudes de seu sistema democrático e um indisfarçável senso de superioridade racial diante dos outros povos americanos. Como afirma Cristina Pecequilo, *"dotada de um sentido de propósito, a expansão territorial era racionalizada e explicada não por interesses*

---

<sup>265</sup> SMITH, Henry Nash. *Virgin Land*. op. cit. p. 123-132.

<sup>266</sup> A aquisição de novas terras não foi uma unanimidade entre a elite política e intelectual dos Estados Unidos. Os integrantes do partido Whig, ligado aos grupos dominantes da Nova Inglaterra e aos proprietários do Noroeste, mantiveram-se cautelosos em relação à expansão, sob o argumento de que o país precisava de uma maior centralização administrativa que gerasse crescimento econômico a partir do fomento à indústria nacional. Ademais, os *whigs* temiam que as novas terras fossem utilizadas para a expansão da escravidão, abominada pela maior parte do partido. Os democratas, por sua vez, afirmavam a necessidade de se aumentar o território nacional para garantir a segurança e a prosperidade da república. A ala sulista do Partido Democrata desejava a ampliação do escravismo em direção ao Texas e outros territórios ainda fora da jurisdição da União. O grande choque entre estas forças veio durante a eleição presidencial de 1844, onde James K. Polk, democrata, enfrentou o *whig* Henry Clay. Polk ganhou através de uma pequena margem e fez de seu mandato um verdadeiro instrumento dos interesses expansionistas, através da anexação da República do Texas, levando à Guerra Mexicano-Americana, e da compra de boa parte do Oregon britânico. Ao final do conflito entre o México e os Estados Unidos, a nação latina perdeu quase um terço de seu território para os anglo-americanos. Ver FARAGHER, John Mack & HINE, Robert V. *The American West: a new interpretive history*. op. cit. p. 199-212.

<sup>267</sup> *"Apagar as linhas do mapa que marcam as nossas fronteiras nacionais e ampliar a área da liberdade por todo o continente"*. DOUGLAS, Stephen A. apud Idem. *Ibidem*. op. cit. p. 199. O termo "Destino Manifesto" foi cunhado em 1845 pelo jornalista John O'Sullivan, apoiador ferrenho de Polk e da ala expansionista do Partido Democrata, editor do *New York Morning News*, jornal nova-iorquino destinado às classes populares. A sua célebre frase afirmava o direito dos Estados Unidos de se apossarem de todo o Oeste: *"and that claim is by the right of our manifest destiny to overspread and to possess the whole of the continent which Providence has given us for the development of the great experiment of liberty and federated self-government entrusted to us"*. ("e esta reivindicação está dada pelo direito de nosso destino manifesto de se espalhar e possuir todo o continente nos dado pela Providência para o desenvolvimento deste grande experimento de liberdade e auto-governo federado confiado a nós"). No mesmo editorial, O'Sullivan afirmou que o caminho a Oeste jazia não sob *"trampled nations, but through desert wastes"* ("nações esmagadas, mas continentes desertos"). Idem. *Ibidem*. p. 199-200. Segundo Albert Weinberg, o termo foi popularizado não pelos apologistas da expansão, mas por seus opositores. A despeito de todas as críticas, os democratas acabaram adotando a frase como uma de seus slogans de governo. WEINBERG, Albert. *Destino Manifesto*. op. cit. p. 124.

*materiais, mas pelo dever que os norte-americanos tinham de espalhar e afirmar seu espírito e visão, sintetizados no par democracia/república*".<sup>268</sup> Assim, a partir de uma dada contingência histórica, se transformou uma necessidade peculiar em uma leitura da história norte-americana que evidenciava uma aliança com a Providência, já que a derrota sempre recaía aos inimigos da América. Isto logo se tornou uma das principais âncoras do Mito da Fronteira, revisado pelo grupo que apoiava a constante ampliação das fronteiras nacionais. Eles amalgamavam o agrarianismo de Jefferson a uma interpretação teleológica do processo histórico dos Estados Unidos, onde o triunfo do país só seria completo quando todo o continente estivesse sobe seu domínio.

Após a vitória sobre as hostes mexicanas, esta doutrina foi usada por jornalistas, empresários e políticos do Norte para tentar impedir o estabelecimento de novos estados escravistas na União. Eles entendiam que a escravidão era uma anomalia social dentro da América, pois rejeitava os valores que haviam movido sua fundação. Estes ideólogos não afirmavam a igualdade entre as raças, muito pelo contrário, mas argumentavam que uma democracia não podia tolerar representantes das tiranias européias em seus domínios, como eram os aristocratas sulistas.<sup>269</sup> Ademais, a expansão da escravatura poderia minar as possibilidades de assentamento de pequenos proprietários no Oeste, ameaçando, assim, os sonhos de nação livre, republicana e democrática. Para este grupo, a eclosão da Guerra Civil foi entendida como mais uma necessidade de se afirmar o destino norte-americano para aqueles que se opunham a ele e de garantir novas fronteiras para a expansão, ameaçadas pelas *plantations* e pelo 'egoísmo' dos latifundiários sulistas.<sup>270</sup>

Estes *myth-makers*, que logo se tornaram hegemônicos nos meios de comunicação e divulgação mais importantes<sup>271</sup>, acreditavam na supremacia da nova

---

<sup>268</sup> PECEQUILO, Cristina Soreanu. *A política externa dos Estados Unidos*. Porto Alegre: EdUFRGS, 2003. p. 55-56.

<sup>269</sup> Alguns se opunham à escravidão nos territórios ocidentais justamente com argumentos racistas, afirmando que as terras do Oeste deviam ser de única e exclusiva propriedade do homem branco. Segundo os apologistas desta idéia, o Sul já teria feito um "péssimo" favor à América ao permitir a instalação de negros em seu território. A expansão da escravidão só pioraria tal situação. FARAGHER, John Mack. & HINE, Robert V. *The American West: a new interpretive history*. op. cit. p. 225.

<sup>270</sup> SLOTKIN, Richard. *The Fatal Environment*. op. cit. p. 281-285.

<sup>271</sup> Slotkin enumera três jornais nacionais como os principais divulgadores desta versão revisada do Mito, todos de Nova York: "*The Herald*", "*The Tribune*", e "*The Nation*". Apesar de serem produzidas naquela cidade, as três publicações possuíam assinantes em todo o território nacional e estavam entre os títulos mais influentes da segunda metade do século XIX. Além deles, uma série de editores de pequenos jornais, principalmente do Oeste, e escritores de *dime-novels*, conformavam este grupo de *myth-makers*.

ordem industrial diante de alternativas políticas e econômicas. Eles romperam com o agrarianismo de Jefferson ao afirmar que a salvaguarda da América não eram os pequenos proprietários, mas a elite empresarial do Leste. O futuro do país estava em suas mãos, já que eles eram os únicos que dispunham de meios para botá-lo no rumo do crescimento econômico e da grandeza nacional. Assim, o Mito da Fronteira foi sendo paulatinamente adaptado para se conformar às necessidades deste grupo dominante:

*"Faced with the choice of 'liquidating' the concept of the Frontier or 'renaturalizing' it, Americans chose the latter. By a systematic and highly selective reinterpretation of the language of the Myth, they adapted it to suit the ideological purposes and needs of the new industrial society".<sup>272</sup>*

Na nova versão, os selvagens que ameaçavam a civilização não estavam somente nos distantes territórios ocidentais: eram todos aqueles que não se adaptavam ou que resistiam às imposições do capitalismo industrial, fossem eles operários, índios ou imigrantes não-anglo-saxônicos. Eles enquadravam a história do país em uma leitura radicalmente evolucionista, onde somente aqueles mais bem preparados sobreviviam aos inevitáveis conflitos entre raças e classes. A derrota do general George Custer, e de toda a Sétima Cavalaria, diante dos índios, em 1876, demonstrava bem o que ocorria quando os bárbaros ganhavam.<sup>273</sup> Para que isto não ocorresse, era necessária a tutela desta elite, que havia emergido como a grande vencedora das lutas históricas da América. Sua vitória lhe dava o direito de se apresentar como a guia dos destinos nacionais. Deste modo, eles aplicavam a lógica da guerra de fronteira, onde somente um lado pode sobreviver, às relações sociais da nova conjuntura. O lema de *"work or*

---

<sup>272</sup> *"Confrontados com as opções de liquidar com o conceito da Fronteira ou de renaturalizá-lo, os norte-americanos ficaram com a última. Através de uma reinterpretação sistemática e altamente seletiva da linguagem do Mito, eles o adaptaram para responder às necessidades ideológicas da nova sociedade industrial".* Idem. Ibidem. p. 531.

<sup>273</sup> George Armstrong Custer era um herói da Guerra Civil que, após o conflito, tornou-se um dos principais comandantes do Exército nas *Indian Wars* e um dos mais inflamados defensores do expansionismo norte-americano. O general sempre se opôs à política conciliatória de Ulysses Grant, presidente entre 1869 e 1877, em relação aos índios, que propunha a criação de reservas e a incorporação dos nativos à democracia nacional. No dia 17 de junho de 1876, em campanha contra as tribos das planícies, Custer foi derrotado pelas forças combinadas dos Sioux e Cheyenne, em Little Big Horn, no território de Dakota do Sul. Nenhum dos integrantes da Sétima Cavalaria, liderada por ele, sobreviveu à batalha. O episódio ficou conhecido como *"Custer's Last Stand"* ("a última defesa de Custer") e sedimentou a fama do militar como um dos heróis do panteão estadunidense.



*starve*", dirigido aos índios das reservas e os proletários urbanos, resume bem a ideologia deste grupo.<sup>274</sup>

Estes *myth-makers* direcionavam sua ideologia não só aos problemas internos dos Estados Unidos, mas ao exterior, fazendo campanha pelo fim do isolacionismo norte-americano e por uma política externa que assumisse a posição dos Estados Unidos como uma potência hemisférica. Sob o manto da Doutrina Monroe<sup>275</sup>, eles advogavam a ampliação da presença estadunidense na América Latina, incapaz de se autogovernar dada a "mestiçagem" de seus líderes. A Ásia era outra de suas ambições. Em ambos os casos, a expansão era lida como a continuação da fronteira interna, e os nativos eram os novos índios. Theodore Roosevelt explicitou tal ponto quando da invasão das Filipinas:

*"I have even scanted patience with those who make a pretense of humanitarianism to hide and cover their timidity, and who cant about liberty and the consent of the governed, in order to excuse themselves for their unwillingness to play the part of men. Their doctrines, if carried out, would make it incumbent upon us to leave the Apaches of Arizona to work out their own salvation, and to decline to interfere in a single Indian reservation. Their doctrines condemn your forefathers and mine for ever having settled in these United States".*<sup>276</sup>

Além de se utilizar explicitamente da doutrina do Destino Manifesto, Roosevelt deixou bem clara a continuidade do processo de expansão das fronteiras continentais e intercontinentais dos Estados Unidos, principalmente no que se refere à comparação entre os filipinos e as tribos apaches do sudoeste norte-americano. Como afirma Richard Slotkin: *"applying the Frontier Myth to the imperial project begins with a metaphoric*

---

<sup>274</sup> Os jornais acima citados anatimizavam qualquer tentativa de melhorar as condições dos pobres urbanos e rurais sob o argumento de que a filantropia amaciava o espírito nacional e contrariava as leis de desenvolvimento histórico que impunham a vitória de uma classe ou raça sobre outra. Aos subalternos cabia a aceitação do jogo ou o perecimento, sem a possibilidade de qualquer tipo de consenso. *Idem*. Ibidem. p. 291-300.

<sup>275</sup> Doutrina proclamada pelo presidente James Monroe (1817-1825) que, em 1823, afirmou que os Estados Unidos haveriam de lutar intensamente contra as indevidas intervenções européias no continente norte-americano. Roosevelt a modernizou através do "Corolário Roosevelt", em 1904, onde afirmava que os Estados Unidos tinham o direito de salvaguardar seus interesses na América Latina se seus vizinhos fossem incapazes de fazê-lo.

<sup>276</sup> *"Eu tenho menos paciência ainda com aqueles que se fingem de humanitários para esconder e cobrir sua timidez, e que falam sobre 'liberdade' e o 'consentimento dos governados', para fugir de sua incapacidade de exercer o papel de homens. Suas doutrinas, se levadas a cabo, nos forçaria a entregar o Arizona aos Apaches e nos impediria de intervir em uma única reserva indígena. Suas doutrinas condenam seus antepassados e os meus por terem se instalado nos Estados Unidos".* ROOSEVELT, Theodore. *On Patriotism and Self-Defense*. In: DINUNZIO, Mario R. (org.). *Theodore Roosevelt: an American mind*. New York: Penguin Books, 1995. p. 188.

*extension of the frontier categories to a new situation in which the Asians become figurative Apaches".*<sup>277</sup>

A nova fronteira serviria não só para avaliar o novo status imperial dos Estados Unidos, mas para permitir que este novo grupo dominante mantivesse seu vigor racial, inerente ao seu sangue anglo-saxônico "puro". A manutenção, e a repetição, das lutas que garantiram a vitória desta elite servirá para assegurar sua condição legítima de heróis aristocratas:

*"To renew their virility and to save their class from leisured inanition, they must take up the challenge of empire. The stakes in this challenge are not merely economic and political, but racial. The virility of a race, its 'fighting spirit', is its sole safe reliance on the Darwinian that has been our history".*<sup>278</sup>

Deste modo, a sobrevivência racial desta elite estaria perfeitamente assegurada se um império americano fosse construído.

Por outro lado, certos grupos sociais não comungavam desse credo no industrialismo e, em menor escala, no imperialismo. Para eles, a industrialização era benéfica contanto que as premissas democráticas fossem observadas, principalmente no que se refere à manutenção do agrarismo como elemento fundamental da América. Seus porta-vozes eram principalmente políticos do Oeste e escritores populares, que se remontavam nostalgicamente à primeira metade do século XIX, quando todos os homens podiam ascender socialmente através da igualdade de oportunidades oferecida pela fronteira. A nova ordem, segundo eles, havia transformado os indivíduos em escravos, impossibilitando suas chances de crescimento através do próprio trabalho. Ademais, a nação deveria preocupar-se com seus problemas internos antes de se aventurar na expansão ultramarina, assumindo uma atitude mais comedida e isolacionista em sua política externa.<sup>279</sup> Como afirma Alan Trachtenberg:

*"Controlled by private corporations, the new technologies came to be enemies of the farmer; steep rates for elevator*

---

<sup>277</sup> "A aplicação do Mito da Fronteira ao projeto imperial começa com a extensão metafórica das categorias de fronteira a uma nova situação aonde os filipinos transformam-se em apaches figurativos". SLOTKIN, Richard. *The Gunfighter Nation*. op. cit. p. 49.

<sup>278</sup> "Para renovar sua virilidade e para salvar sua classe da inanição ociosa, eles devem tomar o desafio do império. Os prêmios deste desafio não são meramente econômicos ou políticos, mas raciais. A virilidade de uma raça, seu 'espírito combativo', é sua única garantia nesta competição darwinista que tem sido a nossa história". Idem. *Ibidem*. p. 51-52.

<sup>279</sup> WROBEL, David M. *The End of American Exceptionalism*. op. cit. p. 13-25.

*storage, for the railroad transport, for middleman services, claimed the better part of his harvests, even years of bumper crops. (...). Independent farmers increasingly felt the chill winds of financial disaster in the very place once promised as a New World garden".<sup>280</sup>*

Esta divisão acabou refletindo-se na escolha dos mitos de origem destes dois grupos. O primeiro evocava o épico do 'homem-que-conhecia-índios' para criar uma aura heróica para a nova elite empresarial. Para eles, pioneiros como Daniel Boone e Davy Crockett representavam uma aristocracia americana, que havia surgido a partir da seleção natural do ambiente fronteiro sem abdicar dos valores democráticos da nação. Em outras palavras, através da luta contra a barbárie estes homens haviam se feito nobres e dignos de liderar seus iguais. Do mesmo modo, o grupo dominante havia provado sua capacidade de liderança ao vencer os inimigos externos (o Sul e os indígenas) e ao ascender socialmente em meio ao turbulento mundo dos embates econômicos. Assim, eles poderiam reivindicar a liderança nacional e a subjugação dos novos inimigos a suas necessidades. A luta entre operários e patrões, por exemplo, repete o esquema social-darwinista que havia movido a conquista do Oeste. Neste contexto, só o mais forte sobrevive.<sup>281</sup> Para esta versão do Mito, Slotkin dá o nome de 'progressista':

*"The progressive style uses the Frontier Myth in ways that buttress the ideological assumptions and political aims of a corporate economy and a managerial politics. It read the history of the westward expansion as a Social Darwinian parable, explaining the emergence of a new managerial ruling class and justifying its right to subordinate lesser classes to its purposes".<sup>282</sup>*

O segundo grupo, por sua vez, remontava ao agrarianismo de Jefferson para legitimar suas pretensões. Aqui é o Oeste como provedor que torna-se o eixo central do

---

<sup>280</sup> "Controlado pelas corporações privadas, as novas tecnologias se transformaram em inimigas dos fazendeiros; as altas taxas para armazenamento, para o transporte e pelos serviços intermediários demandavam a maior parte de suas colheitas, mesmo em períodos de baixas safras. Os fazendeiros logo sentiram os gélidos ventos do desastre financeiro no lugar que um dia simbolizou a promessa do Novo Mundo". TRACHTENBERG, Alan. *The Incorporation of America*. op. cit. p. 21.

<sup>281</sup> É paradigmático um dos principais clubes de elite nova-iorquino, que reunia grandes empresários, banqueiros, industriais e políticos, fosse batizado de "Boone and Crockett Club". Seus membros reuniam-se para caçar, vestidos com as roupas tradicionalmente associadas aos pioneiros, e para comemorar os feitos dos homens que haviam 'derrotado a anarquia e imposto a ordem ao Oeste'. Um de seus fundadores foi Theodore Roosevelt. Ver WROBEL, David W. *The End of American Exceptionalism*. op. cit. p. 37.

<sup>282</sup> "A versão progressista utilizava o Mito da Fronteira para sustentar as assunções ideológicas e metas políticas da economia industrial e das políticas empresariais. Ela lia a história da expansão ocidental como uma parábola social-darwinista, explicando a emergência de uma nova elite e justificando o seu direito de subordinar as classes subalternas aos seus interesses". SLOTKIN, Richard. *The Gunfighter Nation*. op. cit. p. 22.

Mito. O personagem principal é o fazendeiro, armado com o arado, e a marcha da expansão não é necessariamente sangrenta (embora o conflito exista), mas pacífica e ordeira. Estes ideólogos rejeitavam a civilização urbana na medida em que ela era a antítese de tudo aquilo que a fronteira representava e afirmavam a necessidade de se garantir a difusão da propriedade para todos. Caso isso não ocorresse, a América se transformaria em uma nova Europa e sua democracia ruiria. Era imperativo, portanto, que se preservasse os produtores rurais do Oeste dos novos rumos da economia e que se impedisse sua submissão aos interesses da indústria e do capital financeiro. Esta é a versão 'populista' do Mito:

*"The populist style developed in reaction to the emergence of the corporate/industrial economy and the political claims of its proprietors and managers. Its ideological premises combined the agrarian imagery of Jeffersonianism with the belief in economic individualism and mobility."*<sup>283</sup>

Embora as duas versões mantenham a base do Mito, isto é, sua crença na excepcionalidade da América graças à sua experiência fronteiriça, elas divergem no sentido em que dão ao passado e ao futuro da nação. Para os progressistas, a transformação da economia norte-americana é um ganho e o progresso é uma linha ascendente em direção ao futuro; para os populistas, a resposta está no passado e o porvir oferece decadência aos valores tradicionais dos Estados Unidos – eles propõem uma fuga da história, como percebeu David Noble.<sup>284</sup> É em meio a este embate sobre o que é ser americano, como apontou Trachtenberg, que surge a *frontier thesis* e seu projeto sintético para a história dos Estados Unidos da América.<sup>285</sup>

### 3.3 O Mito da Fronteira e Turner: a refiguração do passado nacional

A teoria de Turner se apresenta como uma maneira de escapar da dicotomia entre progressistas e populistas. Ela não pretende nem um retorno ao passado agrário nem uma justificação completa do novo capitalismo financeiro-industrial. Pelo contrário, ela se propõe a unificar estes elementos díspares em uma explicação que dê

---

<sup>283</sup> “Ela emergiu em reação à emergência da economia industrial/financeira e às demandas políticas de seus empresários. Suas premissas ideológicas combinavam as imagens agrárias de Jefferson com a crença no individualismo econômico e na mobilidade social”. Idem. Ibidem. p. 22-23.

<sup>284</sup> NOBLE, David. *Historians against History*. op. cit. p. 6.

<sup>285</sup> TRACHTENBERG, Alan. *The Incorporation of America*. op. cit. p. 7-8.

conta da história norte-americana em seu sentido mais amplo. Assim, ela busca caminhos para preservar os ideais agrários da nação e explicar o surgimento da nova ordem, de maneira a enquadrá-la em uma evolução 'natural' do país. Segundo Slotkin, "*Turner's frontier thesis differs from early versions in the deliberation with which it attempts to systematize earlier traditions in a historical account with the explanatory authority of scientific demonstration*".<sup>286</sup> Neste sentido, continua o autor, seus escritos não são somente uma interpretação histórica, mas uma narrativa que faz uso de ícones e imagens convencionados com o intuito de compreender uma crise social.<sup>287</sup> Esta preocupação com as conseqüências da industrialização e do progresso é, em grande medida, um dos fundamentos da *frontier thesis*. Segundo William Cronon, esta é a verdadeira *raison d'être* da obra de Turner.<sup>288</sup> Seu projeto historiográfico, portanto, propunha uma reescrita da história nacional congruente com o espírito de sua era e essa demandava uma síntese narrativa que pudesse explicar sua origem e apontar caminhos para o futuro.

### 3.3.1. Fontes, narrativa e retórica

Os textos de Turner foram, em sua maioria, concebidos como apresentações orais ou como publicações destinadas ao grande público. Deste modo, são raros os casos onde o historiador explicita suas fontes de modo mais sistemático, como em "*The Significance of the Frontier in American History*", onde a exposição é amparada por um grande número de notas de rodapé.<sup>289</sup> Em outros escritos, Turner menciona a

---

<sup>286</sup> "A diferença entre a frontier thesis de Turner para as versões mais antigas está na deliberação com que ele tenta sistematizá-las em uma narrativa histórica que possui a autoridade explanatória da demonstração científica". SLOTKIN, Richard. *The Gunfighter Nation*. op. cit. p. 30.

<sup>287</sup> Idem. Ibidem. p. 32.

<sup>288</sup> CRONON, William. *Turner's First Stand*. op. cit. p. 86.

<sup>289</sup> Embora tenha sido concebida como uma exposição oral, a versão impressa de "*The Significance of the Frontier in American History*" é repleta de notas de rodapé e de citações. Isto evidencia a adequação do texto às normas que norteavam a historiografia científica do século XIX e a adaptação de um então jovem historiador a estas práticas, com o intuito de demonstrar a cientificidade de suas afirmações. Isto não seria repetido com suas outras palestras que, quando de suas publicações, permaneceram sem referências às fontes. Além dos pontos que serão aventados mais adiante, isto demonstra a autoridade da fala de Turner, isto é, por ser um cientista (e o maior especialista de sua área de trabalho) ele não precisa demonstrar a veracidade de suas afirmações, pois ela já fica subentendida por sua posição social e acadêmica. Segundo Ronald Carpenter, "*of all modes of discourse, one most widely (and naively) thought to free of bias is history. The general public reacts to historical discourse with an anticipatory set: concepts articulated therein constitute 'truth' because they are in a history book. (...). Any prominent historian derives still another functional advantage from the very persuasiveness of the medium itself – that of hierarchical*

documentação, mas não as referencia, ou seja, o leitor fica impossibilitado de "acompanhar" a pesquisa do autor. Antes de ser um desvio de suas intenções científicas, argumento que isto é consequência de sua própria composição e revela o peso das figuras de retórica na elaboração da *frontier thesis*.

Segundo Ronald Carpenter, além de oferecerem uma interpretação histórica, os artigos e ensaios do professor de Harvard também são peças de oratória, revelando uma escrita com nítidas intenções persuasivas não derivadas somente da pesquisa documental ou da verdade de suas asserções.<sup>290</sup> Este argumento é próximo daquele defendido por Allan Megill e Donald McCloskey, quando se referem à História de modo mais amplo: "*a work of history does not derive chiefly from solitary illumination in the archives. It is a writing, an attempt at persuasion. Histories can be read as orations*".<sup>291</sup>

Entre as figuras de linguagem utilizadas pelo historiador, encontram-se antíteses (a preferida de Turner, consequência de seu pensamento histórico), aliterações e repetições paralelas, artifícios da retórica clássica usados para fins estilísticos e persuasivos.<sup>292</sup> Deste modo, mais do que um discurso sobre historiografia, a *frontier thesis* tornou-se "*a persuasive myth created by discourse*".<sup>293</sup> Carpenter comprova sua

*position amidst an entire mainstream of popular culture at a given point in time*". ("de todos os modos de discurso, a história é amplamente (e ingenuamente) considerada livre de preconceitos. O público geral reage ao discurso histórico com uma certa antecipação: os conceitos por ele articulados são verdadeiros porque estão em um livro de história. (...). Qualquer historiador proeminente retira ainda outra vantagem funcional da persuasibilidade do próprio veículo: aquela da posição hierárquica no mainstream de uma cultura popular em dado ponto no tempo"). CARPENTER, Ronald H. *The Eloquence of Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 70-71.

<sup>290</sup> Idem. Ibidem. p. 47-48.

<sup>291</sup> "Um trabalho de história não deriva somente da solitária iluminação dos arquivos. Ele é uma escrita, uma tentativa de persuasão. Histórias podem ser lidas como orações". MEGILL, Allan & McCLOSKEY, Donald N. *The Rhetoric of History*. In: NELSON, John S.; MEGILL, Allan & McCLOSKEY, Donald N. (org.). *The Rhetoric of the Human Sciences: language and arguments in scholarship and public affairs*. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1987. p. 221. A evidência do caráter persuasivo da *frontier thesis* foi dada pelo próprio Turner, em correspondência a Arthur Schlesinger Sr.: "*the truth is that I found necessary to hammer pretty hard and pretty steadily on the frontier idea to 'get it in', as a corrective to the kind of thinking I found some thirty years ago and less*". ("a verdade é que eu achei necessário martelar firmemente a idéia da fronteira para fazê-la entrar, como um corretivo para aquele tipo de idéia que encontrei a mais ou menos trinta anos atrás"). O historiador, portanto, deixa antever que, antes da dimensão científica de suas análises, o convencimento da audiência também se dá através do texto e dos modos pelos quais ele constrói seu objeto. A ênfase extremada na "idéia da fronteira" não é, assim, somente uma necessidade analítica, mas retórica, com fins de persuasão. TURNER, Frederick Jackson. *Letter to Arthur Schlesinger, April, 18th, 1922*. In: JACOBS, Wilbur (org.). *The Historical World of Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 155.

<sup>292</sup> CARPENTER, Ronald H. *The Eloquence of Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 48-50.

<sup>293</sup> "Um mito persuasivo criado por discurso". Idem. Ibidem. p. 52.

afirmação com uma pesquisa onde demonstra a recepção da teoria turneriana no grande público, através de cartas enviadas a Turner, resenhas publicadas em jornais e revistas, além de obituários homenageando o historiador:

*"The vividly meaningful indices of a national public's focus are in the multitude of letters written to Turner by typical readers and students in his own time, in the extensive newspaper reviews and editorials about Turner's conception as it was being published, and in the obituaries and letters to the family after the historian's death, wherein people gave their interpretations of what the frontier thesis meant to them personally and on an emotional level".<sup>294</sup>*

A construção de um discurso histórico dito científico em uma moldura explicitamente retórica demonstra o próprio limite deste projeto de cientificidade, que não consegue abandonar o recurso a uma narração literária do passado.<sup>295</sup> Mesmo com a separação entre história e retórica, efetuada no começo do século XIX<sup>296</sup>, e com a decadência da historiografia romântica nos Estados Unidos oitocentista – que enfatizava a questão do estilo do historiador-, a forma como o professor organiza sua narrativa ainda parece ser um dos elementos principais da *frontier thesis*. Portanto, o modo como

---

<sup>294</sup> "Os vívidos e significativos indícios do foco do público nacional estão no grande número de cartas recebidas por Turner e escritas por leitores leigos e estudantes em seu próprio tempo, nos extensos editoriais e resenhas sobre concepção de Turner enquanto ela ia sendo publicada, e nos obituários e cartas à família depois da morte do historiador, onde as pessoas davam suas interpretações sobre os significados pessoais e emocionais da *frontier thesis*". Idem. Ibidem. p. 53. Infelizmente não tenho como reproduzir todos os documentos citados por Carpenter, mas o caráter persuasivo da teoria de Turner entre o público não-acadêmico, como demonstrado por eles, é realmente impressionante. Eles estavam convencidos da veracidade das asserções de Turner. Ver Idem. Ibidem. p. 53-70.

<sup>295</sup> Embora tal afirmação possa ser considerada lugar-comum nos dias de hoje, dada a ampla discussão em torno da narratividade da história, vale lembrar que, em fins do século XIX e começo do século XX, tal ligação era descartada *a priori* pela maior parte dos historiadores, preocupados em estabelecer o estatuto científico da disciplina. Nos Estados Unidos, esta separação deu-se nas décadas de 70 e 80 do século XIX, quando a História tornou-se uma disciplina acadêmica, e consolidou-se quando de sua profissionalização, em 1884. Como aponta Novick, a maior parte dos historiadores deste período apropriou-se de maneira peremptória da metodologia rankeana e negou qualquer espécie de aproximação entre a História e a Literatura, baseada na separação rígida entre arte e ciência. Segundo eles, a historiografia romântica estadunidense havia sacrificado a verdade à prosa e este erro precisava ser corrigido, caso a História desejasse um status realmente científico. Mesmo Turner, que não via maiores problemas em um estilo vívido de narrativa, considerava tal aproximação perigosa, se levada a extremos, posto que poderia distorcer os fatos narrados pelo historiador. Seus discípulos na academia foram ainda mais duros que o mestre e continuaram rejeitando todo e qualquer recurso à retórica, incluindo aqueles da *frontier thesis*. Para um resumo do debate sobre o aspecto literário do discurso histórico ver CEZAR, Temístocles. *A "História Devorada": ensaio sobre a representação do passado*. In: ELMIR, Cláudio Pereira. *A História Devorada*. Porto Alegre: Escritos, 2004. p. 11-17. Para uma posição contrária à rigidez da cientificidade da historiografia norte-americana do começo do século XX, ver ROOSEVELT, Theodore. *History as Literature*. In: DiNUNZIO, Mario. *Theodore Roosevelt*. op. cit. p. 107-113. Sobre a consolidação da história-ciência nos Estados Unidos ver NOVICK, Peter. *That Noble Dream*. op. cit. p. 47-60. Sobre a rejeição da retórica turneriana por seus seguidores ver BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 444-471.

<sup>296</sup> WHITE, Hayden. *Teoria Literária e Escrita da História*. In: Estudos Históricos. vol. 7. n. 13. Rio de Janeiro, 1991. p. 24.

Turner enreda sua história, a maneira com que ele desenvolve seu *plot*, é fundamental para a legitimação de sua história. Isto ficará mais claro quando, mais adiante, levarmos em consideração a diferença entre seus textos destinados à academia e aqueles dedicados ao público leigo.

Um dos elementos considerados por Carpenter para este grande poder de persuasão é justamente a refiguração do passado nacional efetuada por Turner, que confirmava os mitos de origem do povo norte-americano através de uma pesquisa científica (e, por isso mesmo, extremamente persuasiva) em uma narração vívida que conjugava imagens e ícones já convencionalizados anteriormente para o fornecimento de uma auto-imagem nacional para os Estados Unidos.<sup>297</sup> A retórica de Turner preenche as lacunas deixadas pela investigação nas fontes primárias, funcionando como mais um dos instrumentos de legitimação de sua escrita, pois, segundo Megill e McCloskey:

*"Historians gave their often fragmentary sources to contend with. Yet the style exerts pressure to produce a whole and continuous story, sustaining the impression of omniscience, leaping over evidential voids".*<sup>298</sup>

Em outras palavras, existe uma relação dialética entre o Mito da Fronteira e a *frontier thesis*: o primeiro encontra sua confirmação na segunda, enquanto esta busca sua corroboração naquele, com o intuito de preencher estes "vazios evidenciais". Consideremos a seguinte passagem, onde Turner descreve fisicamente o pioneiro:

*"The backwoodsman arrayed himself in fur cap, moccasins or leggings, as did the Indian he met. The most distinctive part of his garment was the hunting shirt. This was a kind of loose frock of cloth or deerskin reaching nearly to the knees open before and so wide as to lap over a foot or two when belted".*<sup>299</sup>

---

<sup>297</sup> CARPENTER, Ronald H. *The Eloquence of Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 59-60.

<sup>298</sup> "Historiadores freqüentemente trabalham com fontes fragmentárias. Mesmo assim, o estilo exerce pressão na construção de uma história completa e contínua, sustentando a impressão de omnisciência, saltando sobre os vazios evidenciais". MEGILL, Allan & McCLOSKEY, Donald N. *The Rhetoric of History*. op. cit. p. 226. Uma outra hipótese para tal recurso é justamente a ausência de fontes mais significativas sobre a história do Oeste, quando da elaboração inicial da *frontier thesis*. A pequena quantidade de documentos disponíveis ao historiador no começo de sua carreira, bem demonstrada por Billington, pode tê-lo forçado a recorrer a imagens tradicionais da fronteira para embasar sua teoria ou para responder às questões não iluminadas pelas fontes disponíveis. Desta forma, a retórica assume exatamente o papel lhe imposto por Carpenter, isto é, de persuasão e legitimação. Com a replicação da linguagem de "*The Significance of the Frontier in American History*" nos artigos que o sucederam, é natural que a "ilustração dos fatos" também fosse copiada, cristalizando não só a teoria de Turner, mas a sua própria exposição retórica.

<sup>299</sup> "O homem dos bosques se vestia com seu chapéu de pele, seus mocassins, ou leggings, assim como o índio que encontrava. A parte mais característica de sua vestimenta era a sua camisa de caça. Ela era



Ela não é muito diferente daquela efetuada por James Fenimore Cooper, quando descreve Natty Bumppo em *"The Last of the Mohicans"*:

*"He wore a hunting-shirt of forest green, fringed with faded yellow, and a summer cap of skins which had been shorn of their fur. (...). His moccasins were ornamented after the gay fashion of the natives, while the only part of his under-dress which appeared below the hunting-flock, was a pair of buckskin leggings, that laced at the sides, and which were gartered above the knees with the sinews of a deer".*<sup>300</sup>

Em linhas gerais, Turner repete a descrição de Cooper, que, por sua vez, também replicava aquelas feitas por viajantes e pelos próprios pioneiros.<sup>301</sup> Assim, o historiador corrobora o Mito com seu discurso científico sobre um tipo social específico gerado em condições específicas, o caçador, mas também o utiliza como instrumento de confirmação de suas proposições, na medida que se remete a um saber já tido como comum ou, pelo menos, convencionalizado, pois, como diz Slotkin as representações do Mito e, por consequência da *frontier thesis*, são: *"symbolic and metaphoric, depending for their force on an intuitive recognition and acceptance of the symbol by the audience"*.<sup>302</sup>

Estes recursos são muito mais acentuados nos seus escritos destinados ao grande público do que em seus trabalhos acadêmicos. Em *"The Old West"*, publicado em 1908 nos anais da Sociedade Histórica do Wisconsin, o historiador mantém um tom cauteloso, avançando os achados de suas pesquisa e, consoante com seu método das múltiplas hipóteses, recusa-se a fazer conclusões mais contundentes.<sup>303</sup> O conteúdo de *"The Old West"* está centrado nos vários fatores que contribuíram para a formação da democracia fronteiriça no velho Oeste da nação, os estados da Costa Atlântica (as antigas Treze Colônias). A linguagem do artigo é factual, bastante detalhista e repleta de remissões a diversas fontes primárias e secundárias, possuindo mais de cem notas de

*um tipo solto de blusa ou de pele de veado, alcançando até quase os joelhos, aberto na frente, e tão largo a ponto de se enrolar por um ou dois pés quando rodeada".* TURNER, Frederick Jackson. *The Hunter Type*. In: JACOBS, Wilbur (org.). *Frederick Jacksons Turner's Legacy*. op. cit. p. 153-154.

<sup>300</sup> *"Ele usava uma camisa de caça verde, com franjas amarelas e um chapéu de pele cujos pelos foram raspados. (...). Seus mocassins eram ornamentadas na moda alegre dos nativos, enquanto que a única parte de sua roupa de baixo que aparecia por debaixo da camisa era um par de leggings de pele de veado, laçadas nos lados e presas acima dos joelhos com os tendões de um gamo".* COOPER, James Fenimore. *The Last of the Mohicans*. New York: Bantam Books, 1989. p. 21-22.

<sup>301</sup> SLOTKIN, Richard. *The Fatal Environment*. op. cit. p. 87-88.

<sup>302</sup> *"Simbólicas e metafóricas, dependendo na repetição intuitiva e na aceitação do símbolo para a audiência para a sua força"*. SLOTKIN, Richard. op. cit. p. 19.

<sup>303</sup> TURNER, Frederick Jackson. *The Old West*. In: *The Frontier in American History*. op. cit. p. 67-125.

rodapé em quase sessenta páginas. Os aspectos estilísticos, tão proeminentes em seus escritos mais famosos, estão bastante minimizados, mesmo que presentes.

O ensaio analisa as relações entre os diversos grupos sociais envolvidos no processo de dilatação das fronteiras, incluindo especuladores de terras, apresentando um quadro bem mais complexo daquele presente em, por exemplo, *"The Significance of the Frontier in American History"*.<sup>304</sup> Os tipos sociais apresentados por Turner em seu texto mais famoso não se sucedem de maneira ordenada e harmônica. Pelo contrário, a expansão é muito mais caótica, com diversos grupos lutando pela posse da terra e uma série de fatores econômicos e sociais limitando as possibilidades de ação dos pioneiros.<sup>305</sup> Ademais, o professor demonstra a ação governamental na colonização de vários territórios fronteiriços, incluindo o alistamento militar forçado, o estabelecimento de fortes e o contínuo recurso ao trabalho dos *indentured servants*, contrariando, assim,

---

<sup>304</sup> A partir de um estudo de caso, o da cidade de Litchfield, em Connecticut, o historiador analisa o conflito entre os grupos que possuíam o direito às terras e os pioneiros que pressionavam pela liberalização do acesso à propriedade fundiária. Segundo Turner, o crescimento populacional das classes menos privilegiadas da costa pressionou a abertura de novas áreas para a colonização e gerou um conflito aberto entre as duas classes sociais. Isto resultou na modificação no sistema de doação das terras e acabou enfraquecendo o poder desta aristocracia fundiária. De acordo com ele, *"is needless to point how this would affect the movement of Western settlement in respect to individualistic speculation in public lands; how it would open a career to the land jobbers, as well as to the natural leaders in the competitive movement for acquiring best lands, for laying out town sites and building up new communities under 'boom' conditions. The migratory tendency of New Englanders was increased by this gradual change in its land policy"*. ("não é necessário apontar como isto afetaria o movimento dos assentamentos ocidentais no que diz respeito à especulação individualista nas terras públicas; como isto abriria uma carreira para os trabalhadores rurais, assim como para líderes naturais no movimento competitivo pela aquisição de novas terras, para o estabelecimento de cidades e a construção de novas comunidades sob condições de crescimento econômico. A tendência migratória dos new englanders foi aumentada por esta mudança gradual na sua política fundiária"). Como se pode inferir desta breve passagem, o estudo introduz uma série de elementos que não estavam presentes nos seus artigos escritos para leigos. Uma das hipóteses para isso é, evidentemente, a continuação das pesquisas do historiador e um maior desenvolvimento de seus conhecimentos sobre o tema. Por outro lado, isto evidencia a deliberação com que ele se remetia à retórica e às imagens do Mito para se comunicar com a audiência mais ampla. Idem. Ibidem. p. 77.

<sup>305</sup> Como exemplifica o historiador: *"the fur-trade had led the way up to the Hudson and made beginnings of settlements at strategic points near the confluence of the Mohawk. But the fur-trader was not followed by a tide of pioneers. One of the most important factors in restraining population density in New York, in retarding the settlement of this frontier, and in determining the conditions there, was the land system of that colony"*. ("o comércio de peles abriu o caminho em direção ao Hudson e começou com os assentamentos em pontos estratégicos perto da confluência do Mohawk. Mas o comerciante de peles não foi sucedido por uma vaga de pioneiros. Um dos fatores mais importantes na restrição da população em Nova York, no retardamento do assentamento desta fronteira, e na determinação das suas condições, foi o sistema fundiário daquela colônia"). Idem. Ibidem. p. 80. Em um segundo momento, Turner descreve os conflitos entre os pequenos fazendeiros que ocupavam as terras fronteiriças e os criadores de gado, no oeste das Carolinas, da Geórgia e da Virgínia, evidenciando as lutas entre as próprias classes democráticas, e não somente entre estas e a aristocracia colonial. Idem. Ibidem. p. 88

suas próprias afirmações sobre a espontaneidade do processo e da falta de um controle estatal mais significativo na fronteira.<sup>306</sup>

Outro de seus artigos acadêmicos, “*The First Official Frontier of the Massachussets Bay*”, publicado em 1914 na revista da Sociedade Colonial de Massachussets, segue o mesmo padrão de “*The Old West*”. Seu foco é, como o título explicita, a primeira fronteira dos puritanos e seu desenvolvimento durante o período colonial. Uma vez mais Turner alude ao caráter “confuso” da seqüência de tipos sociais na Nova Inglaterra.<sup>307</sup> E, novamente, enfatiza a presença das autoridades governamentais no estabelecimento de cidades na linha de fronteira.<sup>308</sup>

Ambos os textos acima foram escritos quando a *frontier thesis* passava por um processo de cristalização, mas, mesmo assim, avançavam a teoria turneriana em vários pontos. Mas por que tal padrão não se repetiu nos escritos destinados ao grande público e lançados na mesma época? Para além das questões enumeradas anteriormente, parece-me pertinente considerar a diferença entre os modos encontrados por Turner para persuadir estas diferentes audiências. No caso da academia, a narrativa desenvolve-se da maneira consagrada pela história-ciência do século XIX, isto é, as fontes são referenciadas, as arestas literárias são podadas e o historiador mantém uma linguagem sóbria, analítica e bastante cautelosa quanto a conclusões mais apressadas. Estes artigos estão ancorados, portanto, em práticas científicas explicitadas no corpo do texto e que constituem os elementos de persuasão destas narrativas. Para seus pares, Turner mostra o desenvolvimento das pesquisas e comprova todas as suas asserções, de acordo com as regras estabelecidas pela profissionalização da disciplina. Mais do que isso, ele extrai

---

<sup>306</sup> Os *indentured servants* eram homens europeus maiores de 21 anos que tinham suas passagens pagas pelas autoridades coloniais ou pelos grandes proprietários, que, em troca, trabalhavam de graça para eles durante alguns anos ou até pagarem suas dívidas. Idem. Ibidem. p. 90.

<sup>307</sup> Nos diz ele: “*The common sequence of frontier types (...) had appeared, though confusedly, in New England. The traders and their posts had prepared the way for the frontier towns and the cattle industry was most important to the early farmers. But the stages succeeded rapidly and intermingled.*” (“a seqüência comum de tipos fronteiriços (...) apareceu na Nova Inglaterra, ainda que de maneira confusa. Os comerciantes e seus postos tinham preparado o caminho para as cidades fronteiriças e a indústria do gado foi muito importante para os primeiros fazendeiros. Mas os estágios se sucederam rapidamente e se misturaram”). Idem. *The First Official Frontier of the Massachussets Bay*. In: *The Frontier in American History*. op. cit. p. 43-44.

<sup>308</sup> “*An act by the General Court of Massachusetts enumerated the ‘frontier towns’ which the inhabitants were forbidden to desert on pain of loss of their lands (if they were landholders) or of imprisonment (if they were not landholders), unless permission to remove were first obtained.*” (“Um ato da Corte Geral de Massachussets enumerou as cidades fronteiriças nas quais os habitantes estavam proibidos de desertar sob pena de perderem suas terras (se fossem proprietários) ou de aprisionamento (se não fossem proprietários), ao menos que uma permissão para sair fosse obtida”). Idem. Ibidem. p. 42.

sua persuasão também do avanço de suas pesquisas, demonstrando seu papel como inovador e como historiador dominante da área.

No caso dos textos destinados a um público não-especializado o que dá sua coerência para a audiência não é nem tanto a pesquisa, que fica implícita, mas a composição da narrativa e a construção da intriga: o *emplotment* de sua história, para usar o termo de Hayden White.<sup>309</sup> Isto não significa afirmar que este “enredamento” não esteja sustentado por mecanismos de inibição à imaginação do autor, mas sim que eles não são apresentados ao leitor de maneira categórica. Assim, nestes escritos, o jeito que a história é narrada é tão importante quanto *o quê* ela narra. Os mecanismos de persuasão usados por Turner não são somente aqueles categorizados como científicos. Como demonstra Kerwin Klein, eles também são literários em sua essência: a armação da intriga, que permite que os norte-americanos se vejam como os verdadeiros construtores da nação; a remissão às imagens convencionalmente associadas à fronteira; e, principalmente, a construção de herói que guia a narrativa, ainda que anônimo e sem rosto: o pioneiro, que, como veremos, é a sinédoque de todos os homens comuns da América.<sup>310</sup> Deste modo, estes textos dependem também das próprias concepções que a audiência já tinha sobre a fronteira. Eles confirmam o que eles supostamente já sabiam, com o manto da história científica.<sup>311</sup>

Constatar esta diferença não significa afirmar que o "verdadeiro" Turner seja o dos artigos acadêmicos, o cientista preocupado com suas declarações, e o "falso" seja o dos escritos populares, mais retóricos e generalizantes.<sup>312</sup> Por isso, não concordo com Billington quando ele afirma que Turner:

---

<sup>309</sup> WHITE, Hayden. *Meta-história*. São Paulo: Edusp, 1992. p. 12.

<sup>310</sup> Klein afirma que Turner criou uma espécie de “romance subalterno” para os Estados Unidos, na medida em que seus personagens principais são homens comuns, que fogem à opressão das tiranias européias e realizam o destino da América. KLEIN, Kerwin Lee. *Frontiers of Historical Imagination*. op. cit. p. 83.

<sup>311</sup> Esta explicação baseia-se, em grande medida, nos argumentos expostos por Megill e McCloskey sobre as diferentes audiências dos textos históricos e seu impacto na construção das narrativas destes. O “leitor imaginado” (*“implied reader”*) é um fator essencial para elaboração e para a legitimação da escrita da história. Dependendo de quem o autor imagina como sendo o receptor de seus trabalhos, a linguagem muda. Isto ajuda a explicar as diferenças não só entre obras de diferentes autores, mas entre textos do mesmo escritor, como no caso de Turner. MEGILL, Allan & McCLOSKEY, Donald N. *The Rhetoric of History*. op. cit. p. 230-232.

<sup>312</sup> Quem faz esta diferenciação é Billington. BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 198.

*"Was inclined to substitute extravagant rhetoric for investigation, poetic imagery for facts, and elaborate metaphors for soundly based theories. In much of his writing and speaking he assumed that pioneers acted in a certain way, even though he had no proof that they did so."*<sup>313</sup>

O que Billington não pôde, ou não quis, perceber que estas "imagens poéticas" e estas "generalizações" não são desvios da conduta historiográfica, mas modos de persuasão encontrados pelo historiador para passar as suas mensagens, ou seja, as maneiras pelas quais o texto encontra para se legitimar e que são inerentes à estrutura narrativa do discurso histórico. Não existe um Turner mais científico e outro menos, o que existe são modos de persuasão destinados a públicos diferentes e estratégias narrativas de legitimação do conteúdo apresentado. A retórica não substitui a investigação, mas soma-se a ela: *"the writing of history is rhetorical – that is argumentative, using at its best all the devices of language and fact and logic to sustain an argument. 'Rhetoric' is not confined to falsehoods"*.<sup>314</sup> Ademais, se levarmos em consideração a intenção de Turner de construir a autoconsciência da nação, o recurso a uma narrativa mais generalizante em seus textos dedicados ao público leigo é válido, na medida em que busca explicar *em linhas gerais* a construção e o desenvolvimento da América e não detalhar as especificidades de cada etapa deste processo. Neste sentido, não existe uma diferença abismal entre os dois "Turners", mas uma complementação, revelando uma tática de exposição dos fatos que não é incomum aos historiadores em geral.

Como um "historiador social", Turner também foi pioneiro na utilização novas fontes para construir a *frontier thesis*, introduzindo o uso de mapas estatísticos e de documentos "regionais", localizados nos diversos arquivos do Meio-Oeste, na academia norte-americana. Vários destes documentos também eram manifestações do Mito da

---

<sup>313</sup> "Estava inclinado a substituir a investigação pela retórica extravagante, os fatos pela imagem poética, e as teorias sólidas por metáforas elaboradas. Em muito de seus escritos e falas ele achou que os pioneiros agiam de um certo modo, mesmo que ele não tivesse provas de que eles o fizessem". Idem. Ibidem. p. 448. Como que em resposta às declarações de Billington, Klein afirmou o seguinte: "Turner collapsed form into content, literature into history, art into science". ("Turner colapsou a forma no conteúdo, a literatura na história, a arte na ciência"). KLEIN, Kerwin. *Frontiers of Historical Imagination*. op. cit. p. 83.

<sup>314</sup> "A escrita da história é retórica – isto é, argumentativa, usando da melhor forma todos os instrumentos de linguagem e fato e lógica para sustentar um argumento. A retórica não está confinada a falsidades". MEGILL, Allan & McCLOSKEY, Donald N. *The Rhetoric of History*. op. cit. p. 222. Algumas páginas adiante, os autores negam a divisão radical entre uma história científica e uma história retórica, pois uma não existe sem a outra: *"separation of rhetoric from data, evidence, and inference is a mistake, for persuasion in history cannot take place without these"* ("a separação da retórica dos dados, das evidências e da inferência é um erro, pois a persuasão em história não pode ocorrer sem elas"). Idem. Ibidem. p. 228.

Fronteira, ou seja, ele penetra na narrativa a partir da própria operação que dá origem à *frontier thesis*. Em "*The Significance of the Frontier...*", por exemplo, o historiador usa guias para viajantes, relatos de pioneiros e diários de viagem, além de mapas estatísticos e geográficos. De acordo com David Wrobel, vários destes documentos, como o notório "*Peck's Guide to the Emigrants*", citado amplamente por Turner, haviam sido produzidos com o intuito de divulgar o Oeste para possíveis colonos e grupos interessados no assentamento da região. Sendo assim, as terras além do Mississipi são mostradas como áreas desocupadas e livres para a colonização. Os perigos inerentes à fronteira são consideravelmente diminuídos para a criação de um Oeste idílico e bucólico, onde o trabalho árduo seria recompensado pela possibilidade de ascensão social longe da turbulência social das cidades do Leste. Para estes empresários e escritores, era imperativo a representação do território sem a selvageria tão comumente associada a ele, já que eles poderiam lucrar com o transporte e o assentamento de possíveis novos habitantes. Logo, esta documentação responde a um tipo de necessidade específica, isto é, a minimização dos conflitos entre brancos e índios e a caracterização da *wilderness* como um novo Éden.<sup>315</sup>

Por sua vez, os mapas utilizados por Turner, produzidos em sua maioria no século XIX, demonstravam a amplitude das *free lands* e a inexistência de ocupantes a Oeste do Mississipi. Como demonstra Richard White, isto foi uma fabricação de políticos e cientistas da América jeffersoniana, com o claro intuito de embasar as ambições continentais da nascente república, já que os mapas coloniais reconheciam a existência de diversos grupos em território norte-americano. Estas cartas geográficas apagaram índios, franceses e espanhóis dos territórios além do Grande Rio e criaram um continente vazio ou em lento processo de ocupação pelos anglo-americanos. Os censos nacionais também reproduziam este padrão e consideravam a posse do território somente para os colonos estadunidenses; toda e qualquer área fora da 'civilização' era considerada selvagem e passível de assentamento.<sup>316</sup> Assim, eles também mostravam a pacífica marcha da nação em direção ao Pacífico sem fazer referências diretas aos outros ocupantes da região.

---

<sup>315</sup> WROBEL, David M. *The End of American Exceptionalism*. op. cit. 3-12.

<sup>316</sup> WHITE, Richard. *Frederick Jackson Turner and Buffalo Bill*. op. cit. p. 17-18.

Os relatos escritos pelos próprios pioneiros garantem a "veracidade" da história narrada por Turner<sup>317</sup>, mas, como afirma David Wrobel, é preciso atentar para o fato de que os *westerners* eram os reis da autopromoção.<sup>318</sup> Em outras palavras, em seus diários, biografias e autobiografias, pioneiros como Daniel Boone e Davy Crockett faziam uma leitura seletiva da expansão, enfatizando elementos que contribuíssem para a construção de uma aura heróica em torno de seus feitos. Eles ressaltavam o trabalho estóico na terra, o isolamento e o individualismo necessários para a vida na fronteira, e, no processo, sedimentavam a idéia do pioneiro como um homem à parte da civilização de onde veio.<sup>319</sup> Apesar das indicações de Turner para que este material fosse usado criticamente<sup>320</sup>, isto é, descontando seus possíveis exageros, seu uso pelo historiador não foi necessariamente desmistificador, contribuindo decisivamente para a glorificação destes homens. Deste modo, Turner garantiu a legitimidade deste tipo de documentação, até então ignorada pela historiografia científica de Baxter Adams e seus pupilos, e transformou seu conteúdo em algo digno de ser narrado pelos historiadores como representando a "verdadeira" América. Ao fazê-lo, ele contribui decisivamente para a manutenção do mito do *backwoodsman* como a verdadeira expressão das energias nacionais.

Foi a partir desta pesquisa em documentos que já eram expressões do Mito da Fronteira e de sua exposição em uma narrativa que manipulava recursos retóricos para fins persuasivos que Turner pôde, enfim, cientificizar o próprio Mito, principalmente nos textos destinados ao grande público. Vejamos, então, como ele construiu esta versão historiográfica do grande mito de origem dos norte-americanos.

---

<sup>317</sup> Turner parece ter usado a biografia de Daniel Boone escrita por John Filson, além de uma série de publicações sobre as "lendas" do Oeste. Além disso, ele pesquisou em quase todo o tipo de documentação relacionada à vida dos "verdadeiros" pioneiros, como aponta Billington, a partir dos documentos primários encontrados em sua biblioteca. BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 190. Para uma lista das várias fontes utilizadas por Turner até 1906 ver TURNER, Frederick. *Rise of the New West (1819-1829)*. op. cit. p. 178-190. Infelizmente, não existem dados sobre a documentação usada nos anos posteriores.

<sup>318</sup> WROBEL, David M. *Promised Lands: promotion, memory and the creation of the American West*. Lawrence: University of Kansas Press, 2001. p. 2

<sup>319</sup> FARAGHER, John Mack & HINE, Robert V. *The American West*. op. cit. p. 532.

<sup>320</sup> TURNER, Frederick. *Rise of the New West (1819-1829)*. op. cit. p. 178.

### 3.2.2. A construção de um novo mito

O novo Mito da Fronteira apresentado pela *frontier thesis* reconhece o passado agrário dos Estados Unidos como o elemento definidor de sua experiência histórica, mas reconhece também os avanços do progresso e de sua evolução. Ele não rejeita o novo papel desempenhado pela América como potência hemisférica e industrial, e muitas vezes justifica-o, embora aponte as limitações necessárias para seu exercício em uma democracia. Assim, o historiador propõe a reconciliação entre progressivismo e primitivismo, tentando compreender os efeitos do fim da fronteira para a sociedade estadunidense e propondo meios de escapar às suas possíveis conseqüências desastrosas.

A intriga maior elaborada por Turner desde o Mito da Fronteira de suas leituras teológicas, enquadrando-o em uma narrativa secularizada e dita científica. A 'cidade na colina' não representa uma aliança com qualquer tipo de Providência ahistórica, mas um compromisso com a democracia que capacita a América a servir de exemplo para as outras nações do planeta. O historiador acreditava em um destino nacional, mas realizado através da produtividade das classes laboriosas norte-americanas. Os estadunidenses merecem a vitória porque representam o progresso.

Isto fica claro se levarmos em consideração sua construção dos estágios evolutivos da sociedade norte-americana. Eles significam uma linha ascendente em direção a um fim já dado: a construção dos Estados Unidos capitalista e democrático de fins do século XIX. A marcha em direção ao Pacífico não é somente a conquista do continente, mas também é a vitória de um regime social produtivo em contraposição aos 'selvagens' que habitavam as florestas e planícies da América primitiva. A *frontier thesis* não é necessariamente racista, como alguns críticos fazem crer.<sup>321</sup> Turner não ignorava os índios, mas os enquadrava na natureza a ser vencida, justamente pela sua resistência que impunham à civilização representada pelos pioneiros. Como diz Richard White:

*"Turner recognized conflict with the Indians, but for him it was merely part of a much larger contact with wilderness that engulfed settlers in a primitive world and necessitated the*

---

<sup>321</sup> Ver, por exemplo, a crítica que Patricia Limerick faz a *frontier thesis*, em que a condena por suas implicações racistas. LIMERICK, Patricia Nelson. *The Legacy of Conquest*. op. cit. p. 21-23.



*pioneer's initial regression and subsequent recapitulation of the stages of civilization".*<sup>322</sup>

A expansão, segundo Turner, significou uma guerra contra a *wilderness* e contra sua personificação, os nativos (*'the nature-people'*).<sup>323</sup> Esta luta foi uma das forjas do espírito nacional e dos tipos sociais característicos da nação:

*"Before the ax and the torch of the settler the noble forests gave way, but even in their surrender they shaped a social type, they transformed the European into the backwoodsman, trained generation after generation, from John Smith to Abraham Lincoln, to let in the sunlight on a clearing, to build a log cabin, to make a seed plot for civilization".*<sup>324</sup>

Ao identificar os índios com a natureza a ser vencida, o historiador conseguiu 'apagá-los' da história "oficial" do país e legitimar as pretensões dos Estados Unidos a todo o continente. Seu perecimento não é causado por um extermínio de grandes proporções, mas pelo inevitável ritmo do progresso. Através deste meandro narrativo, Turner desumaniza os indígenas, transformando-os em representações da *wilderness* e não em personagens efetivos da história.<sup>325</sup>

Uma das conseqüências disto é a minimização da violência como elemento central da fronteira e, logo, da narrativa. Turner não a ignora, mas ela nunca adquire a centralidade esperada. A América é ocupada de maneira harmoniosa, sem o derramamento de sangue comum às outras conquistas. Em suas próprias palavras:

*"By this peaceful process of colonization a whole continent has been filled with free and orderly commonwealths so quietly, so naturally, that we can only appreciate the profound*

---

<sup>322</sup> "Turner reconhecia o conflito com os índios, mas para ele isto era apenas uma parte de um contato maior com a natureza que cercava os pioneiros de um mundo primitivo e forçava-os à regressão inicial e à recapitulação dos subseqüentes estágios da civilização". WHITE, Richard. *Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 18-19.

<sup>323</sup> TURNER, Frederick Jackson. *Some Sociological Aspects of American History*. op. cit. p. 173.

<sup>324</sup> "As nobres florestas caíram diante do fogo e do machado dos colonos, mas mesmo em sua rendição elas moldaram um tipo social, transformando o europeu no fronteiro, treinados através de gerações, de John Smith a Abraham Lincoln, para deixar a luz solar entrar em uma clareira, para construir uma casa de madeira, para abrir o caminho para a civilização". Idem. *Ibidem*. p. 173-174.

<sup>325</sup> De certo modo, franceses e espanhóis também são "indianizados" por Turner. O historiador também identifica os latinos como mais uma das barreiras a serem enfrentadas pelos norte-americanos em suas aventuras expansionistas, principalmente por causa de sua mestiçagem com os nativos. Transferem-se as características raciais dos indígenas a estes europeus e, através desta metáfora, se legitima a conquista de seus territórios. A lógica é a mesma aplicada aos índios, isto é, o Destino Manifesto dos norte-americanos é garantido por seu progressismo e sua necessidade de expandir as benesses de seu sistema político e econômico, em oposição à pouca produtividade e aos governos tirânicos destes europeus. Ver Idem. *The Old West*. op. cit. p. 73.

*significance of the process by contrasting it with the spread of European nations through conquest and oppression".<sup>326</sup>*

O ato de ocupação do território serve para demarcar as diferenças entre o Velho Mundo e os Estados Unidos. Aqui, o imperialismo interno é compreendido de maneira completamente diferente de suas contrapartes européias. Ele é um ato de regressão à natureza. Não existe a opressão inerente às tiranias da Europa. Ele serve a um propósito maior, isto é, a regeneração do espírito nacional e a garantia da segurança econômica e política da pátria. A violência só se faz necessária quando a *wilderness* ousa se opor ao avanço dos homens brancos.

Para ilustrar esse caso, considero paradigmática a sua consideração sobre a rebelião do líder nativo Tecumseh. Para Turner, isso foi um ato desesperado de um povo que *sabia* estar fadado ao desaparecimento. Ele parte para o ataque para tentar impedir que o destino dos norte-americanos fosse cumprido e para que suas terras não fossem ocupadas pelos colonos. De nada adiantou seu levante; a marcha seguiu seu caminho tranquilo em direção ao Pacífico.<sup>327</sup>

Outra decorrência desta naturalização do indígena é a reversão dos papéis de vítimas e agressores. Não são os nativos que resistem à invasão de seus territórios; são os brancos que lutam contra sua ferocidade: "*they fought the savages for their homes*".<sup>328</sup> Os atos de guerra contra eles são moralmente justificáveis a partir da afirmação de que eles "começaram" o confronto. A retaliação aos ataques, e sua conseqüente violência, é apenas a reação a uma ação primeira. Com isso, a intriga

---

<sup>326</sup> "*Através deste processo pacífico de colonização, um continente inteiro foi preenchido como comunidades livres e ordeiras, tão tranquilamente, tão naturalmente, que só podemos apreciar o profundo significado do processo quando o contrastamos com a expansão das nações européias através da conquista e da opressão*". Idem. *The Ohio Valley in American History*. op. cit. p. 169-170. É interessante perceber, contudo, que Turner usa a palavra 'conquista' em vários momentos de sua obra, demonstrando uma certa ambigüidade para com o processo de expansão do continente, contrastando momentos de harmonia com outros de reconhecimento da violência, ainda que mínimo.

<sup>327</sup> Idem. *The Middle West*. op. cit. p. 134. Tecumseh (c.1768 – 1813), um shawnee, foi uma das mais importantes lideranças indígenas do começo do século XIX. Ele uniu as tribos dos Grandes Lagos e do estuário do Rio Ohio contra a ocupação dos brancos. Na Guerra de 1812, que opôs os Estados Unidos e a Inglaterra, o nativo ficou ao lado dos britânicos. Tecumseh foi morto em batalha, em 1813, a sua grande confederação desfeita e seu território conquistado pelos norte-americanos. Curiosamente, um dos mais importantes generais da União durante a Guerra Civil, William Tecumseh Sherman, foi batizado em homenagem ao guerreiro indígena.

<sup>328</sup> "*Eles lutaram contra os selvagens por suas casas*". Idem. *The Problem of the West*. op. cit. p. 210.

turneriana permite racionalizar a conquista do continente sem a "culpa da conquista"<sup>329</sup>, como dizia um poema da época. Segundo a *frontier thesis*, este é o resultado lógico do embate entre a selvageria, que resiste a desaparecer, e a civilização, que precisa sobrepujar a barbárie. O 'perigo comum' que mantém vivo o 'poder de resistência' dos brancos é um elemento definidor da experiência histórica do país: os norte-americanos não planejam suas conquistas; eles retaliam massacres.<sup>330</sup>

A minimização da violência da expansão cria as condições para que os territórios a Oeste sejam considerados como terras livres. Turner não usou o conceito de "*free lands*" para afirmar que estes territórios eram vazios de fato, mas no sentido de afirmar sua facilidade de obtenção. Qualquer homem interessado podia se estabelecer nestas áreas com pouco ou nenhum custo e ali construir uma nova vida. Era este aspecto econômico que Turner queria enfatizar em sua obra.<sup>331</sup> Mas a própria acessibilidade destes recursos denota uma marginalização do conflito e a construção da idéia de que estes territórios eram *realmente* vazios.

A existência destas terras livres forma as condições sócio-econômicas que possibilitam a emergência de um tipo de sociedade completamente diferente da européia, permitindo a estruturação de um regime democrático por meio da difusão da propriedade privada em termos nunca antes vistos. Isto acaba surtindo efeitos no desenvolvimento histórico do país e na sua evolução social. Como demonstra Henry Nash Smith, a base da teoria proposta por Turner é derivada em grande medida do agrarianismo de Jefferson, pois localiza a segurança da república na existência de uma democracia baseada nos pequenos proprietários do Oeste.<sup>332</sup> A diferença está no modo como eles interagem com a totalidade da sociedade norte-americana. Os *farmers* de Jefferson estão às margens da civilização e, mesmo sendo importantes para a nação, não possuem implicações mais gerais no passado, de quem eles fogem, mas influenciam o futuro dos Estados Unidos. Na *frontier thesis*, eles são o país; eles são os responsáveis pela sua evolução histórica, no passado, no presente e no futuro.

---

<sup>329</sup> O poema de Joaquin Miller, citado por Richard White, diz o seguinte: "*Oh bearded, stalwart, westmost men/so tower-like, so Gothic built/A kingdom won without the guilt of studied battle/that hath been your blood's inheritance*". WHITE, Richard. *Frederick Jackson Turner and Buffalo Bill*. op. cit. p.2-3.

<sup>330</sup> TURNER, Frederick Jackson. *The Significance of the Frontier in American History*. op. cit. p. 15.

<sup>331</sup> BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 123.

<sup>332</sup> SMITH, Henry Nash. *Virgin Land*. op. cit. p 251.

Em *"The Problem of the West"*, por exemplo, Turner começa o artigo demonstrando, a partir de discursos políticos ou de declarações de homens públicos, a oposição das classes aristocráticas do Atlântico à expansão aos territórios além dos Apalaches, apenas para contrapô-las ao ideal jeffersoniano de uma república agrária e democrática.<sup>333</sup> Desta forma, ele recupera as premissas tradicionalmente associadas ao chamado "mito do jardim" através da investigação documental, baseada em seus mapas estatísticos, e as ampara numa perspectiva onde elas não se referem somente à cornucópia americana, mas ao seu desenvolvimento histórico. O historiador liga à imagem do agrarianismo às condições sociais que possibilitaram o seu surgimento:

*"The West was another name for opportunity. Here were mines to be seized; fertile valleys to preempted, all the natural resources open to the shrewdest and the boldest. The United States is unique in the extent to which the individual has been given an open field, unchecked by restraints of an old social order, or of scientific administration of government."*<sup>334</sup>

A citação começa com uma nítida remissão ao Oeste jeffersoniano, mas o enquadra dentro do âmbito maior da ausência de um controle social efetivo e de tradições que pudessem restringir a ascensão do indivíduo que por lá se aventurasse. A explicação está ancorada nas perspectivas históricas dadas pelas "forças invisíveis" atuantes na construção do país e na utilização de ícones do agrarianismo de Jefferson, que também dão sentido à narração.

O conceito da "válvula-de-escape" representada pela fronteira é, neste sentido, uma reconstrução do ideal agrário jeffersoniano aliado ao poder explanatório da história científica. Não são as imagens de opulência e prosperidade que atraem o imigrante aos territórios ocidentais, mas a possibilidade de recomeçar suas vidas em um ambiente livre da corrupção das grandes cidades. Para além de uma explicação, digamos, metafísica, Turner oferece as condições pelo qual este movimento se dá. Ela confere um sentido mais amplo à jornada destes pioneiros. Atraídos pelas oportunidades econômicas e políticas da fronteira, estes homens buscam, essencialmente, uma maior mobilidade social que não lhes é permitida no ambiente fechado da metrópole. No

---

<sup>333</sup> TURNER, Frederick Jackson. *The Problem of the West*. op. cit. p. 205-209.

<sup>334</sup> "O Oeste era outro nome para oportunidade. Aqui estavam minas a serem aproveitadas, vales férteis a serem preenchidos, todos os recursos naturais abertos ao mais audacioso e ao mais esperto. Os Estados Unidos são únicos na medida em que um campo aberto foi dado ao indivíduo, livre das restrições de uma antiga ordem social, ou de uma administração científica de governo". Idem. *Ibidem*. p. 212-213.

processo, contudo, eles não só garantem a si mesmos esta probabilidade de ascensão, mas asseguram a existência de uma sociedade sem classes ou, para usar o termo de Turner, sem "divisão de trabalho", pelo menos aos moldes europeus.<sup>335</sup> Estas forças invisíveis dadas pela existência das terras livres impossibilitam o surgimento de um grande proletariado ou de uma barreira intransponível entre as classes: "*men would not accept inferior wages and a permanent position of social subordination when this promised land of freedom and equality was theirs for the taking*".<sup>336</sup> Assim, diante do temor de que seus subordinados pudessem realizar uma migração *en masse* em direção ao Oeste, os patrões mantêm seus salários altos o suficiente para afastar tal "perigo" e impedem a degeneração urbana.

As terras livres não oferecem igualdade social somente aos que se aventuram em seu seio, mas àqueles que ficam no Leste, pois também são beneficiados pela sua existência. Elas agem no sentido de uma regeneração completa do país, avalizando a construção de um regime democrático que impede o abuso de poder por parte das classes aristocráticas e preservam os direitos dos homens comuns. Desta maneira, a teoria de Turner dá conta dos próprios fundamentos do sistema político e econômico dos Estados Unidos, não se contentando somente em tecer loas ao Oeste ou em descrever a bonança de seus recursos naturais. Ele vai além disto: ele localiza o próprio destino da nação naquela área onde a civilização encontra a selvageria, enquadrando suas constatações em termos de análise que lhes conferem a autoridade da ciência. Turner não fala de vontades metafísicas que parecem responder a desígnios divinos, como muitas daquelas aventadas pelos *myth-makers* anteriores, mas de forças e condições que podem ser desvendadas pelos historiadores e cientistas sociais em geral. E, graças à autoridade desta linguagem científica, ele não só estabelece a "veracidade" das premissas do Mito como avança bastante em relação às versões que antecederam sua tese.

A partir da constatação da centralidade das terras livres na construção da democracia nacional a sua teoria posta uma questão de suma importância para o futuro nacional: o que fazer depois do fim da fronteira, quando todas as *free lands* estivessem

---

<sup>335</sup> Idem. *The Significance of the Frontier in American History*. op. cit. p. 2.

<sup>336</sup> "*Os homens não aceitariam salários inferiores e uma permanente posição de subordinação social quanto esta terra prometida de liberdade e igualdade estava ao alcance da mão*". Idem. *The Contributions of the West to American Democracy*. op. cit. p. 259.

ocupadas? Se elas foram o elemento condicionante para o excepcionalismo norte-americano, seu término põe em risco a própria existência dos Estados Unidos ou, pelo menos, de seu regime democrático. O argumento é persuasivo justamente pela concatenação de causa e efeitos realizada pelo historiador. É nesse momento que os marcos turnerianos deixam de ser somente uma interpretação histórica para se tornarem um comentário político sobre a situação dos Estados Unidos da aurora do século XX, fornecendo apontamentos para o futuro nacional.<sup>337</sup> É necessário encontrar substitutos para as terras livres, como meio de arrefecer os efeitos de sua *débâcle*.

Um dos caminhos apontados pelo historiador está na constatação de uma possível lei de desenvolvimento histórico dos Estados Unidos: a expansão contínua.<sup>338</sup> Assim como a nação havia sido fundada a partir da ocupação de terras livres e da subjugação da natureza aos interesses dos homens civilizados, sua democracia poderia ser preservada com a aquisição de novos territórios no além-mar.<sup>339</sup> A nova fronteira econômica repete as *bonanzas* continentais, oferecendo a regeneração econômica necessária para a nação. Talvez nenhum outro aspecto da *frontier thesis* tenha um maior sentido de orientação do que este. Ela aponta o caminho para a manutenção da grandeza norte-americana a partir de sua própria experiência histórica e, com isso, naturaliza o imperialismo como mais uma das etapas de expansão das fronteiras dos Estados Unidos. O futuro da nação é sempre dependente de um ‘Oeste’ novo, tornando possível a aplicação de medidas imperiais em defesa da regeneração da democracia nacional. É

---

<sup>337</sup> NOBLE, David. *Historians against History*. op. cit. p. 26.

<sup>338</sup> Turner usou o termo “lei” somente uma vez para denominar a expansão das fronteiras norte-americanas, em “*The First Official Frontier of the Massachussets Bay*”: “*the very essence is that it is the graphic line which records the expansive energies of the people behind it, and which by the law of its own being continually draws that advance after it to new conquests*”. (“*a própria essência da fronteira norte-americana é que ela é a linha gráfica que registra as energias expansivas do povo por trás disto, e que pela lei de sua própria existência continuamente segue para novas conquistas*”). Idem. “*The First Official Frontier of the Massachussets Bay*”. op. cit. p. 52. Mesmo que o historiador não tenha expandido esta noção de “lei”, acredito que a expansão das fronteiras pode ser entendida, se não como uma lei, pelo menos como um padrão de desenvolvimento que se repete continuamente no interior do continente norte-americano, com leves alterações em seu percurso, e com efeitos claramente perceptíveis na evolução social dos Estados Unidos. Isto deixa implícita a possibilidade de se manter este curso no exterior, com resultados similares aos da fronteira continental.

<sup>339</sup> Idem. *The Problem of the West*. op. cit. p. 219. O historiador afirmou o seguinte sobre a penetração norte-americana na Ásia: “*the dreams of Benton and Seward of a regenerated Orient, when the long march of westward civilization should complete its circle, seem almost to be ion process of realization. The age of the Pacific Ocean begins, mysterious and unfathomable in its meaning for our own future.*” (“*os sonhos de Benton e Seward de um Oriente regenerado, quando a longa marcha da civilização ocidental deveria completar seu círculo, parece estar quase que em processo de realização. A era do Oceano Pacífico começa, misteriosa e imensurável em seu significado para o nosso futuro*”). Idem. *The West and American Ideals*. op. cit. p. 297.

aqui que a teoria de Turner encontra-se com o Mito de maneira mais profunda, pois, como afirma Richard Slotkin: *“the myth performs its cultural function by generalizing particular and contingent experiences into the bases of universal rules of understanding and conduct”*.<sup>340</sup> Aqui, contudo, quem fala é um historiador ancorado em proposições científicas de análise. O eco de suas afirmações é, por isso, pretensamente mais amplo e sério. Desde modo, os defensores de uma política externa abertamente imperialista podem evocar Turner com a autoridade da ciência.

O que possibilita esta expansão a outros territórios não é tanto uma superioridade racial inata aos norte-americanos ou uma aliança com a Providência. Na narrativa, como vimos, a garantia de um Destino Manifesto à América está dada por seu compromisso com o progresso e por causa de sua excepcionalidade sócio-econômica. Sendo assim, isto lhe permite a adoção de um expansionismo despido de um caráter explicitamente imperial. Não se trata de conquista pura e simples, mas da mesma lógica que determinou o fim da barbárie no continente. Segundo Turner:

*“He would be a rash poet who should assert that the expansive character of the American life has now entirely ceased. Movement has been its dominant fact, and, unless this training has no effect upon a people, the American energy will continually demand a wider field for its exercises”*.<sup>341</sup>

Se o movimento foi algo dominante na história do país, então não é de se espantar que estas energias demandem outros territórios para a sua realização. O que está implícito é a constatação de que não se pode, pelo menos imediatamente, estancar o ritmo do progresso norte-americano. Este exige novos campos para seu exercício pleno e para a revigoração das energias nacionais. Dito de outra maneira, a psique da América está tão marcada com os efeitos de sua expansão interna que esta acabou se tornando um de seus

---

<sup>340</sup> *“O mito realiza sua função cultural através da generalização de experiências particulares e contingentes em bases de entendimentos e condutas universais”*. SLOTKIN, Richard. *The Fatal Environment*. op. cit. p. 19.

<sup>341</sup> *“Será um profeta precipitado aquele que afirmar que o caráter expansivo da vida norte-americana tenha terminado profundamente. O movimento tem sido seu fator dominante, e, ao menos que este treinamento não tenha nenhum efeito sobre o povo, a energia norte-americana vai demandar continuamente um campo maior para seu exercício”*. Idem. *The Significance of the Frontier in American History*. op. cit. p. 37. A citação continua com a afirmação de que “nunca mais tantas terras livres seriam oferecidas”. De acordo com David Wrobel, isto seria uma comprovação do não expansionismo de Turner, que estaria afirmando que a fronteira não poderia mais se repetir. Acho, contudo, que isto apenas denota uma diferenciação entre a ‘velha’ fronteira e a ‘nova’, no sentido em que o historiador percebia a diferença entre uma expansão interna, sem ‘inimigos’ e uma externa, onde a América teria de enfrentar outras nações. Isto não invalida o cerne da questão apresentada por ele, isto é, o redirecionamento das energias nacionais a outras paragens. Ver WROBEL, David M. *The End of American Exceptionalism*. op. cit. p. 57-58.

elementos definidores. Assim, anos mais tarde, Turner pôde constatar a expansão aos territórios adjacentes do Caribe com nítida satisfação.<sup>342</sup>

Este aspecto da *frontier thesis* permite a transformação de uma certa contingência histórica em uma lei de desenvolvimento histórico que, se seguida, pode preservar todos aqueles caracteres que fizeram a grandeza nacional. Ao constatar a expansão como o elemento fundamental da experiência histórica dos Estados Unidos, Turner deixou o caminho livre para que o imperialismo adquira os contornos de um messianismo democrático, onde a missão da América é guiar os outros povos à luz da civilização e do progresso. O Destino Manifesto é ampliado a outras paragens. De fato, suas considerações sobre a Primeira Guerra Mundial transparecem esta crença na missão americana, condicionada por seu excepcionalismo. Os Estados Unidos deviam lutar nos *fronts* europeus porque desde a sua fundação a “*America has pressed onward toward a goal of its own. It has followed an ideal, the ideal of a democracy developing under conditions unlike those of any other age or country*”.<sup>343</sup> Isto determina que os estadunidenses dêem um exemplo ao mundo, como antiga ‘cidade na colina’ puritana:

*“We are at war that the history of the United States, rich with the record of high human purposes, and of faith in the destiny of the common man under freedom, filled with the promises of a better world, may not become the lost and tragic story of a futile dream. Yes, it is an American ideal and an American example for which we fight; but in that ideal and example lies medicine and healing of the nations”.*<sup>344</sup>

O historiador, portanto, afirma explícita e categoricamente que o compromisso dos norte-americanos com o progresso e a democracia os legitima a liderar outras nações na busca de um ideal democrático, reafirmando as virtudes dos valores de sua pátria e seu destino nacional. A guerra, sob o aspecto de uma nova fronteira, também serviria para

---

<sup>342</sup> TURNER, Frederick Jackson. *Contributions of the West to American Democracy*. op. cit. p. 246. Turner não deixou uma análise mais completa do novo imperialismo sobre a democracia norte-americana, mas algumas correspondências deixam entrever que sua avaliação era positiva, principalmente do governo de Theodore Roosevelt. Ver Idem. *March 21st, 1917*. In: BILLINGTON, Ray Allen. *Dear Lady*. op. cit p. 236-237.

<sup>343</sup> “*A América tem ido em direção à uma meta que é toda sua; ela tem seguido um ideal o ideal de uma democracia desenvolvendo-se sob condições excepcionais à qualquer era ou país*”. TURNER, Frederick Jackson. *Middle Western Pioneer Democracy*. op. cit. p. 335.

<sup>344</sup> “*Nós estamos em guerra para que a história dos Estados Unidos, rica com o registro dos mais altos propósitos humanos, e da fé no destino do homem comum sob a liberdade, cheia das promessas de um mundo melhor, não se torne a perdida e trágica história de um sonho fútil. Sim, isto é um ideal norte-americano e um exemplo norte-americano; mas nesse ideal e exemplo estão o remédio e a cura das nações*”. Idem. *Ibidem*. p. 336.



regenerar os Estado Unidos, sufocado por uma existência em um continente fechado, pois garantiria que o sonho americano não fenecesse ou se tornasse uma fútil quimera.

Mas o ponto crucial desta questão está na comparação que Turner faz entre novos e velhos pioneiros. Segundo ele, os soldados que levantavam a bandeira norte-americana na Europa eram da mesma estirpe dos antigos fronteiriços e repetem seus feitos em prol da liberdade e do destino do homem comum:

*“He would fight against those who challenged it in arms, and for which in time of war he would make sacrifices, even the temporary sacrifice of individual freedom and his life, lest freedom be lost forever.”*<sup>345</sup>

Existe, assim, uma transposição dos feitos da fronteira continental para as realizações do exército norte-americano em solo europeu. Seus atos são moralmente justificáveis porque os dos pioneiros de outrora também o foram. Através de uma simples metáfora, a *frontier thesis* pode tornar-se um instrumento de racionalização para intervenções estadunidenses em terras de além-mar porque as transforma em uma continuação do processo de expansão interna dos Estados Unidos. Como afirma Slotkin, estas metáforas estão impregnadas de uma pesada carga ideológica de aculturação e educação. Neste sentido, a alusão que Turner faz aos soldados como sendo descendentes 'naturais' dos pioneiros de outrora carrega todas as lições apreendidas no decorrer da experiência histórica e faz um *link* direto entre o passado e o presente da nação, revivendo o primeiro no último.<sup>346</sup>

Isto só é possível por causa da utilização do que Ronald Carpenter chamou de um "arquétipo convincente" ("*beckoning archetype*") como o principal personagem de suas histórias, o *common-man* pioneiro.<sup>347</sup> Na *frontier thesis*, são os próprios habitantes do país que constroem a América. Eles são os grandes heróis de sua história:

*"The frontiersman is larger than life, stronger and more successful than the effete, decadent heroes of European history*

---

<sup>345</sup> “Ele lutaria contra aqueles que desafiaram a liberdade, e em tempos de guerra ele faria sacrifícios, mesmo o sacrifício temporário da liberdade individual e da vida, para que a liberdade não fosse perdida para sempre”. Idem. Ibidem. p. 359.

<sup>346</sup> SLOTKIN, Richard. *The Fatal Environment*. op. cit. 16-18

<sup>347</sup> CARPENTER, Ronald H. *The Eloquence of Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 62

*who, Turner constantly reminds us, ultimately failed to reduce America to their imperial sway."*<sup>348</sup>

A narrativa turneriana cria um tipo social que permite a personificação do destino nacional. O *backwoodsman* é o grande agente do progresso; ele é o preâmbulo da nação nos bosques do Oeste. Enquanto o fronteiro abria uma clareira em meio aos bosques, ele: *"dreamed of continental conquests. The vastness of the wilderness kindled his imagination"*.<sup>349</sup> O *frontiersman* é um híbrido e por isso consegue vencer a natureza representada pelas florestas, montanhas e índios.<sup>350</sup>

Esta mestiçagem cultural é resultado da dialética entre selvageria e civilização, do choque entre a natureza e o ser humano. O pioneiro é o tipo social que nasce destas forças invisíveis que moldam a história norte-americana e, por isso mesmo, é o arquétipo da nação – a sua representação humana, como afirma Kerwin Klein.<sup>351</sup> Ele corporifica todos aqueles atributos que são imputados aos Estados Unidos: individualismo, empreendedorismo, otimismo e inventividade. Seu épico é a parábola do crescimento nacional, do começo simples à magnitude industrial. Ele fornece à América o reflexo de seu passado e a projeção de seu futuro.

No primeiro ato de regressão às rudes condições da fronteira, o pioneiro já sabia que estava construindo um país. Ele antevia o próprio destino à sua frente:

*"The first ideal of the pioneer was that of conquest. It was his task to fight with nature for the chance to exist. Not as in older countries did this conquest take place in a mythical past, told in folklore and epic. It has been continuous to this day. Facing each generation of pioneers was the unmastered continent. Vast forests blocked the way; mountainous ramparts interposed; desolate, grass-clad prairies, barren oceans of rolling plains, arid deserts, and a fierce race of savages, all had to be met and defeated. The rifle and the ax are the symbols of the backwoods pioneer"*.<sup>352</sup>

---

<sup>348</sup> "O fronteiro é maior que a vida, mais forte e mais bem-sucedido do que os heróis afetados e decadentes da história européia que, Turner nós lembra constantemente, falharam definitivamente em incorporar a América ao seu ímpeto imperial". KLEIN, Kerwin. *Frontiers of Historical Imagination*. op. cit. p. 85.

<sup>349</sup> "Sonhava com conquistas continentais. A vastidão da wilderness acendia sua imaginação". TURNER, Frederick Jackson. *The Middle West*. op. cit. p. 153.

<sup>350</sup> Turner o chama de "messenger between savagery and civilization". Idem. *The Old West*. op. cit. p. 104.

<sup>351</sup> KLEIN, Kerwin Lee. *Frontiers of Historical Imagination*. op. cit. p. 86.

<sup>352</sup> "O primeiro ideal do pioneiro era a conquista. Era sua tarefa lutar contra a natureza pela chance de existir. Ao contrário de outros países, esta conquista não se deu num passado mítico, contado em épicos e folclore. Isto continuou até os dias de hoje. Cada geração de pioneiros teve de enfrentar o continente

A este criador da democracia, se contrapunha uma aristocracia que repete a antinomia entre cidade e fronteira, entre regeneração e degeneração. As classes abastadas do Leste representam tudo aquilo que a Metrópole possui de pior: preguiça, corrupção, vícios e conservadorismo. Elas tentam, inutilmente, deter o avanço da nação. O pioneiro estava: *“building a new society as well as breaking new soil. He had the ideal of nonconformity and of change. He rebelled against the conventional”*.<sup>353</sup> Por mais que as autoridades metropolitanas, encasteladas em suas torres de marfim, tentem barrar o espírito indômito da nação, eles estão destinados a falhar. O pioneiro, segundo ele:

*“Saw beyond the dank swamp at the edge of the great lake to the lofty buildings and the jostling multitudes of a mighty city; beyond the rank, grass-clad prairie to the seas of golden grain; beyond the harsh life of the log hut and the sod house to the home of his children, where should dwell comfort and the higher things of life, though they might not be for him. (...). Here, also, were the pioneer's traits, - individual activity, inventiveness, and competition for the prizes of the rich province that awaited exploitation under freedom and equality of opportunity.”*<sup>354</sup>

Assim, o continente era uma grande folha em branco esperando para ser preenchido pela civilização (um palimpsesto, para usar sua expressão tornada clássica)<sup>355</sup>, que nasce da força e dos ideais dos homens que o colonizaram. Existe uma continuidade entre estes homens, independente do tempo e do espaço, como exemplifica o historiador:

*“The Rocky Mountains trappers were the successors of the Allegheny frontiersmen, carrying on in this new region, where*

*indomado. Vastas florestas bloqueavam o caminho; montanhosos baluartes se interpunham; verdes pradarias desoladas, estéreos oceanos de planícies, áridos desertos e uma feroz raça de selvagens precisavam ser enfrentados e derrotados. O rifle e o machado são os símbolos do pioneiro dos bosques”*. Idem. *The Pioneer Ideals and the State University*. In: *The Frontier in American History*. op. cit. p. 269.

<sup>353</sup> *“Estava construindo uma nova sociedade e construindo um solo novo. Ele tinha o ideal da não-conformidade e da mudança. Ele se rebelou contra o convencional”*. Idem. Ibidem.

<sup>354</sup> *“Viu além daquele úmido pântano às margens do grande lago para os altivos edifícios e as apertadas multidões da grande cidade; além das verdes pradarias para os mares de grãos dourados; além da difícil vida da cabana de madeira e da casa de barro para a casa de seus filhos, onde existiriam o conforto e as coisas boas da vida, mesmo que não para ele. (...). Aqui, também, estão os traços do pioneiro, - atividade individual, inventividade e a competição pelos prêmios da rica província que aguardava exploração sob a liberdade e a igualdade de oportunidade”*. Idem. *The Middle West*. op. cit. p. 153.

<sup>355</sup> A expressão é a seguinte: *“The United States lie like a huge page in the history of society. Line by line as we read this continental page from West to East we find the record of social evolution. (...). This page is familiar to the student of census statistics, but how little it has been used by our historians. Particularly in the eastern States this page is a palimpsest”*. (“os Estados Unidos são como uma grande página na história da sociedade. Linha por linha enquanto lemos esta página continental do Oeste a Leste, nós encontramos o registro da evolução social. (...). Esta página é familiar aos estudantes dos censos estatísticos, mas pouco dela tem sido utilizado pelos historiadores. Nos estados orientais em particular esta página é um palimpsesto”). Idem. *The Significance of the Frontier in American History*. op. cit. p. 11.

*nature wrought on a vaster plan, the old trapping life which their ancestors had carried through Cumberland Gap in 'the dark and bloody ground' of Kentucky".*<sup>356</sup>

Estes seres estóicos sabem que estão construindo uma potência e se sacrificam para que o futuro reserve à América a magnitude que lhe foi conferida por sua dedicação ao progresso.<sup>357</sup> Turner reafirma aquelas características pioneiras que conferem o dinamismo do capitalismo norte-americano e as peculiaridades de sua democracia. Em poucas linhas, ele consegue legitimar o Destino Manifesto, justificar o tipo de regime social então existente e apagar a existência do 'outro' da história dos Estados Unidos. Ela já estava traçada quando o primeiro pioneiro adentrou seus bosques virgens:

*"The frontiersman's dream was prophetic. In spite of his rude, gross, nature, this early Western man was an idealist withal. He dreamed dreams and beheld visions. He had faith in man, hope for democracy, belief in America's destiny, unbounded confidence in his ability to make his dreams come true".*<sup>358</sup>

O avanço material e espiritual vem através de um ato de retorno às condições primitivas, repetido sucessivamente na linha de fronteira. O "povo" norte-americano surge primeiramente na costa, quando os fugitivos da tirania inglesa se precipitaram na

---

<sup>356</sup> "Os trappers das Montanhas Rochosas eram os sucessores dos fronteiros dos Apalaches, carregando a esta região, onde a natureza erigiu um plano mais vasto, a velha vida armadilheira carregada pelos seus ancestrais através do Passo de Cumberland, no 'negro e sangrento chão' do Kentucky". Idem. *The Rise of the New West*. op. cit. p. 64.

<sup>357</sup> Kerwin Klein analisa a passagem acima de maneira brilhante. Para ele, ela resumiria toda a concepção histórica de Turner ao mover-se constantemente do passado vivido a um futuro imaginado (que, por implicação, pode ser o presente do historiador) e do local ao global, reunindo todos estes elementos em uma síntese. Isto apontaria, segundo Klein, para uma resolução comédica da história norte-americana, onde o otimismo nortearia a narrativa ao integrar diversos antagonistas em uma existência social mais elevada: "*Turner's frontier narrative moves away from the Old World where elite romance and subaltern tragedy fought for control of human consciousness into American democracy where conflict resolves into the balanced harmony of high comedy*" ("*a narrativa da fronteira de Turner se move para longe do Velho Mundo onde o romance da elite e a tragédia dos subalternos lutavam pelo controle da consciência humana para a democracia norte-americana onde o conflito é resolvido na equilibrada harmonia da alta comédia*"). KLEIN, Kerwin. *Frontiers of Historical Imagination*. op. cit. p. 87. Klein deriva sua conceitualização da resolução comédica da obra de Hayden White. Segundo este autor, a comédia seria um dos tropos utilizados pelos historiadores onde é oferecida a perspectiva de reconciliações ocasionais das forças em jogo nos mundos social e natural. A partir disto, a condição da sociedade seria representada como mais pura, mais sã e mais sadia em consequência do conflito entre elementos opostos de forma inalterável. De acordo com White, "*este elementos revelam-se, no fim de contas, harmonizáveis uns com os outros, unificados, concordes consigo mesmo e com os outros*". WHITE, Hayden. *Meta-história*. op.cit. p. 24-25.

<sup>358</sup> "*O sonho do fronteiro era profético. A despeito de sua natureza rude, este primitivo homem do Oeste era um idealista. Ele tinha sonhos e visões. Ele possuía fé no homem, esperança na democracia, crença no destino da América e uma grande confiança em sua habilidade de transformar seus sonhos em realidade*". TURNER, Frederick Jackson. *The Problem of the West*. op. cit. p. 214.

Costa Atlântica. Ali se deu o primeiro contato entre a natureza do Novo Mundo e os europeus. A cada etapa do avanço, os homens engajados na marcha abandonavam sua bagagem cultural européia e transformavam-se em norte-americanos. A transmutação completa se deu quando os Apalaches foram cruzados e o oceano ficou para trás. Nos bosques deste novo Oeste, um novo "americanismo" surgiu e, com ele, um novo e melhor sistema político e social: uma democracia agrária, baseada no trabalho do homem comum, porém heróico.<sup>359</sup>

Este regime político foi institucionalizado durante a administração de Andrew Jackson, que, assim como Boone e os outros antes dele, amalgamava todos os traços do pioneiro. A sua vitória significou a vitória da nova América diante da aristocracia metropolitana, localista e elitista. Como Turner afirmou em *"Rise of the New West"*:

*"While the leaders of the middle states played the game of personal politics, their people and those of the growing west were rallying around the man who personified their passion for democracy and nationalism – the fiery Jackson. (...) This frontiersman was less likely to let political metaphysics to check his will."*<sup>360</sup>

Andrew Jackson era o homem certo para esta batalha, pois era, acima de tudo, um fronteiro nascido e criado no Oeste. Sua ampla visão do destino norte-americano e sua valorização do nacional diante do local, características de sua origem social, lhe conferiam uma disposição natural à liderança dos norte-americanos durante o seu tempo. Graças a ele, a vontade do homem comum pôde triunfar nos Estados Unidos, pelo menos até os turbulentos dias da década de 60 do século XIX.

Esta democracia agrária seria desafiada pelos horrores da Guerra Civil. Turner não considerava o conflito como uma mera luta sobre a questão da escravidão. Antes disso, a Guerra da Secessão teria sido uma disputa acerca do verdadeiro caráter do regime político da nação. A união entre o Oeste e a Nova Inglaterra, redimida pelo contato com o Meio-Oeste e pela decadência da elite federalista, em torno de questões como o livre acesso a terra e a industrialização, pressionou o Sul a unir-se sob a bandeira da defesa do regime escravocrata. Esta região não era mais o berço de homens

---

<sup>359</sup> Idem. *The Significance of the Frontier in American History*. op. cit. p. 18.

<sup>360</sup> "Enquanto os líderes dos estados centrais faziam o jogo da política pessoal, o seu povo e aqueles do crescente Oeste estavam se organizando ao redor do homem que personificava seu amor pela democracia e nacionalismo – o flamejante Jackson. Este fronteiro dificilmente deixaria a metafísica política impedir sua vontade". Idem. *Rise of the New West (1819-1829)*. op. cit. p. 175.

como Boone e Crockett, mas um território dominado pelos interesses perversos da aristocracia escravagista, ainda pior que sua contraparte nortista. A expansão da escravidão pretendida pelos barões sulistas ameaçava a democracia em todo o território nacional, pois, se vencedora, eliminaria a possibilidade de ascensão social do homem comum a partir da labuta nas terras livres do Oeste. Neste quadro, um novo herói fronteiriço surge para regenerar o sistema político dos Estados Unidos: Abraham Lincoln, sancionado pela união entre a Nova Inglaterra e os estados ocidentais.<sup>361</sup>

O republicano representava a unificação nacional diante das ameaças localistas e secessionistas do Sul e, graças a sua formação fronteiriça, antevia que a América não podia ficar dividida eternamente entre a liberdade e a servidão. Foi, portanto, para garantir a existência daqueles ideais que moviam a república desde os tempos de Jefferson que a União pegou em armas contra a secessão sulista. A resolução do conflito foi, essencialmente, a vitória da democracia *westerner*:

*"The rail-splitter himself became the nation's President in that fierce time of struggle, and armies of the woodsmen and pioneer farmers recruited in the Old Northwest made free the Father of Waters, marched through Georgia, and helped to force the struggle to a conclusion at Appomattox. The free pioneer democracy struck down the slave holding aristocracy on its march to the West".*<sup>362</sup>

A interpretação que Turner faz sobre a maior guerra norte-americana repete a antinomia entre o progresso e atraso, afirmando a crença na evolução social baseada no progressismo pioneiro em contraposição às posições retrógradas de uma aristocracia atada a privilégios não condizentes com os Estados Unidos. A democracia pioneira triunfa porque representa a verdadeira sociedade norte-americana, ao contrário da escravidão sulista, alienígena em sua essência. O sucesso de Lincoln garante a continuidade da expansão, a sobrevivência do sistema político estadunidense e a

---

<sup>361</sup> Idem. *The United States: 1830-1850*. New York: Holt, 1950. p. 74-77. Lincoln é considerado por Turner como um sucessor natural de Jackson. É paradigmática a continuação da citação da nota acima: *"and on the frontier of the Northwest, the young Lincoln sank his ax deep in the opposing forest."* ("e na fronteira do Noroeste, o jovem Lincoln enfiava seu machado na floresta"). Idem. *Rise of the New West (1819-1829)*. op. cit. p. 175. Mas é preciso atentar para o fato de que nem Jackson nem Lincoln mudam sozinhos o sistema político norte-americano, apenas com a força de suas características. Eles eram resultado das condições sociais e econômicas da fronteira e estavam inseridos em um contexto que lhes possibilitou o exercício de tal liderança.

<sup>362</sup> *"O próprio quebrador de cercas tornou-se presidente da nação naquele feroz tempo de luta, e exércitos de homens dos bosques e fazendeiros pioneiros recrutados no velho Noroeste livraram o Pai das Águas, e ajudaram a forçar a luta à uma conclusão em Appomattox. A democracia livre dos pioneiros derrubou a aristocracia escravocrata na sua marcha a Oeste"*. Idem. *Contributions of the West to American Democracy*. op. cit. p. 257.

unificação final da nação. Mas a escolha do presidente republicano não é dada somente pela sua eficácia em preservar a democracia nacional, mas também porque representa a unificação simbólica entre o passado agrário e o presente industrial dos Estados Unidos, essencial para a síntese proposta por Turner e para a resolução da contradição entre primitivismo e progressivismo na *frontier thesis*.

A expansão das fronteiras resulta num paradoxo, consequência direta da regressão às condições primitivas da *wilderness*. O pioneiro é, ao mesmo tempo, o agente do progresso e sua vítima, pois ele perece graças ao seu próprio avanço. O *pioneer* não sobrevive à marcha da civilização, pois as mesmas características que o tornam um de seus mais eficazes instrumentos também o tornam impossível de ser assimilado completamente.<sup>363</sup> Como se pode reconciliar um elogio ao primitivismo e ao progresso, sem ameaçar a própria integridade da teoria?

Prováveis respostas podem ser encontradas no pensamento histórico de Turner e na maneira como ele constrói sua narrativa. Como vimos, ele acreditava que a história era algo fundamentalmente dialético, onde antíteses encontravam sua solução a partir de uma síntese. Assim, a solução oferecida implicitamente para esta contradição está na constatação de que a civilização nascida na América mantém os traços primitivos que lhe deram sua originalidade e excepcionalidade. Os traços dos pioneiros, agora fisicamente inexistentes, são adaptados às necessidades de uma sociedade industrializada que, por causa deles, não degenera na decadência do Velho Mundo. O dinamismo, o oportunismo e adaptabilidade dos fronteiros são preservados na nova ordem:

*"Turner's final moment holds in dialectical suspension the recombining elements of its predecessors, from New World savagism to Old World civilization. There is no naïve reversal of European decadence, natural simplicity or savage primitivism. Instead, all of these are joined in a history that carries multiple meanings inside itself".*<sup>364</sup>

---

<sup>363</sup> O individualismo do pioneiro, por exemplo, impede o estabelecimento de meios mais eficazes de controle da lei e da ordem nos territórios fronteiriços. Idem. *The Significance of the Frontier in American History*. op. cit. p. 32.

<sup>364</sup> "Turner mantém em suspensão dialética os elementos combinados de seus predecessores, da selvageria do Novo Mundo à civilização do Velho. Não existe uma ingênua reversão à decadência europeia, à simplicidade natural ou ao primitivismo selvagem. Ao contrário, todos eles são reunidos em uma história que combina múltiplos significados dentro de si". KLEIN, Kerwin. *Frontiers of Historical Imagination*. op.cit. p. 87.

Assim, o paradoxo é resolvido a partir da unificação destes elementos díspares, isto é, no surgimento de um tipo de sociedade que preserva os ideais que a geraram:

*"European men, institutions, and ideas were lodged into the American wilderness, and this great American West took them to their bosom, taught them a new way of looking into the destiny of the common man, trained them in adaptation to the conditions of the New World, to the creation of new institutions to meet new needs; (...), she opened new provinces, and dowered new democracies in her most distant domains with her material treasures and with the ennobling influence that the fierce love of freedom furnished to the pioneer".<sup>365</sup>*

A colisão entre selvageria e civilização rejuvenesce as instituições políticas da América ao fazê-las recuar às condições de seu passado ancestral apenas para que elas amadureçam novamente, preservando e recriando a existência dos Estados Unidos.<sup>366</sup>

Isto possibilita a unificação narrativa do passado agrário da América com seu presente industrial. Este cresce daquele. Antes de ser uma narrativa fraturada entre estas duas esferas temporais, como faz crer Patricia Nelson Limerick<sup>367</sup>, a *frontier thesis* é um relato que as une em uma mesma explicação. Com isso, ela permite a valorização tanto do agrarianismo, como elemento fundador da sociedade, quanto da nova ordem industrial, o ápice da evolução. Mais, ela racionaliza este processo dando-lhe raízes nitidamente norte-americanas e não o confundindo com a penetração da degeneração européia no Novo Mundo, já que a história de Turner fornecia distintas raízes americanas para a economia capitalista que emergiu para dominar a vida nacional.<sup>368</sup> O poder de persuasão desta constatação é bastante evidente, como atesta Ronald Carpenter:

*"With the closing of the frontier as geographical entity, there was relatively less and less opportunity to conquer the wilderness and carve out an empire as a spatial entity. (...). The world of business might have its own unmapped elements of the unknown and risk. And to some interpreters of Turner,*

---

<sup>365</sup> "Homens, instituições e idéias européias foram precipitados no sertão americano, e este Oeste norte-americano os levou ao seu seio, os ensinou um novo jeito de encarar o destino do homem comum, os treinou a se adaptarem às condições do Novo Mundo, à criação de novas instituições para novas necessidades; (...), ela abriu novas províncias, e os deu novas democracias nos seus mais distantes domínios com os tesouros materiais e com aquela influência dignificante que o amor à liberdade supriu ao pioneiro". TURNER, Frederick Jackson. *Contributions of the West to American Democracy*. op. cit. p. 267.

<sup>366</sup> KLEIN, Kerwin. *Frontiers of Historical Imagination*. op. cit. p. 80.

<sup>367</sup> LIMERICK, Patricia Nelson. *Turnerians All*. op. cit. p. 152.

<sup>368</sup> APPLEBY, Joyce; HUNT, Lynn & JACOB, Margaret. *Telling the Truth about History*. op.cit. p. 119.



*anyone overcoming those perils to become economically successful was a latter-day Daniel Boone".*<sup>369</sup>

O capitalismo norte-americano é, por causa de seu surgimento, *sui generis*. Ao contrário do que ocorre na Europa, onde a acumulação de capital se dá sob a égide do da diferenciação de classes e sob o controle de governos tirânicos, a industrialização dos Estados Unidos é, essencialmente, fruto da expansão das fronteiras e da experiência democrática do país. Isto imprime uma condição diferente aos seus líderes, como exemplifica o historiador: *"even those masters of industry and capital who have risen to power by the conquest of Western resources came from the midst of this society and still profess its principles"*.<sup>370</sup> Turner tinha a esperança que a estupenda concentração de capital de fins do século XIX pudesse levar a um aprimoramento dos mecanismos de controle democrático. Em outras palavras, o professor acreditava que a nova elite industrial não era uma aristocracia, aos moldes dos capitalistas britânicos, por exemplo, mas os *pathfinders* de horizontes democráticos renovados. Segundo ele:

*"The great geniuses that have built up the modern industrial concentration were trained in the midst of a democratic society. They were the product of these democratic conditions. Freedom to rise was the very condition of their existence"*.<sup>371</sup>

Ao ligar a emergência desta classe dominante às condições de fronteira e à sociedade democrática, Turner imbui o desenvolvimento industrial da época de uma "americanidade" absoluta. Desta forma, o historiador pode afirmar a naturalidade do processo. Assim como o homem americano, a indústria também renasce e é regenerada pelo solo do Novo Mundo. Isto não significa afirmar, como Alun Munslow faz, que a *frontier thesis* tenha simplesmente sido um instrumento de legitimação desta classe empresarial.<sup>372</sup> A narrativa de Turner busca enquadrá-los em um padrão de desenvolvimento que reafirma suas heranças democráticas e fronteiriças, mas que não

---

<sup>369</sup> "Com o fechamento da fronteira enquanto uma entidade geográfica, existiam cada vez menos chances para conquistar a natureza e construir um império espacial. (...). O mundo dos negócios continha seus próprios elementos de risco e do desconhecido. E para alguns dos intérpretes de Turner, qualquer um que sobrepujasse estes perigos para tornar-se economicamente bem-sucedido era um Daniel Boone contemporâneo". CARPENTER, Ronald H. *The Eloquence of Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 65.

<sup>370</sup> "Mesmo aqueles mestres de indústria e capital que ascenderam através da conquista dos recursos ocidentais vieram do seio desta sociedade e ainda professam seus princípios". Idem. *Contributions of the West to American Democracy*. op. cit. p. 264.

<sup>371</sup> "Os grandes gênios que construíram a concentração industrial moderna foram treinados em meio a esta sociedade democrática. Eles foram o produto destas condições democráticas. Liberdade para ascender era a própria condição para a sua existência". Idem. *Ibidem*. p. 266.

<sup>372</sup> MUNSLOW, Alun. *Deconstructing History*. London: Routledge History, 1996. p. 157.

os julga os únicos representantes da velha estirpe pioneira. Ao contrário dos *myth-makers* progressistas, que enfatizavam tal ascendência, o historiador considera-os como uma parte essencial da nação e não como seus líderes naturais. Assim, Turner pôde legitimar suas pretensões e limitar suas possibilidades de ação, já que eles estão obrigados, pelo passado, a atuar dentro das condições impostas pelo regime democrático. Seu capitão de indústria não é o herói aristocrata dos progressistas, o grande vencedor das lutas social-darwinistas, mas um herdeiro do legado fronteiriço assim como todos os outros norte-americanos. Por isso, acreditava ele, que a América devia exigir deles a mesma suprema devoção aos valores dos velhos pioneiros. Eles têm o direito de exercer seu individualismo e, de fato, beneficiam a nação ao fazê-lo, mas não podem submeter o bem comum aos seus desmandos individualistas.<sup>373</sup> Isto explica, em parte, o eco que as suas proposições encontraram tanto em reformistas sociais quanto em ferrenhos defensores do *laissez-faire*.

Esta linha de raciocínio possui outras implicações importantes para a teoria turneriana. Em primeiro lugar, constrói uma crença de que, mesmo com o fim da fronteira, a democracia norte-americana pode perdurar, já que a industrialização é o resultado "natural" do processo histórico e não uma aberração à sociedade estadunidense. Isto, evidentemente, não afasta o temor de que, sob tais condições, o regime democrático possa fenecer. Aliás, Turner é bastante explícito neste ponto.<sup>374</sup> De qualquer modo, a filiação desta nova ordem à democracia agrária serve para assegurar em parte a permanência dos valores desta última, garantidos, também, pela expansão ultramarina.

Em segundo lugar, a complexidade pode não ameaçar o primitivismo se for produto direto do "povo", isto é, do homem comum. Em "*The West and American Ideals*", Turner afirma que os imigrantes que colonizaram o Oeste levaram consigo mais do que o desejo de fugir do controle aristocrático de seus locais de origem, mas também a vontade de mudar economicamente o Novo Mundo:

---

<sup>373</sup> TURNER, Frederick Jackson. *Pioneer Ideals and the State University*. op. cit. p. 289.

<sup>374</sup> Em "*Contributions of the West to American Democracy*", o professor questiona a capacidade da próxima geração de industriais de manter viva a democracia nacional: "*whether they will be followed by successors who will adopt the exploitation of the masses, and who will be capable of retaining under efficient control these vast resources, is one of the questions which we shall have to face*". ("se eles serão seguidos por sucessores que vão adotar a exploração das massas, e serão capazes de reter estes vastos recursos sob um controle eficiente, é uma das questões que teremos que enfrentar"). Idem. *Contributions of the West to American Democracy* op. cit. p. 266.

*"Side by side with this westward marching army of individualistic liberty-loving democratic backwoodsmen, went a more northern stream of pioneers, who cherished similar ideas, but added to them the desire to create new industrial centers, to build up factories, to build railroads, and to develop the country by founding cities and extending prosperity".<sup>375</sup>*

A industrialização nasce das mãos deste exército de pioneiros e não da mera competência de um grupo de aristocratas capitalistas. Ao localizar este processo no seio desta sociedade democrática, Turner nega seu caráter exógeno e europeizante. Pelo contrário, ele o julga tão americano quanto o agrarianismo dos *yeomen farmers*. Por este motivo, ele é mais seguro e igualitário do que seus similares europeus.

E aqui voltamos à figura de Lincoln. O presidente republicano simboliza o passado e o futuro da nação. A vitória da União na Guerra Civil representou a consolidação de um regime produtivo baseado na idéia de um progresso industrial que não sacrifica o passado agrário diante do presente e, por consequência, do futuro. Lincoln era um homem dotado de uma visão política que conciliava estas duas Américas, por assim dizer. Por isso, sua centralidade na *frontier thesis* é essencial. Andrew Jackson, o primeiro grande político fronteiro, era a epítome do velho pioneiro, individualista e prático em suas ações. Ele, contudo, representava um Estados Unidos que não existia mais. Já Lincoln:

*"Represents (...) the pioneer folk who entered the forests of the great Northwest to chop out a home, to build up their fortunes in the midst of a continually ascending industrial movement".<sup>376</sup>*

Estes novos pioneiros eram, em última instância, capitalistas em formação:

*"To widen the area of the clearing, to contend with one another for the mastery of the industrial resources of the rich provinces, to struggle for a place in the ascending movement of society, to transmit to one's offspring the chance for education, for industrial betterment, for the rise in life which the hardships of the pioneer existence denied to the pioneer*

---

<sup>375</sup> "Ao lado deste exército de fronteiros individualistas e amantes da liberdade, foi uma corrente nortista de pioneiros, que acalentava ideais semelhantes, mas adicionava a elas o desejo de criar novos centros industriais, de construir fábricas, estradas-de-ferro, e de desenvolver o país através da fundação de cidades e da extensão da propriedade". Idem. *The West and American Ideals*. op. cit. p. 303-304.

<sup>376</sup> "Representa o povo pioneiro que entrou nas florestas do grande Noroeste para construir sua casa, para construir suas fortunas em meio a um movimento industrial continuamente ascendente". Idem. *Contributions of the West to American Democracy*. op. cit. p. 256.

*himself, these were some of the ideals of the region to which Lincoln came".<sup>377</sup>*

O *backwoodsman* Lincoln é a sinédoque de todos estes pioneiros; ele é a sua unificação em um mesmo corpo. Na narrativa de Turner, portanto, a figura do presidente adquire a capacidade de simbolizar esta nova América que surge nos anos que se seguem à Guerra Civil, profundamente comprometida com o passado agrário do país, mas com ambos os olhos admirando a grandeza de seu futuro. O paradoxo da regressão é resolvido através da remissão ao homem considerado por Turner como o maior norte-americano de todos os tempos.<sup>378</sup> Lincoln continua e melhora o trabalho iniciado pelos outros profetas da democracia estadunidense, como Jefferson e Jackson, e consolida de vez os ideais do Oeste no seio político e econômico da nação. Afinal de contas, o republicano foi o responsável pelo *Homestead Act* de 1862<sup>379</sup>, que garantia o triunfo do *yeoman farmer*, mas também empreendeu uma política nacional de valorização da industrialização e do progresso econômico e material. Deste modo, o professor de Harvard demonstra a possibilidade de manutenção tanto dos valores agrários do país quanto da valorização de sua grandeza industrial. Em suas próprias palavras: *"it was not without significance that Abraham Lincoln became the very type of American pioneer democracy, the first adequate and elemental demonstration that that democracy could produce a man who belonged to the ages"*.<sup>380</sup>

Esta democracia pioneira, representada por Lincoln, reúne em torno de si os atributos do passado e do presente da nação. Sua devoção ao progresso impele seu desenvolvimento histórico e lhe garante a vitória diante de seus oponentes. Por outro lado, ela mantém viva os caracteres que lhe deram vida; o agrarianismo não é esquecido, suas promessas não são descartadas. O Mito da Fronteira reelaborado por Turner é, portanto, a síntese entre as duas Américas. A linguagem da ciência histórica, com sua concatenação de causas e efeitos e a descoberta das forças invisíveis que

---

<sup>377</sup> *"A ampliação da área da clareira, a competição entre uns e outros pelo domínio dos recursos industriais das ricas províncias, a luta por um lugar no movimento ascendente da sociedade, a transmissão à sua descendência da chance à educação, para o melhoramento industrial, para a ascensão na vida, negada pela própria ascensão do pioneiro, estes eram alguns dos ideais da região para onde veio Lincoln"*. Idem. Ibidem.

<sup>378</sup> CARPENTER, Ronald H. *The Eloquence of Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 27.

<sup>379</sup> Ato assinado por Lincoln em 20 de maio de 1862, que concedia 65 hectares de terra para qualquer homem maior de 21 anos, contanto que ele vivesse na propriedade durante cinco anos.

<sup>380</sup> *"Não foi sem significado que Abraham Lincoln tornou-se o tipo mesmo da democracia pioneira norte-americana, a primeira demonstração elementar e adequada ao mundo de que aquela democracia podia produzir o homem que realmente pertencia às eras"*. TURNER, Frederick. *The West and American Ideals*. op. cit. p. 304-305.

ritmam o desenvolvimento histórico do país, garante a esta nova versão do Mito uma força explicativa que faltava às outras. Os pioneiros não marcham por um desígnio divino, mas pela atração exercida pelas terras livres e pelas oportunidades econômicas e sociais garantidas por elas. Na relação dialética entre a selvageria da *wilderness* e da civilização surgem as características principais dos norte-americanos, homens que ousaram fugir das tiranias européias e renasceram no abençoado solo do Novo Mundo. Destas antíteses, emergem os Estados Unidos, únicos em sua excepcionalidade e grandiosidade e, por isso mesmo, destinados a liderar às outras nações.

A refiguração do passado norte-americano efetuada por Turner é eficiente justamente por causa do modo com que ele confirma e reconstrói o principal mito de origem estadunidense. A confirmação é dada pela utilização dos ícones do Mito em sua narrativa, corroborando-os com a exposição científica da *frontier thesis*, e também sendo corroborado por esta mesma tradição. A reconstrução do Mito em termos críveis não só pela audiência não-especializada, mas também pela academia, permitiu a emergência de uma teoria que explicava os Estados Unidos em seus próprios termos, separando-o da Europa como entidade historiográfica, através de uma retórica extremamente persuasiva. Pretender separar, portanto, o aspecto mítico da teoria turneriana de seu caráter historiográfico, como seus críticos fizeram, é deixar de prestar atenção devida aos modos como eles estão imbricados. A *frontier thesis* é sim uma explicação histórica controlada pela operação historiográfica, mas também é um épico, um romance, para usar o termo de Kerwin Klein, que confere identidade aos norte-americanos a partir daquilo que já era considerado como sendo sua gênese. Nas palavras de Ronald Carpenter, "*in the frontier thesis, eloquence was handmaiden to an idea*".<sup>381</sup> Apartar os dois é não compreender a totalidade, e a profundidade, das explicações propostas pelo historiador.

Assim, na aurora do século XX, quando a industrialização parecia solapar as esperanças de que a excepcional democracia norte-americana pudesse sobreviver aos novos tempos, o *westerner* pôde garantir aos seus compatriotas que tal futuro não era a condição *sine qua non* da evolução histórica do país. Se história é continuidade e unidade, como Turner ensinou em "*The Significance of History*", as gerações

---

<sup>381</sup> "*Na frontier thesis, a eloquência era acompanhante de uma idéia*". CARPENTER, Ronald H. *The Eloquence of Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 95.

posteriores preservarão o legado de seus antepassados, ainda que adaptado às suas próprias condições. Além disso, se a complexificação social for fruto do primitivismo das condições da fronteira, ela não ameaça a sociedade, pois preserva as características que lhe deram origem. A expansão ao Caribe e à Ásia abre novas fronteiras para o ímpeto estadunidense, repetindo e ampliando o processo que fez da América uma nação excepcional, mantendo vivo o espírito pioneiro na psique nacional. O Mito da Fronteira, como apresentado por Turner, sintetiza o agrarianismo de Jefferson com o elogio ao capitalismo e ao imperialismo dos progressistas do século XIX e, por isso, ganha poder para ecoar as demandas da América, na medida que inclui atores sociais excluídos de ambas. Isto não significa afirmar que a *frontier thesis* seja universalista, pois ela não o é, mas considerar que a história do homem comum narrada por ele avança consideravelmente em relação às versões anteriores do Mito. Deste modo, faço minhas as palavras de Kerwin Klein quando afirma que:

*“Turner reworked historical language into a form that harmonized well with the tacit beliefs of his readers, notably their faith in American exceptionalism. The frontier thesis brought together into one place the disparate qualities and processes that Euro-Americans felt to be unique about the United States. (...). And Turner's refiguration of historical language, for all its vagaries and ethnocentrism, remains quite stunning in its breadth and originality”.*<sup>382</sup>

Frederick Jackson Turner foi um pioneiro não só porque conseguiu refigurar o Mito da Fronteira de modo a criar uma identidade única para todos os norte-americanos, mas também porque trouxe a História para as experiências destes homens e mulheres. Em que pesem todas as críticas – válidas, aliás -, feitas ao seu trabalho, sua originalidade é inegável. É possível que a historiografia norte-americana não tivesse sido alterada substancialmente caso ele não tivesse nascido (ou tivesse sido malsucedido), mas seria bem mais pobre. Nem todo o legado turneriano, portanto, deve ser abandonado.

---

<sup>382</sup> “Turner retrabalhou a linguagem histórica em uma forma que harmonizava com as crenças tácitas de seus leitores, principalmente sua crença no excepcionalismo norte-americano. A *frontier thesis* unificou em um mesmo lugar os processos e qualidades disparees que os euro-americanos atribuíam aos Estados Unidos. E a refiguração histórica realizada por Turner, com toda a sua vagueza e etnocentrismo, continua impressionante em seu escopo e originalidade”. KLEIN, Kerwin Lee. *Frontiers of Historical Imagination*. op. cit. p. 20.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Naquela noite quente de julho de 1893, Frederick Turner dificilmente teria imaginado o papel que desempenharia na institucionalização da história-ciência nos Estados Unidos e na profissionalização da disciplina. Preocupado em ganhar a simpatia de uma platéia indiferente, o historiador provavelmente não estava perdido em elucubrações sobre o seu futuro profissional. Mas o fato é que a sua refiguração do passado norte-americano funcionou tão bem que ele acabou sendo entronizado como o verdadeiro *founding father* da historiografia moderna estadunidense, focada não só nos grandes homens e seus feitos, mas no homem comum e o seu destino. Inaugurando a era do que poderíamos chamar de "história problema" na academia norte-americana, Turner foi um dos primeiros historiadores americanos a aproximar a universidade das atribuições do mundo social.

Tendo nascido no Oeste, Turner conseguiu inverter as perspectivas historiográficas centradas na Nova Inglaterra e na herança européia dos Estados Unidos, fazendo de sua terra natal a sinédoque de toda a América. Nas mãos do professor, a grande marcha em direção ao Pacífico não era somente um pedaço da história nacional; era ela própria. Em suas páginas, os norte-americanos apareciam construindo sua própria fortuna em meio à exuberância do Novo Mundo, afastando-se da influência da Europa e ressurgindo como algo novo e excepcional. A democracia e o capitalismo acharam em Turner não só um historiador, mas um profeta.<sup>383</sup>

O sucesso de Turner foi ancorado na sua atuação no interior da disciplina e no tipo de escrita da história apresentado por ele. Como professor em Wisconsin e em Harvard, e como membro influente da AHA, Turner orientou boa parte dos historiadores mais importantes da primeira metade do século XX, ajudou a selecionar os tipos de trabalhos a serem publicados nos periódicos da Associação e engajou-se em palestras e seminários por todo o país, independente do público-alvo. A partir deste desempenho, Turner foi popularizando seus próprios marcos no interior da academia e fora dela.

---

<sup>383</sup> CRONON, William. *Turner's First Stand*. op. cit. p. 81.

Neste sentido, o *lugar* de onde falou o historiador teve uma importância fundamental para seu êxito. Em seu posto como professor na Universidade Estadual do Wisconsin, o historiador teve a liberdade suficiente para criar um departamento que se adequava às suas próprias necessidades, sem as restrições encontradas nos grandes centros de ensino do país. Com a ausência de outros nomes tão ou mais importantes quanto o seu, Turner tornou-se o principal docente do Departamento de História daquela universidade, atraindo centenas de alunos interessados em seus métodos de análise e interpretação. Dali saíam não só engajados com a *frontier thesis* do mestre, mas com a noção de que a história explicava-se através do desvelamento das forças invisíveis que determinavam o desenvolvimento histórico do país – como atestam importantes orientandos de Turner, como Arthur Schlesinger Sr., Marcus Hansen, Merle Curti e Carl Becker.

Se os historiadores quisessem sofisticar suas análises, deveriam também complexificar suas fontes. Turner foi um dos primeiros historiadores a enfatizar a necessidade de se aumentar o escopo da documentação utilizada até então. Para ele, todas as fontes eram necessárias para a investigação histórica. Seu pioneirismo neste sentido se refletiu na utilização de mapas estatísticos e demográficos, relatos de viajantes e diários de viagens, documentos de arquivos regionais, ignorados pela historiografia política da geração anterior, além de uma série de outras referências, raramente ou nunca utilizadas até então.<sup>384</sup> E, de fato, a influência de Turner e seus discípulos foi palpável: a Universidade de Wisconsin tornou-se o principal centro de estudos históricos calcados nos fatores econômicos e sociais e logo importou seu modelo para outras universidades, popularizando, assim, a utilização de fontes quantitativas e estatísticas.<sup>385</sup>

O pensamento histórico de Turner avançou muitas das tendências verificadas na academia norte-americana do século XX. As suas considerações acerca da subjetividade da história, sempre escrita de acordo com a era e as preocupações pessoais de cada historiador, pavimentaram o caminho para o pragmatismo presentista que marcaria a profissão nos Estados Unidos.<sup>386</sup> Antes de ser uma busca pela verdade objetiva dos

---

<sup>384</sup> BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 451-452.

<sup>385</sup> Idem. Ibidem. p. 122-125.

<sup>386</sup> Como aponta Novick, a historiografia norte-americana do século XX sempre se pautou por uma grande preocupação presentista, fossem os historiadores conservadores ou progressistas. Os primeiros,



fatos, a história é um ato de autoconhecimento, constantemente renovado e remodelado de acordo com as condições dadas por uma certa era. Neste aspecto, o historiador não provê verdades absolutas, mas respostas para as questões que afligem as pessoas no presente. Ele é, portanto, um agente ativo de seu tempo, imbricado em questões muito maiores do que o simples desvelamento dos fatos. Não deixa de ser irônico que Turner, tão criticado pelos historiadores sociais das décadas de 70 e 80, tenha antecipado muitas de suas proposições.<sup>387</sup>

Se considerarmos esta posição de Turner, a sua *frontier thesis* aparece menos do que a ‘palavra divina’, fechada e acabada, de seus discípulos e mais como uma tentativa de se reescrever a história dos Estados Unidos com o intuito de fornecer uma explicação para um certo presente. Por isso mesmo, ela não é e nunca será definitiva, pois, quando assim se fizer necessário, surgirá uma nova interpretação mais adequada aos tempos. A história está em eterna construção. Cabe ao profissional a tentativa de explicar o passado da melhor maneira possível em seu próprio tempo, reconhecendo, assim, sua fugacidade. Mas, apesar desta constatação, não foi isso que ocorreu com a sua teoria. Ela foi entronizada como a grande explicação para a história norte-americana, muitas vezes em uma forma muito mais esvaziada do que a originalmente concebida por ele.

Se por um lado, como vimos, o professor foi altamente responsável pela petrificação de sua teoria, por outro seus discípulos a simplificaram de tal modo que a concepção histórica que ancorava a *frontier thesis* acabou sendo deixada de lado. Para eles, o mestre era um determinista econômico ou o descobridor de uma única força motriz da história norte-americana. As nuances de sua interpretação foram negligenciadas para dar lugar a um modelo rígido onde a fronteira explicava *todo* o processo histórico, inclusive em paragens não-americanas. Esqueceu-se o chamado do

---

contudo, postulavam uma apreciação objetiva dos fatos que levaram ao presente, defendendo uma análise neutra do processo histórico, enquanto os segundos enfatizavam a subjetividade da interpretação histórica, sempre sujeita às particularidades de cada profissional e seus contextos. De qualquer modo, a noção de que a história deveria servir fundamentalmente ao presente foi um dos baluartes da disciplina nos Estados Unidos. Peter Novick confere a Turner, e a outros historiadores ligados a ele, a paternidade desta noção. NOVICK, Peter. *That Noble Dream*. op. cit. p. 98-100; 135-137 & 424-436.

<sup>387</sup> Mesmo Patricia Limerick e William Cronon, dois dos maiores críticos de Turner das últimas décadas, reconhecem o papel do *westerner* na mudança dos paradigmas históricos norte-americanos na virada do século XX, apontando-o como um dos inauguradores das preocupações sociais da disciplina. Eles admitem, entre outras coisas, as inovações representadas por seus métodos de análise, suas considerações sobre as forças sociais e econômicas que movem as sociedades e sobre o papel do intelectual dentro do mundo social. Limerick chega a utilizar um dos trechos de “*The Significance of History*” como epígrafe de sua síntese anti-turneriana, “*The Legacy of Conquest*”. LIMERICK, Patricia Nelson. *Turnerians All*. op. cit. & CRONON, William. *Turner’s First Stand*. op. cit.

professor à necessidade de se estudar a multiplicidade de fatores envolvidos no desenrolar da história. Deste modo, Turner apareceu como o *patron saint* do funcionalismo e do economicismo na academia estadunidense, mesmo que isso estivesse em profundo desacordo com as suas ambições enquanto historiador. O que era uma simples hipótese tornou-se um paradigma aplicável a qualquer situação e lugar, numa caricatura da teoria original.<sup>388</sup>

A sacralização da *frontier thesis* também decorreu da própria intriga elaborada por Turner. Nela, os norte-americanos viam a confirmação de seu grande mito de origem, o Mito da Fronteira, a partir das categorias da história científica. Em uma relação dialética, onde o Mito corrobora as afirmações do historiador, que, por sua vez, o confirma com suas análises, a *frontier thesis* deu uma identidade à nação estadunidense a partir de sua própria experiência histórica como um país de pioneiros. Nas páginas dos escritos de Turner, são os Estados Unidos realizam seu Destino Manifesto diante das barreiras impostas pela natureza. A marcha, contudo, não para. O progressismo dos *pioneers*, sua devoção ao trabalho e sua busca por melhores condições de vida impelem o movimento sempre adiante, em direção ao Pacífico. Do contato com a *wilderness* selvagem, surgem as instituições do país e seu capitalismo *sui generis*. A democracia estadunidense não é fruto de idéias exógenas, mas das próprias condições da América. Ela é autóctone, orgulhosamente americana.

O historiador refigurou o Mito com a linguagem da história científica, a partir de categorias de análise que se propunham sólidas (“fronteira”, “terras livres”, “forças sociais”, “tipos sociais”, etc.), descartando uma leitura teológica e enquadrando o Destino Manifesto em uma perspectiva progressista e evolucionista da história norte-americana. A narrativa de Turner já apresentava um sentido unívoco em direção ao surgimento da nação norte-americana. Sua história era a narração otimista da apropriação pacífica do continente, um conto que reconciliava os valores agrários do país com seu presente industrial. A explicação fornecida pelo historiador não só conferia uma identidade aos habitantes do país, mas também antevia modos de se preservar as *bonanzas* continentais em novas fronteiras no além-mar, permitindo uma naturalização do imperialismo. Além disso, deixava claro que, mesmo com o fim da fronteira, os efeitos da expansão não cessariam, pois estavam adaptados às novas

---

<sup>388</sup> BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 444-471.

condições dadas pelo presente. Não existe possibilidade de uma regressão á degeneração européia, pois a nova ordem está imbuída de todos os aqueles valores democráticos que fizeram da América uma grande terra. A *frontier thesis* fundou, por assim dizer, a nação americana em termos críveis, dando-lhe não só um passado como um presente e um futuro. Parafraseando François Hartog, quando este se refere a Fustel de Coulanges e a história da França, coube a Turner ser o pontífice entre o passado dos Estados Unidos e seu presente.<sup>389</sup> O significado da história de Turner era o significado da própria vida de boa parte dos norte-americanos.<sup>390</sup> A *Western History* legada por Turner era um registro das “*American aspirations, dreams and myths. It was for many an exercise in self-identification*”.<sup>391</sup>

Neste sentido, não é de se estranhar que a tese do professor tenha tido, e continue tendo, tanto prestígio, pois ela fala de uma América quase idílica, onde os homens escapam da opressão para renascerem como cidadãos livres, independentemente de sua origem social. É evidente que negros, índios e outras minorias são deixados de lado, mas em um país com uma população majoritariamente branca e de classe média, cujas universidades não fogem muito deste padrão, é compreensível que a *frontier thesis* fosse considerada como uma representação plausível da história nacional. Como diz Kerwin Klein, a explicação de Turner teve (e tem) uma grande ressonância entre as classes médias do país porque foi produzida por um de seus iguais, reproduzindo muitas de suas próprias concepções sobre os Estados Unidos.<sup>392</sup> Aliás, William Cronon também argumenta o sucesso da tese turneriana em termos parecidos.<sup>393</sup> Como afirma ele: “*had he delivered his speech as a Fourth of July oration, he could scarcely have affirmed more emphatically his compatriots' faith in themselves and their nation*”.<sup>394</sup>

---

<sup>389</sup> HARTOG, François. *O Século XIX e a História: o caso Fustel de Coulanges*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004. p. 27

<sup>390</sup> CRONON, William. *Turner's First Stand*. op. cit. p. 76.

<sup>391</sup> “*Aspirações, sonhos e mitos norte-americanos. Para muitos, ela era um exercício de auto-identificação*”. BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 454.

<sup>392</sup> KLEIN, Kerwin Lee. *Frontiers of Historical Imagination*. op. cit. p. 20-21.

<sup>393</sup> CRONON, William. *Turner's First Stand*. op. cit. p. 84.

<sup>394</sup> “*Tivesse ele usado seu discurso como uma oração no Quatro de Julho, ele dificilmente teria afirmado mais enfaticamente a fé de seus compatriotas neles mesmos e em sua nação*”. Idem. *Ibidem*. p. 85.

Uma das conseqüências desta narração foi a construção de uma história que forneceu coerência a uma série de estórias díspares. Richard White comenta sobre o que isto significou para os Estados Unidos enquanto nação:

*“In a country with so many variants of actual experiences, it is perhaps a good thing to find imaginative coherence in a set of stories that accept change as given. When we all mount up, when we assume the right to inhabit and retell a common past, then there seems to be a unity among us that transcends, without erasing, our differences”.*<sup>395</sup>

A *frontier thesis* estabeleceu uma unidade para estas diversas experiências, transformando-as em algo maior do que elas mesmas, conferindo-lhe um sentido muito mais amplo. Na narrativa do professor de Harvard, estas vidas se unem em um único momento, saindo de seus múltiplos anonimatos para criar aquilo que ele considerava como sendo o mais magnânimo capítulo da história universal: a criação dos Estados Unidos da América. Diante de tal situação, não é surpreendente que a explicação de Turner tenha sido sacralizada e amplamente utilizada por diferentes grupos sociais para mais diversos fins, pois, no final das contas, ela pode falar de cada um deles como sendo profundamente americanos. Sobre as histórias contadas por Turner, comenta White: *“they have become democratic stories inhabited by diverse Americans and open to multiple retellings”*.<sup>396</sup>

Estas “recontagens múltiplas” acabaram lhe conferindo um status mitificado, onde muitas de suas assertivas acabaram tornando-se clichês – como é peculiar a todos os mitos. Dentro do espectro cultural e político norte-americano, a *frontier thesis* foi sendo constantemente recuperada, retrabalhada e relida em contextos diversos. Em 1960, por exemplo, um então jovem candidato à presidência apresentou seu programa político intitulado “Nova Fronteira”. Seu nome era John Fitzgerald Kennedy. No dia do lançamento de sua plataforma, na cidade de Los Angeles, ele fez um discurso que conjugava todas aquelas imagens tradicionalmente associadas à tese de Turner:

---

<sup>395</sup> “Em um país com uma grande variedade de experiências, encontrar uma coerência imaginativa num conjunto de estórias que aceitam a mudança como dada talvez seja uma coisa boa. Quando nós avultamos, quando adotamos o direito de habitar e recontar um passado comum, parece haver uma unidade entre nós que transcende, sem apagar, nossas diferenças”. WHITE, Richard. *Frederick Jackson Turner and Buffalo Bill*. op. cit. p. 55.

<sup>396</sup> “Elas tornaram-se estórias democráticas habitadas por diversos norte-americanos e abertas a recontagens múltiplas”. Idem. *Ibidem*.

*“From the lands that stretch three thousand miles behind me, the pioneers of old gave up their safety, their comfort, and sometimes their lives to build a new world here in the West. They were determined to make that new world strong and free, to overcome its hazards and hardships, to conquer the enemies that threatened from within and without”.*<sup>397</sup>

Do mesmo modo, outro presidente também soube utilizar os ícones da *frontier thesis* para embasar seu programa político. Ronald Reagan, que contava com a providencial ajuda de ter sido ex-ator de filmes de *western*, declarou quando no discurso inaugural de seu segundo mandato, em 1984:

*“A settler pushes west and sing his song, and the song echoes forever and fills the unknowing air. It is the American sound: it is hopeful, bighearted, idealistic – daring, decent and fair. That’s our heritage, that’s our song. We sing it still. For all our problems, we are together as of old”.*<sup>398</sup>

Como afirma Limerick, estes dois discursos apresentavam a tese de Turner “*in a nutshell*”.<sup>399</sup>

O que chama atenção nestes exemplos é justamente a multiplicidade de usos que a *frontier thesis* se permite. A “Nova Fronteira” de Kennedy era um amplo programa que, entre outras coisas, postulava o aumento dos investimentos públicos em educação, infra-estrutura e outros setores-chave da economia norte-americana como meio de diminuir as diferenças entre as classes sociais. A “*new frontier*” do presidente democrata era a fronteira interna da estratificação e da desigualdade. Aos estadunidenses do século XX cabia a superação destes obstáculos internos para que o sonho representado pela América pudesse ser desfrutado por todos. Ademais, a expansão do comunismo demandava o recrudescimento do espírito pioneiro nacional diante desta grave ameaça interna e externa.<sup>400</sup>

---

<sup>397</sup> “A partir das terras que se estendem atrás de mim por três mil milhas, os velhos pioneiros abandonaram sua segurança, seu conforto, e às vezes suas vidas para construir um novo mundo aqui no Oeste. Eles estavam determinados a superar seus perigos e dificuldades, a conquistar os inimigos que ameaçavam interna e externamente”. KENNEDY, John F. apud LIMERICK, Patrícia Nelson. *The Adventures of the Frontier in the Twentieth Century*. In: GROSSMAN, James R. *The Frontier in American Culture*. op. cit. p. 80.

<sup>398</sup> “Um colono se dirige ao Oeste e canta sua canção, e a canção ecoa para sempre e preenche o ar inocente. Este é o som americano: é esperançoso, generoso, idealista e justo. Esta é a nossa herança, esta é a nossa canção. Nos ainda a cantamos. Mesmo com os nossos problemas, estamos juntos como no passado”. Idem. Ibidem. p. 83.

<sup>399</sup> “Numa casca de noz”. Idem. Ibidem.

<sup>400</sup> Idem. Ibidem. p. 81.

No caso de Reagan, seu anticomunismo à parte, a “fronteira” era fundamentalmente diferente. Para Richard Slotkin, a utilização do que ele chama de “turnerismo rejuvenescido” deu-se para embasar algumas políticas internas de cunho nitidamente conservador, como o corte de impostos das grandes empresas e a diminuição dos gastos públicos da área social, sob a justificativa de fomentar o individualismo econômico dos cidadãos. A expansão do capital financeiro serviria como uma nova fronteira de amplas oportunidades aos habitantes do país, numa recuperação do conceito de “válvula-de-escape” turneriano. E, assim como Kennedy, o republicano também conclamava os norte-americanos a combater os “selvagens” comunistas em novas fronteiras geográficas pelo mundo e no espaço sideral, incluindo a intervenção em países do Terceiro Mundo supostamente comunizados e o financiamento de um ambicioso programa espacial.<sup>401</sup>

A utilização das imagens e ícones da fronteira turneriana reflete, segundo Limerick, a busca pela unidade da nação, pelos fundamentos da identidade nacional norte-americana diante de ameaças de desagregação desta mesma identidade.<sup>402</sup> E, porque a *frontier thesis* pode potencialmente falar de todos os estadunidenses, ela continua sendo uma das mais importantes avalistas desta comunidade imaginada. Argumentando neste mesmo sentido, Slotkin afirma a centralidade de Turner para a refiguração do Mito em termos aceitáveis para uma maior parcela da população do que aqueles apresentados pelas versões anteriores e amparada na autoridade da exposição científica.<sup>403</sup> Mas, mais do que isso, ela foi sendo amplamente revisitada por causa da centralidade dos temas que propunha. De acordo com Allan Bogue, a relevância das idéias de Turner está justamente na consideração de problemas norte-americanos que não cessaram com o passar dos anos, como, por exemplo, a questão da excepcionalidade dos Estados Unidos, de sua identidade nacional e do seu sistema democrático:

*“Turner spoke to these fundamental questions in such a way that others have been able to use his ideas as starting points in their own efforts to read the meaning of the American past”.*<sup>404</sup>

---

<sup>401</sup> SLOTKIN, Richard. *The Gunfighter Nation*. op. cit. p. 643-649.

<sup>402</sup> LIMERICK, Patricia Nelson. *The Adventures of the Frontier in the Twentieth-Century*. op. cit. p. 94.

<sup>403</sup> SLOTKIN, Richard. *The Gunfighter Nation*. op. cit. p. 30.

<sup>404</sup> “Turner falou destas questões fundamentais de um modo que outros poderiam usar suas idéias como pontos de partida em seus próprios esforços para ler o significado do passado norte-americano”. BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner*. op. cit. p. 461.

Independente de quem pergunta, a tese do velho “Fritz” pode ter as respostas.

A transformação da tese de Turner em um clichê acabou por apagar os modos pelos quais ela se impôs como a mais bem-sucedida explicação para a história dos Estados Unidos. Quando, por exemplo, o atual Secretário de Defesa dos Estados Unidos, Donald Rumsfeld, afirma que seu país nunca foi imperialista e que foi construído de forma pacífica e ordeira por colonos de diversas partes do mundo, lá está a naturalização da teoria do *westerner*.<sup>405</sup> Como afirma Manoel Salgado Guimarães, uma escrita da história vitoriosa tende a silenciar sobre o seu percurso, seu triunfo aparecendo como uma decorrência natural e não como o resultado de uma série de operações bem-sucedidas de imposição, legitimação e naturalização.<sup>406</sup> Embaixo da suave superfície da *frontier thesis* existe, portanto, toda a série de ambivalências e conflitos apontados por Slotkin na criação (ou, neste caso, a recriação) de um mito, desde o primeiro momento de sua elaboração até sua consagração e cristalização. Ela não nasceu pronta. Seu espaço foi negociado e, do mesmo modo, ela foi se impondo como a “verdadeira” história norte-americana até sobrepujar as outras possíveis concorrentes. Para isto, foi necessária a reafirmação de tudo aquilo que os norte-americanos já consideravam como seus dotes peculiares diante das outras nações, apresentados com a força e a autoridade da ciência histórica.

Foi por causa disto que resolvi trabalhar com a obra de Turner no campo específico da historiografia. Sabemos que o sucesso da *frontier thesis*, ou de qualquer outra teoria histórica, não estava dado a priori. Isto não significa que ela tenha sido a única explicação possível para a América de então. Cabe ao historiador da História a tentativa de refazer este caminho, recuperando seus conflitos e tensões, suas ambigüidades e possibilidades. A historiografia nos permite, portanto, recuperar as lutas travadas na sociedade para dar significado ao mundo, reconhecendo a historicidade do ato de escrita da história e proporcionando a devida reflexão não só sobre os limites da

---

<sup>405</sup> Tal afirmação foi feita para rebater os ataques à invasão norte-americana do Iraque, em março de 2003. Segundo Rumsfeld, este ato não podia ser comparado às ações imperiais de outras potências históricas porque visava a reconstrução de um país e o estabelecimento de uma democracia. Como aponta Limerick, esta linha de raciocínio é decorrência direta do tipo de história autoglorificadora contada a gerações de norte-americanos, além de uma boa dose de má-fé política. Mesmo que a historiadora não faça nenhuma menção direta a Turner, mas sabendo de seus posicionamentos teóricos e políticos, a crítica não deixa de ser dirigida a ele e seus discípulos. LIMERICK, Patricia Nelson. *Empire and Amnesia*. In: *The Historian*. Vol. 66. n. 3. New York: Thompson Gale, september 2004. p. 532.

<sup>406</sup> GUIMARÃES, Manoel Salgado. *A Cultura Histórica Oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar*. op. cit. p. 23-24.

profissão, mas também sobre sua beleza e complexidade. Um empreendimento deveras complicado, mas que vale a pena o risco.

Mas a pesquisa revelou também a proximidade entre os problemas dos “antigos” historiadores e dos “novos”. A preocupação com a escrita, com a investigação, com os afazeres acadêmicos, com uma remuneração adequada, com os grandes problemas de seu tempo e a contemplação da beleza e da complexidade da disciplina por parte daquele distante *westerner* me levam a crer que, apesar de tudo aquilo que nos separa, não existem muitas diferenças entre nós e aquele nosso distante colega. Os historiadores, como pude perceber nesta jornada, são eternos inquietos. E que continuem assim.



**BIBLIOGRAFIA**

1. ADAMS, Willy Paul. *Los Estados Unidos de América*. México: Siglo XXI, 1979.
2. ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
3. APPLEBY, Joyce; HUNT, Lynn & JACOB, Margaret. *Telling the Truth About History*. New York: W. W. Norton, 1994.
4. BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner: Historian, Scholar, Teacher*. New York: University of Oxford Press, 1973.
5. BILLINGTON, Ray Allen (org.). *The Frontier Thesis: Valid Interpretation of American History?*. New York: Holt, Rineheart & Wiston, 1966.
6. BILLINGTON, Ray Allen. *The Genesis of the Frontier Thesis: a study in historical creativity*. San Marino: Huntington, 1971.
7. BILLINGTON, Ray Allen. *The Westward Expansion*. New York: McMillan, 1949.
8. BILLINGTON, Ray Allen. *Dear Lady: the letters of Frederick Jackson Turner and Alice Forbes Perkins Hooper (1910-1932)*. San Marino: Huntington, 1971.
9. BILLINGTON, Ray Allen. *Tempest in Clio's Teapot: the American Historical Association Rebellion of 1915*. In: *American Historical Review* vol. 78. n. 2. New York: April, 1973.
10. BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner: strange roads going down*. Norman: University of Oklahoma Press, 1998.
11. BOUTIER, Jean & JULIA, Dominique. *Passados Recompuestos*. Rio de Janeiro: FGV/UFRJ, 1998.
12. BRADBURY, Malcolm & TEMPERLEY, Howard. *Introdução aos Estudos Americanos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
13. CARNES, Mark C., GARRATY, John A. & WILLIAMS, Patrick. *Mapping America's Past*. New York: Henry Holt Books, 1996.
14. CARPENTER, Ronald H. *The Eloquence of Frederick Jackson Turner*. San Marino: Huntington, 1983.

15. CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
16. CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia*. Porto Alegre: EdUFRGS, 2002.
17. COLEMAN, William. *Science and Symbol in the Turner Frontier Hypothesis*. In.: *American Historical Review*, n. 23, p. 22-49. New York: October 1966
18. COMMAGER, Henry Steele. *The American Mind*. New Haven: Yale University Press, 1950.
19. CRONON, William (org.). *Under an Open Sky: Rethinking America's Western Past*. New York: W.W. Norton, 1993.
20. DINUNZIO, Mario (org.). *Theodore Roosevelt: an American Mind*. New York: Penguin Books, 1994.
21. DIVINE, Robert A. & al. *América Passado e Presente*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1992.
22. DUBY, Georges; LADURIE, Emmanuel Le Roy & LE GOFF, Jacques. *A Nova História*. Lisboa: Edições 70, 1977.
23. ELMIR, Cláudio Pereira. *A História Devorada: no rastro dos crimes da Rua do Arvoredo*. Porto Alegre: Escritos, 2004.
24. ELMIR, Cláudio Pereira & FÉLIX, Loiva Otero (org.). *Mitos e Heróis: construção de imaginários*. Porto Alegre: EdUFRGS, 1998.
25. ETULAIN, Richard W. *Frontier, Region and Myth: changing interpretations of Western American Culture*. In: *Journal of American Culture* vol. 3, n. 2. Bowling Green: summer 1980.
26. ETULAIN, Richard W (org.). *Writing Western History*. Reno: University of Nevada Press, 2002.
27. FARAGHER, John Mack. *The Frontier Trail: Rethinking Turner and Reimagining the American West*. In: *American Historical Review* n. 68, p.106-119. New York: February, 1993
28. FARAGHER, John Mack & HINE, Richard. *The American West: a New Interpretive History*. New Haven: Yale University Press, 2000.

29. FARAGHER, John Mack. *Daniel Boone: the life and legend of a pioneer*. New York: Henry Holt, 1992.
30. FARAGHER, John Mack (org.). *Rereading Frederick Jackson Turner*. New Haven: Yale University Press, 1998.
31. FREITAS, Renata Dal Sasso. *A construção dos homens de fronteira na série de romances "The Leatherstocking Tales" (1823-1841) de James Fenimore Cooper*. Porto Alegre: UFRGS, 2003. (mimeo).
32. GARDINER, Patrick. *Teorias da História*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.
33. GROSSMAN, James (org.). *The Frontier in American Culture*. Berkeley: University of California Press, 1994
34. GUAZZELLI, César A. B. *Fronteiras Americanas na Primeira Metade do Século XIX: o Triunfo das Representações nos Estados Unidos da América*. In: Revista Anos 90. n. 18. Porto Alegre: EdUFRGS, 2004.
35. GUTIERREZ, Horácio; LOPES, Maria Aparecida de Souza & NAXARA, Márcia (org.). *Fronteiras, Personagens, Paisagens, Identidades*. São Paulo: Olhos d'Água, 2003.
36. HARTOG, François. *O Século XIX e a História*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.
37. HARTOG, François. *Points et contrepoints. Histoire. La Tentation de l'épistémologie?* In: Le Débat. n. 112. p. 80-83. Paris: Galimard, novembre-décembre, 2000.
38. HARTOG, François. *O Tempo Desorientado, Tempo e História: como escrever a história da França*. In: Revista Anos 90. n.7. Porto Alegre, UFRGS, Julho, 1997.
39. HOFSTADTER, Richard. *The Progressive Historians*. New York: Knopf, 1968.
40. HOFSTADTER, Richard & LIPSET, Seymour (org.). *Turner and the Sociology of the Frontier*. New York: Basic Books, 1968.
41. HUNT, John Gabriel. (org.). *The Essential Theodore Roosevelt*. New York: Gramercy Books, 1994.
42. HUTTON, Paul Andrew & RITCHIE, Robert C. *Frontier and Region*. Albuquerque: New Mexico University Press, 2001.

43. IGGERS, George. *Historiography in the Twentieth-Century*. Middletown: Wesleyan University Press, 1997.
44. JACOBS, Wilbur (org.). *The Historical World of Frederick Jackson Turner*. New Haven: Yale University Press, 1968
45. JACOBS, Wilbur (org.). *Frederick Jackson Turner's Legacy*. San Marino: Huntington, 1965.
46. JENKINS, Keith. *Repensando a História*. São Paulo: Contexto, 2004.
47. JENKINS, Philip. *Breve Historia de Estados Unidos*. Barcelona: Alianza, 2002.
48. JUNQUEIRA, Mary. *Estados Unidos: a consolidação da nação*. São Paulo: Contexto, 2001.
49. JUNQUEIRA, Mary. *O Imaginário da Conquista do Oeste e as Representações sobre a América Latina na Revista Seleções de Reader's Digest*. *Vária História*, n. 11. Belo Horizonte: 1998.
50. JUNQUEIRA, Mary. *James Fenimore Cooper e a Conquista do Oeste nos Estados Unidos da Primeira Metade do Século XIX*. *Revista Diálogos*, n. 7. Maringá: 2003.
51. KARNAL, Leandro. *Estados Unidos: a formação da nação*. São Paulo: Contexto, 2001.
52. KLEIN, Kerwin Lee. *Frontiers of Historical Imagination*. Berkeley: University of California Press, 1996.
53. KNAUSS, Paulo (org.). *Oeste Americano*. Niterói: EdUFF, 2004.
54. LEENHARDT, Jacques & PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Discurso Histórico e Narrativa Literária*. Campinas: UNICAMP, 1998.
55. LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. *Fazer História*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1977.
56. LEMAY, J. A. Leo. *An Early American Reader*. Washington: United States Information Agency, 1989.
57. LIMERICK, Patricia Nelson. *Something in the Soil*. New York: W.W. Norton, 2001.
58. LIMERICK, Patricia Nelson. *The Legacy of Conquest*. New York: W.W. Norton, 1989.

59. LIMERICK, Patricia Nelson, MYLNER II, Clyde & RANKIN, Charles. (org.). *Trails: Toward a New Western History*. Lawrence: University Press of Kansas, 1991.
60. LIPSET, Seymour Martin. *American Exceptionalism: a double-edged sword*. New York: W. W. Norton, 1997.
61. MACLEAN, Michael J. *Johann Gustav Droysen and the development of historical hermeneutics*. In: History and Theory. vol. XXI. Middletown: Wesleyan University Press, feb. 1982. p. 347-365.
62. MARTINS, Estevão Rezende. *Historiografia Contemporânea: um ensaio de tipologia comparativa*. In: Varia História. n. 27. Belo Horizonte: julho de 2002.
63. MELANDRI, Pierre. *História dos Estados Unidos*. Lisboa: Edições 70, 2002.
64. MOURA, Gérson. *História de uma História*. São Paulo: Edusp, 1994.
65. MUNSLOW, Alun. *Discourse and Culture: the Creation of America (1870-1920)*. New York: Routledge, 1992.
66. MUNSLOW, Alun. *Deconstructing History*. New York: Routledge, 1998.
67. MURDOCH, David Hamilton. *The American West: the invention of a myth*. Reno: University of Nevada Press, 2001.
68. NASH, Gerald. *Creating the West*. Albuquerque: University Press of New Mexico, 1991.
69. NELSON, John S.; MEGILL, Allan & McCLOSKEY, Donald N. (org.). *The Rhetoric of the Human Sciences: language and arguments in scholarship and public affairs*. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1987.
70. NOBLE, David W. *Historians against History*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1965.
71. NOVICK, Peter. *That Noble Dream*. Cambridge: University Press, 1988.
72. OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Americanos*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
73. PECEQUILO, Cristina Soreanu. *A política externa dos Estados Unidos*. Porto Alegre: EdUFRGS, 2003.
74. PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: EdUFRGS, 2002.

75. RATTO, Silvia. *El debate sobre la frontera a partir de Turner: La New Western History, los Borderland y el estudio de las fronteras en Latinoamerica*. Buenos Aires: Boletín del Instituto Ravignani n. 24, 2003.
76. REIS, José Carlos. *História: Entre a Filosofia e a Ciência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
77. REIS, José Carlos. *História e Teoria*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
78. ROBINSON, Forrest W. *The New Western History: the territory ahead*. Phoenix: University of Arizona Press, 1998.
79. RÜSEN, Jorn. *A Razão Histórica*. Brasília: UnB, 2001.
80. SHI, David E. & TINDALL, George B. *America: a narrative story*. New York: W. W. Norton, 1989.
81. SILVA, Ligia Osório da. *Fronteira e Identidade Nacional*. UFMG, 2003. (mimeo).
82. SILVA, Rogério Forastieri. *História da Historiografia*. Bauru: Edusc, 1999.
83. SLOTKIN, Richard. *Regeneration through Violence*. Middletown: Wesleyan University Press, 1973.
84. SLOTKIN, Richard. *The Fatal Environment*. Norman: University of Oklahoma Press, 1985.
85. SLOTKIN, Richard. *The Gunfighter Nation*. Norman: University of Oklahoma Press, 1992.
86. SLOTKIN, Richard. *Nostalgia and Progress: Theodore Roosevelt's Myth of the Frontier*. In: *American Quarterly* n. 33, p. 609-637. Philadelphia: University of Pennsylvania, winter 1981.
87. SMITH, Henry Nash. *Virgin Land: the American West as a Symbol and Myth*. Harvard: University Press, 1971.
88. TRACHTENBERG, Alan. *The Incorporation of America: Culture and Society in the Gilded Age*. New York: Hill & Wang, 1995.
89. TURNER, Frederick Jackson. *The Frontier in American History*. New York: Dover, 1996.
90. TURNER, Frederick Jackson. *The Rise of the New West*. New York: Collier Books, 1962.

91. TURNER, Frederick Jackson. *The United States: the Nation and its Sections*. New York: P. Smith, 1950.
92. WEGNER, Robert. *A Conquista do Oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
93. WEINBERG, Albert K. *Destino Manifesto: el expansionismo nacionalista en la historia norteamericana*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1968.
94. WHITE, Hayden. *Teoria Literária e Escrita da História*. In: Estudos Históricos. vol. 7. n. 13. Rio de Janeiro, 1991.
95. WHITE, Hayden. *Meta-história*. São Paulo: Edusp, 1992.
96. WHITE, Hayden. *Trópicos de Discurso*. São Paulo: Edusp, 2001.
97. WROBEL, David M. *The End of American Exceptionalism: Frontier Anxiety from the Old West to the New Deal*. Lawrence: University of Kansas, 1993.
98. WROBEL, David M. *Promised Lands: promotion, memory and the creation of the American West*. Lawrence: University of Kansas Press, 2001.

## O SIGNIFICADO DA HISTÓRIA

*Frederick Jackson Turner*<sup>407</sup>

As concepções sobre a história tem sido tão numerosas quanto os homens que a escreveram. Para Agustine Birell, a história é um espetáculo; ela existe para satisfazer a nossa curiosidade. Sob o toque do artista literário, o passado torna-se revivido. O historiador agita seu cetro como um outro Prospero, e as ruas vazias de Palmira ecoam com os sons dos artesãos, guerreiro luta contra guerreiro, torres arruinadas se erguem magicamente e a rica vida de gerações a muito passadas renasce nas páginas de um livro. A narração artística dos eventos passados – este é o ideal daqueles que vêem a história como literatura. A este grupo pertencem os literatos românticos que lutam para conceder à história as cores e a ação dramática da ficção, que não hesitam em pintar um personagem diferente daquilo que ele realmente foi, que dão vivacidade aos fatos brutos, que criam situações impressionantes, que, resumindo, lutam para repetir o sucesso de Walter Scott. É sobre este tipo de historiador que fala Freeman: “o melhor estilo, as mais belas metáforas e as frases mais bonitas das línguas estrangeiras seriam jogadas fora se eles estivessem devotados a provar que qualquer um dos dois lados de um triângulo nem sempre é maior do que o terceiro. Quando eles estão interessados em provar que um homem cortou a cabeça de sua mulher em um dia e casou com sua empregada na outra manhã, pelo amor de sua pátria, eles tornam crível este paradoxo”. É sobre o leitor deste tipo de história que escreve Seeley: “para ele, como num milagre, os debates parlamentares sempre são vívidos e os funcionários públicos são sempre homens interessantes e fortes. Não há nada que o faça lembrar do livro escolar ou do livro das leis, nada comum ou prosaico; mas ele estará como se num teatro e observará o esplêndido cenário. Ele nunca será chamado ao estudo ou ao julgamento, apenas à imaginação e ao prazer. Suas reflexões serão exatamente aquelas de um leitor de romances; ele perguntará: este personagem está bem caracterizado? Isto é realmente interessante? O desenrolar da história é factível?”.

Mas mesmo com todas estas críticas, nós podemos admitir que este é um estilo interessante e que não deve ser condenado, contanto que sua meta seja a verdade do

---

<sup>407</sup> Texto publicado originalmente no *Wisconsin Journal of Education* (out-nov, 1891). Para a tradução foi utilizada a versão presente em FARAGHER, John. *Rereading Frederick Jackson Turner*. New Haven: Yale University Press, 1998.



conteúdo, e não a vivacidade do estilo. Mas, considerando que um homem possa ser possuidor de um bom estilo livre de devaneios, seja por um impulso artístico ou por causa de um partido, ainda assim permanecem diferenças quanto a meta e o método da história. Para toda uma escola de escritores, dentre eles alguns dos maiores historiadores de nosso tempo, a história é o estudo da política, isto é, política no significado dado por Aristóteles, ou seja, tudo aquilo que se refere à atividade do Estado. “A história é a política passada e a política é a história presente” diz o grande autor da *Conquista Normanda*. Maurenbrecher de Leipzig afirma em um tom parecido: “a flor dos estudos históricos é a história política”; e Lorenz de Jena confirma: “o campo apropriado da investigação histórica, no sentido literal da expressão, é a política”. Diz Seeley: “o historiador moderno trabalha com a mesma tarefa de Aristóteles em sua Política”. “O estudo da história não é uma mera narrativa, sendo também é um estudo teórico”. “Estudar a história é estudar problemas”. E assim um grande número de profundos investigadores, com um método verdadeiramente científico, explicou a evolução das instituições políticas, estudando-as como um biólogo estuda as sementes, as flores e os frutos. O resultado deste trabalho pode ser visto em trabalhos monumentais como os de Waitz sobre as instituições alemãs, de Stubbs sobre a história constitucional inglesa, e o de Maine sobre as antigas instituições.

Existe um outro grupo de historiadores para quem a história é o estudo do crescimento econômico de um povo, buscando demonstrar que a propriedade, a distribuição de riquezas e as condições sociais de um povo são os fatores determinantes a serem estudados. Tendo transformado a economia política ortodoxa em método histórico, esta escola, que tem Roscher como pioneiro, está agora reescrevendo a história sob um ponto de vista econômico. Talvez a melhor expressão inglesa desta escola seja encontrada em *Economic Interpretation of History*, de Thorold Rogers. Ele afirma, com razão, que “na maior parte das vezes, a causa dos grandes eventos políticos e sociais é econômica”. Como me parece tão importante este ponto fundamental, gostaria de citar diretamente as afirmações do Sr. Rogers sobre este novo método histórico:

“Nos séculos doze e treze existiam numerosas rotas dos mercados do Hindustão para os mercados ocidentais, para a condução daquele produto oriental tão desejado como condimento por nossos antepassados. Os principais portos pelos quais este produto era transportado eram Selêucia, no Cáspio, Trebizonda, no Mar

Negro, e Alexandria. Nestes portos, o produto era coletado principalmente por mercadores venezianos ou genoveses, e transportado para o alto Reno e o Danúbio. Aqui estava uma fonte de grande riqueza para as cidades da rota, de Ratisbona e Nuremberg a Bruxelas e Antuérpia. A corrente comercial não era tão grande ou profunda, mas era singularmente fértil, e qualquer um que conheça um pouco de história sabe o quão importante estas cidades eram na Idade Média.”

“Com o curso do tempo, todas estas rotas foram bloqueadas pelos selvagens que desolaram a Ásia central, com exceção de uma. Portanto, era necessária para estes mercados ocidentais a descoberta de uma rota marítima para as Índias. Todo o comércio oriental dependia da rota egípcia, e mesmo esta se encontrava ameaçada. O começo desta descoberta foi obra de um príncipe português. A expedição de Colombo foi uma tentativa de descobrir uma rota ocidental para as Índias. Por uma curiosa coincidência, se contornou o Cabo e se descobriu o Novo Mundo de maneira quase simultânea”.

"Estas descobertas vieram em boa hora. Selim I (1512-1520), sultão da Turquia, conquistou a Mesopotâmia e as cidades sagradas da Arábia e anexou o Egito durante seu curto reinado. Esta conquista bloqueou a única rota remanescente conhecida pelo Velho Mundo. As manufaturas de Alexandria foram rapidamente destruídas. O Egito cessou de ser uma estrada para o Hindustão. Eu descobri que alguma causa não suspeitada deveria estar por trás do repentino aumento dos preços dos produtos orientais no final do primeiro quarto do século dezesseis e que deveria ser resultado da conquista do Egito. O rio comercial havia secado rapidamente. As cidades que prosperaram ao seu redor foram gradualmente arruinadas, pelo menos no que diz respeito a esta fonte de sua opulência, e o comércio com o Reno e o Danúbio cessou. As cidades italianas entraram em uma rápida decadência. Os nobres alemães, que haviam se incorporado aos burgueses das cidades livres, empobreceram e se voltaram ao óbvio expediente de recuperar suas perdas através da pilhagem de seus súditos. E veio a Guerra dos Camponeses, seus ferozes incidentes, sua cruel repressão e o desenvolvimento das seitas selvagens que desfiguraram e detiveram a Reforma alemã. A batalha das pirâmides, na qual Selim ganhou o sultanato do Egito para os turcos otomanos, trouxe perda e aflição para milhares de casas onde o evento permaneceu desconhecido. São fatos como estes que a interpretação econômica da história ilustra e expande.”

Visto desta posição, o passado é preenchido com um novo significado. O ponto focal do interesse moderno é o quarto estado, a grande massa do povo. A história tem sido romance e tragédia. Nela lemos os brilhantes anais de poucos. As intrigas das cortes, o valor dos cavaleiros, os palácios e as pirâmides, o amor das damas, a canção dos menestréis, e os cantos das catedrais passam como um espetáculo, ou permanecem como música enquanto viramos as páginas. Mas a história também possui suas tragédias, que falam dos degradados trabalhadores rurais, labutando para que outras possam sonhar; a escravidão que tornou possível a glória da Grécia; a servidão que permitiu a grandeza de Roma – estas também demandam seus próprios anais. Estes fatores econômicos têm afetado a ascensão e queda das nações de maneira muito mais decisiva do que tem se mostrado, e sem eles a história não passa de meros berloques.

Mas não tentarei exaurir a lista sobre as concepções de história. Para um grande grupo de escritores, representados por Hume, o campo da escrita histórica é a arena onde os diferentes debates partidários contemporâneos se enfrentam. Whig luta contra Tory, e o partido do escritor sempre é vencedor, a qualquer custo para a verdade. Estes historiadores partidários estão presentes inclusive na América. Para Carlyle, o adorador de heróis, a história é o palco onde poucos grandes homens encenam suas partes. Para Max Muller, a história é a exposição do crescimento das idéias religiosas. A história moralista nos ensina uma lição. Para o metafísico, a história é a realização de umas poucas leis importantes.

Nós claramente podemos escolher entre estas diferentes idéias. Se nós tentássemos ordená-las, descobriríamos que em cada era prevaleceu um diferente tipo de história. Para o selvagem, a história é o escalpo pintado, com a representação simbólica das vítimas de sua bravura; ou são as lendas dos heróis e deuses de sua raça – tentativas de explicar as origens das coisas. Daí o vasto corpo de mitologias, folclore e lendas, onde ciência, história e ficção estão misturadas, a imaginação e o julgamento inexoravelmente confundidos. Com o passar do tempo, chega o instinto artístico, e a escrita da história toma forma de uma *Iliada* ou de um *Nibelungenlied*. Ainda assim, temos nestes escritos o reflexo daquela era crédula que acreditava na divindade de seus heróis e que escrevia o que acreditava. As capacidades críticas e artísticas encontram sua expressão em Heródoto, o pai da história grega, e em Tucídides, o historiador grego ideal. Ambos escrevem sob o ponto de vista de uma civilização avançada e tentam

apresentar um quadro real dos eventos, concatenando causas e efeitos. Mas Tucídites é um grego; para ele a literatura é uma arte, e a história é uma parte da literatura; não lhe parece uma violação da verdade histórica fazer seus generais pronunciarem longas orações que lhes foram impostas pelo historiador. Ademais, tanto homens primitivos quanto gregos acreditavam que suas próprias tribos ou estados eram favorecidos pelos deuses: o resto da humanidade estava fora da história.

Para o historiador medieval, a história era os anais dos mosteiros ou as crônicas da corte.

No século dezenove surgiu um novo método e um novo ideal para a história. A filosofia lhe preparou o caminho. Schelling ensinou a doutrina de “que o estado não é realmente governado por leis criadas pelos homens, mas é uma parte da ordem moral do universo, controlado por forças cósmicas”. Herder proclamou a doutrina do crescimento das instituições humanas. Ele via na história o desenvolvimento de certos germes; as religiões deveriam ser estudadas comparativamente, traçando suas origens desde a mais pura superstição até as concepções racionais de Deus. A linguagem também não era uma criação repentina, mas um crescimento, e deveria ser estudada enquanto tal; isto também ocorre com as instituições políticas. Assim, ele abriu o caminho para o estudo da filologia comparada, da mitologia e da evolução política. Wolf, ao aplicar as sugestões de Herder à *Iliada*, não encontrou só um Homero, mas vários. Isto levou ao estudo crítico dos textos. Niebuhr aplicou este método de estudo aos historiadores romanos e descobriu suas incorreções. A história de Lívio sobre a Roma primitiva virou lenda. Niebuhr tentou encontrar os fatos reais. Ele acreditava que isto era possível, mesmo que os romanos houvessem esquecido sua própria história, partindo das instituições contemporâneas em direção a suas antecessoras, assim como é possível para um biólogo descobrir a flor a partir do fruto. Ele traçaria as causas a partir dos efeitos. Em outras palavras, ele acreditava tão piamente no crescimento de uma instituição de acordo com leis fixas que ele achava possível a reconstrução do passado, atingindo os fatos reais mesmo a partir dos relatos incorretos dos escritores romanos.

Ainda que tenha levado seu método longe demais, ele é o fundador da escola histórica moderna. Ele tentou reconstruir a velha Roma a partir das autoridades originais que sobraram. Através da análise crítica e da interpretação, tentou usar estes textos para que a verdade enterrada pudesse vir à tona. À sua habilidade como antiquário ele uniu

um grande conhecimento de política – pois Niebuhr era um estadista. Sua meta era unir o estudo crítico das fontes com a habilidade interpretativa do *expert* político, e esta tem sido a meta da nova escola de historiadores. Leopold von Ranke aplicou este método ao estudo da história moderna. Para ele, um documento do passado era muito mais valioso do que qualquer tradição sobre o próprio passado. O relato contemporâneo, usado de maneira correta, possuía mais autoridade do que qualquer relato de segunda mão. Sendo assim, ele pesquisou diligentemente nos empoeirados arquivos europeus, e o resultado de seu labor foi a reescrita da moderna história política e diplomática. Decretos, correspondências, crônicas, inscrições – estes são os materiais trabalhados por eles e seus discípulos. Relatar “as coisas como elas aconteceram” era o ideal de Ranke. Mas para ele a história também era a política passada.

Ainda que este resumo tenha sido apressado, acho que vocês podem entender que o estudo histórico da primeira metade do século dezenove refletia o pensamento daquele período. Este foi um tempo de agitação política e de investigação, como o nosso também o é. Foi uma época devotada à ciência. Este estudo indutivo dos fenômenos, que produziu uma verdadeira revolução em nossos conhecimentos, foi aplicado à história. Resumindo, o estudo da história tornou-se político e científico.

Hoje, as questões mais importantes não são tanto as políticas, mas as econômicas. A era da máquina, do sistema fabril, é também a era da investigação social.

Sendo assim, não é estranho que o estudo histórico predominante seja o estudo das condições sociais passadas, a investigação da propriedade fundiária, da distribuição de riquezas e da base econômica geral da sociedade. Nossa conclusão, portanto, é que há grande verdade em todas estas concepções de história: a história é a literatura passada, a política passada, a religião passada, a economia passada.

Cada era tenta formar sua própria concepção do passado. *Cada era reescreve a história do passado, com referência às condições próprias de seu tempo.* Os historiadores aceitaram a doutrina de Herder. A sociedade cresce. Eles aceitaram a doutrina de Comte. A sociedade é um organismo. A história é a biografia da sociedade em todos os seus aspectos. Existe a história objetiva e a história subjetiva. A história objetiva diz respeito aos próprios eventos; a história subjetiva é a concepção que o homem tem destes eventos. Todo o modo e a maneira de olhar às coisas muda com o

tempo, mas isto não significa que mudem os eventos reais de uma dada era; isto significa que muda a nossa compreensão destes fatos.

A história, subjetiva ou objetiva, está em eterna *transformação*; ela nunca está completa. Os séculos cada vez mais nos revelam o significado do passado. Compreendemos a história romana melhor do que Lívio ou Tácito, não só porque conhecemos melhor as fontes, mas também porque o significado real dos eventos se desenvolve com o tempo, dado que o hoje é tanto um produto do ontem como o ontem só pode ser compreendido como é explicado hoje. A meta da história é, então, conhecer os elementos do presente através da compreensão do que nos restou do passado no próprio presente. Pois o presente nada mais é do que o passado em desenvolvimento, o passado sendo o presente não desenvolvido. É a mesma coisa que tentar explicar o ovo sem a compreensão da galinha, sua forma desenvolvida, e tentar explicar o passado sem a compreensão do presente. O antiquário tenta recuperar o passado nos termos do próprio passado; o historiador tenta mostrar o presente a si mesmo ao revelar suas origens no passado. A meta do antiquário é o passado morto; a meta do historiador é o presente vivo. Droysen transformou esta verdade em uma afirmação: “a História é o ‘Conhece-te a ti mesmo’ da humanidade – a autoconsciência dos homens”.

Se aceitarem comigo a afirmação deste grande mestre da ciência histórica, o resto de nosso caminho fica claro. Se a história é, na verdade, a autoconsciência da humanidade, a “autoconsciência da era viva, adquirida a partir da compreensão do passado”, todo o resto segue.

Em primeiro lugar, devemos reconhecer que todas as atividades humanas devem ser consideradas. Não somente este é o único jeito através do qual podemos ter uma visão completa da sociedade, assim como nenhum departamento da vida social pode ser estudado isoladamente. A vida política e a vida econômica tocam, modificam e condicionam uma a outra. Mesmo a vida religiosa precisa ser estudada em conjunção com a vida política e econômica, e vice-versa. Assim, todos os tipos de história são essenciais - história enquanto política, história enquanto arte, história enquanto economia, história enquanto religião – todas são partes da tentativa da sociedade de se entender a partir da compreensão do passado.

Em segundo lugar, vemos que a história não está encerrada em um livro – não em muitos livros, pelo menos. A primeira lição que o estudante deve aprender é o descarte da concepção de que existem histórias definitivas. Isto é impossível. *A história é tudo aquilo que restou do passado e que chegou até nós, estudado com todo o poder crítico e interpretativo que só o presente pode trazer.* De tempos em tempos os grandes mestres trazem suas investigações a fruição em livros. Eles servem, para nós, como o melhor resultado dos mais recentes esforços da sociedade em se autocompreender – mas eles não são as palavras finais. O material do historiador é tudo aquilo que sobrou de eras passadas – papéis, estradas, túmulos, costumes, línguas; monumentos, moedas, medalhas, nomes, inscrições, títulos, decretos; anais e crônicas; e, finalmente, as fontes secundárias, ou histórias na comum acepção do termo. Em qualquer lugar em que exista uma pedra lascada, uma ponta de lança, um pedaço de cerâmica, uma pirâmide, um retrato, um poema, um coliseu ou uma moeda, lá está a história.

Diz Tayne: “qual é a sua primeira observação quando você vira as rijas páginas de um fôlio, as folhas amareladas de um manuscrito, um poema, um código de leis, uma declaração de fé? Isto, você diz, não foi criado sozinho. É como se fosse um molde, tal qual um fóssil, uma impressão como aquelas formas petrificadas de um animal que viveu e morreu. Sob o fóssil havia um animal, sob o documento havia um homem. Por que você estuda o fóssil senão pelo animal? Você só estuda o documento para poder conhecer o homem. O fóssil e o homem são coisas sem vida, valiosas somente no sentido que nos dizem algo sobre a experiência vivida. Devemos tentar alcançar esta experiência, tentar recriá-la”.

Mas observe que quando um homem escreve uma narração do passado, ele o faz com todas suas limitações quanto à possibilidade de testar o real valor de suas fontes e a sua capacidade de interpretá-las. Ele faz uso de uma crônica? Primeiramente ele deve determinar se ela é genuína; depois, se ela é contemporânea aos acontecimentos ou se foi escrita em outra época; verificar que oportunidades o autor tinha de conhecer a verdade; quais eram seus traços pessoais; tentar estabelecer sua imparcialidade; se não, quais suas limitações e preconceitos?; por último vem a parte mais difícil – a interpretação do real significado dos eventos; as causas devem ser compreendidas, o resultados vistos. Assuntos locais devem ser descritos em relação aos assuntos mundiais – tudo deve ser contado com seleção, ênfase, perspectiva; com toda aquela compreensão

e imaginação histórica que não julga o passado com os termos do presente, e nem lê nele as idéias do presente. Os historiadores devem, acima de tudo, ter uma paixão pela verdade. Estas são algumas das dificuldades da nossa ciência. Ademais, quando consideramos que cada homem é condicionado pela época em que vive e, portanto, escreve com todas as limitações e preconceitos que lhes são impostos, acho que podemos concordar que nenhum historiador possui a palavra final.

Um outro pensamento que segue como um corolário à nossa definição é que na história existe a unidade e a continuidade. Estritamente falando, não há nenhum *gap* entre a história antiga, a medieval e a moderna. O Barão Bunsen data a história moderna aos tempos da migração de Abraão. Bluntschli a inicia com Frederico, o Grande. A verdade, como nos mostrou Freeman, é que a época de Péricles ou a era de Augusto possui mais coisas em comum com o período moderno do que os tempos de Alfredo ou Carlos Magno. Existe outro teste que não o da cronologia: o dos estágios de crescimento. No passado europeu, famílias evoluíram em estados, da vida rural à complexidade da vida urbana, do animismo ao monoteísmo, da mitologia à filosofia; e abriram caminho para povos primitivos que passaram pelos mesmos estágios e, por sua vez, abriram caminho para outras nações. Cada nação legou algo aos seus sucessores; nenhuma era se desvincilhou completamente do passado. Através de uma herança inconsciente, e de uma luta consciente em dar ao passado um lugar no presente, a história adquiriu continuidade. A afirmação de Freeman de que todo mundo antigo fluiu á Roma e que todo o mundo moderno nasceu de Roma é tão verdadeira quanto impressionante. Em um sentido estrito, Roma nunca morreu. Vocês poderão encontrar a Cidade Eterna viva no Kaiser e no Czar, na língua dos povos latinos, nos códigos dos estados europeus, nas águias de seus brasões, nas faculdades onde se lêem os clássicos, em milhares de instituições políticas.

Mesmo na jovem América Roma ainda vive. Quando o discurso inaugural passa para o Senado, e o presidente enumera as políticas que pretende levar a cabo, lá está Roma! Vocês poderão encontrá-la no código da Louisiana, nas porções francesas e espanholas da nossa história. Roma pode ser vista nos títulos, no governo e nas cerimônias da Igreja Católica; pois quando morreu o César, seu cetro caiu nas mãos do novo *pontifex maximus*, o Papa, e do novo Augusto, o Sagrado Imperador Romano da Idade Média, um império que continuou até aqueles tempos heróicos quando um novo



*imperator* lembrou os dias de Júlio, e mandou as águias da França proclamarem que Napoleão era o novo rei dos reis.

Então é verdade o fato, que podemos presumir a priori, de que na história só existem divisões artificiais. A sociedade é um organismo em constante crescimento. A história é a autoconsciência deste organismo. As raízes do presente estão no passado. Não há intervalos. Mas não só isso é verdade como também nenhum país pode ser estudado sem se levar em consideração todo o seu passado; assim como não devemos nunca limitar nossos estudos a um pequeno pedaço de terra, pois a história local só pode ser compreendida em relação com a mundial. Existe tanto unidade quanto continuidade. Para conhecer a história da Itália contemporânea, devemos conhecer a história da França contemporânea e da Alemanha contemporânea. Uma age na outra. As idéias e os costumes rejeitam os limites de uma nação. Todas estão inextricavelmente conectadas. Na história, portanto, existe unidade e continuidade. Cada época deve ser estudada sob a luz do passado; a história local deve ser estudada à luz da história mundial.

Acredito que já estejamos na posição de considerar a utilidade dos estudos históricos. Não vou me deter na dignidade da história enquanto a autoconsciência da humanidade; nem no crescimento mental que advém do estudo da disciplina; nem na vastidão do campo; vocês já sabem tudo isso, e a sua importância vai aumentar consideravelmente se pensarem na história a partir deste ponto de vista. A história nos permite contemplar o nosso próprio tempo e lugar como uma parte do estupendo progresso das eras; ver o homem primitivo; reconhecer em nosso meio as imortais idéias da Grécia; encontrar a majestade e o poder de Roma ainda vivos em nossas instituições e leis, em nossas superstições e no nosso folclore; nos permite perceber a riqueza de nossa herança, a possibilidade de nossas vidas, a grandeza de nosso presente – estes são alguns dos impagáveis serviços da história.

Mas devo concluir meus comentários com algumas palavras sobre a utilidade da história em fornecer um bom treinamento cívico. Sem dúvida, o civismo é a meta principal de nossas escolas públicas. Se não fosse assim, não existiria justificativa para sua existência. A importante utilidade da história no alcance desta meta dificilmente precisa de argumentos.

A Alemanha tem sido preeminente na união entre o serviço público e os estudos históricos. O treinamento nos estudos históricos é essencial para o exercício de certos cargos governamentais. O ex-presidente Andrew D. White afirma que a eficiência do serviço público alemão deriva em grande medida do treinamento em história e do estudo da política. Em Paris existe a famosa Escola de Ciências Políticas, que prepara homens para o serviço público francês. Na década encerrada em 1887, alguns concursos demonstraram as vantagens deste treinamento. Dos sessenta candidatos nomeados para o Conselho de Estado, quarenta eram graduados por esta escola. Dos quarenta e dois nomeados para a inspeção das finanças, trinta e nove eram da Escola; dezesseis dos dezessete nomeados para a corte de apelações; e vinte dos vinte e seis nomeados para o departamento de assuntos externos eram diplomados pela Escola de Ciências Políticas. Nos países europeus não só os funcionários públicos devem possuir treinamento em história; a lista dos maiores estadistas do continente revela vários nomes proeminentes da ciência histórica. Eu nem precisaria lembrá-los de grandes nomes como Niebuhr, cuja história de Roma deu um novo ímpeto à nossa ciência; Stein, o reconstrutor da Alemanha e projetista da *Monumenta Germanicae*, aquela maravilhosa coleção de fontes para o estudo da Alemanha medieval. Leiam a lista dos grandes servidores públicos alemães e vocês encontrarão entre eles nomes como o de Gneist, a autoridade em história constitucional inglesa; Bluntschli, o hábil historiador político; Von Holst, o historiador de nosso próprio desenvolvimento político; Knies, Roscher e Wagner, os economistas; e muitos outros. Eu lhes mostrei a concepção histórica de Droysen. Mas Droysen não era um simples historiador; ele pertencia, juntamente com historiadores famosos como Treitschke, Mommsen e Von Sybel, àquele grupo que Lord Acton chama de “o grupo central de escritores e estadistas que viraram a maré que correu por seiscentos anos, e conquistaram as forças centrífugas que reinaram na Alemanha durante mais tempo do que os plebeus têm sentado em Westminster”.

A Inglaterra também não hesita em reconhecer o valor da união entre história e política, exemplificada em Macaulay, Dilke, Morley e Bryce, todos os quais foram importantes membros do Parlamento assim como historiadores brilhantes. Na França e na Itália estes exemplos podem ser facilmente multiplicados.

Quando nos viramos para a América e perguntamos quais casamentos foram celebrados entre a história e a política, deparamos-nos com o contrário. É verdade que o

nosso país tentou recompensar alguns literatos: Motley, Irving, Bancroft e Lowell detiveram posições no serviço público, mas no campo da diplomacia. O estado lhes deu ajuda ao invés de ter se valido dela. Existe somente uma exceção a esta afirmação – George Bancroft. Na América, a arte de governar tem sido considerada algo nascido espontaneamente, fruto de nossas instituições republicanas. Demandar dos estadistas, que debatem tópicos tais como impostos, relações internacionais, imigração e problemas trabalhistas, uma relação científica com a história política ou econômica era se expor ao ridículo diante dos olhos do público. Eu afirmei anteriormente que o estágio tribal da sociedade demanda uma história tribal e uma política tribal. Quando uma sociedade está isolada, ela olha com desprezo para a história e as instituições do resto do mundo. Não estaríamos de todo errado se afirmássemos que este tipo de ponto de vista tem prevalecido em nosso país. Ultimamente os historiadores têm se voltado aos estudos comparativos sobre nossas instituições. As nossas práticas constitucionais, e seu contraste com sua teoria literária, têm sido o alvo de tais cientistas. Estrangeiros como Von Holst e Bryce nos mostraram um espelho de nossa vida política à luz da vida política de outros povos. Mas ainda não têm atraído a atenção de nossos homens públicos. Leia a lista do Senado e da Câmara de Deputados, dos ministérios e da diplomacia – para não dizer nada dos governos estaduais – e onde estão os nomes famosos da história e da política? É idiotice exprimir satisfação com esta situação e zombar dos literatos. Parece-me, assim, que estamos chegando a um ponto crucial na história de nosso país.

Em um de meus comentários iniciais citei Thorold Rogers para demonstrar como a conquista turca do Egito trouxe a ruína para Bruxelas e Antuérpia. Se à época isto era verdade, quando os laços comerciais eram infinitamente menos complexos, o que dizer dos dias de hoje – quando nossa vida está profundamente ligada aos acontecimentos mundiais? Até a atualidade, a América tem se mantido distante dos assuntos do Velho Mundo. Mas uma das mais profundas lições que podemos tirar da história é que as relações políticas, em uma civilização avançada, estão inextricavelmente conectadas às relações econômicas. O nosso isolamento político e comercial parece estar dando sinais de relaxamento. A reciprocidade é uma palavra que tem encontrado eco em diferentes segmentos da sociedade. Uma vez lançados ao mar dos interesses econômicos mundiais, nós logo desenvolveremos interesses políticos. Nossas disputas pesqueiras fornecem um exemplo disto; nossos interesses em Samoa, outro; nossas relações com o Congo, um

terceiro. Mas a mais importante destas talvez seja a nossa relação com a América do Sul em conjunto com a nossa Doutrina Monroe. O direito que um governo estrangeiro tem de interferir em um outro país para garantir seus investimentos, caso eles estejam a perigo, é uma máxima estabelecida pelo direito internacional. Como apontou o professor H. B. Adams, os estados sul-americanos mantêm profundas relações comerciais com a Europa, mas também são propensos a revoluções. Suponhamos que a Inglaterra, para garantir os direitos de seus investidores, intervenha em algum país sul-americano. Deveriam os Estados Unidos abandonar a interpretação popular da Doutrina Monroe ou desistir de sua política de não-interferência nos assuntos políticos do mundo exterior? Ou, supondo que os acionistas de Nova York estejam em perigo de perder seus ganhos por causa de revoluções na América do Sul – e a nossa tendência de estreitar as conexões com os assuntos sul-americanos tornam este cenário bastante provável -, deveria nosso governo ficar tranqüilo enquanto os interesses de seus cidadãos são sacrificados? Peguem outro caso, o protetorado do proposto canal interoceânico. A Inglaterra não vai se contentar em permitir seu controle somente por nossas mãos. Será que os Estados Unidos formarão uma aliança com a Inglaterra com o intuito de lograr tal proteção? Questões como estas indicam que estamos sendo impelidos em direção às relações políticas européias, e que uma nova habilidade política é demandada, uma que compreenderá perfeitamente a história européia e suas relações com o presente, que depende da história.

Novamente, considerem o problema do socialismo, trazido a estas plagas pelos imigrantes europeus. Nós nunca poderemos lidar corretamente com este problema até que tenhamos a compreensão das condições históricas de onde emergiu. Assim, não só encontramos a Europa fora de nossas fronteiras, mas também em nosso próprio meio. O problema da imigração fornece muitos exemplos para a necessidade dos estudos históricos. Considerem como o nosso vasto domínio ocidental foi colonizado. Luís XVI devasta o Palatinado, e logo centenas de seus habitantes estão derrubando as florestas da Pensilvânia. O bispo de Salzburgo persegue seus súditos protestantes e os bosques da Geórgia tremem ao som dos rifles teutônicos. Os presbiterianos são oprimidos na Irlanda e as fogueiras dos pioneiros brilham no Kentucky e no Tennessee. Estes foram a guarda avançada do poderoso exército que penetrou em nosso meio desde então. Cada mudança econômica, cada mudança política, cada recrutamento militar, cada agitação socialista na Europa, nos mandou grupos de colonos que se assentaram nas nossas

planícies para formar novas comunidades auto-governadas, ou entraram na vida de nossas grandes cidades. Estes homens vieram até nós como produtos históricos, eles não trouxeram somente força e vigor, dinheiro e habilidades manuais, eles trouxeram costumes e ideais profundamente enraizados. Eles são importantes fatores políticos e econômicos na vida da nação. Nosso destino se entrelaça com os deles; como poderemos entender a história americana sem entender a história européia? A história do povoamento da América ainda não foi contada. Nós não nos entendemos.

Um dos campos mais frutíferos de pesquisa em nosso país tem sido o estudo dos processos de crescimento de nossas instituições, nacionais e locais. A cidade e o condado, os germes de nossas instituições políticas têm sido traçados às raízes teutônicas. A afirmação de Gladstone de que 'a constituição americana é o mais maravilhoso trabalho já criado pela razão humana em um dado tempo' tem sido desmentida, porque a constituição foi, com todos os poderes construtivos dos pais da pátria, ainda um crescimento; e nossa história somente pode ser entendida como um crescimento da história européia, nas condições do Novo Mundo.

Diz o Dr. H. B. Adams: "a história local americana deveria ser estudada como uma contribuição à história nacional. Este país ainda está para ser visto e pesquisado como um organismo de crescimento histórico, desenvolvido a partir de germes minúsculos e do próprio protoplasma da vida estatal. E um dia este país será estudado em suas relações internacionais, como uma parte orgânica de um organismo maior chamado de Estado-Mundo, mas certamente desenvolvendo-se através das operações das forças econômicas, legais, sociais e científicas como a União Americana, os impérios da Alemanha e da Inglaterra, que estão evoluindo em formas mais avançadas. A consciência local deve ser expandida em um sentido mais amplo de seu valor histórico e dignidade. Nós devemos compreender as relações cosmopolitas da moderna vida local e seu benéfico poder conservador nestes dias de crescente centralização".

Se fosse preciso mais algum argumento para demonstrar que uma boa cidadania demanda o cuidadoso estudo da história, ele está nos exemplos e lições que a história de outros povos nos disponibiliza. É profundamente verdadeiro que cada povo faz sua própria história de acordo com seu passado. É verdade que uma peça legislativa puramente artificial, sem relação com as condições passadas e presentes, é algo de vida curta. Ainda assim, devemos lembrar que foi a história que nos ensinou tal verdade, e

que existe, dentro dos limites possíveis à ação construtiva do Estado, um grande escopo para o uso da experiência dos povos estrangeiros.

Eu tentei oferecer, assim, estas considerações: a História não deve ser tomada em nenhum sentido estrito. Ela é mais do que a literatura passada, mais do que a política passada, mais do que a economia passada. Ela é a autoconsciência da humanidade – a tentativa humana de se compreender a partir do estudo do passado. Sendo assim, ela não está confinada aos livros; o *objeto* é que deve ser estudado, não os livros. A História possui uma unidade e uma continuidade; o presente precisa do passado para ser explicado; e a história local deve ser lida como uma parte da história mundial. O estudo possui utilidade enquanto uma disciplina mental, e como uma expansão de nossas ideias sobre a dignidade do presente. Mas talvez sua mais prática utilidade para nós, professores de escolas públicas, seja seu serviço em alimentar uma boa cidadania.

Os ideais apresentados podem parecer desencorajadores. Mesmo para aquele que devota sua vida ao estudo da história, a concepção ideal é impossível de ser alcançada. Ele deve selecionar um campo e ser seu absoluto mestre; de resto, ele deve buscar o auxílio de outros cujas vidas tem sido devotadas, em um espírito inquestionavelmente científico, ao estudo de campos especiais. O professor da escola pública deve fazer o melhor uso das bibliotecas à sua disposição. Nós professores devemos usar todos os recursos que podemos obter e não prender nossa fé a um único livro; nós devemos fazer uma história viva ao invés de permitir que ela pareça uma mera literatura, uma mera narração de eventos que poderiam ter acontecido na Lua. Devemos ensinar a história completa de poucos países e não a história superficial de muitos. A popularização do conhecimento científico é um dos melhores feitos desta era da imprensa. É típica daquele impulso social que levou os homens da universidade a levar os frutos de seus estudos ao povo. Na Inglaterra, este impulso social levou ao que é conhecido como o movimento de extensão universitária. Os homens das universidades deixaram seus claustros e foram viver entre as classes trabalhadoras, com o intuito de lhes trazer uma nova vida intelectual. Chautauqua, em nosso próprio país, tem começado a ir além do período de trabalho superficial para uma real união entre o científico e o popular. Em sua escola de verão eles oferecem cursos sobre a história americana. Nossa própria universidade estadual realiza cursos de extensão em tópicos diversos. Acredito que este movimento em direção à popularização do conhecimento histórico e científico vai

realizar uma verdadeira revolução em nossas cidadelas e aldeias assim como em nossas grandes cidades.

O professor é chamado a fazer um trabalho que vai muito além da simples instrução escolar. Ele é chamado a ser o apóstolo da alta cultura na comunidade em que vive. Com uma boa escola ou biblioteca municipal –tal coisa está agora ao alcance de cada povoado propriamente estimulado à sua aquisição – e com um professor devotado e enérgico, dedicado a fomentar o estudo da história, da política e da economia, nós teríamos uma regeneração intelectual do Estado. O estudo histórico tem por fim deixar a comunidade ver-se sob a luz do passado, dando-lhe novos pensamentos e sentimentos, novas aspirações e energias. Pensamentos e sentimentos fluem em ações. Aqui está o poder motivo que jaz por trás das instituições. Este é um dos caminhos para criar a boa política; aqui nós podemos tocar o "período e o corpo do tempo, sua forma e pressão". Vocês têm pensado em coisas melhores ou tem uma reforma para alcançar? "Ponha-os no ar", diz o grande professor. As idéias regem e sempre regerão. Nós devemos fazer a extensão universitária ser sentida como foi na Alemanha. Evitem como um pecado imperdoável qualquer unilateralidade, qualquer partidarismo, qualquer tratamento parcial da história. Não interpretem erroneamente o passado sob a luz do presente. O homem que entra no templo da história deve responder devotadamente àquela invocação da igreja, *Sursum corda*, corações ao alto. Nenhum olhar para a história como sendo um conto frívolo, um compêndio de anedotas; nenhuma devoção servil ao manual; nenhuma negligência com os mortos que não podem mais falar serão permitidos neste santuário. "A História", diz Droysen, "não é a verdade e a luz; mas uma luta para isto, um sermão sobre isto, uma consagração a isto".





# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)